Erro! Não é possível representar o número no formato especificado.

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA

INSTITUTO ECUMÊNICO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MARIA GLÓRIA DITTRICH

A CRIATIVIDADE DO AMOR CRIANTE DE DEUS: UMA VIVÊNCIA DE CURA NA CRIAÇÃO ARTÍSTICA

São Leopoldo

2008

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

Erro! Não é possível representar o número no formato especificado.

MARIA GLÓRIA DITTRICH

A CRIATIVIDADE DO AMOR CRIANTE DE DEUS: UMA VIVÊNCIA DE CURA NA CRIAÇÃO ARTÍSTICA

Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de Doutor em Teologia
Escola Superior de Teologia
Instituto Ecumênico de Pós-Graduação
Área: Teologia e História

Orientador: Enio Ronald Mueller

São Leopoldo

2008

DITTRICH, Maria Glória. A criatividade do amor criante de Deus: Uma vivência de cura espiritual na criação artística. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2008.

RESUMO

Esta tese trata sobre a criatividade do amor criante de Deus, como fundamento para a criatividade do ser humano e seu processo de cura na vivência da criação artística. Dentro de uma metodologia interdisciplinar, apoiada numa hermenêutica fenomenológica, se construiu um arcabouço teórico para a compreensão de uma vivência prática na criação da obra de arte, intitulada Caso R., que ocorreu no Atelier de Arte Maria Glória Dittrich, na cidade de Brusque, Estado de Santa Catarina, Brasil. A primeira parte, chamada Vivência, apresenta nos seus três quadros uma abordagem sobre a história de vida da pesquisadora e sua descoberta do tema de pesquisa. Descreve o Caso R. como uma vivência de criação na arte, marcada pelo amor e pelo desejo de ajudar o ser humano e nela ocorre um processo de cura. Por último, apresenta a metodologia da pesquisa do tipo teórico-prático, dentro de uma hermenêutica fenomenológica. A segunda parte, chamada A Compreensão, se organiza em três quadros. O primeiro, mostra os fundamentos da criatividade do corpo-criante. Explica que a criatividade nasce na auto-organização do corpo-criante e sua base é o amor vital. No segundo, apresenta a concepção de corpo-criante como um todo multidimensional sustentado, na sua criatividade, por um fundamento último – Deus - amor criante, espiritual, que dá coragem para o ser humano enfrentar a finitude e a infinitude da vida. O segundo, discute sobre a obra de arte como revelação da criatividade do amor criante de Deus e sua relação com a criatividade humana sob o movimento da vida. Aponta a razão profunda como instância capaz de desenvolver a obra de arte e dar sentido a ela. Mostra a obra de arte desde o conceito de revelação como mistério, como êxtase e milagre. Por último, a obra de arte é apresentada como revelação da criatividade do amor criante de Deus para a descoberta de sentido para o viver. O terceiro, mostra uma concepção de cura espiritual como vivência da criatividade do amor criante de Deus no ser humano diante das ambigüidades da vida. Conceitualiza a fé como um sentir-se possuído por uma força espiritual, criadora. Essa força causa impactos na estrutura e organização do corpo-criante, implicando um processo criativo para a cura. A cura espiritual é a manifestação do amor criante do Espírito de Deus, no espírito humano. Essa manifestação é processo de fé no movimento das três dimensões da vida. A terceira parte, intitulada O Testemunho, é a hermenêutica sobre o Caso R. Esta parte está organizada em três quadros. O primeiro, apresenta a descoberta da Maria Glória sobre o fundamento último da criatividade humana nas relações de criação na criação artística. Confirma que essa descoberta levou à tomada de consciência sobre a força do poder da criatividade do amor criante de Deus, para o ser humano descobrir um novo sentido de vida através da criação na arte. No segundo, a revelação da criatividade do amor criante de Deus acontece para Maria Glória e R., dentro de uma experiência inusitada de fé que se tornou palavra encarnada, sinalizando um processo de cura. Por último, apresenta a confirmação da cura espiritual do R., como uma vivência criativa em processo,

sustentada pela criatividade do amor criante de Deus no corpo-criante humano e sua auto-afirmação no mundo pela sua criatividade.

Palavras-chave: fundamento último, amor criante, criatividade, cura, corpo-criante, obra de arte.

DITTRICH, Maria Glória. A criatividade do amor criante de Deus: Uma vivência de cura espiritual na criação artística. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2008.

ABSTRACT

This thesis is about the creativity of God's creating love as basis for the creativity of human being and its cure process at the living experience of artistic creation. In an interdisciplinary methodology, supported by a phenomenological hermeneutic, it has been built a theoretical skeleton for the comprehension of a practical living experience in the creation of the work of art entitled Caso R., which occurred in the art atelier "Maria Glória Dittrich", in the city of Brusque, state of Santa Catarina, Brazil. The first part, called Living Experience, shows in its three boards an approach on the researcher's life story and her discovery on the subject of research. It describes Caso R. as a creation living experience in art, marked by the love and by the desire of helping human being and in it there occurs a cure process. At last, it shows the methodology of research of the theoretical-practical type, in a phenomenological hermeneutic. The second part, named The Comprehension, is organized in three boards. The first shows the basis of creativity of the creating body. It explains that the creativity grows from self-organization of the creating body and its basis is vital love. On the second, it shows the conception of creating body as a multidimensional whole, maintained, in its creativity, by an ultimate basis – God – creating, spiritual love, which gives courage to human being to face finiteness and infiniteness of life. The second discusses about the work of art as a revelation of the creativity of God's creating love and its relation to human creativity under life's motion. It points out the profound reason as an instance capable of developing the work of art and give it a meaning. It shows the work of art from the concept of revelation as mystery, as ecstasy and miracle.At last, the work of art is shown as revelation of creativity of God's creating love for the discovery of meaning for living. The third shows a conception if spiritual cure as living experience of creativity of God's creating love in human being in the presence of life ambiguities. It reputes faith as feeling possessed by a spiritual, creative force. This force causes impacts on the structure and organization of the creating body, implying a creative process for the cure. Spiritual cure is creating love manifestation of God Spirit in human spirit. This manifestation is a faith process in the motion of the three dimensions in life. The third part, entitled The Testimony, is the hermeneutic about Caso R. This part is organized in three boards. The first shows the discovery of Maria Glória about the ultimate basis of human creativity in relations of artistic creation. It confirms that this discovery led to the conscience take about the force of creativity power of God's creating love, for the human being to discover a new meaning of life through creation in art. In the second, revelation of creativity of God's creating love happens to Maria Glória and R., in an unsusual faith experience that has become embodied word, signalizing a cure process. At last, it shows confirmation of spiritual cure of R., as a creative living experience in process, maintained by creativity of God's creating love in the human creating body and its self-affirmation in the world by its creativity.

Key words: ultimate basis, spiritual love, creativity, cure, creating body, work of art.

Erro! Não é possível representar o número no formato especificado.

Ofereço esse trabalho em louvor ao AMOR CRIANTE DIVINO, como força criativa espiritual, que se faz criatividade no corpo-criante humano e se revela em forma de arte, trazendo sentido à vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo poder de seu amor criante, transformador.

Aos meus pais, Rosa Cardoso e Vicente Guilherme Mafra (em memória), pelo testemunho de amor e fé.

A minha família, meu marido, Nelson Roberto Dittrich e minha filha, Larissa Fernanda Dittrich, pelo amor, pela compaixão e a solidariedade para comigo.

A minha irmã, Corinta Pinotti, pelo acolhimento em seu lar durante momentos de retiro para as reflexões dessa tese.

Ao Prof. Pe. Luiz Carlos Berri pelo acolhimento e o cuidado nas necessidades de diálogo e na descoberta e conhecimento da filosofia de Xavier Zubiri.

À Profª Drª Maria do Rosário Knechtel pelo seu carinho e testemunho de amor na fé e na ciência.

Ao Prof. Dr. Lothar Hoch pelo estímulo à minha entrada no doutorado em Teologia e pelo conhecimento construído nas aulas de Comunidade Terapêutica no doutorado, juntamente com o Prof Dr. Sinei Nóe.

Ao Prof. Dr. Ênio R. Mueller, por ter aceitado a orientação dessa pesquisa e o cuidado na condução dos trabalhos.

À APAE de Brusque e aos meus alunos especiais, pelo respeito, apoio e ensinamentos realizados juntamente com a Profª Drª Rosita Viggianno Dittrich pelas ajudas nas vivências, na produção e na divulgação científica.

À Irmã Ruth Niegemann pela fraternidade nos meus tempos de morada em seu lar, em São Leopoldo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

I PARTE – A VIVÊNCIA

QUADRO I: A DESCOBERTA DO TEMA DE PESQUISA 18

1 Uma história de vida da pesquisadora: pinceladas de um processo criativo 18

2 Da história de vida à descoberta do tema de pesquisa 26

QUADRO II: O CASO R. 32

1 Do desejo de ajudar à primeira experiência de ajuda 32

2 Do desejo de ajudar à experiência da busca do saber para poder ajudar 37

3 A experiência inusitada do amor 47

4 A caminhada na arte em busca de cura 52

QUADRO III: A METODOLOGIA 63

1 A hermenêutica: o processo de compreensão do Caso R. 63

II PARTE – A COMPREENSÃO

QUADRO I:O FUNDAMENTO DA CRIATIVIDADE DO CORPO-CRIANTE: O AMOR CRIANTE 71

1 A criatividade e o corpo-criante: o amor vital e a auto-organização 71

2 A criatividade do corpo-criante: o amor criante e o fundamento último 87

3 A criatividade e o amor criante: a descoberta do fundamento último do corpo-criante .. 92

4 O corpo-criante e o inconsciente espiritual: o lugar do amor criante para a criatividade .102

5 A criatividade do corpo-criante: a coragem de ser pela força do amor criante 106

QUADRO II: A OBRA DE ARTE: REVELAÇÃO DO AMOR CRIANTE DIVINO 115

1 A obra de arte: a criatividade e o amor criante 115

2 A obra de arte: revelação da vida no corpo-criante? 125

2.1 A revelação da vida como auto-integração 126

2.2 A revelação da vida como autocriatividade 128

2.3 A revelação da vida como autotranscendência 130

3 A obra de arte: revelação através da razão profunda do corpo-criante 131

4 A obra de arte e a revelação como mistério, como êxtase ou milagre 140

5 A obra de arte e a revelação para o sentido do viver 148

QUADRO III: O CORPO-CRIANTE E A CURA ESPIRITUAL 165

1 Cura: a ação do poder espiritual do amor criante 165

2 Cura espiritual: a fé e o amor criante 173

2.1 O corpo-criante e a cura espiritual: a fé e as dimensões da vida 175

III PARTE - O TESTEMUNHO

QUADRO I: A DESCOBERTA DO FUNDAMENTO ÚLTIMO DIANTE DA FINITUDE 187

QUADRO II: O CORPO-CRIANTE DESCOBRE O CHAMAMENTO DE DEUS PARA A CURA 204

QUADRO III: CONFIRMAÇÃO DA CURA ESPIRITUAL: UMA VIVÊNCIA EM PROCESSO 214

CONSIDERAÇÕES FINAIS 233

REFERÊNCIAS 247

ANEXO I – Declaração APAE

ANEXO II – Parecer APAE

ANEXO III – Reportagens jornalísticas:

a) **Auto-superação através da arte**. Publicada em agosto de 1992 no *Informativo especial da APAE*, Instituto de Educação Santa Inês, Brusque/SC.

b) **A arte colabora para a recuperação de jovens com carência neuromotora.** Publicada em 12 de maio de 2000, no *Jornal O Município*.

c) **Ricardo: um caso de sucesso em Curitiba.** Publicada em 26 de maio de 2000, no *Jornal O Município*.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata da criatividade do amor criante de Deus como fundamento para a criatividade do ser humano, e do processo de cura do ser humano na vivência da criação na arte.

Falar sobre a questão da criatividade, do amor, da arte e da cura, nos dias contemporâneos, demanda perceber o quanto é complexo o ser humano nas suas amplas manifestações no mundo, buscando sentido para o seu viver e, logo, para realizar-se como pessoa. A criatividade, como a manifestação mais original do ser humano, indica que ele a vive como algo que se manifesta desde as suas raízes biológicas, psicológicas e espirituais. O que penetra e irrompe no e do ser humano, na alegria e na dor, não é a vontade de poder, nem a vontade do prazer imediato, mas a necessidade da vivência de criar algo, de achar uma resposta, de amar alguém e de dar sentido à sua criação e ao seu amor. Essa busca de sentido é vivência criativa e sempre é um desafio para o ser humano enfrentar os seus problemas como um ser finito e infinito.

A pergunta pelo fundamento da criatividade e do amor de Deus na vida do ser humano, desde uma experiência na arte como uma vivência de cura, surge quando ele se sente abraçado pelo mistério da existência. Esse mistério se gesta e nasce em todo aquele que não se sente preso nas armadilhas das convenções sócio-culturais do conhecimento fechado em dogmas e verdades absolutas, que embotam o olhar criativo para além de uma racionalidade técnica.

A descoberta deste tema nasceu na história de vida da própria pesquisadora, como pessoa, artista plástica, filósofa, educadora e pesquisadora buscando sentido para o seu viver, no mundo. A sua prática de ensino indicava que o fenômeno da criatividade, que se manifestava na criação como expressão de algo

profundo no ser humano, melhorava a auto-estima, a consciência sobre o sentido da vida e a hiperatividade dos educandos. Combatia a violência e, especialmente, ajudava na superação das dificuldades de um aluno que tivera paralisia cerebral aos três anos de idade, ficando com deformações físicas e com graves problemas psicomotores. Pelo impacto causado na vida da pesquisadora, esse foi o caso prático escolhido para ser apresentado nesta tese, onde é denominado Caso R. O fato aconteceu no Atelier de Arte de Maria Glória Dittrich, na cidade de Brusque, Estado de Santa Catarina, Brasil.

O Caso R. foi para a pesquisadora uma experiência articulada entre o místico e o científico, entre o imprevisível e o previsível, entre o infinito e o finito, entre Deus e o ser humano. Após a tomada de consciência da melhora desse aluno, a vida da pesquisadora tomou um novo sentido para entender a questão da criatividade, de forma a considerar o ser humano como uma totalidade integral – somática, psíquica e espiritual.

Dentro dessa pesquisa de cunho teórico-prático, o objetivo geral implicou pesquisar a criatividade do ser humano como revelação do amor criante de Deus, para a vivência na criação da arte como processo de cura espiritual.

Por outro lado, os seus objetivos específicos são: apresentar fundamentos teóricos, numa perspectiva interdisciplinar, sobre uma compreensão da criatividade humana, desde o entendimento do ser humano como um corpo-criante que, no seu fundamento último, revela-se na criatividade do amor criante de Deus; mostrar que a obra de arte é expressão da criatividade humana como revelação do amor criante de Deus e processo de cura de espiritual; perceber que, através da criatividade do corpo-criante humano, na vivência da criação na arte, pode-se viver a revelação do amor criante de Deus, como processo de cura espiritual, para encontrar uma nova forma de viver na relação com o outro, trazendo sentido para a vida e realização pessoal.

Para realizar esses objetivos, a pesquisa se estruturou nas seguintes perguntas de investigação: Em que consiste o fundamento da criatividade humana como um corpo-criante? Em que consiste a revelação do amor criante de Deus através da obra de arte? Por que a vivência na criação da arte, como manifestação da criatividade do corpo-criante, pode revelar-se um processo de cura espiritual para

o ser humano?

A tese que se levantou e que percorreu o desenvolvimento da pesquisa até as suas considerações finais é a seguinte: o fundamento da criatividade do corpo-criante humano é a criatividade do amor criante de Deus, que pode se revelar na vivência da criação na arte como processo de cura espiritual.

A sustentação e a organização da metodologia se dão numa hermenêutica fenomenológica, interdisciplinar, contemplando na prática a compreensão das falas do Caso R, desde uma fundamentação teórica construída dentro de aportes teóricos, os quais se fazem presentes na confluência do existencialismo e do essencialismo, até uma visão *autopoiética.* São eles: na teologia, Paul Tillich; na Filosofia, Xavier Zubiri; na Psicologia, Viktor Frankl; na Biologia, Humberto Maturana; e na Arte, Friedrich Schelling e Wassily Kandinsky. Essas referências corroboraram algumas categorias explicativas que abriram possibilidades para uma interdisciplinaridade que oportunizou a compreensão teórico-prática do Caso R. Entre elas: fundamento último, amor criante, criatividade, fé, cura, corpo-criante, obra de arte, revelação.

A estrutura e a organização textual da tese se dão em três partes distintas. A primeira parte é intitulada de **A Vivência** e é formada por três quadros. O Quadro I apresenta a descoberta do tema de pesquisa, fazendo uma rápida abordagem sobre a história de vida da pesquisadora e sobre como um processo criativo levou à descoberta do tema de pesquisa. O Quadro II trata do Caso R., quando se descreve, primeiramente, um processo criativo alimentado pelo desejo de ajudar, e a experiência de ajuda de Maria Glória aos seus alunos, especialmente ao jovem R.; posteriormente é apresentada a experiência inusitada do amor e da criatividade nas relações da criação na arte. E, por último, ocorre a passagem de uma vivência educacional e de busca de conhecimento para entender a criatividade do ser humano na arte e seu processo de cura. O Quadro III contempla a explicação da metodologia da pesquisa teórico-prática, dentro de uma hermenêutica fenomenológica, que parte da subjetividade da pesquisadora e de seu problema de investigação, com o objetivo de construir o processo de compreensão do Caso R.

A segunda parte é intitulada **A Compreensão**, e diz respeito ao corpo teórico da tese, organizado em três quadros. O Quadro I refere-se aos fundamentos

da criatividade e do corpo-criante, desde a explicitação da categoria *amor criante*, dentro de uma visão interdisciplinar. Inicialmente, abordam-se os fundamentos da criatividade dentro da biologia de Humberto Maturana, mostrando que a base da criatividade humana é o amor vital. Em seguida, desenvolve-se a concepção de corpo-criante, apresentando a sua estrutura e organização como ser vivo, estruturado em seus sistemas dentro de uma rede psicossomática autopoiética, cuja base é o amor criante, como força vital, espiritual, para dinamizar os seus processos vital-cognitivos nas interações com o meio. Desenvolve-se, também, desde Tillich, Zubiri e Frankl, a concepção de corpo-criante e sua criatividade. Mostra-se que o corpo-criante do ser humano é um todo vivo, criativo, dimensional. Ele sustenta sua criatividade desde um fundamento último – Deus, o Espírito de amor criante, que detém a vida como movimento de auto-integração, autocriatividade e autotranscendência no corpo-criante. Usando a categoria *inconsciente espiritual*, explica-se a criatividade do amor criante desde a relação da pessoa espiritual com a pessoa profunda espiritual, como manifestação do fundamento último do corpo-criante, que é abissal. Por último, mostra-se a criatividade do amor criante no corpo-criante, como a coragem para enfrentar a dinâmica da ambigüidade existencial da finitude e da infinitude humana.

No Quadro II, discute-se a questão da *obra de arte* como revelação da criatividade do amor criante de Deus. Inicialmente se apresenta a importância da arte na vida do ser humano, e se descreve, usando Tillich, Schelling, Kandinsky e Zubiri, em especial, o processo de criação dela, tendo como centralidade o corpo-criante no fundamento último de sua criatividade – o amor criante de Deus. Em seguida, mostra-se a obra de arte como revelação do amor criante do Espírito de Deus no corpo-criante, dentro de três movimentos da vida: o da auto-integração, sob o princípio da centralidade; o da autocriatividade, sob o princípio do crescimento; e o da autotranscendência, sob o princípio da sublimidade. O terceiro momento desse quadro implica a questão da obra de arte como revelação da razão profunda no processo da criação. Mostra-se que o amor criante divino une, liga as dimensões de ordem biopsicoespiritual do corpo-criante, gerando padrões de organização que chegam à complexidade da razão profunda, como instância capaz de desenvolver a obra de arte e dar sentido a ela. Aprofundando esse aspecto, apresenta-se a obra de arte desde o conceito de revelação como mistério, como êxtase e como milagre.

Por último, a obra de arte é entendida como revelação da criatividade do amor criante como algo profundo, fundamental, que remete à descoberta de sentido para o viver.

O Quadro III ocupa-se em mostrar uma concepção de cura espiritual desde o entendimento da criatividade do corpo-criante como vivência profunda de poder espiritual. Primeiramente, apresenta-se uma rápida contextualização sobre o conceito de *cura*, e posteriormente a concepção de cura é construída desde a criatividade do amor criante de Deus como poder espiritual que dá a criatividade humana para enfrentar as ambigüidades existenciais saúde-doença, finitude-infinitude. Aprofundando essa concepção, conceitualiza-se *cura espiritual* desde a fé como a vivência da criatividade do amor criante de Deus, como um sentir-se possuído por uma força espiritual criadora, que causa impactos na estrutura e na organização do corpo-criante, nas suas várias dimensões. Por último, mostra-se a cura espiritual como a manifestação do amor criante do Espírito de Deus no espírito humano, desde a fé no movimento das três dimensões da vida: a auto-integração, a autocriatividade e a autotranscendência.

A terceira parte é intitulada de **O Testemunho**. Trata-se de um exercício hermenêutico sobre o Caso R., numa perspectiva fenomenológica. Nesse exercício interpretativo mostra-se a percepção da pesquisadora sobre os acontecimentos que ocorreram entre os sujeitos envolvidos nas vivências do Caso R. Parte-se da idéia que o nascedouro de uma hermenêutica é o ser humano, corpo-criante, que vive os processos dos fatos, dos acontecimentos de sua existência. Essa parte está organizada em três quadros.

No Quadro I, apresenta-se a descoberta de Maria Glória sobre o fundamento último da criatividade humana, nas relações de criação no ensino da arte com o jovem R. Essa descoberta levou à tomada de consciência sobre a força do poder da criatividade do amor criante de Deus, para o ser humano descobrir um novo sentido vida. No Quadro II, Maria Glória e R. vivem a revelação da criatividade do amor criante de Deus desde uma vivência criativa de fé, que se tornou palavra encarnada. E por último, o Quadro III apresenta a confirmação da cura espiritual de R. como uma vivência criativa em processo, sustentada pela criatividade do amor criante de Deus.

Depois dessa terceira parte, mostram-se as considerações finais da pesquisa, quando são elencados os resultados obtidos diante dos objetivos propostos. De início, já se anuncia que pela complexidade do tema e pela singularidade do caso prático, não se pretende fechar os resultados alcançados como verdades absolutas, mas especialmente como constatações reflexivas, abertas a novas indagações criativas.

Erro! Não é possível representar o número no formato especificado.

I PARTE

A VIVÊNCIA

QUADRO I: A DESCOBERTA DO TEMA DE PESQUISA

1 Uma história de vida da pesquisadora: pinceladas de um processo criativo

O sentido da minha história de vida está intimamente ligado ao fenômeno da criatividade e da espiritualidade humana. Estas são manifestações naturais e fundamentais para as vivências do ser humano consigo mesmo, com os outros, com o mundo e com Deus.

Ao resgatar *pinceladas* do desenho do processo de minha história, digo:

Nasci do ato criador divino, pura criatividade de amor, que num momento na vida de dois seres humanos, Rosa Cardoso e Vicente Guilherme Mafra, meus pais, criaturas de Deus, oportunizou na criatividade de seu corpo a capacidade de gerar o ser criativo-espiritual, eu, Maria Glória. Nessa oportunidade, Deus, o fundamento de tudo, escolheu para serem meus genitores uma mulher de 40 (quarenta) anos e um homem de 50 (cinqüenta) anos de idade, que tinham somente uma filha de 15 (quinze) anos, chamada Corinta.

Minha família professava a fé cristã católica. Trabalhavam na agricultura e na indústria. O amor era a energia vital que nos movia. Minha mãe sabia ler e escrever e meu pai não. Minha irmã, Corinta, mulher trabalhadora, cursou a escola até o quarto ano primário.

A imagem registrada em minhas memórias profundas é que a minha chegada ao mundo, especialmente ao meu lar, foi algo não projetado na consciência

humana, mas muito bem projetado na consciência divina[1]. Porém, minha mãe dizia que Deus, em sua infinita sabedoria, que tudo vê e tudo sabe, deu-lhe um presente da sua bondade e amor infinito pela sua criação – o meu ser[2], Maria Glória, com uma maneira de ser profundamente ligada ao amor.

Essas lembranças maternas sempre me remetem à explicação da criação humana em Gênesis, quando Deus apresenta o processo de criação da sua obra universal. É a descrição de uma criatividade magnífica. Ela se expressa na **palavra**[3] ***(dabar)*** criante, viva, que toma a forma do pleno amor, da bondade luminosa, que é luz vital, espírito criador que forja, por si e de si, todos os seres e o ser humano, por excelência. A palavra toma forma e identidade. "No princípio, 'o Espírito[4] de Deus movia-se sobre as águas' [...] e a sua razão de ser era criar, admirar a sua obra forjada no seu próprio Ser Criador. "E Deus disse: Exista a luz. E a Luz existiu. E Deus viu que a luz era boa" (Gn 1.2-4)[5]. Deus, o criador artístico de tudo e de todos no universo, no encantamento da contemplação da sua obra, expressão do seu Ser de onisciência e onipresença, criou o homem, sua obra originalíssima, que o amou na imensidão do seu amor, que deu a ele a dimensão espiritual para que ele pudesse se perceber à imagem e semelhança do seu Criador. Então, "criou Deus o homem à sua imagem, criou-o à imagem de Deus, e criou-os varão e fêmea. E Deus

---

[1] "O Senhor me possuiu no princípio de seus caminhos, desde o princípio, antes que criasse coisa alguma. Desde a eternidade fui constituída e desde o princípio antes que a terra fosse criada" Pv. 8.22-23. A BÍBLIA Sagrada. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Ed. ecumênica. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica Publishers,1972. p. 496.

[2] O termo 'ser' significa a totalidade da realidade humana, a estrutura, o sentido e a finalidade da existência. TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. 5. ed. Tradução Getúlio Bertelli e Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 32.

[3] No mundo teológico antigo a palavra "é muito mais do que uma descrição indicativa (...). O homem dos primeiros tempos da era mítica percebe o mundo que o cerca como um todo. Não distingue o espiritual do material. Para ele os dois domínios estão estreitamente unidos, e em conseqüência não lhe é possível separar a palavra da coisa, a representação da realidade. A seus olhos, o ideal e o real se equivalem, a palavra e o objeto, pois se encontram por assim dizer num mesmo nível de existência. Cada palavra encerra, dum modo que não é possível explicar racionalmente, uma parte da própria realidade. Através da linguagem, o mundo adquire sua realidade, num sentido muito realista. É somente pela palavra que os objetos adquirem forma e identidade." RAT, Gerhard von. **Teologia do antigo testamento**. São Paulo: Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, 1974. p. 80-81.

[4] "Tanto nas línguas semíticas quanto nas indo-européias, a raiz das palavras que designam espírito significa 'respiração'. Foi a experiência da respiração e, sobretudo, o cessar da respiração em um cadáver que chamou a atenção do ser humano para a pergunta: o que mantém viva a vida ? Sua resposta foi: a respiração. Onde há respiração, há o poder da vida; onde ela desaparece, também desaparece o poder da vida. Como poder da vida, o espírito não pode ser identificado com o substrato inorgânico que é animado por ele; antes, o espírito é o próprio poder de animação e não de uma parte agregada ao sistema inorgânico." TILLICH, 2005, p. 484, 485.

[5] A BIBLIA Sagrada, 1972, p. 1.

os abençoou, e disse: Crescei e multiplicai-vos" (Gn 1.27-28)[6].

A gênese da criação divina continua viva em minha história. Ela se anuncia, por exemplo, no dado empírico da minha gestação e da minha chegada ao seio de minha família no seu contexto sócio-cultural, até os dias atuais. Talvez seja esta situação tão particular de uma pessoa humana que justifique plenamente a necessidade de pensar a criatividade do ser humano desde um fundamento último, que é amor puro, criante, vida na Terra.[7]

Meu nascimento ocorreu em 3 (três) de agosto de 1954, na maternidade Cônsul Carlos Renaux, na cidade de Brusque, Estado de Santa Catarina, Brasil. Foi um momento de luta entre a vida e a morte,[8] quando o sentimento de infinitude e finitude dialogavam pela sabedoria divina que se manifestava na organização dos processos vital-cognitivos[9] que perpassavam todo o corpo de minha mãe e o meu também. A minha chegada ao mundo foi uma vivência de dor e de amor que, certamente, está registrada nas profundezas de meu ser, pois quando estou criando minhas obras de arte, pinto imagens que remetem a essa passagem de minha história.

A experiência do nascimento foi profunda, da sublimidade do encanto da vida e do desafio apavorante da morte. Foi um momento de caos e ordem. Vivência intensa, marcante e difícil de descrever. Porém, quando penso nisso, vem um sentimento significativo do místico-espiritual, da beleza da criatividade de algo

---

[6] A BIBLIA Sagrada, 1972, p. 1-2.

[7] "O ser humano é a própria Terra enquanto sente, pensa, ama, chora e venera". Para estar no ser humano, o espírito estava antes no universo. Agora emerge em nós na forma de consciência reflexa e da amorização. E quanto mais complexo e consciente, mais se relaciona e se re-liga com todas as coisas". BOFF, Leonardo. **Ética da vida**. Brasília: Letra Viva, 2000. p. 31, 33.

[8] "A vida é dada a si mesma pela criatividade divina que transcende e embasa todos os processos de vida." "Por isso, devemos afirmar que o momento de nossa concepção é o momento em que não apenas começamos a viver, mas também a morrer. A mesma constituição celular que confere a um ser o poder de viver também impele para a extinção deste poder. Esta ambigüidade de autocriação e destruição em todos os processos vitais é uma experiência fundamental de toda vida. Os seres vivos estão continuadamente consciente dela, e o semblante de cada ser vivo exprime a ambigüidade de crescimento e declínio em seu processo de vida." TILLICH, 2005, p. 511, 513.

[9] Quando se fala de processos vital-cognitivos, está-se falando da criatividade da vida em um corpo-criante, que, biologicamente analisado, se constitui uma rede psicossomática formada por células vivas, que têm em si uma informação (conhecimento natural) para a sua auto-organização entre o sistema endócrino, nervoso e imunológico. Este assunto será retomado mais adiante. Mas para maiores explicações indica-se: MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento,** Campinas: Psy II, 1995.

fundamental, abissal – que eu chamo Deus – o meu criador eterno que se faz presente no meu espírito. Refletindo sobre isso, entendo que a "experiência mística ou a experiência espiritual estão ligadas à experiência originária"[10]. Ou seja, aquela que se forja nas profundezas do ser, quando experimenta a criatividade como manifestação de algo espiritual, que emerge de um poder de pleno amor e sabedoria - Deus.

Dizia minha mãe que minha chegada ao meio da família foi uma experiência de alegria, entusiasmo e de ressignificação do sentido de vida.[11] Na hora de escolher o meu nome, perguntaram ao meu pai como eu me chamaria e ele disse: *"ela se chamará Maria Glória".* E justificou dizendo que Maria era em homenagem à mãe de Jesus, pela pureza e o amor; e Glória porque ele me via como luz de Deus que trazia alegria. Com esse nome eu fui batizada na igreja católica, da Paróquia São Luiz Gonzaga, de Brusque, e me afirmei como ser individual e singular no mundo.

O desenvolvimento dos meus primeiros anos de vida foi os de uma criança normal, que se sentia muito amada pelos pais e pela irmã. Aos três anos de idade, já, mostrava para minha família a minha sensibilidade e meu gosto para falar e contemplar a beleza da natureza e da arte. Meu avô materno, Domingos, que morava nos fundos de minha casa, era um homem religioso, católico. Todas as noites, após ter terminado a lida diária de um homem roceiro, lia a Bíblia em latim, cantando. Sentado numa cadeira de balanço, na sala de sua casa, em frente a uma janela aberta, meditava sobre a palavra de Deus, na contemplação da beleza das estrelas do céu noturno, daquele espaço geográfico, da rua Florianópolis, nº 1280, da cidade de Brusque.

Eu, curiosa, gostava de perguntar sobre as coisas do céu e da terra, por isso ia quase todas as noites, no horário de oração de meu avô, para sentar-me no seu colo e escutar a leitura bíblica, cantada. Era um momento paternal de espiritualidade e de criatividade, pois eu me embebedava com histórias cantadas, cujas palavras

---

[10] BOFF, Leonardo; BETTO, Frei. **Mística e espiritualidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 69.

[11] Na psicologia profunda de Frankl, o ser humano "só se torna [...] completamente ele mesmo quando fica absorvido pela dedicação a uma tarefa, quando se esquece de si mesmo no serviço a uma causa ou no amor a uma outra pessoa". E isto faz o ser humano encontrar um sentido para a sua vida. FRANKL, Viktor E. **A psicoterapia na prática.** Tradução de Cláudia M. Caon. Campinas, SP: Papirus, 1991. p. 18.

provocavam, evocavam em mim um sentimento bom, agradável, sobre as coisas da vida, do ser humano e de Deus. Para Kandinsky,

> A palavra é um som interior. Esse som corresponde, pelo menos em parte [...], ao objeto que a palavra serve para designar. Se não se vê o próprio objeto, se apenas é ouvido o seu nome, forma-se dele no cérebro do ouvinte uma representação abstrata, o objeto desmaterializado, que não tarda a provocar uma vibração no 'coração'.[12]

Embora, eu não entendesse o que era lido, vivia imaginações que irrompiam do meu ser como pinturas de arte com muita cor. Eu sentia o fervor e o entusiasmo das palavras de meu avô. Ele sabia muito sobre as coisas de Deus. Cantava com tanta profundidade, olhando para o céu, que, muitas vezes, até senti o seu rosto molhado de lágrimas, encostado no meu. Afinal, "o coração do sábio instruirá a sua boca e acrescentará graça aos seus lábios. As palavras elegantes são como o favo de mel; a doçura da alma é a saúde dos ossos" (Pv 16.23-24)[13]. Para mim, o canto, a fala, a palavra de meu avô, revelavam momentos de sabedoria, de assombro, de questionamentos, de ternura humana. Eu sentia a manifestação do amor criativo, que batia forte em cada um de nossos corações, como a energia, o espírito que constitui e impulsiona a vida. Parafraseando Chardin, nenhuma noção nos é mais familiar que a de Energia espiritual.[14]

A tomada de consciência mais básica de minha criatividade deu-se quando comecei a perceber que a vida e as explicações sobre ela estavam envolvidas em um mistério – Deus. Essa percepção começou a aguçar-me a consciência quando formulava, após a leitura da Bíblia, vários questionamentos ao meu avô: Quem é Deus, vovô? Como é que o céu e as estrelas não caem? E o meu pai e a minha mãe vão morrer? Por quê? E os animais, as flores, as pedras, também? E para onde a gente vai quando morrer? E o que é o amor de Deus? Como é que Deus cria?

---

[12] KANDINSKY, Wassily. **Do espiritual na arte.** São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 49.

[13] Os Provérbios eram textos que falavam da sabedoria. A sabedoria no povo de Israel ou em outros povos antigos era entendida como a capacidade de discernimento crítico do homem frente aos desafios da sua vida. Ser sábio era saber fazer experiências profundas de vida e sobretudo entendê-las. Segundo Storniolo, a sabedoria é "uma capacidade de perceber profundamente a realidade e as situações que levam a pessoa a orientar a sua vida: 'a sabedoria do homem sagaz é discernir o seu próprio caminho' [...]. A fonte da sabedoria é a experiência concreta que temos da vida e que nos ajuda a viver melhor". STORNIOLO, Ivo. **Como ler o livro dos provérbios, sabedoria do povo**. São Paulo: Edições Paulinas, 1991. p. 7.

[14] Sobre a conceituação de energia como o estofo do Universo e de toda a criação de Deus; Cf. CHARDIN, Teilhard de. **O fenômeno humano**. São Paulo: Editora Cultrix, 2001. p. 62.

Essas perguntas eram constantes, revelavam o quanto eu estava criativamente me organizando nos meus processos de vida e conhecimento, desenvolvendo, assim, a formação da minha consciência comigo mesma e sobre as coisas do mundo.[15] Pensando sobre isso, sinto que posso afirmar que eu estava vivendo a minha espiritualidade. Pois, "a espiritualidade é aquela atitude que coloca a vida no centro, que defende e promove a vida". Com efeito, descobrir, "alimentar a espiritualidade significa estar aberto a tudo o que é portador de vida", amor, sabedoria, encantamento com o ser.[16] Para mim, a presença do testemunho religioso do meu avô foi marcante.

Foi passando o tempo, e em minhas relações familiares e sociais fui tornando-me cada vez mais sensível, afetiva, observadora, questionadora e criativa. Por exemplo, no meio das roças de aipim, quando sentada debaixo de uma pequena oca de feito, para me abrigar do sol causticante das tardes de verão, desenhava no chão da terra figuras relacionadas com a natureza, com o ser humano e com Deus. Perguntava aos meus pais que trabalhavam: Por que as plantas crescem? E o ar que a gente sente entrar pelo nariz, de onde vem? E o que faz os pássaros cantarem? E como eles não caem quando voam? Mas quem é Deus? E por que Ele me fez assim como eu sou?

Muitas respostas, mas também dúvidas, surgiam nas cabeças dos meus pais e na minha própria. Meu pai dizia à minha mãe: *"Rosa, mas essa guria é enjoada, não deixa a gente trabalhar em paz. Ela não dá descanso".* Respondia a mãe: *"ela é curiosa, sempre foi. Glorinha fica aí quieta na sombra e come o teu pão que a mãe untou com 'mus' de goiaba".*

Depois de comer meu lanche, no seio da terra, energia para o surgimento do ser vivo, sustento para o ser humano, eu ficava horas desenhando, olhando e meditando sem saber que meditava. Eu me integrava a natureza como um todo. Eu

---

[15] Pedagogicamente falando, a base do conhecimento na criança, no homem, dá-se na constituição da estrutura de um organismo vivo, que por sua própria natureza de ser criador, fazedor de coisas, é aprendente na relação com o mundo em sua volta. "A experiência de qualquer coisa 'lá fora' é validada de modo especial pela estrutura humana, que torna possível 'a coisa' que surge na descrição." MATURANA; VARELA, 1995, p. 68.

[16] BOFF, 2000, p. 130,131.

sentia nas minhas vivências, cheiro e gosto da alegria[17] de viver. Esta era uma vivência de interiorização da realidade, que me trazia alegria, admiração. Como dizia Boff, "[...] vivenciá-la como experiência, sentir-se inserido e carregado pela dinâmica do universo e do Espírito que a impregna é ser espiritual e elaborar a espiritualidade".[18] Tanto é verdade que, muitas vezes, diante da sede, colhia com meu pai, numa folha de caeté, verde, a água límpida da fonte, cristalina, que jorrava do meio do mato, num movimento fascinante de beleza.

Essa experiência de beber a água da fonte viva, debaixo da sombra das árvores e das bananeiras, era pura, prazerosa, mágica, mística. A minha sensibilidade encontrava nessa experiência espiritual energia para viver diante dos desafios da vida, que nem sempre eram tão fáceis.

Um dia estava com muita febre, causada por uma amidalite, e disse ao meu pai: eu quero tomar da água da bica para passar a dor da minha garganta e também porque tenho muita sede. Eu sentia uma empatia forte com a natureza, era um sentimento de pertença a algo profundo, intenso e imenso. Meu pai trouxe uma folha de caeté cheia de água e disse para eu tomar tudo. Bebi aquela água fria que parecia cortar a minha garganta. Senti meu corpo inteiro arrepiando e então falei: *a água vai limpar, curar; vai curar tudo, pai*. Disse meu pai, olhando para o céu: "*Deus te ouça".*[19]

Ao entardecer, quando voltava, no caminho da roça até minha casa, dentro de um carro de bois, sentada sobre molhos de gramão[20] que picavam minhas pernas e escutando o canto agudo e vibrante das rodas do carro que simbolizavam o ir e vir do lavrador, dizia à minha mãe que caminhava ao lado do carro, cansada pelo trabalho árduo de uma tarde capinando a lavoura de aipim: *mãe, a minha garganta está passando. Bota a mão na minha testa, já não tenho mais febre. "É ...", disse minha mãe, "fique quietinha aí sentada, já estamos quase chegando".*

---

[17] Para Bérgson, a alegria é um sinal indicativo de que a vida triunfa, se expande. Onde tem alegria tem criação (tradução própria). Cf. BERGSON, Henry. **La energía espiritual**. Madrid: Espasa-Calpe, S.A, 1982. p. 33.

[18] BOFF, 2000, p.145.

[19] Tillich diz que a fé e o amor nas experiências autênticas podem se tornar um sinal-evento de revelação para aqueles que são possuídos pelo poder da criatividade, e este pode ser caminho de cura para os males. Cf. TILLICH, 2005, p. 106-107.

[20] Gramão é uma planta que serve para alimentar os animais, sobretudo o gado leiteiro.

O toque da mão de minha mãe na minha testa estava carregado de atenção, carinho, amor e preocupação. Era a expressão de uma relação de gente simples, mas muito sábia nas suas ações.

No outro dia, eu estava melhor da minha garganta. Minha cura natural aconteceu. A minha crença, o poder da minha espiritualidade dada por Deus, oriunda das entranhas abismais do meu ser, onde e quando ocorrem os processos de auto-organização[21] da vida nas células, a criatividade, fizeram com que eu mesma encontrasse em mim a manifestação de um poder, uma força divina - o caminho de cura para o meu problema de saúde. Já dizia o próprio Deus: "Aquele que me achar, achará a vida" (Pv 8.35)[22]. A sintonia com Deus sempre foi presente no meu viver. A fé, a esperança, o amor e o trabalho marcavam e vêm marcando a minha cotidianidade, ao longo de minha vida.

A maneira de olhar o mundo é a maneira de vivenciar o mundo, a natureza. Eu, na natureza do meu ser, muitas vezes, tinha aquela visão dos naturalistas, filósofos gregos, de que tudo e todos estão interligados por uma natureza substancial, primeira, original, que constitui a vida. Com efeito, para Tales de Mileto[23], a água era a causa primeira para a vida dos seres. Ela era a força vivificadora para o nascimento e a transformação do ser. Ela é o princípio gerador de tudo e todos, a energia divina da vida.

O meu olhar sobre a água da bica natural foi um olhar, no sentido holístico da palavra, amoroso de interconexão com a fonte geradora da vida, da saúde – Deus – fundamento para o meu ser no mundo.

Meu amor pela natureza, como expressão da obra de Deus em todos os seres ao meu redor, estava posto e informando na minha espiritualidade. Eu via em tudo a beleza do mistério de uma criatividade perfeita. Dizia Jean Yves Leloup em uma conferência em Blumenau, Santa Catarina: "Uma pessoa se torna o que ama e

---

[21] Auto-organização é a dinâmica dos processos de vida e de conhecimento, que aparecem em forma de padrões de ordem e de caos, num sistema de um corpo vivo que tem a capacidade, frente às interferências do meios e das relações consigo mesmo, de se modificar, se reorganizar, se recriar, superando as suas necessidades e dificuldades. Cf. ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação:** rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 134.

[22] A BIBLIA Sagrada, 1972, p. 496.

[23] Cf. TALES, de Mileto. **PRÉ-SOCRÁTICOS**. Vida e obra. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores). p. 40-41.

torna-se o que olha".

Essa expressão é forte e dá suporte para continuar as pinceladas de minha história após os meus sete anos, quando entrei na escola, no Colégio Santo Antônio, em Brusque. Dentro de uma formação escolar de forte cunho religioso, católico e depois luterano, terminei meus estudos de ensino fundamental e médio em Brusque.

Minha primeira profissão foi vendedora de uma loja de calçados durante cinco anos. Essa vivência foi para mim um aprendizado para a vida. Aprendi bem como saber argumentar para convencer e vender o produto. Aos vinte e dois anos casei-me com Nelson Roberto Dittrich, economista, luterano. Tive uma filha, Larissa Fernanda, uma pessoa criativa e altamente sensível às artes e à filosofia.

Com o casamento, tive oportunidade de estudar arte e tornei-me artista plástica, fazendo depois minha formação universitária em Filosofia (graduação), Educação (mestrado) e atualmente, em curso, os meus estudos em Teologia (doutorado). Este percurso longo, de muitos desafios, pelo amor à sabedoria, à arte e à criatividade do ser humano, levou-me a entrar na Universidade, no campo da Educação. Este trabalho apresentará, a seguir, a pesquisadora Maria Glória e seu tema de pesquisa.

2 Da história de vida à descoberta do tema de pesquisa

A descoberta do tema desta pesquisa nasceu em minha história de vida de pesquisadora, como pessoa, artista plástica, filósofa, educadora e pesquisadora, buscando sentido para o meu viver no mundo.

Em minha inquietude de pessoa criadora de arte pictórica e escultural, ao longo de minha existência vinha me perguntando sobre a natureza da criatividade humana na arte. Isto sempre me causava fascínio e, ao mesmo tempo, uma perplexidade sobre o mistério da criação artística. Meu pensamento me levava a uma questão que remetia ao próprio ser criador, como um mistério difícil de ser controlado, que encontrava ressonância em meu íntimo, como algo desafiante. Impulsionava-me para descobrir o sentido último do meu ser no mundo. Ao estudar Paul Tillich encontrei sintonia na seguinte idéia: "A pergunta sobre o mistério da existência se ergue por detrás de todos aqueles que se converteram em filósofos

criadores e não se limitaram a fazer análise ou uma história da filosofia."[24]

Eu senti que minha necessidade vinha da natureza de minha criatividade, de uma dimensão de profundidade, que imaginava ser do meu fundamento último, aquilo que é o imprescindível, o mistério, mas, que era real, pois, me dava a coragem para poder ser, diante de limites e de possibilidades que a vida me apresentava, nas minhas criações artísticas.

Esse fundamento último é justamente o mistério que vive no ser humano e sustenta a sua existência. Ele não sabe bem explicitar o que é no entanto, tem consciência de que existe em si, e pede explicação. Com efeito, afirma Goto, "[...], o mistério é tudo aquilo que aparece demais estranho e que ao mesmo tempo nos remete a uma 'dimensão' existencial diferente das vivências habituais".[25]

Esse pensamento aponta para a possibilidade de afirmar uma necessidade humana que não abandona o ser humano diuturnamente - a busca pelo sentido de existir no mundo, que está presente nas vivências profundas. Essas vivências jogam o pensar humano para uma dimensão de realidade pessoal mais profunda, para uma questão fulcral – o fundamento último para poder ser e criar, logo, viver e conhecer. É a tomada de consciência sobre a sua própria criatividade, construindo a sua existência no mundo.

A complexidade dessa questão é algo que assusta e fascina ao mesmo tempo, que faz o ser humano buscar incessantemente uma razão para tudo. É a busca de respostas diante de questionamentos existenciais que balançam a vida vivida, pois suscitam construção de sentido, interpenetrando o campo teológico, pois remetem para o sentido de ultimidade.

Essa reflexão aponta para a escolha do objeto desta pesquisa. Posso justificar que o surgimento dele, certamente, é resultado da minha percepção sobre

---

[24] *"La pregunta sobre el misterio de la experiencia se yergue por detrás de todos aquéllos que se convirtieron en filósofos creadores y no se limitaron a hacer un análisis o una historia de la filosofía"* (tradução própria). TILLICH, Paul. **Pensamiento cristiano y cultura en occidente:** segunda parte: de la ilustración a nuestros días. Tradução de María Teresa la Valle. Buenos Aires: Asociación Editorial La Aurora, 1977. p. 434. Há tradução portuguesa: TILLICH, Paul. **Perspectivas da Teologia Protestante nos Séculos XIX e XX**. São Paulo: ASTE, 1986.

[25] GOTO, Tommy Akira. **A fenomenologia no pensamento filosófico e teológico de Paul Tillich.** 2002. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação da Universidade Metodista de São Paulo – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião. São Bernardo do Campo, 2002. p.77.

mim mesma. Aproveitando palavras de Paul Tillich, quando fala da relação entre o ser humano e Deus, posso dizer que o nascimento e o desvelamento deste objeto de pesquisa, que trata da criatividade do ser humano como revelação do amor de Deus para explicar uma vivência de cura na criação artística, implica uma questão pessoal na relação com outras pessoas que marcaram minha história de vida, e com Deus.[26]

O surgimento do objeto de pesquisa tem uma relação direta com a vida da pesquisadora. E isso se funda na criatividade que demanda intuição e reflexão sobre sua maneira de ser no mundo. Afinal, é o ser humano que fundamenta a possibilidade e a justificativa da sua própria escolha. Reforçando esse argumento, escreve Fragata:

> Só posso conhecer na medida em que eu mesmo, sujeito cognoscente, vivo o meu objeto. Vivê-lo é explicitá-lo em mim ou constituí-lo com a riqueza implicada na própria realidade que se conhece. Portanto, se esta realidade se manifesta com evidência como atualidade existente, a riqueza interna do objeto vivido na consciência tem que implicar a vivência da sua existência atual.[27]

Esse pensamento confirma que eu, como pesquisadora, me senti desafiada a construir, com coragem e humildade científica, a investigação de meu objeto, a partir, mesmo, de minha experiência vivida, na minha existência de ser humano criador, buscando sentido de vida no meu próprio fazer no mundo.

Há vinte e um anos pesquisando, produzindo e ensinando arte pictórica, o tema criatividade tem sido, deveras, o meu grande desafio para entender os processos do fazer artístico pictórico em mim e em meus alunos.

Vale dizer que, em minha dissertação de mestrado, na área da Educação, desenvolvi uma pesquisa interdisciplinar sobre a concepção de natureza para o entendimento da criatividade no ensino da arte pictórica. Lá já estava, de certa forma, buscando entender o meu problema.

Minha caminhada científica, na pesquisa, vem sendo focada na questão da

---

[26] Cf. TILLICH, Paul. **A era protestante.** São Bernardo do Campo: Ciências da Religião, 1992. p. 115.

[27] FRAGATA, Julio et al. **Perspectivas da fenomenologia de Husserl.** Coimbra: Centro de Estudos Fenomenológicos, 1965. p.82.

criatividade na criação da arte, como um caminho de descoberta de sentido para a vida e libertação das dores e sofrimentos existenciais. Por outro lado, no percurso desenvolvido em meu doutorado, meus estudos e pesquisas tinham o foco de atenção voltado para o problema levantado acima. Pesquisando minha própria prática na extensão universitária, registrei falas de alunos que diziam que *"a arte mudou a vida, que a arte era tudo para a vida"*, pois ela trazia esperança e amor. Essas afirmações foram benéficas, pois estavam de acordo com a minha maneira de entender o sentido da arte, também.

Durante três anos, em meu Atelier de Arte, na Avenida Cônsul Carlos Renaux, nº 225, na cidade de Brusque, SC, atendi alunos da Associação de Pais de Alunos Excepcionais (APAE) de Brusque, que vinham estudar arte pictórica, semanalmente. A experiência realizada trouxe grandes desafios, no sentido de perceber as minhas limitações e de ter que me superar, buscando pesquisar novas estratégias para ajudar os alunos com sérias dificuldades psicomotoras. A cada semana de trabalho no Atelier de Arte, ou na Universidade, novos questionamentos iam surgindo. Mas a grande questão, era sempre entender por que, ao fazer arte, as pessoas com problemas existenciais e de ordem inclusive físico-psicomotora, por exemplo, iam melhorando. Os alunos, na alegria de fazer arte, iam se libertando dos seus problemas. E, então, novamente surgiam as perguntas: qual é o fundamento último da criatividade humana nas manifestações da arte? O que faz o ser humano poder ser e criar, encontrando na arte um novo sentido, que o anima a viver diferente e melhor? O que a arte faz no ser humano, que ele se cura dos seus sofrimentos?

Na minha prática de ensino da arte, o fenômeno da cura vinha acontecendo de forma notável na melhoria da auto-estima, da tomada de consciência sobre o sentido de vida, da hiperatividade, da não violência e, especialmente, da superação das dificuldades psicomotoras de um aluno que tivera paralisia cerebral aos três anos de idade. Ele ficou com deformações físicas e com graves problemas psicomotores. Esse aluno, aqui tratado como o Caso R, pelo seu impacto na minha vida, é o caso prático que eu escolhi para ser estudado nesta tese.

O Caso R foi para mim uma experiência articulada entre o místico e o científico, entre o imprevisível e o previsível, entre o infinito e o finito, entre Deus e o

ser humano. Após a tomada de consciência da melhora do Caso R, que irei descrever adiante, a minha vida tomou um novo sentido para entender a questão da criatividade de forma a considerar o ser humano como uma totalidade integral – somática, psíquica e espiritual.

Seguramente, eu posso afirmar que minha busca pelo Doutorado em Teologia está ligada às experiências no campo da arte e especialmente à do Caso R. Afinal, eu entendo que "[...] os atos criativos do passado são importantes no presente como base preparatória para o novo."[28]

Meu interesse implica conhecer saberes da teologia e abri-los para uma interdisciplinaridade, para compreender a questão da relação ser humano e Deus, e como se dá a criatividade através da arte como revelação do amor, que implica cura, libertação daquilo que faz sofrer, oprime.[29]

Na banca de defesa de minha dissertação, um dos avaliadores me fez a seguinte questão, que muito me provocou: "Se a natureza da criatividade é uma energia cósmica criadora, que age e constitui o ser humano, corpo-criante, assim como você defende, então, quem é Deus para você?"[30] Essa provocação ainda está presente dentro de mim, remetendo para o fundamento desta tese. No entanto, reconheço que a realidade é profundamente complexa, assim como o conhecimento da ciência. Por isso, esta pesquisa compõe-se de um diálogo interdisciplinar entre a Biologia, a Teologia, a Filosofia, a Psicologia e a Arte.

Na ciência hoje, falar sobre a criatividade do ser humano, seus processos de criação na arte como revelação do amor de Deus que cura, é falar de um tema que perpassa a sociedade atual. A crise deste século parece já não estar focada somente na questão da sexualidade, como pensou Freud, ou da obtenção do poder, do conhecimento ou de produtos, mas, especialmente, é uma crise que solapa o coração do ser humano, esvaziando-o de sentido de vida, logo, da razão do por que viver. Esta crise faz o ser humano entrar em desarmonia consigo mesmo, com os

---

[28] CASTRO, Afrânio Gonçalves**. A antropologia teológica de Paul Tillich:** o ser humano em face do tempo e da história. 2002. 143 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, UMESP, São Paulo, 2002. p. 104.

[29] Este assunto será aprofundado mais adiante.

[30] Pergunta apresentada pelo Prof. Dr. Nivaldo Alves de Souza, na defesa da dissertação, "Do Entendimento de natureza à criatividade no ensino da arte pictórica", de Maria Glória Dittrich, para a obtenção do título de Mestre em Educação, na FURB, Blumenau, SC, 2000.

outros e com Deus. Ela o faz somatizar suas dores e sofrimentos e ficar adoecido físico-psiquicamente.

O ser humano da era global clama por cura para as suas dores e sofrimentos existenciais. Ele vai, na rede global da sociedade informatizada e midiatizada, buscando socorro nos curandeiros, religiosos, médicos, terapeutas etc. O grito de dor existencial é pedido de cura, libertação. Com efeito, isto implica na natureza da criatividade, nos seus processos complexos, que englobam o biofísico e o psíquico-espiritual inseparavelmente. O ser humano contemporâneo sente a dor de uma vida que saiu do fluxo do amor criativo para a obscuridade da morte. Ele vê o seu planeta morrendo e a vida enfraquecendo.

A corrida em busca de orientadores espirituais é algo assombroso. Campos de futebol e grandes catedrais se enchem de milhares de seres humanos que, aos gritos, choros, orações, prédicas e cantos, buscam encontrar Deus para a cura do sofrimento. O ser humano quer achar uma saída, a fim de encontrar respostas para vivências que ocorrem no seu dia-a-dia. E essas respostas não são encontradas apenas por acaso, mas estão ligadas ao seu fundamento último, que se revela em forma de **criatividade na sua existência, e a arte pode ser esta manifestação do amor de Deus para a libertação de suas dores e descoberta de um novo sentido de vida.** Diante disso, o tema desta pesquisa tem raízes em minha existência. Por essa razão, apresentarei em seguida a vivência do Caso R, que é o objeto material, prático, desta tese.

QUADRO II: O CASO R.

1 Do desejo de ajudar à primeira experiência de ajuda

Em fevereiro de 1999, na cidade de Brusque, estado de Santa Catarina, no Atelier de Arte Maria Glória, situado na Avenida Cônsul Carlos Renaux, 225, num início de tarde de verão, com 38 graus de calor, apareceu uma vendedora da APAE, que foi recebida por mim, Maria Glória Dittrich, artista plástica e filósofa, também conhecida no meio brusquense por Glorinha.

Na oportunidade, a vendedora da APAE foi logo dizendo que eu era uma pessoa bem conhecida na cidade e, portanto, a visita tinha como finalidade comunicar uma campanha de vendas de utensílios domésticos que a APAE de Brusque estava promovendo, visando arrecadar dinheiro.

A vendedora foi tirando de sua sacola vários utensílios. Mostrava-os e já anunciava o preço para a compra. Ao final, depois de observar este impulsivo ato de venda, eu disse que não estava interessada em comprar aqueles produtos. Primeiro, porque eu não estava precisando deles. Segundo, porque entendia que, ainda que eu comprasse alguns daqueles produtos, minha ajuda não seria representativa e nem resolveria o problema financeiro da APAE.

Naquele momento, a vendedora ficou irritada e me indagou*: "Glorinha, não me diga que você está se negando de ajudar a APAE, com apenas 10 reais? Pois é o que custa esta extensão de força, por exemplo".*

Fiquei chocada e incomodada com a pressão da vendedora, que naquele trabalho estava ganhando por comissão, segundo ela. Respondi que em nenhum

momento afirmei que não ajudaria a APAE. Enfatizei que esse tipo de ajuda eu não estava convencida em fazer, mas que, certamente, em menos de uma semana ela ficaria sabendo notícias sobre uma ajuda minha. Ainda mencionei que ela podia ir embora tranqüila e consciente de que estava tratando com o um ser humano solidário à causa da APAE.

Confesso que, ao final daquela tarde de fevereiro, saí de meu Atelier pensando na provocação da visita, e em que poderia ajudar os alunos da APAE, instituição na qual já havia estagiado quando aluna do Curso de Filosofia, da Fundação Educacional de Brusque – FEBE.

Com um aperto no peito, mas sentindo meu coração aberto para criar e fazer o bem, dirigindo meu carro, me veio a resposta: *vou fazer um bem, ensinando a arte da pintura para cinco alunos da APAE com necessidades especiais. Vou dedicar uma tarde por semana de trabalho próprio em meu Atelier. Deus tem me dado tanto, já recebi tanto que nem sei, preciso ajudar. E posso ajudar oferecendo meu trabalho e meu espaço de arte.*

Com esse pensamento, no dia seguinte, comuniquei o meu propósito ao diretor da APAE, senhor Afonso de Farias, que aceitou prontamente, sensibilizado, e dizendo que seria um bem para alunos carentes e tão necessitados. Disse que, inclusive, ele entendia positivamente que as aulas fossem no Atelier e não dentro da APAE.

Na primeira semana de março de 1999 iniciaram-se as aulas. Preparei-me pedagogicamente para receber meus alunos com necessidades especiais, assim como me preparava para receber meus outros alunos que freqüentavam meu espaço de ensino da arte. Senta meu coração bater ansioso, mas alegre, preparando o ambiente de trabalho, junto com minha secretária.

Meu objetivo era acolher e ajudar pessoas, oferecendo-lhes cuidado, amor e informações técnicas, visando oportunizar uma experiência no criar artístico, para melhorarem e descobrirem potencialidades em si mesmas, procurando, com isso, a alegria de viver com os outros e consigo mesmas.

No primeiro dia de aula, às 14 horas, chegou a Kombi da APAE em frente ao Atelier. Desceram cinco alunos, indicados pela APAE para estudarem arte comigo.

Aquela cena da chegada dos alunos foi inesquecível para mim. Eu e minha secretária nos aproximamos da porta de entrada do Atelier. Senti o meu ser inteiro repleto de amorosidade. Fomos recebendo os alunos que desciam do veículo. Primeiro, desceram quatro alunos (duas meninas e dois meninos adolescentes); e, por último, ajudado pelo motorista, desceu um aluno com significativas dificuldades para se locomover. Diante da cena, fiquei sensibilizada e procurei logo ajudá-lo a entrar e subir as escadas para o andar superior, onde era a sala de aula.

Esse momento inicial da trajetória foi de alto impacto para mim. R., o último a descer, tinha sua coordenação motora e sua fala comprometida, com sérias dificuldades. Até para levantar a cabeça para olhar bem reto era difícil para aquele ser humano especial. Das muitas atividades preparadas para aquela tarde, pouco eu consegui fazer. A alegria dos alunos de estarem em um novo espaço de estudo, cheio de novidades, cor, obras de arte, música e pessoas novas, contagiou todos os envolvidos no trabalho. Eu sentia uma agitação interior que quase me paralisava. Mas continuei. Algo me empurrava, me chamava.

Na experiência daquela tarde, percebi que estava diante de seres humanos especiais, com uma dose significativa de afetividade nas relações, maneira de ser diferente, e que me desafiavam nos meus conhecimentos pedagógicos e artísticos. Senti-me, em várias situações, impotente no sentido de saber como agir, pois percebi que estava diante de sérias e complexas realidades humanas.

Eu não sabia como tratar, por exemplo, o R., de 18 anos, vítima de paralisia cerebral aos três anos de idade. Ele quase nem condições tinha para pegar um pincel entre os seus dedos, quase não podia falar, nem ficar bem de pé, e mal conseguia locomover-se no interior da sala de aula. Seus movimentos eram lentos, até seu olhar movimentava-se lentamente nas interações com os outros e com o todo em sua volta. Sua boca apresentava dificuldade de manter-se fechada, babava. Suas mãos eram duras, travadas, fechadas. Alguns de seus dedos eram retorcidos, dificultando a mobilidade e a sensibilidade no fazer manual. Suas pernas e pés também apresentavam dificuldades na coordenação motora para caminhar e sentar.

Impressionada, senti imediatamente, nas profundezas de meu corpo, que estava inserida em uma relação educacional complexa. De certa forma, isso me amedrontava, mas não era possível voltar atrás, já me sentia comprometida com a

vida, com algo tão forte que eu nem sei bem dizer ainda o que é.

Naquela tarde, tudo o que eu fiz foi não dar a aula de arte que havia preparado. Percebi que meus conhecimentos didático-pedagógicos para o ensino da arte autocriativa, numa perspectiva inclusiva, eram insuficientes e impotentes para lidar pedagogicamente com tal complexidade humana. No entanto, vi que R. e os outros alunos, que tinham, segundo informação da APAE, hiperatividade e dificuldades cognitivas, estavam ansiosos esperando algo de mim.

Sentada com eles, ao redor da mesa de trabalho, percebi nos seus rostos que me fitavam silenciosamente, quando explicava sobre a arte e o poder de criação do ser humano para expressar os seus sentimentos, que eram alegre-tristes, mas, apresentavam uma admiração pelas obras de arte que estavam presentes nas paredes da sala de aula.

Nessa oportunidade, eu disse a eles que estava muito feliz de recebê-los e de trabalhar com eles a arte criativa. Afirmei que eu tinha certeza de que algo bom iria acontecer, porque *a arte faz o ser humano melhorar, ficar mais amoroso e inteligente, saudável*. Perguntei, então, se eles também estavam contentes.

Curiosa e impaciente, uma aluna, chamada P, disse: *"Muito, muito,* profe. *A gente qué pintá".* [sic] Também se manifestou a aluna V, que expressou: *"Ah! A gente veeeio aqui pra falá ou para pintá? Vamo piiiinnnntá, vamo."* [sic]

Em seguida, expliquei que cada um receberia lápis de cor e uma folha de papel para pintar os sentimentos, aquilo que estava se passando naquele momento dentro do coração de cada um. Quatro dos alunos, com uma rapidez quase que de fúria, começaram a pintar de muitas cores a suas folhas de papel inteiras.

R. também se esforçou para pintar os seus sentimentos. No entanto, ao final da aula ainda não tinha terminado o seu trabalho, pois quase não conseguia pegar o lápis em sua mão. Eu tive que introduzir o lápis no espaço interno de sua mão direita, fechada. Seus dedos eram duros e não se esticavam e nem se dobravam bem. Sua coordenação motora e a própria posição do lápis entre os dedos não permitiam que ele dominasse o espaço do papel quando tentava pintar.

Minha percepção apontava que aquele trabalho estava sendo um desafio,

também, para R. Durante a aula, o rosto dele gotejava suor. Sua força manual era sem controle; algumas vezes rasgou a sua folha de papel, porém, não desistiu de trabalhar até ao final da aula. Essa cena do primeiro dia de aula ficou marcada em minha memória. *Confesso que me senti dentro e fora de uma situação que acabei criando e que tinha que enfrentar, e não estava sabendo como fazer. No instante em que me senti perto dos alunos, ao mesmo tempo me senti distante, estranha a tanta afetividade e sinceridade nos gestos, nas palavras.*

Ao término da aula, falei para os alunos que aquele espaço de sala de aula seria, a cada semana, um espaço de encontro de seres humanos queridos, que viriam para ajudar-se mutuamente. Por isso, ao sair e ao entrar em sala de aula, tudo deveria estar organizado com muito amor. Disse que todos deveriam se tratar com muito amor e respeito. Mostrei a forma de cuidado para com os materiais da pintura. Mencionei que esses materiais seriam os instrumentos para cada um expressar a sua criatividade; portanto, eram companheiros para a criação artística poder acontecer.

Os alunos entenderam e logo foram se organizando para tanto. O encerramento da primeira aula foi muito humano, os alunos vinham dar abraços e beijos. Em seguida, iam descendo as escadas do Atelier para pegar a Kombi que já os esperava. Somente o jovem R. não conseguiu descer as escadas sozinho. Dei-lhe o braço e o ajudei a chegar até o piso térreo. Ao descer degrau por degrau, eu pensava: *quero ajudá-lo. Gosto dele. Ele é uma boa criatura. Espero que ele sinta que desejo o melhor para ele. Estou fazendo isto com muito amor. Ajuda-me, Senhor.*

Quando ele chegou para entrar na Kombi, os outros alunos já sentados e animados, começaram a gritar: *"R. , R. , R. ".* Este foi um momento emocionante, de despedida, pois a Kombi ia andando e eles de dentro dela abanavam e jogavam beijos. Fiquei sensibilizada e ao mesmo tempo sentia-me preocupada diante de uma experiência que estava acontecendo e que eu não estava entendendo bem. Só sentia que era algo maior, para além de uma simples aula de pintura artística. E então me perguntei algumas vezes: Qual é o sentido de tudo isto? Certamente eu vou descobrir algo que servirá para a minha vida.

2 Do desejo de ajudar à experiência da busca do saber para poder ajudar

Na noite após esta primeira aula, cheguei a minha residência e contei para meu marido a experiência vivida com os alunos, especialmente R. Disse que estava assustada e preocupada com o compromisso e a responsabilidade que eu havia assumido com o diretor da APAE e com os alunos.

Socializei minha angústia existencial, dizendo que tomava consciência da minha incompetência pedagógica para ensinar alunos com dificuldades tão complexas. No entanto, confessei que me sentia desafiada porque tinha um sentimento profundo de querer ajudar e encontrar a razão de tantas coisas que estavam acontecendo em meu interior e que eu mesma nem sabia dizer bem o que era.

Meu marido, como bom economista, disse-me: *"É, Glorinha, eu não sei o que tu queres. Já tens tanto o que fazer e ainda te metes com estas atividades. Já não tens que chega? Tu nem dás conta do que já tens a fazer. O que ganhas com isso, te envolvendo em situações como essa? Agora te vira".*

Senti uma pressão interior perpassando o meu corpo inteiro. Pensei: como ele é duro. Senti-me só, mas ao mesmo tempo pensei: *não há de ser nada. Não posso voltar atrás. Não posso dizer que desisto antes de pelo menos tentar mais. Não há de ser nada. Tudo tem uma razão de ser. Amanhã será outro dia. Deus há de me dar a luz, a força para ir em frente.*

Naquela ocasião eu estava fazendo meu mestrado em Educação, na FURB, em Blumenau, SC. Justo no dia seguinte, eu teria aula com a Professora de Metodologia de Pesquisa do Ensino Superior, Maria do Rosário Knechtel, pedagoga e socióloga.

Chegando cedo à Universidade, continuando a pensar sobre a experiência do dia anterior, senti que deveria compartilhar com minha professora a experiência. Não tive dúvidas quanto a isso. Dirigi-me a ela, já antes da aula, e contei-lhe o ocorrido, pedindo ajuda no sentido de orientação pedagógico-científica.

Depois de escutar com atenção o fato narrado, a professora disse: *"Meu Deus.... aiii, minha filha, que coisa bonita que você me conta nesta manhã! Penso que você vai ajudar muito essas crianças. Mas, no momento, eu não tenho muito a lhe dizer, pois eu também não sei como trabalhar com um caso como este do R. No entanto, veja Glorinha, você não está fazendo seu mestrado? Comece a pesquisar, com certeza você vai descobrir algo que vai lhe ajudar, porque a ciência, especialmente na Pedagogia, ainda não sabe bem como trabalhar com estes casos. Glorinha, Deus nunca coloca algo em nossa vida que não possamos carregar. Se isto veio para você é porque você tem algo a dar. Não desista, comece a pesquisa e vá em frente. Depois me conte o que vai acontecendo".*

Nesse momento, eu nem pensei muito, nem questionei, pois estava sob forte impacto positivo e desafiador. Em poucos minutos meu pensamento voava criativamente. Vislumbrava a curiosidade e a alegria de, por mim mesma, tornar-me melhor para vencer os limites do meu saber e do meu fazer como pessoa e como artista plástica. Pensei em meu trabalho na educação. Eram vários anos ensinando arte para as pessoas descobrirem o sentido do viver, no encantamento da criação artística. Isso também me deu força, entusiasmo para encontrar um caminho que eu não sabia qual era, e, no entanto, dentro do qual eu já me sentia.

Eu acreditei, no e do fundo da alma, que tinha que ajudar aqueles seres humanos. Para isso, sentia que uma força maior, divina iria me dar força, coragem e sabedoria para fazer algo, o qual nem sabia bem o que poderia ser. Eu pensava tudo e não pensava nada. Era um momento estranho, raro, que emergia das profundezas do meu ser interior. Eu dizia para mim mesma: *não faz mal se eu ainda não sei o que fazer e como fazer; a experiência do dia-a-dia me dirá. Vamos em frente, Maria Glória!*

No contexto de minha sala de aula, escutando a professora Maria do Rosário, sentia-me alegre, mas pensava: *hoje, quando eu sair daqui, já tenho que começar a pesquisar e a pensar o que fazer para a minha próxima aula com os alunos da APAE. Ai, meu Deus, me ajuda!*

Minha sensação era de que se abria um novo momento em minha vida e que não dava mais para voltar atrás. Sentada em minha carteira, olhava meus companheiros de mestrado e tinha a sensação de que meu ser se expandia de

alegria, mas, também, de ansiedade. Meus pés viviam uma inquietação e sentia um calor penetrar em minhas costas. Era uma experiência rara em minha vida. A inquietude tomava conta do meu ser e parece que até apertava a minha garganta. Meu coração batia tão rápido e forte que até me incomodava. Em minha consciência vinha a idéia: *algo bom está acontecendo. Alguém já está me ajudando. Eu não estou sentindo aquilo que não existe. Isto que está se passando é real. Meu Deus! Que estranho! Vou botar a mão nas minhas costas... está muito quente. Se eu contar isso aqui eles não entenderão. Meu Deus, que loucura!* ***Senhor, mas tu sabes do meu coração. Ajuda-me! Dá-me uma luz! Calma... Eu vou para frente...***

Depois de um dia pleno de estudo, de discussões sobre o ser humano e os seus processos de aprendizagem no ensino universitário, eu voltava para minha casa, convicta de que algo bom estava acontecendo.

Durante oito meses desenvolvi uma pesquisa para entender a criatividade do ser humano no ensino da arte pictórica. Meu foco de observação prática eram os alunos da APAE, especialmente o jovem R. Eu o observava a cada semana e perguntava-me: *se a criatividade é fundamental para a constituição do ser humano na sua expressividade artística, o que será que poderei fazer para ajudar a liberar os seus movimentos, para ele poder abrir suas mãos?*

Diante deste problema, das leituras e reflexões que vinha fazendo, entendi que, para fazer um ensino de arte pictórica significativo, cujo ponto de partida fosse o respeito à criatividade do aluno, deveria oportunizar procedimentos didático-pedagógicos que ajudassem a liberar a expressão da criatividade.

Esse pensamento ajudou-me a ter esperança de que o R. pudesse se abrir para fora de si mesmo, no sentido de poder criar sua obra de arte e, através dela, liberar seus sentimentos, emoções, intuições e razões interiores, que o afligiam e que ele quase não podia expressar verbalmente.

A cada experiência que eu fazia, estava mais convicta de que a arte, como expressão da criatividade da vida em um ser humano, poderia ser um caminho de cura para o ser humano nos seus sofrimentos e dores físico-psicoespirituais. Essa idéia me animou a posicionar-me dentro de meu mestrado em Educação. No

entanto, vivi alguns embates conceituais com meus professores e companheiros de mestrado, sobre o que é criatividade humana. Percebia que tinham várias visões epistemológicas para explicar o fenômeno da criatividade na vida dos seres humanos, no seu aprender e criar arte. Porém, meu desejo de ajudar R e os outros alunos com hiperatividade continuava muito vivo e forte. Isto me mobilizava para ir além de mim mesma, pois implicava na vivência da ação de uma força de amor que nascia lá do fundo do meu ser e me dava coragem para acreditar que eu ia resolver o meu problema. Então me estabeleci um pressuposto central: *a arte, como expressão da criatividade do ser humano, pode tornar-se um caminho de cura para as dores e sofrimentos, pois ela revela o belo e o amor; e isto só faz bem e pode curar.*

Confessei várias vezes para os meus professores e companheiros de mestrado que estava fascinada com meu trabalho no Atelier e na pesquisa sobre a criatividade humana na arte. Igualmente, sentia que as teorias pedagógicas, psicológicas, sociológicas e da arte não davam conta de explicar o fato que estava vivendo em minha prática pedagógica com os alunos da APAE. Perguntava-me a cada encontro de criação com os alunos: *em que consiste a criatividade humana e o que faz o ser humano ser único e imprevisível em cada obra criada?*

Essa pergunta me levou a compreender que, para investigar a criatividade humana, era necessário entender o conceito de natureza como obra - ou criação - divina. Para isso, comecei a fazer uma investigação teórica no campo da Filosofia e da Física, em duas perspectivas: a racionalista e a holística.

À medida que fui esclarecendo o conceito de natureza, desde Pitágoras, Platão, Aristóteles, Santo Agostinho até Descartes e Newton, e com a primazia do racionalismo no pensamento filosófico e científico moderno, entendi que o ser humano e o mundo poderiam ser explicados dentro de um poder da razão humana estruturado num método científico, racional, que determinava regras para quantificar a natureza da própria vida como uma matéria sólida, mecânica, regida por leis de causa e efeito e, por isso, passível de ser controlada.

No entanto, essa explicação não me ajudou a compreender o ensino da arte que eu estava vivendo com os alunos. Percebi que a visão mecanicista de ensino

mostrava-se insuficiente. Constatei que ser humano criador, o jovem R, por exemplo, não era uma máquina pensante, passível de ser controlada, assim como de se estabelecer previamente os limites de sua capacidade criadora ou alguma coisa parecida.

O que eu vinha experienciando nas minhas práticas eram muitas limitações psicopedagógicas e que, por vários momentos, estavam sendo incontroláveis e não previsíveis a cada aula. Por exemplo: a concentração, o interesse pela atividade proposta, a impaciência, a tristeza, a euforia, a alegria, a raiva e o choro eram manifestações que nem sempre aconteciam. Além disso, percebi que as relações afetivas não obedeciam a estratégias psicopedagógicas de causa e efeito. Afirmava para mim mesma: *estou pisando em um terreno de relações inusitadas, em que as surpresas aparecem nas criações como as maiores certezas de que algo complexo e muito maior está acontecendo. Isso é muito além do que eu estou pensando, mas eu sei que está acontecendo e é grande.*

A cada semana de trabalho eu preparava, já de manhã cedo, a sala de aula com muito carinho. Pensava em tudo, na música para receber os alunos, arrumava as paletas de tinta, as telas nos cavaletes onde se sentavam os alunos, varria tudo e tirava o pó. Tudo era limpo, arrumado e cheiroso. O Atelier ganhava um clima de festa para o encontro do ser humano na criação da arte pictórica. Sentia alegria em preparar o ambiente e esperar o horário da aula. Muitas vezes, enquanto estava arrumando o espaço, colocava música e dançava, sentia-me grande, como se pudesse voar, pois algo dentro de mim despertava e se expandia. Pensava: *hoje à tarde vai ser lindo. Vamos ver o que vai acontecer...*

A prática do ensino da arte nessa oportunidade constava dos seguintes passos articulados:

1. Recepção dos alunos com música e um abraço (eles eram muito afetivos, já entravam de braços abertos e gritando. Dizia P, por exemplo: "*Oi profe! Ai, que bom que cheguei ... sabia, profe querida, senti saudades da profe".* Apontando para o seu rosto falava*: "Aqui, aqui, me dá um beijo e um abraço"*;

2. Saudação aos alunos, com música e uma mensagem de espiritualidade;

3. Reflexão interativa sobre temas ligados ao ser humano, a cultura, a arte e a espiritualidade;

4. Criação da arte pictórica quando os alunos expressavam suas impressões sobre a reflexão desenvolvida em grupo (esta parte compunha-se também de informações técnicas sobre a pintura artística);

5. Apresentação e socialização da obra para o grupo e a professora (cada aluno apresentava o significado de sua obra para si mesmo, e a professora fazia perguntas sobre aspectos que entendia relevantes para o aluno tomar consciência e dar significado, como também elogiava o trabalho, destacando o belo e mostrando sua presença em elementos do trabalho).

A trajetória desses procedimentos nem sempre acontecia como eu havia projetado. Vivências eventuais, das mais diversas, aconteciam nesse processo de ensino. Muitas vezes, entre choros, risos, decepções, alegrias e tristezas, encantamento e desencantamento, saber e não saber o que fazer, eu percebia que cada aluno era um ser complexo, diferente na sua maneira de conceber e vivenciar a criação. E a interação entre nós era algo inusitado, no sentido de nem sempre saber qual seria a reação do outro diante de uma atitude minha, ou de certas reflexões desenvolvidas nas relações dentro do grupo. Muitas vezes, confirmei para mim mesma em silêncio: *Gente querida! Eu vivo aqui uma experiência literal de caos e ordem. É a pura criatividade em gênese...*

Diante de tudo o que estava vivenciando, percebia que o conceito de criatividade defendido na visão racionalista não tinha uma força explicativa contundente para poder entender o não previsível dentro dos procedimentos didático-pedagógicos. E, além disso, já haviam se passado cinco meses de trabalho e não estava constatando racionalmente sinais de melhora no R., por exemplo, do ponto de vista da coordenação motora. Antes de iniciar a pirtura na tela, eu precisava introduzir o pincel em sua mão, entre os seus dedos, e distribuir as tintas na paleta.

R. não tinha força manual para espremer os tubos de tintas, nem coordenação para amassar a tinta com o óleo. Tudo isto eu tinha que fazer. Porém, o que eu percebia era que ele estava mais desperto, se esforçava muito para

cumprir as atividades e não faltava às aulas. Notava a persistência de continuar pintando, embora as pinceladas não saíssem como o esperado e no lugar pretendido, e o desejo dele de controlar seus movimentos manuais era admirável. Algumas vezes ele manifestou em movimentos, acenando com suas mãos, que não iria desistir do trabalho e que continuaria batalhando. Constatei este sentimento nele quando percebi o esforço de todo o seu corpo, manifestado por suores intensos que escorriam de seu rosto, de suas mãos e braços. No entanto, em alguns momentos, ele se sentava, ficava passivo e com semblante triste e caído. Essas contradições me intrigavam e me desafiavam.

A cada aula eu mexia com ele. Tocava sua cabeça, seu ombro e perguntava, conversando com ele posicionada ao seu lado, sentada em uma cadeira: R., *o que você está sentindo no seu coração? Você está triste? O que se passa?*

Ele ficava em silêncio e às vezes balançava os ombros, como que querendo dizer: “Nada”. Então, eu continuava dizendo: *Vamos R.! Você pode! Sua obra está ficando uma maravilha! Veja essas cores! Não está uma beleza? Vá, vá em frente, não desista, você é capaz. Eu estou vendo que você pode. Toca... toca.*

Nessas conversas com ele, eu, na minha forma de ser, dava-lhe uns tapinhas nos ombros e passava a mão sobre a sua cabeça. Ele me olhava com carinho e, por ter dificuldade de falar, apenas balançava os ombros, ou mexia com a cabeça, ou fazia um bico em sua boca, sinalizando que nada estava acontecendo. Mas ficava parado, olhando-me nos olhos e movimentando seus olhos lentamente no seu entorno. Isto me tocava profundamente. Eu percebia que ele sentia muitas coisas e que tinha afeto por mim, pelos outros alunos e pela arte. Pois antes de iniciar sua pintura, ele ficava parado em frente às minhas obras de arte, olhando, admirando. Este momento era de silêncio para R. Ainda que fosse perguntado sobre algo, não queria responder.

Essas experiências me levaram a aprofundar-me mais e mais em minha pesquisa, buscando entender a criatividade como um fenômeno vital no ser humano, capaz de dinamizá-lo na sua forma de ser para descobrir algo, uma maneira de ver, sentir e viver, que trouxesse à descoberta de um novo sentido para a vida diante de dificuldades.

A partir dessa idéia, fui ao encontro do mundo da filosofia dos pré-socráticos, especialmente Heráclito. Descobri que estes pensadores entendiam a vida com todas as manifestações nos seres a partir da concepção de natureza como um todo integrado. A descoberta implicou investigar a concepção de natureza para entender o fenômeno da criatividade do ser humano na arte, dentro de uma visão holística.

Essa tomada de consciência me fez organizar, com clareza metodológica, o meu objeto de estudo para ajudar os meus alunos com necessidades especiais, especialmente R. Eu acreditava que esse caminho poderia me levar a entender e descobrir um modo mais harmonioso e eficiente de trabalhar o ensino da arte.

Minha pesquisa foi longa, mas ao longo desse caminho, dentro de uma abordagem holística, cruzando saberes interdisciplinarmente, fui navegando nos campos da Filosofia, da Psicologia, da Física, da Biologia, da Pedagogia e da Arte. Essa viagem científica foi também a vivência de uma experiência com minha criatividade que, carregada de significados, se encarnava no meu ser pessoa, na minha maneira de olhar, aprender, conhecer, ensinar e criar arte, nas experiências de respeito às diferenças do ser criador.

À medida que ia me aprofundando no saber clássico-moderno-contemporâneo, o fascínio pelo meu objeto de pesquisa aumentava, pois percebia que, para entender a criatividade humana, na arte pictórica, era preciso compreender o que era a natureza do ser, como fundamento do ser criador. Esta idéia foi estímulo e sustento para mim.

Ao estudar a física quântica, na *teoria da indeterminação* de Heisenberg, encontrei articulação filosófica quando descobri que o próprio Heisenberg havia buscado em Heráclito referenciais categóricos para sua teoria. A idéia de Heráclito de que a natureza se forjava e nascia a partir de um **fogo** cósmico, dinâmico em forças positivas e negativas de atração e rejeição, previsão e imprevisão no processo de nascer e morrer, levou-me a relacionar que Heisenberg também tinha acreditado que a natureza da matéria era regida por forças coordenadas por uma energia cósmica autocriadora e que, de certa forma, essa força estava presente nos seres humanos, nas suas criatividades. Então me dei conta, como os pré-socráticos, de que a natureza da criatividade na arte teria que ser entendida para além da observação sensível, mensurável racionalmente.

A descoberta de que, na dimensão subatômica da matéria, o que ocorre é a vida em movimento, caracterizada por uma energia que se mostra em partícula e onda, movimentos diversos, previsíveis e imprevisíveis, quando caos e ordem, vida e morte, luz e sombra, criação e destruição aparecem como maneiras de ser de uma mesma natureza que é una/diversa e que tem em si uma marca fundamental na sua maneira de ser – a autocriatividade – quando tudo muda, se organiza e se reorganiza infinitamente, foi uma confirmação para eu reconfirmar minha esperança de continuar o trabalho, no sentido de acreditar que minha experiência na arte pictórica estava se constituindo num caminho de cura.

Pensando sobre isto, transportei essa idéia para a observação de R. na sua maneira de agir durante as atividades em sala de aula. A reflexão, que começou a nascer nessa época, era sobre os processos das células, das macromoléculas, dos átomos, das micropartículas de matéria que são bases para, biologicamente, o ser humano se estruturar como uma rede psicossomática, capaz de expressar-se na criação artística.

O meu sentimento de artista, de professora e de pesquisadora era de assombro e de impotência diante da complexidade da organização biopsicológica do ser humano. A cada observação meus questionamentos eram: *o que será que eu poderei fazer para ajudar o jovem R. a abrir suas mãos? Como poderei ajudá-lo a destravar o seu corpo, se ele é dinamizado por uma energia autocriativa?*

Avançando na pesquisa, tive contato com a teoria da *autopoiese* de Humberto Maturana, que me levou a entender a criatividade do ser humano a partir de uma concepção de natureza como um corpo-criante, todo vivo, fundamentado na dinâmica de uma energia autocriadora, capaz de se auto-organizar nos seus processos vital-cognitivos, diante das perturbações do meio.

Agarrei-me a este conceito e desenvolvi minhas aulas de arte num processo dinâmico-criativo, que começava já com o preparo da sala de aula. Tudo era arrumado, organizado com muito carinho e pensado para o bem. Era como se estivesse preparando o lugar sagrado para o encontro e a criação do ser com o ser. Os objetos e a relação deles nesse espaço mostravam muita harmonia, cor, som, cheiro e significado amplo para todos que ali se encontravam e conviviam. Inclusive

a aluna P. dizia ao chegar: "*Profe, cheguei, cheguei, profe. Profe, como aqui tudo é bonito. Tá bonito, tá lindo e a minha arte também? Tu gosta, profe? Diz que sim, diz que sim".* Reforçando, a aluna V. também comentava: *" É mesmo...aqui é tuudo muito ...lindo. Eu gosto...é bom".* [sic]

A música e a arte pictórica eram pano de fundo constante, nas paredes, nas mesas, nos cavaletes e no ar. A preparação para a criação ocorria com uma atividade arte-terapêutica, que eu chamei de **roda da harmonização vital**. Ela foi criada com dois objetivos: **o primeiro** oportunizava uma prática de exercícios corporais desenvolvidos a partir de músicas clássicas e new age, visando desenvolver a concentração, integração e harmonização do grupo; **o segundo** implicava desenvolver movimentos circulares com os braços, mãos, dedos e cabeça, harmonizados com o ritmo da música e do grupo como um todo vivo em movimento, buscando levar o aluno a perceber o seu corpo e sua capacidade de domínio sobre ele.

Essa prática, na minha visão, poderia ajudar a dinamizar os processos vitais e cognitivos dos alunos e, com isso, elevar a própria energia vital celular, deixando-os mais flexíveis, despertos, atentos, perceptivos e, logo, mais estimulados e harmonizados na coordenação motora, para criar. E certamente mais livres para expressar os seus sentimentos e emoções na pintura. Eu acreditava que isso poderia, também, estimular o encantamento e a descoberta de sentido de vida na criação artística, além de criar vínculos afetivos na convivência do aluno consigo mesmo, com os outros e com o todo em sua volta.

Semana após semana, essa experiência foi se realizando como algo que os alunos faziam, mas com certa resistência. Às vezes animados, às vezes desanimados, mas sempre faziam diante do chamado e da insistência minha. Certos dias, eles pediam para que não fossem feitos os movimentos corporais. Diziam que estavam cansados, que era chato ficar de pé, repetindo movimentos, e ter que prestar atenção na música, além de serem muito difíceis os movimentos que eu mostrava para eles.

Eu persistia, na esperança de estar no caminho da ajuda, acreditando que, embora ainda não fosse claramente perceptível, meus alunos estavam melhores

diante de suas dificuldades. Percebia que, no momento da reflexão sobre o tema da aula, havia mais silêncio, concentração, participação, e eles estavam mais relaxados e calmos. Eles conseguiam fazer perguntas e isto ajudava o grupo a pensar e sentir estímulos para o exercício da imaginação criadora, na percepção sobre os seus próprios sentimentos e pensamentos para a criação artística.

Explicava, com muita amorosidade e respeito na minha forma de ser, que a arte era a expressão dos sentimentos mais profundos, de dor ou de amor, que o ser humano vivia. Enfatizava que, por isso, na criação artística o ser humano, criador, não conseguia mentir, pois ele naturalmente amava expressar aquilo que estava sentindo, e que, às vezes, ele nem sabia bem o que era. Dizia, olhando no rosto dos alunos, posicionada com as mãos sobre meu peito: *cada um de nós precisa expressar, nas cores e nos movimentos do pincel sobre a tela, tudo aquilo que vem para fora na hora da criação. Não faz mal se a gente chora, ri, fica triste ou alegre. Tudo faz parte da criação. É o amor de Deus em nós, fazendo a gente se descobrir e se alegrar com a vida, assim como nós somos. Criar é levantar um vôo grande para dentro de nós mesmos e descobrir lá no fundo da nossa alma algo que vai nascendo e precisa ser mostrado para ajudar o nosso próximo e a nós mesmos. A arte ajuda as pessoas a melhorar, gente.*

Depois destas palavras vinha um silêncio e, em seguida, os alunos começavam a pintar as suas artes. Esses procedimentos, acompanhados de variações temáticas, aconteciam semanalmente, mês após mês. Nesse processo, eu percebia que R. estava mais desperto e participativo, embora os problemas de suas mãos fechadas, de coordenação motora sem controle nos movimentos e da ausência de uma fala compreensível persistissem.

O relacionamento foi-se aprofundando e as pessoas estavam cada vez mais próximas e sintônicas. Eu sentia esperança e a amorosidade aumentava entre nós. A cada encontro, R. vinha mais vivo e estimulado para fazer o seu trabalho, e já procurava se comunicar mais com o grupo. Inclusive o diretor da APAE, nas suas visitas ao Atelier, registrava que nos trabalhos dentro da APAE, o aluno estava mais participativo, produtivo e feliz. Afirmava que ele não era mais o mesmo. Algo tinha mudado dentro dele, pois ele estava melhor.

3 A experiência inusitada do amor

Na continuidade do trabalho dentro da mesma proposta metodológica, num certo dia de aula, eu recebi os alunos e, em seguida, os convidei para se posicionarem em roda para a harmonização vital-cognitiva. Tocava, no aparelho de CD, uma música de Enya. Era muito quente e a sala de aula se iluminava com o sol da tarde, que entrava pelas grandes janelas.

Nesse dia, eu sentia dentro do meu ser uma alegria, mas ao mesmo tempo uma moleza e uma angústia, um aperto no peito. Tomava consciência de que uma inquietação forte inundava seu ser. Meu corpo por dentro tremia inteiro. Eu me sentia estranha, e pensava: *Meu Deus! Dá-me força para continuar, ajuda-me. Essas pessoas estão esperando algo de mim, e eu desejo ajudá-las. Deixa, Maria Glória, respire, tome força... Não há de ser nada! Tudo vai dar certo. Vamos começar, vamos, minha gente querida!*

Ao dizer estas palavras, sentia entusiasmo e força, e ainda reforçava batendo palmas e dizendo: *vamos, minha gente. Vamos fazer uma roda bem bonita, redonda, bem redonda. Vamos fazer tudo com muito carinho e atenção. Agora vamos começar... respirando bem, bem fundo. Sinta todo o seu ser. Ele vai vibrando cada vez mais, seu coração vai batendo e seu sangue vai circulando por todas as suas veias. Sinta os seus pés, suas pernas, seus joelhos, suas coxas, seu abdômen, seu peito, seu coração, seu pulmão, seu pescoço, seu rosto, seus olhos, seus ouvidos, o bom gosto em sua boca. Sinta sua cabeça inteira, seu corpo inteiro, e vá se movimentando. Vai, vai, vai, vai! Não pare, movimente-se fazendo os exercícios com muito amor. O amor é a energia que faz a gente viver, curar aquilo que não está bom dentro de nós. Vamos, minha gente querida, escutem e deixem a música entrar em vocês ... acompanhando os movimentos que eu for fazendo. Olhem bem para mim. Concentração... Isso, muito bom, lindo, gostei! Atenção... não parem, vamos em frente...*

Durante essas falas, o exercício implicava em fazer movimentos circulares com os braços e cabeça, variando em sentido horário e anti-horário, buscando sintonia com a música e o próprio movimento do grupo que, de pé, formava uma roda harmônica. Tudo acontecia coordenadamente, pois cada um, nesse momento,

se envolvia por inteiro para poder acompanhar os movimentos dos braços, das mãos, dos dedos e do corpo inteiro. Eu mostrava a seqüência dos movimentos das mãos. Os alunos estavam concentrados e atentos nos movimentos e suas variações. A aluna V. disse: *"Ai, profe! Que loucura! ... é di...fícil, mas eu consigo".*

O sentimento de força e o desejo de vencer, de fé naquilo que estava fazendo, invadia-me e eu sentia que o grupo estava sintônico comigo. Os alunos se mexiam alegremente e eu estava vivenciando isto. No entanto, cada vez que eu olhava para R., sentia o quanto ele estava se esforçando para fazer os exercícios, pois via e sentia o suor dele escorrendo pelo rosto e braços. Sua boca babava, e isto indicava um alto nível de concentração nos movimentos indicados por mim. O olhar dele era firme e profundo, atento a tudo. Seu esforço era notável.

Coordenando todo esse trabalho e mergulhada nesta vivência terapêutica, sentia-me envolvida por algo intenso, dinâmico, estimulador, que me impulsionava para frente. Era como se tivesse que dar a última força mais possante para penetrar o âmago desses seres humanos e ajudá-los nas suas dificuldades. Afirmo que, nesses momentos de vivência, eu senti uma força emergindo do meu mais profundo ser. Era um calor que invadia os meus olhos, as minhas mãos o meu corpo inteiro; me possibilitava ver mais aguçadamente a reação do aluno R. e dos demais. Era uma sensação fantástica, de leveza e poder. Eu sabia que uma sintonia energética estava acontecendo entre todos nós. Eu olhava para R. e senti um arrepio quando constatei o quanto ele estava se esforçando. Num determinado momento, olhei para R. e percebi a profundeza de seu olhar na busca de algo. Então pensei: Fantástico! Como ele está se esforçando! Ele não desiste, embora tudo isto seja tão difícil para ele. Que admirável! Mas como ainda estão travados seus braços, mãos e dedos! Mas, eu não desisto, eu acredito que ele ainda pode melhorar, pois a energia vital dele está alta. Isto mostra que ele está conseguindo fazer um processo de harmonização vital-cognitiva que está mexendo com algo dentro dele. Isto é positivo. Mas eu tenho que ajudar.

Nesse momento, meu corpo inteiro vibrava muito forte, pois sentia tantas coisas que nem sabia bem o que eram. Porém a idéia que vinha diante de meu ser era: *Não posso parar agora; eu vou ajudar, mesmo; vou fechar e abrir as minhas mãos e mandar uma energia de amor para dentro dessas pessoas, até às*

profundezas de suas células de todo o ser.

Enquanto pensava, abria e fechava as minhas mãos e jogava energia, desejando o melhor para as pessoas. Então falei: *Gente querida, vamos, não desistam. Não parem, ainda que doam os braços. Depois vamos descansar. Vamos, vamos, R. Vai, força! Vai indo, não desista! Você pode!*

O suor continuava a porejar o rosto dele, os seus braços presos ao tórax se esforçavam para fazer movimentos circulares. A elevação da energia no grupo era forte. Foi quando a aluna J., falou: *"Credo, profe, eu já estou suando. Pára um pouco! Olha, olha o R. como pinga. Profe, querida! Eu vou me jogar no chão".*

Tudo isso invadia aquela experiência e eu sentia cada vez mais uma força de alegria, entusiasmo e um desejo profundo de ir mais além, de ver o R. mais solto, movimentando-se mais rápido, com os braços e mãos soltos e abertos. Esse entusiasmo foi crescendo e crescendo, como se o meu corpo inteiro estivesse se expandindo e o meu olhar penetrando o rosto dele. Mergulhada nesta experiência, sentia-me em sintonia com todos do grupo. Olhando para R., e ele para mim, soltei um grito profundo e forte: *Vaaa..... ii Ricarrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrr..... do!*

Esse grito foi fortíssimo e de alto impacto nas pessoas envolvidas na experiência. Eu parei, emudeci e fiquei num estado de surpresa, de assombro comigo mesma. Os alunos, ainda sob o efeito do grito, mostravam-se assustados, com os olhos arregalados, porque não estavam entendendo o que tinha se passado. Imediatamente a aluna P. falou: "*Profe, o que foi?"* E a aluna J. completou: *"Mas o que foi... isto?"*

A secretária, que estava no andar de baixo do Atelier, correu para ver o que tinha se passado e chegou perguntando: *"Glorinha o que aconteceu? Algum problema?"*

Todos estavam perplexos, sem saber bem o que fazer. E R., diante de mim, estava em estado de perplexidade, com os olhos esbugalhados, os braços esticados para frente, com os cotovelos dobrados, sem falar nada. Olhei, chocada, aquela cena imprevisível.

O semblante do aluno R. revelava a vivência de um fenômeno que eu

mesma não estava entendendo. Seus olhos assustados revelavam a expressão de um momento de suspensão de sua consciência sobre o seu entorno, e ao mesmo tempo exprimiam uma alegria que emergia das profundezas de seu ser e se lançava para além de si. A impressão que a cena passava para as pessoas, especialmente para mim mesma, naqueles rápidos instantes, era a vivência de um grito inesperado, que assustou e alegrou, e tinha que ser explicado.

No entanto, eu, saindo do estado de assombro, comecei a piscar e baixei os meus braços, indo na direção de R., que se encontrava na roda em frente a mim. Nesse momento, percebi que sua mão direita, ainda suspensa, fez um leve movimento de abertura dos dedos, o que me chamou atenção porque antes estava bastante fechada, e seus movimentos eram muito lentos e frouxos.

Nesse momento, olhando bem nos olhos do aluno, perguntei calmamente: *R., você está abrindo a sua mão?*

Ele, ao escutar isto, olhou para as suas mãos com os olhos admirados e sinalizou com a cabeça confirmando que sim. A aluna J. já olhou e também disse: *"É mesmo, é isso aí."* As pessoas fizeram um momento de silêncio e então, eu, com lágrimas nos olhos, fui pegando a mão do jovem, dizendo: R., *você abriu os seus dedos, a sua mão! R.!... Que maravilha! Super! R., querido, você é um ser humano fantástico. Você vai ficar bom. Tenho certeza que ainda você vai abrir toda a sua mão, não é, R.?*

Ele balbuciou que sim e confirmou com a cabeça, abrindo um leve sorriso. Eu o abracei com muita calma, e amorosamente toda a turma aproximou-se e também nos abraçou. Em seguida, com meu rosto quente, vermelho e suando, minha mão ainda trêmula, pedi para que todos voltassem para os seus lugares para poder encerrar o exercício de harmonização.

Diante da roda bem composta, falei*: Eu penso que hoje é um dia especial para todos nós, porque todos nós estávamos ótimos em tudo que fizemos nesta roda. Minha gente querida, eu vi o esforço de todos nós, como a gente conseguiu fazer bem os exercícios hoje. Todos nós estamos melhorando e vamos saber pintar cada vez melhor*.

Em seguida perguntou a aluna J.: "*Profe, por que o grito tão forte? Por que, por quê? Diz aí, diz...".*

Respondi a pergunta dizendo que durante os exercícios sentia uma alegria muito grande, porque via que todos estavam muito compenetrados, alegres e se esforçando muito. Senti em meu coração algo forte e de muito amor, e que foi crescendo tanto que, sem querer, eu dei aquele grito de tanta alegria, mas que não foi para assustar, foi só para ajudar, apenas. Afirmei*: Quantas vezes nós fazemos coisas que não planejamos. Não é?*

Reforcei a explicação, afirmando que o grito saiu inesperadamente. Nas minhas palavras: *Gente... querida, ... eu fiquei tão alegre, pois tudo estava tão belo, nossa criatividade estava fluindo tanto, naquela roda criativa de movimentos dos nossos sentimentos, nossos pensamentos, nossos sonhos. Tudo isso eu fui vendo, vendo e então senti um desejo muito forte de ajudar a melhorar cada um de nós. Aí o grito saiu, e saiu tão forte que até eu mesma me assustei. Não há de ser nada, vamos em frente... Nossa criatividade é bela, é uma graça de Deus. Ela vai fazendo a gente mudar todo o dia. É uma riqueza natural que temos em nós e que nunca se esgota e serve para todos nós podermos criar, pintar, conhecer e aprender coisas novas para podermos transformar o nosso ser, nossa maneira de viver*.

Depois desse momento, o grupo fez silêncio, e então, convidei a todos para um grande abraço e agradecimento a Deus por aquela experiência, bem como pedi que a sabedoria de Deus nos desse boas idéias para a realização do trabalho de criação artística.

A continuidade do trabalho nessa tarde foi no silêncio e no mergulho da criatividade na arte. Os alunos quase não falavam, estavam em seus lugares pintando, compenetrados e encantados com as suas obras. Eu pouco falava como os alunos durante a criação de suas obras. Mas observava e também pintava a minha própria obra. Assim, passou-se aquela tarde que marcou profundamente a minha vida e a de R.

4 A caminhada na arte em busca de cura

Minha caminhada, como artista e professora, tomou um sentido cada vez

mais profundo e de esperança, após essa experiência. Confesso que, a partir daquela experiência marcante, quando vi a mão do aluno R. se abrindo diante de meus olhos e de todos aqueles que lá estavam, vivenciei um sentimento de esperança de cura, de libertação, de possibilidade de superação, que sentia em mim e no jovem R. Reconheci que estava vivendo uma experiência ímpar em minha vida. Senti que uma força me impulsionava a não desistir, pois vislumbrava e intuía que algo bom estava acontecendo, e isto me dava segurança para continuar o trabalho com R. e os outros alunos.

Várias vezes, sozinha em meu Atelier, pensando nas atividades para os encontros com os alunos, senti nascer do fundo de meu ser como que um movimento fervilhante, que se materializava no meio de meu peito, e me fazia sentir uma inquietação, como se fosse necessário gritar muito forte para dizer a mim e aos outros: *a arte e a terapia de energização estão ajudando o aluno R.*, *algo maior está acontecendo. Ele vai se curar e se livrar daquilo que o está travando. Eu creio nisto.*

Esse sentimento de auto-afirmação no caminho da cura pela arte levou-me a chamar o diretor da APAE, para socializar com ele o que estava se passando. Depois de expor a experiência ocorrida, disse que estava consciente de que precisava começar uma pesquisa sobre o desenvolvimento da melhora do jovem. Em minha opinião, já estava acontecendo um processo de cura, embora eu mesma, antes, não estivesse tão consciente do efeito que o trabalho terapêutico de energização e de criação da arte estava causando em meu aluno especial. Confirmei que sentia que R. estava melhorando, e que seria interessante acompanhar o desenvolvimento do processo de cura com filmagens semanais durante as aulas.

O diretor acatou a idéia e disse acreditar que possivelmente isto estava ocorrendo e que a APAE tinha todo o interesse em colaborar, pagando um filmador para documentar as aulas. Confirmou que, nos trabalhos dentro da APAE, o aluno vinha melhorando significativamente. Sentia que sua auto-estima estava melhor, pois se mostrava mais participativo e esperto em tudo.

Após esse momento, começaram semanalmente as filmagens, que se estenderam por cinco meses. A cada semana que se passava os exercícios de

energização iam sendo intensificados em complexidade e tempo de duração. Eu desenvolvia esse trabalho fazendo tudo com muita consciência. Durante os exercícios, ficava pensando assim: *agora vamos fazer este exercício e quero jogar uma energia de muito amor, de paz e harmonia. Eu desejo que eles sintam isto. Que este desejo de paz e harmonia vá para dentro de cada um e ajude a transformar aquilo que não está bom. R, aqui para ti, esta energia de bem. V., aqui para ti... . P., aqui para ti...".*

Após cada sessão de energização dos processos vital-cognitivos, eu fazia com os alunos uma reflexão sobre um tema, uma mensagem que os ajudasse a pensar sobre a vida e o seu sentido. Era um momento em que, certas vezes, os alunos pensavam profundamente. Em seguida se trabalhava na criação da arte pictórica. Assim, foram-se passando semanas e R. foi melhorando. Várias vezes, eu me sentava junto a ele, quando desenvolvia exercícios com suas mãos, com o objetivo de aguçar a sua sensibilidade tátil e a abertura de suas mãos. Sobretudo, buscava, naquele momento, a troca de afetividade, quando lhe perguntava sobre o que ele queria ser no futuro. Muitas idéias surgiam. Eu acolhia e sempre deixava um estímulo, dizendo que ele já estava ficando bom e que ainda iria dançar no baile e pintar para poder vender sua arte. R. ficava animado.

A cada semana que se passava, eu percebia que o corpo e especialmente as mãos dele estavam cada vez mais abertos e flexíveis. Ele já não babava mais, nem comia com a boca aberta, e procurava se comunicar com mais freqüência. Apresentava-se com uma postura corporal mais erguida e firme, apesar das deformações nas pernas e pés. Seu olhar era brilhante e o sorriso no seu rosto manifestava-se com mais freqüência. O meu sentimento, ao olhar para ele, era de que a vida começava a fazer um novo curso e processo dentro dele. A esperança que passava em meu coração era de um renascer do ser.

A transformação de R. estava contaminando positivamente todo o grupo e especialmente a mim mesma. As pessoas chegavam alegres e participavam das atividades com muita alegria. Várias vezes percebei a aula como uma festa da criatividade humana na arte e no viver amoroso entre todos e tudo. Inclusive perguntava para os alunos se era bom estar fazendo arte no Atelier. Eles respondiam que sim. A aluna V. cantava, enquanto fazia sua arte: *"Simmmm... fazer*

arte é muito bom, bom bom bom!"

Com o passar do tempo, o grupo foi ficando cada vez mais coeso, participativo e esperto nas atividades. A presença do filmador também era uma animação, pois ele dava estímulos para os alunos, elogiando os trabalhos.

Observando o aluno R. ao vivo e nas filmagens, eu me tornava cada vez mais confiante de que ele estivesse vivendo um processo de cura. O próprio diretor e o psicólogo da APAE, quando vinham fazer as visitas ao Atelier, diziam que ele já não era mais o mesmo. Estava melhorando significativamente, pois percebia-se que estava muito mais ativo e ágil.

Diante disso, pensei em elevar o nível de complexidade dos trabalhos de arte. Para tanto, preparei uma aula para os alunos desenvolverem coordenação motora fina e percepção visual sobre detalhes em cor e formas. Esse trabalho foi desenvolvido dentro da escola do pontilhismo.[31]

Cor, suas variações e combinações, precisão técnica na aplicação dos pontos da cor na imagem foram a tônica do trabalho. Os alunos, cada um com a sua criatividade, engajaram-se e se mostravam encantados com o trabalho dentro da técnica. Diziam, porém, que era muito trabalhoso e demorado. Alguns queriam desistir.

No entanto, para a surpresa de todos, R. empenhou-se em trabalhar a sua obra de 40x40 cm, em seus detalhes mais específicos e minúsculos. Ele se dedicou durante um mês e meio à criação dessa obra. E, ao terminá-la, R. mostrou objetivamente que estava superando problemas psíquico-físico-espirituais. Primeiro, porque sua coordenação motora manual começou a firmar-se. Ele demonstrou noções de limites para as formas da composição do desenho. Suas mãos, bem mais abertas, conseguiam flexibilizar seus dedos para pegar o lápis de cor com

---

[31] O pontilhismo foi uma escola de arte que surgiu no século XIX, tendo George Seurat, pintor francês, como seu grande criador. A criação artística da obra era entendida como a capacidade de percepção do artista sobre a divisão dos tons e sua relação com a luz, na combinação de diversas cores. Não se visava ministurar as cores para expressar um tom único e unido, mas, sim aplicar cores em vários pontinhos, que na sua contigüidade e continuidade provocam um efeito plástico de luminosidade, que a distância poderia causar um efeito ótico de nitidez de tons, dando forma ao objeto da percepção a ser representado. Cf. ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna.** Tradução de Denise Bottmann e Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 117-118.

segurança, aplicando a cor no detalhe preciso do desenho. Segundo, porque seus movimentos para pintar sobre o papel mostravam controle do espaço a ser pintado. A mistura de cores que ele utilizava expressava sua consciência para o movimento de luz e sombra, dominando os volumes e a perspectiva do desenho. Terceiro, porque o conjunto de todos os detalhes realizados para compor a obra expressava algo vivido internamente, que foi nascendo pouco a pouco, mostrando-se como um momento de criatividade do ser criador, que se reorganizava frente aos desafios da vida e se manifestava na arte através de imagens coloridas, com harmonia, beleza e equilíbrio.

A criação dessa obra foi para R. uma experiência de criatividade e de auto-afirmação do seu ser. Eu, que o acompanhei no processo de criação, confirmei isto quando lhe perguntei: *R. como você está se sentindo ao fazer este trabalho com tantos detalhes?*

R.: "*Bem,* (tempo para continuar a falar) *bem".* Continuei: *Esta obra de arte está muito linda e muito bem-feita. Eu vi o quanto você se esforçou. O que ela significa para você, R.?* Depois de um momento de silêncio, ele respondeu olhando para a obra: *"Muito!"* (fez-se silêncio) "*Muito!".*

Continuei a indagar se ele gostou de criar aquela obra de arte e se ele achou difícil fazê-la. Balançando os ombros e fazendo um bico com seus lábios, R. respondeu: *"Muito, muito!".* E para completar a resposta, olhou bem forte para mim e passou o dedo indicador em sua testa, como se fosse recolher o suor do seu esforço, que estava gotejando ainda em sua face.

Quando me lembro desse momento, confesso que ainda sinto fortemente os impactos daquela cena em meu ser. *Ao olhar aquele gesto expressado, meu coração... meu ser inteiro foi tocado pela grandiosidade da criação e obra de uma força criadora, que eu nem sei bem o que é mesmo. Mas a vivenciei nas profundezas da minha pessoa. É difícil traduzir tudo o que senti, só sei dizer que foi algo forte e muito verdadeiro, de confirmação de algo belo, criativo, espiritual, de muita vida.*

Sob o impacto da experiência, perguntei ao aluno o que ele queria dizer sobre a sua criação. Depois de um momento de silêncio, e de olhares em várias

direções, ele falou, balançando a mão para cima e para baixo: "*Oh... muuuito tra... balho".*

Confirmei que a técnica de pontilhismo exigia muito porque, ao criar, era necessário aprimorar os detalhes das imagens, e elogiei-o, enfatizando que havia conseguido um bom resultado. Afirmei que a obra era digna de ser exposta em um salão de arte, pela sua harmonia e beleza.

A aluna V., escutando o comentário, confirmou dizendo: *"É mesmo".* E a aluna P. completou: *"Ela ficou maravilhosa! Como é que ele conseguiu, né, profe. Puxa, Rica ... Riiiiiiica, você foi demais! Agora, só não fica orgulhoso. Ele tá inchando. Beijos".*

O jovem, sorrindo e balançando a cabeça, ficou olhando para a obra com carinho e admiração.

O processo de criação na arte durante as aulas foi se intensificando, e os alunos, especialmente R., apresentavam-se mais concentrados e perceptivos e, de certa forma, dominando a técnica de óleo sobre tela.

R., quando chegava à sala de aula, mostrava um semblante animado, comunicava-se, ria e dizia que gostava de escutar as músicas que eu colocava. Para mim, a música, no processo do ensino da arte, tinha como objetivo sensibilizar e desenvolver a percepção do aluno sobre si e para além de si mesmo. A música oportunizava a abertura da consciência para a fluência da imaginação criadora.

Nesse clima de criação na arte, eu perguntava para R. se ele estava feliz. Ele afirmava que sim. Os próprios alunos diziam que ele estava feliz, e brincavam que ele estava mudando porque estava amando a V. Ele balançava a cabeça rindo, dizendo que não.

Semanas após semanas foram se passando e o aluno R. vinha mostrando que estava se transformando. Ele me indagava, querendo saber sobre as músicas que eu colocava para animar o espaço de aulas. Um dia perguntou se eu poderia gravar um CD que tocava durante as aulas com músicas nativistas. Eu perguntei para que ele queria. Respondeu que queira escutá-lo quando estivesse pintando em

sua casa. Quando falou isto, expressou em sua face uma alegria ao informar-me que estava criando uma obra de arte para vender e que essa já tinha dono. Disse que estava animado porque sua família estava lhe dando apoio. Seu tio o levou para comprar pincéis e tintas.

Nessa conversa, o jovem R. disse que sua vida estava melhorando porque ele estava ganhando dinheiro com os tapetes que produzia na APAE, juntamente com um professor, que o estava incentivando muito para tornar-se um profissional, e que, nos finais de semana, estava pintando para comercializar seus quadros. Explicou que o referido professor, que o orientava na tecelagem de tapetes, elogiou o trabalho que eu vinha fazendo no campo da arte e disse para ele aproveitar bem.

Eu mostrei que senti alegria ao receber essa notícia. Essas colocações reconfirmaram para mim que ele estava amadurecendo e tomando consciência da sua capacidade de, por si mesmo, pela sua criatividade e trabalho, dar um sentido novo para a sua vida e superar os seus limites físico-psíquico-espirituais. Isto foi tão real que a aluna P. percebeu e falou: *"Profe, ele vai ficar rico. Tu vais ficar rico, trabalhando assim. Eta, rapaz foguete!".*

Eu elogiei a iniciativa e disse: *Isto é maravilhoso. Que bom que você está pintando em casa e que você tem um tio bacana que lhe ajuda, não é? Vá em frente. Com certeza, aqui você vai pintar cada vez melhor! Vá fundo, R., querido, você é especial. Você está ficando todo dia melhor. Até está mais bonito. E ... eu percebi como você está ágil e rápido para espatular o seu trabalho. Aliás, este trabalho que você está realizando agora está ficando super. O que você vai fazer com ele, vender, também?"*

R. disse que não. Que aquela obra ele iria guardar para si em seu quarto.

O trabalho nasceu inspirado em uma obra de minha autoria que ele admirava muito. Era uma obra que mostrava uma criação cósmica, como se fosse um grande coração, útero, que se movimentava circularmente mostrando o movimento criador do universo, que se expandia em energia vibrante, em cores azuis, amarelas, rosáceas, lilases e verdes. A partir dessa obra de arte, R. criou uma pintura artística abstrata, na técnica do espatulado, nas seguintes cores: azul, pink, amarelo, verde e vermelho. A obra suscitava uma imagem humana de braços

abertos, como se tivesse um grande coração sagrando.

Eu sentia o entusiasmo do jovem no processo da criação daquela obra de arte. Algumas vezes, ele me chamava e apontava para a sua obra de arte, olhando para mim, sem falar nada. Posicionado de frente para a sua obra, com a ponta da espátula indicando um ponto de intenso colorido, simplesmente dizia: *"Oh... Glori...nha, oh!"*

Seu corpo de pé, embora apresentasse dificuldades no seu alinhamento, mostrava-se firme na sua maneira de se posicionar. Seu olhar era expressivo, inquiridor, amoroso e curioso. Percebi o desafio, aproximei-me dele e perguntei: *R. o que você quer dizer com esta parte redonda, azul e vermelha em seu trabalho?*

Ele esticou os lábios para frente, balançou os ombros e a cabeça, como que dizendo: nada, nada, eu não sei, eu não sei. Coloquei a mão sobre o ombro dele e insisti: *Mas, R. o que significa para você este trabalho, esta parte que parece algo muito belo e grande?*

Fez-se um silêncio, e eu fiquei olhando para ele, e ele ficou olhando para a obra de arte, especialmente aquele ponto que havia apontado antes. Então, batendo no peito dele, eu disse: *Fale, R., diga o que está em seu coração. Vá... você sabe! Você é um sujeito muito especial, criativo. Seu trabalho está uma beleza, lindo! Diga para todos nós, diga... o que está em seu coração.*

Naquele momento, olhando para o seu trabalho, R. falou em voz baixa: *"aaa...mor".* Eu não entendi bem o que ele disse e perguntei novamente: *O que é mesmo, Ricardo? Diga de novo, e bem alto para todos escutarem. Diiiiiiiiiga!*

O jovem inclinou seu corpo para frente em direção à obra e expressou a palavra: *amor, amor.* Eu e os outros alunos que se faziam presentes escutamos e vibramos com sorrisos. Toquei com a mão o peito e as costas dele e em seguida passei a mão em sua cabeça, expressando a seguinte frase: R.*, é amor, que belo! Lindo! Grande, Caso R.! A sua obra está maravilhosa! R. como você esta pintando bem! É isso mesmo, um grande coração mostrando amor para todas as pessoas. Não é, R.?*

Várias semanas se passaram até que R. terminasse aquela obra e a levasse

para casa. Enquanto isso, os encontros nas aulas semanais iam acontecendo e eu percebia, tanto nos exercícios de harmonização quanto no desenvolvimento da criatividade na criação das obras de arte, que ele estava melhorando cada vez mais. Suas mãos eram ágeis e abertas, seus dedos mostravam domínio na coordenação motora fina. Ele estava mais solto, alegre, conversador, embora ainda apresentasse dificuldades para expressar as palavras com clareza. Sua pintura desenvolvia-se em abstratos que mostravam equilíbrio, força, rebeldia, caos, ordem. R, mostrava-se feliz e entusiasmado na criação. Tinha prazer em mostrar a sua obra. Dizia: "*Glorinha, ó...!"* Quando falava isto, levantava o polegar direito como querendo afirmar que a obra estava bela aos seus olhos.

Certo dia, ao chegar à sala de aula, R. apresentou-se sorridente, dirigindo-se a mim e logo mostrando a medalha dourada que havia conquistado, pela sua obra exposta em um Salão de Arte Nacional, dirigido pelas APAEs, e que recebeu o 1º Lugar. Sua alegria era radiante, diante de mim. Seu rosto era calmo e iluminado por uma satisfação que vinha das suas profundezas. Ele só mostrava a medalha, que estava pendurada em seu pescoço, segurando-a na mão para que eu pudesse apreciá-la.

Mostrei, pelo olhar expressivo e aberto, a minha admiração e alegria. Dizendo: *RRRRRRRRR.! Que lindo! Parabéns! Você merece!* Abracei-o carinhosamente e continuei: *Riiiiii...ca, você tirou o primeiro lugar. Que super! Mas qual foi a obra?*

Respondeu que tinha sido a obra em que ele mostrava um grande coração que significava amor. Então afirmei: *Viste, eu não disse que você ainda ia expor seu trabalho em Salão de Arte? Meu Deus, que coisa boa! R., você é um vencedor, um exemplo para todos nós.* Naquele momento, Ricardo, olhando para mim e para sua medalha, afirmou forte: *"É memo!"*

Depois desse acontecimento, R. foi, cada vez mais, ganhando autonomia na sua maneira de pensar, agir e criar as suas obras. Seu amor e gosto pelas aulas de arte pictórica eram notados pelo seu entusiasmo e persistência, dedicação e concentração no trabalho. Nas harmonizações mostrava-se com capacidade de desenvolver todos os exercícios de coordenação, bem como mantinha-se ativo e atento. Nas criações, sua criatividade se expandia significativamente. Seu gosto

pelas cores azul, verde, lilás e vermelho era marcante. Iniciava seu trabalho pintando com coragem de enfrentar uma tela branca sem ter um esboço anterior. Sua forma de pintar era arrojada. Quando perguntado sobre o que estava fazendo, dizia: *"Criando, botando pra fora".*

Uma pergunta que eu trazia à tona durante o desenvolvimento de trabalho do aluno R. era **o que a arte significava para ele.** Ele dizia: "*Muito. Muita coisa. Eu gosto... pintá. A arte, oh! ajuda. Oh! Glorinha ....alegria. Ummmm... tá bonito."* [sic]

Com este sentido na criação da arte, R. não faltava às suas aulas de arte. Certo dia, a APAE avisou-me que os alunos não viriam para a aula porque não havia transporte disponível. Como de praxe, mesmo naquela tarde, sabendo que os alunos não estariam, eu estava trabalhando com outros alunos que vieram recuperar aulas. No entanto, por volta das 14h 30 min., R. apareceu no Atelier, todo suado e com o rosto corado. Eu, assustada, perguntei-lhe: *R., você veio? Como assim? A APAE sabe?*

Ele, caminhando em direção ao seu lugar na sala, disse: *"Eu vim... pé. Quanannnn... eles disseram ... não tem Kombi. Ah... eu disse: vou a pé. E vim".* Escutando isso, fiquei encantada e indaguei: *R. você veio a pé, com a sua mochila, desde a APAE? Sozinho? Você atravessou a cidade, as sinaleiras, sozinho? O jovem* contou que saiu da APAE sozinho e caminhou atravessando todas as ruas e sinaleiras até chegar ao Atelier. Quando ele contava, seus olhos brilhavam de alegria.

Eu estava assombrada diante do fenômeno. Confesso que, naquele momento, estava cada vez mais consciente da cura dele. Ele se mostrava um ser humano que estava tomando suas próprias decisões. E, com autonomia, locomovia-se mesmo com dificuldades físicas. Percebi que ele sabia manejar o dinheiro, também. Ao perguntar-lhe se tinha dinheiro para pagar o ônibus, ele, imediatamente, tirou de seu bolso um dinheiro e disse que sim. Essa experiência foi marcante, no sentido de confirmar um processo de auto-superação de um ser humano, que desde três anos de idade vivia na dependência de outros, pelas suas dificuldades físico-psíquico-espirituais.

A continuidade do processo de cura de R. foi surpreendente. Segundo o

diretor da APAE, nas relações educacionais ele foi se mostrando auto-suficiente e impondo-se nas suas idéias e decisões. Para sustentar esta percepção, registra-se literalmente um parecer desse diretor: "*O aluno R. Tomás, matriculado regularmente no Instituto de Educação Santa Inês, desde o ano de 1998, vem freqüentando o Atelier da Professora e Artista Plástica Maria Glória Dittrich. Com este trabalho observou-se que o mesmo apresentou uma melhora substancial na área motora, principalmente no que diz respeito à coordenação motora fina. Outro grande benefício observado foi em relação a sua auto-estima, na medida em que as citadas evoluções trouxeram como conseqüência um maior rendimento nas atividades relacionadas ao seu trabalho de formação profissional".*[32]

A continuidade dos trabalhos no ensino da arte foi a confirmação da cura de R. Pois o desenvolvimento da prática e da pesquisa que eu realizei levou-me a fazer palestras em dois congressos científicos na área da saúde e da educação, em que o jovem R. também participou, ajudando em duas oficinas de arte para médicos, psicólogos, odontólogos e professores.

Hoje, R., cidadão brusquense, está incluído no campo profissional através de um concurso público na Prefeitura Municipal de Brusque, tornando-se servidor público no trabalho ambiental, atuando no horto florestal desse município.

Desde 2002, quando eu iniciei meus estudos no doutorado em Teologia, na Escola Superior de Teologia (EST), em São Leopoldo, Estado do Rio Grande do Sul, suspendi minhas atividades de ensino da arte no meu Atelier. Desde então não tive mais contato com o jovem R.

---

[32] Parecer anexo.

QUADRO III: A METODOLOGIA

1 A hermenêutica: o processo de compreensão do Caso R.

Esta pesquisa teórico-prática, de ordem qualitativa, encontra metodologicamente subsídios para a compreensão da vivência descrita acima, na hermenêutica fenomenológica. Aqui, *hermenêutica* quer dizer: uma postura, uma maneira de entender e expressar a percepção sobre os acontecimentos que ocorreram entre os sujeitos envolvidos nas vivências, compartilhadamente, no amor[33] e na solidariedade. As raízes hermenêuticas da compreensão humana nascem do corpo-criante[34], ser humano em busca de respostas para os seus questionamentos.

O nascedouro de uma hermenêutica é o ser humano, corpo-criante, que vive os processos dos fatos, dos acontecimentos de sua existência. Ele é o fulcro para a

---

[33] O amor é uma força criativa, vital, que faz a emoção articular-se à razão, dinamizando os processos de vida e de conhecimento no ser humano desde as relações consigo mesmo, com o outro e com o mundo circundante. O biólogo Humberto Maturana defende que o amor é o fundamento biológico para os processos do conhecimento nas relações sociais. Ele dinamiza a emoção que fundamenta o desenvolvimento do ser humano individual e social, especialmente de sua maneira de viver a linguagem, a cultura. Diz Maturana: "Descartar o amor como fundamento biológico do social, assim como as implicações éticas do amor, seria negar tudo o que nossa história de seres vivos, de mais de três bilhões e meio de anos de idade, nos legou. Não prestar atenção no fato de que todo conhecer é fazer, não ver *a identidade entre ação e conhecimento*, não ver que todo ato humano, ao construir o mundo pelo linguajar, tem um caráter ético porque se dá no domínio social, equivale a não se permitir ver que as maçãs despencam ao chão". MATURANA; VARELA, 1995, p. 264.

[34] Por **corpo-criante** se quer entender "um todo vivo, dinâmico, inter-relacionado nas suas partes com capacidade de se autocriar, que implica a sua autonomia de se fazer constantemente, causando mudanças contínuas em si e fora de si, para a preservação da própria vida. Explicitando: o homem, um corpo que cria, é um todo vivo. Ele é orgânico, pois tem em si uma auto-organização vital inteligente, sustentada por um princípio fundante – a energia criadora, que detém a vida que se impregna desde as suas micropartículas elementares, atravessando os seus átomos, suas moléculas, suas células, seus ossos seus músculos, até a sua macroconstituição corporal total". DITTRICH, Maria Glória. **Natureza e criatividade**: o ensino da arte pictórica. Itajaí: Univali, 2001. p. 81. Sobre esta categoria se aprofundará mais adiante.

percepção e a compreensão de algo que acontece lá fora, no seu meio ambiente, na relação com o outro. O ser humano (no caso da ciência, o pesquisador) é o *locus* onde a vida acontece e se expressa em pensamento sistematizado – o conhecimento.

O corpo-criante é a condição *sine qua non* para o surgimento do fenômeno[35] da criatividade, como processo de vida e de conhecimento indissociável e que expressa uma compreensão sobre algo, sobre alguma coisa. Diz Maturana que "tudo que é dito, é dito por alguém", pois o conhecer e o fazer estão articulados numa maneira de ser do ser humano. E continua: "O fato de o conhecer ser a ação daquele que conhece está enraizado no modo mesmo de seu ser vivo, em sua organização".[36]

O ser humano que compreende é um corpo-criante complexo, no qual emoção e pensamento são manifestações da mesma estrutura e organização que constituem o fenômeno do conhecimento a ser criado e dito. Nesse processo, a emoção surge como força inteligente, criante, que se faz em intuição-imaginação-reflexão-pensamento, expressando-se em linguagem descritivo-argumentativo-explicativa. Tudo isso vai acontecendo concomitantemente no corpo-criante do ser humano, no caso aqui a pesquisadora.

> O ato da compreensão humana está profundamente associado às raízes mais profundas da vida, que biologicamente falando, se dinamizam em toda a estrutura molecular e celular do ser humano que tem em si o fenômeno da cognição como possibilidade para criar, aprender e conhecer na inter-relação com o meio circundante.[37]

---

[35] O **fenômeno** é aquilo que se apresenta à consciência da pesquisadora, e se mostra numa confluência de relações, de padrões de ações que se constituem dentro de uma rede complexa de componentes biofisiológicos e psicoespirituais contextualizados no tempo e no espaço no corpo-criante. Bachelard dizia que "o fenômeno é um tecido de relações". Com feito, este tecido ocorre através de múltiplas relações que acontecem dentro de uma complexidade de acréscimos, tensões, confrontos, quebras, rupturas e contradições de um determinado fato, coisa, acontecimento. Embora à primeira vista o fenômeno possa se manifestar como algo acabado, a sua aparência oculta a dinamicidade permanente que o compõe. O fenômeno na sua complexidade vai se explicitando desde o corpo-criante do observador, que se constitui na dinâmica da criatividade, que é base para a percepção e sua sistematização pela razão profunda e objetiva. Com efeito, "a complexidade do fenômeno só pode ser compreendida por uma razão aberta que sabe que o real ultrapassa o racional". DESAULNIERS, Julieta Beatriz Ramos. **Fenômeno:** uma teia complexa de relações. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 71-72.

[36] MATURANA; VARELA, 1995, p. 76.

[37] DITTRICH, Maria Glória. O corpo-criante: a chave para uma hermenêutica da obra de arte. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás, v. 14, n. 5, 2004. p. 971.

Diante disso, a compreensão do caso R. constitui-se desde as vivências encarnadas no corpo-criante da pesquisadora, partícipe do caso e autora desta pesquisa. As vivências desse caso foram um processo de efetivos atos de poder ser, de coragem para seguir adiante. Esses atos foram se atualizando no corpo-criante da pesquisadora na sua caminhada existencial. Eles evocaram a tomada de consciência da pesquisadora para o sentido do próprio existir. Logo, a compreensão deste caso é uma oportunidade ímpar de vivência profunda pessoal e social. Ele é o retrato de uma experiência única, que diz respeito, exclusivamente, às subjetividades envolvidas, e que trouxe um resultado ímpar a ser compreendido nesta pesquisa.

Com efeito, a compreensão do caso R. é significativa, pois ajuda a conhecer mais sobre o ser humano na vivência de abertura para o entendimento de que o conhecimento e a ação se constroem, interligadamente, na existência entre um eu e um outro, desde as suas subjetividades. São as falas dos sujeitos da pesquisa (vivências)[38] e os referenciais teóricos que darão sustentação à reflexão e à efetiva construção textual desta hermenêutica que nasce desde o corpo-criante da pesquisadora, o *locus* da compreensão do fenômeno, o Caso R. Com efeito, "a complexidade do fenômeno só pode ser compreendida na razão aberta que sabe que o real ultrapassa o racional […] oferecendo uma maneira de elaborar idéias que não são dadas como definitivas, podendo ser reformuladas […]."[39]

A reflexão é um processo subjetivo-objetivo de permanente construção do conhecimento desde a razão profunda dinamizada pela emoção, quando se chega aos porquês dos questionamentos levantados sobre algo – aqui o Caso R. Nesse processo hermenêutico sujeito e objeto se entrelaçam necessariamente. Reforçando esse argumento, escreve Fragata:

> Só posso conhecer na medida em que eu mesmo, sujeito cognoscente, vivo o meu objeto. Vivê-lo é explicitá-lo em mim ou constituí-lo com a riqueza implicada na própria realidade que se

[38] Ao cientista demanda reflexão autêntica. "Negar a verdade da nossa própria experiência no estudo científico de nós próprios é mais do que insatisfatório; é fazer com que o estudo científico de nós próprios deixe de ter objeto de estudo. Mas supor que a ciência não possa contribuir para uma compreensão da nossa experiência pode significar o abandono, [...] da tarefa de autocompreensão. A experiência e a compreensão científica poderão ser comparadas a duas pernas sem as quais não podemos andar." VARELA, J. Francisco; THOMSON, Evan; ROSCH; Eleonor. **Mente corpórea,** ciência cognitiva e experiência humana. Lisboa: Instituto Piaget, 2001. p. 37.

[39] DESAULNIERS, 2000, p. 81.

> conhece. Portanto, se esta realidade se manifesta com evidência como atualidade existente, a riqueza interna do objeto vivido na consciência tem que implicar a vivência da sua existência atual.[40]

A idéia de Fragata expressa muito bem o quanto o Caso R. foi uma vivência de profundidade emocional-racional, sustentada pelo amor como força criativa, não como dever, como algo especial ou algo pragmático de ganho ou posse, mas como um impulso vital-cognitivo-espiritual de plena criatividade.[41] O ser humano, no seu corpo-criante, é constante vivência hermenêutica para significar e aprender com as suas vivências. Ele vive percebendo e interpretando o seu entorno.

Os significados são percepções vivas registradas pela dinâmica dos processos vital-cognitivos do corpo-criante, ser humano, que constitui sua consciência como criadora de imagens simbólicas, significadas e resignificadas desde o mundo das suas vivências circundantes.

A compreensão do Caso R. remete à compreensão da seguinte idéia: não há criação de significações sem intenção de conhecimento e não há conhecimento sem a vivência de um corpo-criante na relação com o fenômeno a ser percebido. Logo, a hermenêutica do Caso R. vai se desenvolvendo entre a intencionalidade, a percepção e a compreensão da pesquisadora e os registros das falas dos sujeitos contidos na descrição acima.

A intencionalidade é a largada inicial, a escolha diretiva, do olhar da consciência do corpo-criante. Ela, segundo Husserl, é a condição e ao mesmo tempo a expressão de uma "característica essencial da esfera das experiências vividas; portanto, todas as experiências têm de uma forma ou de outra, intencionalidade".[42]

Para haver o ato de significação tem que haver o impulso dos processos vital-cognitivos, que são inicialmente impulsionados pela emoção e aparecem como

---

[40] FRAGATA, 1965, p. 82.

[41] O amor é a emoção, entendida como fluxo vital, disposição corporal, psicológica e espiritual que constitui o ser humano nos seus processos vital-cognitivos de sua operacionalização nas suas ações existenciais com outros seres humanos ou não (tradução própria). Cf. MATURANA Humberto R.; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. **Amor y juego,** fundamentos olvidados de lo humano, desde el patriarcado a la democracia. Santiago-Chile: JC Sáez Editor, 2003. p. 125-126.

[42] ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução Alfredo Bosi. São Paulo: Editor Mestre Jou, 1962. p. 548.

intencionalidade amorosa – o encantamento e o fascínio que o ser humano vive ao se lançar na direção de algo que não sabe bem ainda o quê é, por que é e para que é. No processo da intencionalidade ainda não se explicita a significação de uma percepção efetiva sobre algo. Esse estado é abertura da consciência do corpo-criante da pesquisadora para fora de si mesma, na busca de fazer acontecer **as percepções** sobre aspectos do fenômeno.

A **percepção**[43] é perpassada pelo movimento da intencionalidade sobre o caso como vivência encarnada. Para perceber, segundo Ponty, é preciso um sair de si. Sair de si significa um projetar-se intencional na direção do fenômeno a ser percebido. Com efeito, esse exercício é dinâmico por estar constituído pela dinâmica dos processos vital-cognitivos da auto-organização do corpo-criante, ou seja, o processo da sua aprendizagem no mundo, que é percepção para compreensão – o significado do processo de construção do conhecimento sobre as percepções vividas.[44]

A percepção surge no impulso de uma intencionalidade subjetiva, forjada na dinâmica dos processos vital-cognitivos do corpo-criante, que é poder ser, movimento para captar e significar, a partir de si, o que o caso expressa. A percepção não é um contemplar desinteressado, isento, objetivo, mas é ato de uma consciência imersa no aqui e agora, que toma conhecimento em ações motivadas por interesses vitais e cognitivos. A percepção é uma função psicológica de dimensão profundamente espiritual, "é recurso essencial, que consiste num amplo movimento das coisas até o espírito, mas também do espírito até as coisas, e por isso os conteúdos percebidos têm sempre um ingrediente subjetivo […]."[45]

A percepção humana é movimento autocriativo; caos e ordem dialogam numa relação entre dois mundos interdependentes e constitutivos do corpo-criante: o da interioridade (os processos vital-cognitivos do ser conhecedor, a consciência

---

[43] Husserl "distinguia a percepção dos outros atos intencionais da consciência com base no fato de que ela permite 'captar' o objeto". ABBAGNANO, 1962, p. 724.

[44] Afinal, "o mundo vem dado ao espectador pela percepção natural, e porque, assim, o objeto intencional se oferece ao significador ao mesmo tempo em que o gesto. [...] Não compreendo os gestos do outro por um ato de interpretação intelectual, a comunicação das consciências não se funda no sentido de suas experiências, por mais que ela o fundamente igualmente bem: tem-se que reconhecer como irredutível o movimento que por ele me percebo no espetáculo, me uno a ele em uma espécie de reconhecimento cego que precede a definição e a elaboração intelectual do sentido. MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signos.** São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 202.

[45] DESAULNIERS, 2000, p. 115.

que percebe) e o da exterioridade (o mundo natural e cultural onde a vida também se mostra na sua complexidade e onde se faz a presença do objeto a ser percebido)[46]. Nessa interação ocorrem os registros da percepção sobre o caso. Eles se efetivam pelo intuir, imaginar, pensar para registrar idéias que expressem o significado da vivência nascida das entranhas do corpo-criante na sua subjetividade.

A compreensão dos registros da percepção ocorridos na vivência do Caso R. é uma hermenêutica viva do corpo-criante. Ao dar significado ao caso, a pesquisadora se vê nele, reflete-se nele, e emite um significado ampliando a sua visão de ser-no-mundo. Parafrasendo Desaulniers, toda compreensão se dá dentro de um horizonte que inclui passado, presente e futuro. Compreensão (*Verstehen*) significa abrir-se para o sentido de algo que não é a simples presença do *Dasein,* mas o modo em que é aquele que pode ser com suas possibilidades de fazer projetos que constituam a captação ontológico-existencial do âmbito do poder-ser.[47]

Esse conceito traz a mensagem de que o corpo-criante do ser humano, o intérprete, é um ser *no* e *do* mundo e carrega consigo os registros de sua história. A sua referência de vida se dá na tomada de sua consciência diante da sua própria condição de ser humano, como uma consciência perceptiva que se compreende como um projeto criativo para infinitas possibilidades de ser, de fazer e de viver no mundo. A compreensão sobre o Caso R. é sentido de vida para a pesquisadora. Ao compreendê-lo, ela se significa; logo, dá sentido ao seu ser e fazer diante dos desafios emergentes da própria complexidade das vivências ocorridas.

A argumentação acima aponta que intencionalidade, percepção e compreensão se interdependem. Elas são estados dos mesmos processos vital-cognitivos para a construção do conhecimento que implica descrição[48] da vivência apresentada. Logo, a hermenêutica se objetiva desde estes processos interno-externos. Esses processos acontecem dinamizados pela emoção e razão reflexiva,

---

[46] O fenômeno dos processos vital-cognitivos remete para a criatividade do corpo-criante como o acontecimento do ato do conhecer, que do ponto de vista biológico, se constitui numa rede psicossomática marcada, quanticamente falando, por situações de caos e ordem frente às interferências do meio. Para ampliar este assunto recomenda-se ler DITTRICH, 2001.

[47] TESCHE, Adayir. **Interpretação, rupturas e continuidades.** São Leopoldo: Unisinos, 2000. p. 189.

[48] Segundo DESAULNIERS, 2000, p. 82: Explicar significa o ato da razão que tece relações indutiva e dedutivamente "para fazer emergir as causas próximas e remotas, que constituem o fenômeno [...]".

criativa, se entrelaçando, entre a prática vivenciada no caso e os referenciais que vêm de subsídios teóricos a partir da Filosofia, da Biologia, da Psicologia, da Teologia e da Arte. Nesse processo entre teoria e prática, por se configurar uma pesquisa teórico-prática, hermeneuticamente se usam as seguintes categorias, que são os pontos de referência para a articulação da reflexão: **amor criante, criatividade, obra de arte, revelação, fé, cura, corpo-criante, fundamento último**. Diante, disso, a pesquisa alcança um caráter interdisciplinar.

Na visão de Maturana, conhecer implica ação daquele que faz, e isto, biologicamente, encontra suas raízes no amor vital, como emoção que dinamiza os processos de reflexão da razão para o conhecimento. Assim, a coerência lógica de uma explicação depende da razão profunda; porém seu conteúdo, assim como o domínio racional no qual ocorre, depende do emocionar do observador expressado em seu ouvir e em sua preferência por um ou outro critério de validação para a sua explicação.[49] A "[...] emoção fundamental é o amor como domínio das ações que constituem ao outro como um legítimo outro na convivência [...]".[50]

A visão de Maturana esclarece que, para a explicitação do Caso R., é preciso mostrar em forma de linguagem coerente, clara e lógica, os significados dos processos de vida e de conhecimento que foram registrando-se indissociavelmente desde as percepções ocorridas sobre as vivências realizadas no domínio de ações com os sujeitos da pesquisa e os subsídios teóricos.

Não se pretende dentro desta metodologia chegar a uma construção teórica fechada, que traga conclusões. O objetivo é privilegiar a criação de novos conhecimentos, que possibilitem novos questionamentos e descobertas de soluções para a questão da criatividade na vivência da criação na arte como revelação do amor criante de Deus.

---

[49] "Así, la coherencia lógica de una explicación depende de la razón; pero su contenido, así como el dominio racional en el cual él ocurre, dependen del emocionar del observador expresado en su escuchar y en su preferencia por uno u otro criterio de validación para su explicación" (tradução própria). MATURANA, Humberto R. **La objetividad,** un argumento para obligar. Santiago: JC Sáez, 2005. p.116.

[50] "[…], la emoción fundamental es el amor como dominio de las acciones que constituyen al otro como un legítimo otro en la convivencia" (tradução própria). MATURANA, Humberto R. **Emociones y lenguaje en educación y política.** Santiago-Chile: JC Sáez Editor, 1997. p. 252.

Erro! Não é possível representar o número no formato especificado.

II PARTE

A COMPREENSÃO

QUADRO I: O FUNDAMENTO DA CRIATIVIDADE DO CORPO-CRIANTE: O AMOR CRIANTE

1 A criatividade e o corpo-criante: o amor vital e a auto-organização

O tema criatividade foi discutido pela filosofia e pela ciência sob a luz de várias abordagens. Nesta pesquisa, não é o objetivo discutir as diferentes abordagens sobre o que é a criatividade. O que se quer é construir um aporte teórico que mostre que a criatividade é intrínseca ao corpo-criante humano, que tem um fundamento último – o amor criante. Para isto, inicialmente, se apresentará a base da criatividade do corpo-criante que implica no amor vital na sua auto-organização.

Do ponto de vista da biologia de Humberto Maturana, a criatividade é intrínseca à estrutura e à organização do ser vivo. Essa estrutura e organização compõem o corpo do ser vivo, como unidade complexa que detém a vida, por isso tem a criatividade. É impossível pensar a criatividade humana fora do corpo como um todo vivo, sensível, inteligente, que tem em si uma auto-organização que é criante. "[...] o humano em toda a sua extensão só acontece *no, com, pelo,* e *desde* o corpo".[51] O ser humano é um corpo-criante.

Primeiramente, para entender a complexidade da criatividade, apresenta-se o ser humano como um corpo-criante. Por corpo-criante, entende-se um todo vivo, criativo, que tem uma estrutura e organização capaz de se auto-organizar nas relações com o meio. Ele é complexo e dinâmico, por isso mantém as suas partes inter-relacionadas, gerando um todo com capacidade de se autocriar. O corpo, por

---

[51] REYES, Pedro Alonso Puentes. **O corpo como parâmetro antropológico na bioética**. Escola Superior de Teologia. 2005. 189 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia - IEPG, 2005. p. 132.

ser criante, tem autonomia de se fazer constantemente, causando mudanças contínuas em si e fora de si, para a preservação da própria vida.[52] Maturana defende que o ser humano, por ser um ser vivo, tem uma característica fundamental que o define: a *autopoiese.*[53] A *autopoiese* é uma maneira própria de ser do humano, para exercer a sua capacidade de auto-organizar-se como um corpo-criante, sistema complexo, multimolecular, multicelular.[54]

A complexidade desse sistema é dinamizada em todos os seus componentes, gerando uma rede de processos vital-cognitivos impulsionados pela energia da vida que, segundo Maturana, é o amor vital. Este potencializa e atualiza a criatividade humana para a procriação, por exemplo. Ele é fundamento biológico para que surja o ser humano como uma maneira de ser diante do outro. O amor é o que torna possível a criatividade numa relação educativa, autêntica, na qual se reconhece o outro como um legítimo outro, capaz de se superar nas suas limitações.

O amor é força vital para agir e conhecer nas relações pessoais e sociais. É ele que dinamiza a alegria no conviver e no aprender na relação eu – outro. Essa é uma maneira de ser do humano, pois mostra que os processos vital-cognitivos, ocorridos desde sua estrutura e organização biológica do seu corpo-criante, vêm sustentados pelo amor. É o amor vital[55] que faz o ser humano ir além de si mesmo, abrir-se para o outro, sentir o outro e reconhecê-lo como um corpo-criante que ama, por isso tem desejos, tem sonhos, tem imaginações criativas legítimas que caracterizam a sua maneira de ser e de fazer.

Maturana, na sua obra *Transformacion en la convivência*, mostra que o

---

[52] Cf. DITTRICH, 2001, p. 81. O aprofundamento do conceito de corpo-criante nas suas dimensões somática, psíquica e espiritual será abordado no avanço das reflexões no texto.

[53] Autopoiese é um conceito criado por Maturana para explicar primeiramente a organização do ser vivo, mas não só. Do grego: *Auto* quer dizer próprio, de si mesmo, e *poiesis* indica fazer, produzir. Diz o biólogo que o que "nos define como seres vivos é que somos sistemas autopoiéticos moleculares, e que entre tantos sistemas moleculares diferentes, somos sistemas autopoiéticos. [...] Portanto, ser vivo e sistema autopoiético molecular são o mesmo". MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **De máquinas a seres vivos.** Autopiese – a organização do vivo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p.18.

[54] O corpo-criante é um conjunto de células, de moléculas que carregam a vida e fazem a vida acontecer inteligentemente. Ele é formado de cerca de bilhões de partículas de energia que irão formar as células e "cada célula do corpo contém cerca de vinte bilhões de átomos [...]". LONDECHAMP, Guy. **Saúde holística:** medicina alternativa e ciências espirituais. Tradução de Babacar Ba et al. São Paulo: Madras Editora, [s.d.]. p. 63.

[55] Quando se fala de amor vital, a referência é o amor como força que move a vida. Ele é o fundamento biológico do ser humano.

amor, biologicamente falando, não deve ser entendido como uma virtude ou como alguma coisa boa, ou uma regra de bem dentro de uma abordagem filosófica, religiosa, moral etc. O amor vital é base biológica para o surgimento da existência humana.

O ser humano se ergueu biologicamente desde um tipo especial de primatas, que se desenvolveu centrado no aparecimento de conversações coordenadas pela dinâmica do amor vital que promove a expansão da inteligência. Defende Maturana:

> O amor é a base de nossa existência como humanos e é a emocionalidade básica em nossa identidade sistêmica como seres humanos. […], seguiremos sendo humanos do tipo *Homo sapiens amans* enquanto que o amor permaneça como emoção central na conversação sistêmica de nossa particular identidade humana como tal [...].[56]

Essa visão sobre o amor, como energia vital-psíquica que constitui a emoção no corpo-criante, implica uma maneira de ser entre um eu e um outro, biossocialmente pensando. Essa maneira é constitutiva do respeito e da aceitação mútua entre eu - outro, outro - eu. Para Maturana, as emoções são disposições corporais que especificam a intencionalidade das ações de um eu na relação com um outro. Se não há respeito, não há aceitação; e se não há aceitação, não ocorre a confirmação do ser humano como um ser de criatividade, capaz de fazer e aprender com o seu próprio fazer na relação com o outro. O que vai ocorrer é a negação de um em relação ao outro. Logo, se não há abertura para o acolhimento, o cuidado do outro junto ao eu, não acontece o legítimo fenômeno social, um espaço de ações educativas e criativas atravessadas pela emoção como um fenômeno biopsicológico - o amor como energia vital que perpassa toda a complexidade do corpo-criante do ser humano.

Estudos no campo da cardioenergética (neurociência) mostraram que o amor é uma energia vital, emocional, que constitui as células do coração humano e tem poder de cura. Servan-Schreiber fala sobre a cura do stress, da ansiedade e da

---

[56] "El amor es la base de nuestra existencia como humanos y es la emocionalidad básica en nuestra identidad sistémica como seres humanos. […], seguiremos siendo humanos del tipo Homo sapiens amans sólo en tanto que el amor permanezca como emoción central en la conversación sistémica de nuestra particular identidad humana como tal, […]" (tradução própria). MATURANA, Humberto R. **Transformación en la convivencia.** Santiago de Chile: Dolmen Ediciones, 2002a. p. 227.

depressão, a partir das memórias das células. Ele apresenta a idéia de que o cérebro emocional é base para a determinação do equilíbrio da saúde humana e este está sustentado pelo o amor como energia vital. O amor é uma necessidade biológica fundamental para a sobrevivência humana e preservação da saúde. Exemplificando essa idéia, diz Servan-Schreiber:

> O cérebro emocional é, [...], feito para enviar e receber mensagens no canal do afeto, a expressão exterior de nossas emoções. Tal comunicação desempenha papel-chave na sobrevivência do organismo [...]. [...] o contato emocional é uma *necessidade biológica* real [...].[57]

O corpo-criante é emocional na sua biologia natural. Ele tem o amor vital como fundamento que dá sustentação para que a sua criatividade aconteça como auto-organização das ações para ser e conhecer, como humano que é. Com efeito, a história da existência dos seres humanos, no desenvolvimento de suas humanidades, na visão de Maturana,

> [...] segue o curso dos desejos, do tipo de vida que queremos viver, porque são nossos desejos os que determinarão o que é um recurso e o que não é, o que é necessidade e o que não é.
> [...]. Não é certo que nós, os seres humanos, sejamos seres racionais por excelência; somos, como mamíferos, seres emocionais, que usamos a razão para justificar ou ocultar as emoções nas quais se dão nossas ações.[58]

Esse entendimento aponta para a complexidade do ser humano nos seus processos de interação consigo mesmo, com o outro e com o mundo circundante. Aponta para uma chamada de atenção às tendências filosófico-epistemológicas que absolutizam o poder da razão em detrimento da sensibilidade emocional.

No mundo moderno, o endeusamento da razão desprestigiou a emoção. Aqui não se trata de defender que a razão é mais, ou menos importante que a emoção nos processos de criação e de conhecimento. O fato é que o ser humano vive o emocionar e o raciocinar nas suas investidas no cotidiano e isso se dá numa

---

[57] SERVAN-SCHREIBER, David. **Curar – stress,** a ansiedade e a depressão sem medicamentos e psicanálise. São Paulo: Sá Editora, 2004. p. 181.

[58] "[…] sigue el curso de los deseos, del tipo de vida que queremos vivir, porque son nuestros deseos los terminarán qué es un recurso y qué es un recurso y qué non es, qué es la necesidad y qué non lo es." […]. No es cierto que los seres humanos somos seres relacionales que usamos la razón para justificar u ocultar las emociones en las cuales se dan nuestras acciones" (tradução própria). MATURANA, 2005, p. 248.

complexidade que é a auto-organização de seu corpo-criante – a criatividade, que se abordará mais adiante.

Quando a consciência do ser humano irrompe e se mostra em coordenadas de ações, pautadas pela vontade de ajuda ao outro, o amor vital flui e o eleva no sentido de pedir explicação à sua razão de ser no mundo. Essa necessidade é latente na maneira de ser do ser humano. O que ele quer mesmo é entender o seu fundamento último, aquele, aquilo que sustenta a sua criatividade no seu querer, no seu fazer e no seu conhecer. Essa é uma preocupação latente no ser humano, pois remete à questão do mistério da vida como permanente processo criativo gratuito. Afinal, qual é o fundamento da criatividade do ser humano que o desperta para saber sobre esta questão de profundeza vital-espiritual, e que evoca sentido para a vida?

Maturana diz que o sentido do viver está em continuar a viver, que implica fazer e conhecer. Será isso pertinente? Com efeito, viver o amor como vital, que possibilita poder ser para si, logo para o outro também, é fundamental para encontrar o sentido do viver. O viver perpassado pela força do amor como *élan* vital é marcado pelo respeito e o cuidado para com o outro como alguém legítimo que completa o eu, logo, aponta caminhos à descoberta de sentido de vida e isto implica criatividade. A vivência deste processo implica manter-se vivo, descobrindo pela criação novas formas de conhecer que levam às novas aberturas de sentido de vida. Na criação, o corpo-criante se confirma como realização de ser no mundo. Com efeito, o criar remete ao "[...] ser e o fazer de uma unidade autopoiética"[59], os quais são inseparáveis e esse constitui seu modo específico de organização.

Vale reforçar que esta correlação do ser e do fazer é dinamizada pela força do amor vital, fundamento vital-cognitivo que faz vibrar todo o corpo-criante na sua estrutura e organização, quando das suas relações consigo mesmo, com o outro e com o mundo em seu entorno. O corpo-criante biologicamente falando, tem uma estrutura e uma organização.

A **estrutura** é constituída por componentes biológicos que formam as moléculas, as células, os órgãos, os ossos, os membros do corpo-criante inteiro. Ela

---

[59] MATURANA; VARELA, 1995, p. 89.

forma a base para um sistema de interconexões e relações entre os seus próprios componentes. Maturana entende a estrutura do ser vivo como o modo específico da composição de sua feitura. Ou seja, é a conjuntura de todos os elementos que a compõem, interconectadamente, de forma organizada. O que garante a vida é a manutenção da *autopoiese* da estrutura; ou seja, a permanente auto-organização de todos os seus componentes entre si no sentido de se autoproduzirem, gerando novas formas estruturais. "Na verdade, em sistemas dinâmicos, como os sistemas vivos, a estrutura está variando continuadamente".[60] Ao mover-se o ser humano muda a sua estrutura. Logo, ela é tanto seus componentes quanto as relações entre eles. Nessa base estrutural tudo é dinâmico, pois ela é o *locus* da criatividade.

A **organização** diz respeito à dinâmica de determinação das configurações das relações entre os componentes que constituem a estrutura específica do corpo-criante. A organização está intrínseca na estrutura. Sem estutura não há organização e sem organização a estrutura se desintegra. Logo, o corpo-criante é um todo vivo, complexo, constituído, biologicamente falando, pela indissociação de uma estrutura e de uma organização, que lhe dão a força para viver com capacidade de se produzir a si mesmo continuadamente, nas relações com o meio. Em outras palavras: "[...] os seres vivos são redes de produções moleculares nas quais as moléculas produzidas geram com suas interações a mesma rede que as produz".[61]

Essa maneira de se auto-organizar é característica biológica fundamental do corpo-criante do ser humano. A permanência dessa forma de viver garante a geração dos seus processos vital-cognitivos[62] que se dinamizam frente às interações com o meio. Se o corpo-criante perde essa forma autocriativa de ser e de fazer-se, a sua estrutura se desintegra e ocorre a morte. Por outro lado, a permanência da organização da estrutura garante a possibilidade de abertura do corpo-criante para

---

[60] MATURANA, Humberto R. **Ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p. 59.

[61] "[...] los seres vivos son redes de producciones moleculares en las que las moléculas producidas generan con sus interacciones la misma red que las produce" (tradução própria). MATURANA, 2002a, p. 93.

[62] Na visão de Maturana cognição e vida não se separam, pois o ser implica fazer e o fazer implica conhecer para poder viver. Nas palavras dele: "Quando digo que conhecer é viver, e viver é conhecer, o que estou dizendo é que o ser vivo, no momento em que deixa de ser congruente com a sua circunstância, morre." MATURANA, 2002, p. 42.

constituir interações com o meio circundante; logo, a vida vai seguindo seu curso de criativo.[63]

O corpo-criante vive fazendo relações com o meio ambiente como um todo vivo maior, complexo, que tem uma estrutura e uma organização própria de viver em constantes mudanças, entre tudo e todos que o compõem. O meio ambiente é autopoiético, pois todos os seus componentes têm, de certa forma, uma congruência de interconexão e interação, ainda que seja em nível quântico material.

Com a descoberta da física quântica, no mundo moderno, se descobriu que a natureza subatômica que constitui o meio ambiente dos seres vivos, onde se estrutura toda organização ativa de tudo e de todos, é puro movimento, criação, fazer vivo da matéria que é energia. Nessa dimensão ocorre um processo autopoiético entre a estrutura e a organização dessa mesma estrutura material.

Esse processo dá-se como uma trama, uma dança vibratória das partículas (elétrons, prótons e nêutrons) constituídas de energia. Essas partículas, em altas velocidades, não controláveis, interagem como pontos ou feixes de luz que se chocam, se destroem e constroem-se, a cada momento, em feixes luminosos que fazem a passagem da onda para a partícula e vice-versa.

A onda e a partícula são formas dinâmicas e distintas de uma mesma matéria primordial - a energia cósmica. Heisenberg confirma que a matéria é energia e a energia é matéria. “As partículas elementares, todas elas, são feitas da mesma substância, e essa podemos chamá-la de energia ou matéria fundamental: elas são tão somente formas distintas que a matéria pode se revelar”.[64] Nesse sentido, a energia é o sustentáculo de toda a estrutura e organização do corpo-criante. Ela é o pulsar da vida nele. Ela impulsiona a sua dimensão física subatômica (elétrons, prótons, nêutrons e fótons) a se movimentar em órbitas marcadas por velocidades incríveis, quando colisões acontecem e tudo se cria e se transforma; matéria vira energia e energia vira matéria.

Essa realidade mostra o quanto a própria base física do corpo-criante é

---

[63] Cf. MATURANA, Humberto R. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Organização e tradução Cristina Magro, Victor Paredes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. p. 77.

[64] HEISENBERG, Werner. **Física e Filosofia**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981. p. 97.

criativa na sua maneira de ser. Tudo está em movimento e este movimento de seus componentes implica um poder de auto-organização. Que poder é esse, e fundamentado em quê as ondas e partículas se renovam, se criam e se recriam continuadamente? Nessa estrutura e organização subatômica do corpo-criante tudo é criatividade, no sentido, mesmo, de se fazer continuadamente. O átomo, energia, é autocriativo. Os átomos, *holos* físicos, segundo Morin, possuem uma característica notável: a de se autoproduzirem e se auto-organizarem, fazendo acontecer assim, sem descontinuidade, sua própria autonomia, ao mesmo tempo em que sua própria existência. É próprio da auto-organização ser recursiva, isto é causar/produzir os efeitos/produtos necessários à sua regeneração.[65]

Motz, nas experiências que realizou no campo da saúde e da espiritualidade, defende que a cura vem desde a energia, que é cósmica e primordial. Ele pratica a cura pela energia e afirma que as emoções são ondas de amor que perpassam o corpo humano e que indicam os desejos, os temores, a identidade e a ligação do eu com o outro.[66] Na complexidade do corpo-criante essa energia manifesta-se num forma de ser – o amor vital, a força da vida que une e separa os elementos da sua estrutura .

A articulação interativa e intra-ativa de todos os componentes físicos, químicos e biológicos dos sistemas da rede psicossomática forma a estrutura organizativa do corpo-criante. Como efeito, a sua base físico-biológica está na energia vital – o amor. Luís de Broglie, físico moderno, na sua obra *Novas perspectivas em física,* afirma:

> Se quisermos dar expressão filosófica ao profundo liame entre pensamento e ação, em todos os campos do esforço humano, particularmente a ciência, teremos sem dúvida de procurar suas origens nas profundezas abissais da lama do homem. Os filósofos darão o nome de “amor” num sentido muito geral – a essa força que orienta todos os nossos atos, dá origem a todos os nossos deleites e motiva todas as nossas buscas. Indissoluvelmente ligado ao pensamento e à ação, o amor é sua fonte comum e, portanto, seu vínculo comum.[67]

---

[65] Cf. MORIN, Edgar. **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986. p. 157.

[66] Cf. PEARSELL, Paul. **Memória das células:** estabelecendo contato com a sabedoria e o poder da energia do coração. Tradução Luiz Gomes. São Paulo: Mercuryo, 1999. p.264.

[67] Citado por DOSSEY, Larry. **A cura além do corpo:** a medicina e o alcance infinito da mente. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Editora Cultrix, 2001. p. 230.

É significativo entender que na rede psicossomática do corpo-criante existe um fundamento último no qual, cada átomo, cada célula, diretamente ou não, como unidades auto-organizativas que fazem parte de um sistema maior, estão presentes em outras unidades que fazem parte dos outros sistemas. Com efeito, o todo e o particular da rede psicossomática se constituem do mesmo elemento fundamental, a energia do amor, que é vital e, por isso, perpassa e interliga tudo e todos. A gestação e o nascimento do corpo-criante humano implica o amor vital. Sem amor não se constitui o humano. O corpo-criante do ser humano, como um todo vivo complexo, só se sustenta pela manutenção da auto-organização da sua rede psicossomática, que possibilita a dinâmica da criatividade como um autofazer, que é um auto-organizar-se que ocorre entre as suas partes e todos os seus componentes.

Essa argumentação vai explicitando que a estrutura e organização do corpo-criante se constituem desde um fundamento que em si é auto-organizativo também. A dinâmica deste fundamento implica organização da estrutura como um poder ser do corpo-criante para se auto-regular e se autocriar, a partir dos elementos biofísicos químicos, diante das perturbações do meio. Não é possível surgir qualquer criação, ou manutenção de algo, ou mudança de uma forma de ser no âmbito humano, fora da energia criadora - o amor, que é base celular, por mais cético que o ser humano seja. Mas a pergunta é: qual é o fundamento dessa energia? Se o fundamento biológico do ser humano é o amor vital, e se a energia é fundamental para constituir qualquer criação, será que ambas são manifestações de um mesmo fundamento último? Ou serão a mesma coisa?

Explicitando a questão da interdependência entre os sistemas da rede psicossomática, o neurocientista Candace Pert, juntamente com sua equipe de pesquisa do National Institute of Mental Health, em Maryland, nos anos de 1980, descobriu uma macromolécula chamada **peptídeo.** Essa molécula tem uma estrutura e uma organização autopoiética, com uma força criadora - energia - que permite se autocriar em qualquer sistema, seja o **imunológico**, **nervoso, endócrino**.

Explicitando melhor o que sejam os peptídeos na rede psicossomática, e parafraseando Capra: Os peptídeos, uma família de sessenta a setenta macromoléculas, foram originalmente estudados em outros contextos e receberam outros nomes - hormônios, neurotransmissores, endorfinas, fatores de crescimento,

e assim por diante. Demorou muitos anos para se reconhecer que eles se constituem uma única família de mensageiros moleculares. **Esses mensageiros consistem em uma curta cadeia de aminoácidos, que se prendem a receptores específicos, os quais existem em abundância na superfície de todas as células do corpo.** Interligando células imunológicas, glândulas e células do cérebro, os peptídeos formam uma rede psicossomática que se expande por todo o organismo. **Eles constituem a manifestação bioquímica das emoções, desempenham um papel de importância crucial nas atividades coordenadas do sistema imunológico e interligam e integram atividades mentais, emocionais e biológicas**. Pois uma dramática mudança de percepção começou na década de 80, com a descoberta controvertida de que certos hormônios, que se supunha serem produzidos por glândulas, são peptídeos e também são produzidos e armazenados no cérebro.

Por outro lado, cientistas descobriram que um tipo de neurotransmissores denominados endorfinas, que se pensava serem produzidas somente no cérebro, são igualmente produzidas em células imunológicas.[68] Esses peptídeos são elementos constitutivos de toda a estrutura e organização física biológica do corpo-criante, pois são mensageiros energéticos que conectam redes de informações vital-cognitivas entre as células e seu funcionamento.[69] Eles são a base biofísico-química, vital-cognitiva, na qual se gesta e se expressa a emoção, como onda de energia amorosa, que perpassa toda a estrutura da rede psicossomática que se manifesta nas coordenadas de ações, nas relações eu – outro – mundo.

Diante disso, esta macromolécula se mostra um todo vivo, auto-criativo, que tem relevância nas interações vital-cognitivas que acontecem entre os sistemas imunológico, nervoso, endócrino e circulatório, que, direta ou indiretamente, interligam e integram atividades mentais, emocionais e biológicas do corpo-criante. Logo, eles são elementos energéticos, articuladores dos processos vital-cognitivas da rede psicossomática. Analogicamente pensando, eles são como nós, vivos, que tem o poder e a química do amor vital, que é energia cósmica que tudo perpassa.

Em cada corpo-criante humano eles estão presentes. Eles viajam e se criam

---

[68] CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo: Editora Cultrix, 1996. p. 221.

[69] CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas:** ciência para uma vida sustentável. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Cultrix, 2002. p. 58.

nas grandes correntes de células que formam uma rede de relações vivas, que têm em si a informação do mistério da vida, **o fazer da energia cósmica** que é um vir-a-ser, criatividade pura, ou seja, uma maneira de ser em criação permanente.[70] Pensando esta reflexão teologicamente, será esta a gênese Deus no ser humano? Será a criatividade do amor de Deus no ser humano e que biobgicamente se estrutura na dinâmica dos peptídeos?

"O ser e o fazer de uma unidade autopoiética (aquela que se autocria) são inseparáveis, e esse constitui seu modo específico de organização",[71] ou seja, uma maneira muito especial de ser na relação com o mundo. Este é o processo do viver e do conviver do corpo-criante. Ele cria e aprende com a própria criação, que se gesta e nasce nas entranhas da sua rede psicossomática, no seio do amor vital. Os peptídeos são agentes para a interconexão e para a comunicação do amor, energia vital, emocional, que liga e articula todos os componentes da estrutura do corpo-criante e ajuda a sua auto-organização diante das interferências externas. A auto-organização é a própria criatividade do corpo-criante, como uma maneira própria de ser e de fazer-se internamente e nas relações sociais. Essas relações são estabelecidas no encontro das criatividades de um eu que necessita reconhecer o outro como um legítimo outro, e de um outro que necessita reconhecer um eu como um eu legítimo, que tem e é um corpo-criante humano. Esse se expressa em uma maneira de ser e de fazer (conduta) carregada de emoção, que é manifestação de uma força nascida do amor vital-espiritual que dinamiza a cognição (razão profunda)[72] sem se dissociar dela. Com efeito, o amor, como fundamento para a vida do corpo-criante, se manifesta em emoção como um elemento integrante dos processos vital-cognitivos.

Quando esse processo acontece, o ser humano é marcado por uma tomada de consciência sobre a criatividade como processo vital de amor e de respeito à vida nas suas diferentes manifestações. O eu e o outro se reconhecem como legítimos seres vivos, que se interdependem para a harmonização da vida, desde as micropartículas subatômicas de suas células, até a complexidade de seus corpos-criantes inteiros, na relação no meio ambiente. Com efeito, as alegrias, as tristezas,

---

[70] DITTRICH, 2001, p. 110-111.
[71] MATURANA; VARELA, 1995, p. 89.
[72] Sobre a razão profunda se discutirá mais adiante.

as memórias e ambições, as noções de identidade pessoal e até de liberdade, não passam, na verdade, de expressões subjetivas de um corpo-criante, um grande e complexo conjunto de células nervosas e das moléculas a elas associadas, que vibram dentro de si e fora de si, na comunicação com o meio ambiente.[73] No entanto, esse complexo vela e desvela o mistério da criação, e esta é uma preocupação constante para o ser humano. Tillich defende que o ser humano na sua natureza não é só imagem de Deus, mas ele tem o poder de comunhão com Deus e, portanto, tem o poder de criação e de transformação. Sua estrutura biológica está ligada ao seu caráter ontológico, que remete para um fundamento profundo de sustentação da vida.[74] O ser humano vive a criatividade inata no seu ser no mundo.

Maturana, dentro de sua teoria da *autopoiese,* corrobora com essas idéias*,* dizendo que, em um sistema molecular, pode surgir a *autopoiese* se as relações de produção estão concatenadas de tal maneira que produzam componentes que fazem do sistema uma unidade que gera continuamente seu caráter unitário. Pois, “as interações moleculares em particular" são constituídas "pelas propriedades químico-energéticas das moléculas que determinam um domínio de proximidades físicas ou de relações espaciais”.[75]

Vale deixar claro que esta pesquisa não tem a pretensão de dar uma explicação cabal sobre esse elemento peptídeo e os processos quânticos da base física do corpo-criante. Isso implicaria profundos conhecimentos na área de biologia, de neurologia e da física quântica, que não é o caso dessa pesquisadora, como também estas categorias explicativas não são centrais na pesquisa. No entanto, essa macromolécula, peptídeo, torna-se subsídio inspirativo à reflexão sobre a criatividade, como processo auto-organizativo do corpo-criante, que tem como base físico-biológica a energia vital criadora, cósmica, amor criante.[76]

A idéia acima mostra que a criatividade do corpo-criante é constitutiva da própria organização da vida do ser vivo. Por suposto, esse fenômeno encontra sua causalidade nas origens cósmicas da própria criação do Universo, quando mais ou

---

[73] Cf. CAPRA, 2002, p. 58.
[74] TILLICH, 2005, p. 216, 217.
[75] Cf. MATURANA; VARELA, 1997, p. 87.
[76] A palavra energia, do grego enérgeia, quer dizer: capacidade, a força para fazer, para criar, para produzir.

menos há 15 bilhões de anos ocorreu uma explosão que deu início à auto-organização da energia-matéria. Nesse tempo, que não se pode estabelecer com total precisão, segundo a teoria do Big Bang, um *caldo* de energia surgiu e forjou a matéria como micropartículas, que dispunham de uma auto-organização interna para se autocriarem pelo mesmo fluxo desta energia cósmica, que, no seu ritmo de caos e ordem, forjava a sua criatividade na dinâmica dual da partícula e da onda, da matéria e da luz, do sólido e do etéreo. Esse fluxo de energia criadora gestou os diferentes átomos de carbono, oxigênio, silício e nitrogênio, elementos imprescindíveis para a formação das moléculas que irão compor as células, os neurônios, os músculos, os ossos; enfim, toda a rede psicossomática, que confluirá na complexidade da estrutura e organização do corpo-criante.[77] Boff confirma essas idéias quando defende que somos feitos daquelas partículas elementares que têm a idade do universo. Bilhões destas partículas entram na composição de nosso próprio corpo, partículas que podem ser mais antigas que a própria Terra e o sistema solar. As mesmas energias, os mesmos elementos básicos, as mesmas leis das partículas e dos corpos, as mesmas composições químicas funcionam em todos os seres, seja nos mais distantes, cujo espectro luminoso pode ser decodificado, seja na nossa Via-láctea, no Sol, nos planetas solares, nos meteoritos, na Lua, na Terra e em nosso próprio corpo.[78]

O corpo-criante, na sua criatividade, remonta seu sentido de ser já a partir das origens cósmicas da própria criação do Universo, quando, em uma macrogestação cósmica no ventre da energia criante, sustentada por um Espírito Criador forjou a matéria - energia, com sua dinamicidade estrutural. Essa criação, do ponto de vista da física, expandiu-se no tempo e no espaço e deu origem aos elementos fundamentais para constituir a vida na Terra, como um processo de criação que começa na auto-organização das micropartículas que vão se complexificando em átomos, em moléculas e em células, dando origem ao corpo-criante.[79] Nas palavras de Frei Betto:

---

[77] Cf. DITTRICH, 2001, p. 105.

[78] Cf. BOFF, Leonardo. **O Despertar da Águia**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 67,124.

[79] Não é objeto desta pesquisa discutir aprofundadamente a formação da Terra e o aparecimento do ser vivo; no entanto, a título de ilustração, segundo Maturana, somente quando, na história da Terra, se deram as condições para a formação de moléculas orgânicas como as proteínas, cuja flexibilidade e maleabilidade são praticamente ilimitadas, surgiram também as condições para a formação de unidades autopoiéticas. No âmbito molecular da origem dos seres vivos terrestres,

> A energia, Mãe parideira, [...] gerava toda matéria contida no Universo e [...] tudo indica que a evolução do Universo segue um rumo, a natureza tem uma direção, os seres vivos possuem um eixo e a vida humana tem um sentido. Como assinalou Teilhard de Chardin, há no cosmo uma passagem do menos complexo para o mais complexo, da dispersão para a ordem, do inerte para o vivo. E a força que comanda a evolução é algo interior a matéria, como é também interior a nós.[80]

O corpo-criante é um sistema multicelular e todas as células têm origem num fundamento material profundo, a energia cósmica criadora, que é fluxo vital de amor que possibilita a força para ocorrer a reprodução celular, garantindo a auto-organização da vida, permanentemente. Parafraseando Pearsall, a célula, unidade básica da vida, só existe porque a energia impede que ela se desfaça. Os átomos e moléculas que compõem a célula também só existem porque suas várias partes são mantidas coesas por laços de energia. É a energia que mantém o ser humano inteiro.[81]

Nesse sentido, o corpo-criante, ser humano, tem sua história marcada por uma filogenia ancestral que remete a processos de criação da vida a partir da reprodução de uma célula particular. Essa célula se formou na energia cósmica criadora, vibração amorosa criante, quando um espermatozóide particular se uniu a um óvulo particular e deu origem ao ser vivo, o corpo-criante, o eu e o outro, seres autopoiéticos no desenvolvimento de suas potencialidades. A célula é uma unidade de vida da vida do ser humano, que por sua vez, é uma vida unitária, particular em si, e que remete às vidas celulares que remontam à formação do universo.[82] Essa complexidade, ao mesmo tempo em que é fascinante, também assombra, pois ela suscita a pergunta pelo princípio, pelo fundamento primeiro e último da vida.

A reprodução é marca da **filogenia** do corpo-criante. Ela está inserida na ancestralidade de todos os componentes da estrutura e organização de cada célula

---

somente algumas espécies moleculares devem ter possuído as características que permitiram constituir unidades autopoiéticas, iniciando a história estrutural a que o ser humano pertence. O aparecimento de unidades autopoiéticas sobre a face da Terra é o marco da história do sistema solar a que o ser humano pertence. Cf. MATURANA; VARELA, 1995, p. 89, 91.

[80] BETTO, Frei. **A obra do artista:** uma visão holística do universo. São Paulo: Editora Ática,1995. p. 124, 125, 144.

[81] PEARSALL, 1999, p.75.

[82] Cf. SCHRÖDINGER, Ervin. **O que é a vida?** O aspecto físico da célula viva seguido de mente e matéria e fragmentos autobiográficos. Tradução Jesus de Paula Assis e outros. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. p. 144.

humana nas suas propriedades e particularidades. Por isso, quando Maturana defende que as células do organismo operam como sistemas determinados estruturalmente, ele quer mostrar a singularidade que existe em cada ser e fazer da unidade viva, dentro de um todo maior – o corpo-criante. Logo, o que ocorre com o corpo-criante é devido à dinâmica da organização *na* e *da* sua estrutura, segundo condições e mudanças estruturais permanentes, que vão acontecendo na relação com meio. Essa é a sua ontogenia.

Ontogenia implica um percurso de interações do corpo-criante com o outro no meio ambiente. Ela é um movimento dos processos vital-cognitivos, que vão acontecendo entre um eu e um outro na organização de suas estruturas de seres vivos. Embora tendo uma organização determinada, sua condição para viver implica auto-organizar-se, ir além de si mesmo, abrir-se para o outro, visando fazer trocas energéticas, vital-cognitivas, que levam à superação de suas dificuldades e à expansão de suas potencialidades.[83]

O que ocorre são interações dinamizadas por perturbações que atingem a rede psicossomática e vão causando mudanças de estado no corpo-criante inteiro. Por exemplo, o sistema nervoso, na sua complexidade estrutural, está interconectado com os outros sistemas da rede; logo, ele não é estático, mas interagente (as relações com os seus componentes em si) e transagente (as relações com os outros componentes dos outros sistemas). Embora seja determinado pelo tipo e número de neurônios que o compõem, ele vai mudando desde a *autopoiese* do corpo-criante, como um todo vivo, dinamizado pela energia vital que o interliga com o outro no meio ambiente. Dessa interligação resultam relações em que o meio, ou seja, o outro, seleciona a mudança estrutural no organismo; e o organismo, através de sua ação, seleciona a mudança estrutural no meio. Que mudança ocorre no organismo e no meio? Pergunta Maturana. Ele responde dizendo que em ambos os casos a mudança é determinada pela

[83] "[...]. Os sistemas auto-organizadores permitem a adaptação às circunstâncias ambientais; por exemplo, eles reagem às modificações ambientais graças a uma resposta termodinâmica que os torna extraordinariamente flexíveis e robustos em relação às perturbações externas." "[...] Los sistemas autoorganizadores permiten la adaptación a las circunstancias ambientales; por exemplo, reaccionan a modificaciones del entorno gracias a uma respuesta termodinámica que los torna extraordinariamente flexibles y robustos ante las perturbaciones externas." PRIGOGINE, Ilya. **El fin de las certidumbres**. Tradución de Pierre Jacomet. Madrid: Taurus, 1997. p.79.

estrutura.[84]

Essa idéia mostra que existe uma correspondência entre a mudança de estrutura do corpo-criante – eu, e a do meio – o outro. Esse processo de mudanças contínuas implica sua ontogenia. Essa tem raízes filogênicas, celularmente falando, que vão constituindo novas formas de ser e fazer na vida. **A ontogenia é a história de vida do corpo-criante**, das suas mudanças estruturais em correspondência com as mudanças estruturais do meio no qual ele interage. Esse processo é a morfogênese da sua estrutura organizacional ligada ao meio. Essa demanda é um contínuo fazer-se, um autocriar-se, no impulso do amor vital que aparece, psicologicamente falando, em emoções que atravessam o ser e o fazer da sua estrutura, rede psicossomática, indicando escolhas que lhe são próprias, diante de suas necessidades e perturbações externas. Com efeito, essa é a criatividade do corpo-criante. Ela é intrínseca à sua estrutura e organização (rede psicossomática). Ela é condição *sine qua non* para viver as mudanças necessárias diante do outro, no meio ambiente. A vida não acontece sem a criatividade do corpo-criante.[85] Sua auto-organização é sua criatividade. Ela é o fazer da vida no ser humano. Ela se gesta e nasce nas profundezas dos elementos biofísicos que compõem a estrutura e organização do corpo-criante.

A criatividade se expressa no movimento do corpo-criante inteiro. Ela é a dinâmica dos seus processos vital-cognitivos, que acontecem, imageticamente falando, em formas de ondas de amor vital (energia). Essas ondas movem todo o fluir das células que dançam com uma finalidade – desenvolver mudanças estruturais sem perder o fluxo da vida na organização. Esse é o fenômeno da criatividade, - a ontogenia do corpo-criante, um percurso de ser-fazer para aprender a partir de mudanças permanentes, desde as relações com o outro, como um legítimo outro capaz de ser e fazer no amor vital, fraterno. Como já

---

[84] Cf. MATURANA, 2002, p. 62.

[85] Para Maturana, a criatividade está ligada ao processo de acoplamento estrutural de um organismo. Diz ele: "Quando um organismo entra em uma interação que surge de uma contingência, isto, é a partir de um encontro com um sistema operacionalmente independente [...], as resultantes mudanças de estado do organismo desencadeadas não poderiam ter sido preditas por um observador apenas a partir da operação do organismo. [...] Isto é criatividade: a geração, por um organismo, de distinções (inesperadas para um observador) através de suas interações com sistemas aos quais ele não está acoplado estruturalmente (sistema operacionalmente independente), e aos quais ele pode tornar-se acoplado estruturalmente como resultado das interações". MATURANA, 2002, p. 164.

se apresentou acima, o fundamento biológico do corpo-criante humano, ser vivo, é o amor vital. Logo, a criatividade tem origem neste fundamento, que atinge uma dimensão de profundeza que atravessa o biopsicofísico do corpo-criante, chegando a uma profundidade em que o mistério toca a consciência e esta transcende, visando encontrar uma idéia última, uma categoria fundamental última, para explicar esta própria vivência de profundidade.

Nessa perspectiva, a vivência da criatividade torna-se uma experiência de profundidade biopsicoespiritual do ser humano. A dimensão biológica está posta pela estrutura e organização do ser vivo, que implicam a auto-organização de sua rede psicossomática. A dimensão psicológica se exprime pela emoção ligada à razão, que aparecem nas coordenadas de ações na rede, e que se exprime numa maneira de ser que remonta, por sua vez, a uma dimensão de profundidade espiritual, o amor vital – a energia criadora, manifestação de um fundamento último.

Na visão de Maturana, o fenômeno da criatividade humana está, de certa forma, ligado à espiritualidade humana. Isto aponta para o fenômeno da vida como processos vital-cognitivos que levam o corpo-criante a viver a expansão e confirmação de seu ser e fazer no mundo. Por suposto, esta experiência, quando legítima, toca as profundezas do corpo-criante e lhe desperta uma maneira de ser que procura, na criação ou na relação com o outro, sentido para viver, e isto é vivência de profundidade espiritual. Tillich corrobora esse sentido, dizendo que criatividade significa "trazer o novo ao ser". "O homem é criativo em todas as direções – com respeito a si mesmo e a seu mundo, com respeito ao ser e com respeito ao sentido."[86] Nesse viés de pensamento, completa Maturana: "As experiências místicas são experiências de ampliação do espaço de pertença que nos podem acontecer a todos os seres humanos."[87] Com efeito, "[...], a linguagem dá ao ser humano a sua dimensão espiritual na reflexão, tanto da autoconsciência como da consciência do outro".[88]

Essa afirmação de Maturana sustenta a argumentação acima. Embora não

---

[86] TILLICH, 2005, p. 216.

[87] REYES, 2005, p. 125.

[88] "[…], el lenguaje da al ser humano su dimensión espiritual en la reflexión, tanto de la autoconciencia como de la conciencia del otro" (tradução própria). MATURANA, Humberto R. **Desde la biología a la psicología.** 1. ed. Buenos Aires: Lumen, 2003. p. 83.

explicitamente, ele aponta que a origem da criatividade é complexa, pois o biofísico está ligado a uma dimensão de profundidade espiritual[89] que se evidencia na estrutura e na organização do ser humano, corpo-criante, matéria-espírito. Essa ligação é feita por uma energia criante, o amor vital, que se manifesta numa maneira de ser do humano diante do outro no meio ambiente, e isto é relativo ao fenômeno do emocionar humano, que atinge uma dimensão de profundidade espiritual.

2 A criatividade do corpo-criante: o amor criante e o fundamento último

Acima se apresentou, dentro de uma visão biológica, a base da criatividade desde a auto-organização do amor vital no corpo-criante humano, e mostrou-se que essa tem origens cósmicas. Esta questão do amor como fundamento para que surja a criatividade do humano, como expressão legítima de sua maneira de ser, a sua ontogenia, ocupou um lugar de destaque desde a filosofia antiga até os dias atuais. O que se quer é entender qual é o fundamento último desse amor vital que sustenta as relações entre os seres humanos, a natureza e Deus.

Os primeiros pensadores gregos queriam entender qual era a relação do amor com os processos cognitivos da mente e sua ligação com o natural, o metafísico, o místico-divino.

Platão, no seu idealismo, fala do *Eros,* amor*,* como um impulso ideal de inteligência, presente naquele que busca o conhecimento da verdade sobre o bem, o belo ideal, absolutamente supremo. O amor *eros* era a força ideal, agente, criante, que despertava no ser humano a lembrança do mistério da vida - a idéia. A idéia, para ele, era causa fundante para surgir o ser. Na idéia de Bem e de Belo, situadas num mundo além do material, mundo ideal, espiritual, estava a fonte da origem do amor – Deus. Logo, o amor, nesta perspectiva, atingia um status de uma força criativa espiritual de atração para o bem, o belo, o verdadeiro. Segundo Pikasa e Silanes, a visão que Platão defende, de forma geral, sobre o amor é a seguinte:

> O amor é, portanto, potente força de atração que, ao inquietar-nos no mundo, nos imerge na ansiedade e nos conduz à idéia e à bondade

[89] Ampliando isto, diz Tillich que a matéria não é um princípio antidivino no qual o espírito é separado e tem que se livrar. Ao contrário, o ser humano é matéria-espírito porque tem o desejo de união com a realidade material através dos sentidos e isto é uma expressão do amor, como fundamento do ser. Cf. TILLICH, Paul. **Moralidad y algo más.** Fundamentos para una teoria de la moral. Tradução de Marcelo Pérez Rivas. Bueno Aires: Editorial La Aurora, 1974. p. 40, 41.

> do divino. [...]. O eros é a força ascensional, aquele impulso que constantemente nos leva deste mundo sensível e limitado à verdade de que somos eternos.[90]

Aristóteles, na sua concepção de criação como atualização de uma força divina desde um deus – Motor imóvel, via o amor como a essência que dava vida à matéria. Ele engendrava a matéria como potência e atualização do ser nas suas múltiplas formas de poder ser na experiência concreta. "O motor imóvel opera como causa final pela atração ao amor a que Aristóteles chama de *Theos*, ser supremo e forma pura sem matéria.[91] Na sua obra *Metafísica*, quando abordou os pensadores pré-socráticos, Aristóteles afirmou que alguns pensadores viam o amor como força que movia a natureza e perpassava tudo e todos, integrando-os e conduzindo-os à dinâmica de vida e morte. O amor era como uma energia criativa que animava a matéria dando a ela movimento para que tudo tomasse vida num eterno retorno entre o nascer e o morrer.

O comentário de Aristóteles é pertinente porque Empédocles, um dos filósofos pré-socráticos, naturalista, via o amor como uma força criante, unificadora dos quatro elementos que formavam o ser vivo: a água, o ar, o fogo e a terra. O amor era a energia fundamental, criadora, que unia os elementos da matéria para estabelecer a harmonia, o crescimento. Nessa visão, "[...] o reino do Amor é o *sfero*, a fase culminante do clico cósmico, na qual todos os elementos estão ligados na mais completa harmonia. [...] não há nada além de um todo uniforme, uma divindade que frui [...] e que manifesta o ser, poder de criação no amor como força criativa de elevação da vida."[92]

Essa visão de amor dos antigos, especialmente de Aristóteles, que via o amor como força criadora, gerada por um motor imóvel, ser pleno em si, por si e para si, que movia todas as coisas como objeto de amor para o bem e a perfeição, entra fortemente no pensamento filosófico-teológico medieval.

No mundo medieval, o amor foi entendido como ação de Deus que dá a

---

[90] PIKASA, Xabier et al. **Dicionário Teológico**: o Deus Cristão. Tradução IFL Ferreira et al. São Paulo: Paulus, 1988. p. 16.

[91] RAFAEL, Auro José da Silva. **O primeiro motor no livro XII da Metafísica de Aristóteles**. Existência e arte – Revista de Estudos do Grupo PET, Ciências Humanas, Estética e Arte, Universidade São João Del Rei, ano I, janeiro a dezembro de 2005. p. 4. Disponível em: <htpp://www.ufrj.edu.br/página/existenciaearte/arquivos>. Acesso em 19 jul. 2007.

[92] ABBAGNANO, 1962, p. 37.

graça de receber o conhecimento divino, místico, para a salvação. Giordano Bruno entendia que "todo conhecimento se dá no amor, e todo o amor cresce à medida que amadurece o conhecimento."[93]

A palavra amor também foi entendida como: *Philia* - relação de amizade; *eros* - força amorosa criadora, aspiração de valor; *epithymia* - desejo, vontade de realização; e *ágape* – força vital-espiritual unificadora da vida, expressão fundamental do Espírito criante - Deus.

No pensamento cristão, *ágape* é o amor pleno, desprovido de egoísmo. É espontâneo e criativo. Seu princípio está em Deus, começo e fim de toda a criatividade humana. "O amor se manifesta e triunfa na vida que se entrega ao mistério de Deus. [...] amar supõe fazer que surja, que se estenda à existência, que haja esperança no desespero, perdão no pecado, [...] vida em meio à morte."[94]

O amor entendido como *ágape* é a força espiritual unificadora do ser do corpo-criante. Ela congrega em si a *philia, o eros e a epithymia*, mas ao mesmo tempo as transcende, por ser fluxo criador de vida nova, que se gesta e nasce em cada criatividade vivida no corpo-criante em suas relações.

> O amor neste sentido é uno e indivisível. [...] há um ponto de identidade em todas estas qualidades de amor que justifica a tradução de todas elas por 'amor': a 'ânsia pela reunião daquilo que está separado', que é a dinâmica intrínseca da vida. [...]. O amor como *ágape* é uma criação da Presença Espiritual e supera as ambigüidades de todos os outros tipos de amor.[95]

Ágape é o amor vital-espiritual que nasce do fundamento último do ser humano – Deus. Ele é ação viva do Espírito criativo, unificador, das dimensões somática, psíquica e noética do ser humano.[96] Ele é força espiritual presente permanentemente na dimensão de profundidade do ser humano. Nesta direção, o amor é força espiritual que é criante, pois contém o poder da presença do espírito de Deus no ser humano, que, pela sua vontade, cria para dar sentido ao próprio viver no Espírito. Esse poder, de ordem divina, dá a possibilidade de o ser humano

---

[93] DREWERMANN, Eugen. **Religião para quê?:** Buscando sentido numa época de ganância e sede de poder. Em diálogo com Jürgen/Eugen Drewermann. Tradução de Walter Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 43.

[94] PIKASA et al., 1988, p. 17.

[95] TILLICH, 2005, p. 591.

[96] Sobre essas dimensões se explicitará mais adiante.

constituir, reconhecer, preservar e transformar o seu ser a partir de seu fundamento essencial e existencial. Logo, "[...] este amor que é a unidade última, o manancial e o fundamento de onde brota a coragem de aceitar a vida".[97]

O amor é criante, pois restaura, integra as ambigüidades do ser humano nas suas relações consigo mesmo, com o outro e com Deus. O amor não está relacionado apenas com emoções; é isso também, mas, ele é mais do que isso. Ele é o movimento da totalidade do ser do corpo-criante em direção a outro para superar a separação existencial.[98] O amor é unificador, porque ele integra o ser do humano no ser do mundo e no ser de Deus.

Nesse sentido, o amor é criante porque ele é mais do que um impulso vital. Ele carrega o sentido da vida que é criar a vida como um processo complexo, autopoiético, misterioso, que no seu mistério faz no ser humano a auto-integração de si na sua estrutura biológica, psicológica e espiritual. Dentro deste pensamento, o amor criante não é só uma força vital com sua função biológica; ele carrega a força vital para a criatividade do corpo-criante, como, também, dá a direção para o sentido dela.

A auto-integração do corpo-criante implica um movimento de força vital congregadora, centrípeta, que vai constituindo a sua centralidade humana – o eu pessoa, a que Frankl chamou de pessoa profunda espiritual. Este autofazer-se é criatividade, que acontece num movimento de circularidade ou de conexões multidiversas, que, biologicamente, acontece dentro de uma rede psicossomática, nos seus diversos sistemas endócrino, nervoso, imunológico e circulatório. No entanto, esta complexidade sistêmica somática é condição biofísica para que o ser humano possa sentir, pensar e agir, que são manifestações das dimensões psíquicas e espirituais do corpo-criante, que fazem parte desse todo vivo integrado. Maturana defende: "Nada ocorre no viver do ser vivo que não surja desde a

---

[97] "[...] este amor que es la unidad última, el manantial y el fondo de los que brota el coraje de aceptar la vida" (tradução própria). TILLICH, Paul. **El nuevo ser.** [s.l.]: Livros de Nopal, Ediciones Ariel, S.A., [s.d.]. p. 78.

[98] Cf. TILLICH, 2005, p. 590.

dinâmica fisiológica, ainda que seja o mais espiritual do viver do ser humano."[99]

Com efeito, o ser humano move-se nos seus processos vital-cognitivos pela força do amor criante que está em seu fundamento. Tillich entendia o amor como uno nas suas mais diversas formas de ser. Essa unicidade do amor atravessa todo o corpo-criante porque seu fundamento é o Espírito criador – Deus.

O ser humano na sua criatividade é sustentado teologicamente pelo amor criante como dádiva de Deus presente no seu corpo-criante. O amor criante é gênese de Deus no ser humano. Só o amor faz a vida acontecer em plenitude na relação eu - outro no mundo. Ele é a força vital edificadora, um estado biopsicoespiritual dinâmico, restaurador, auto-organizativo, que impulsiona o ser humano a se religar com sua fonte criadora de origem – Deus, o fundamento último.

Essa idéia corrobora para entender o fundamento da criatividade desde o amor criante, que constitui a matriz da rede psicossomática, que define o corpo-criante com um eu centrado em si e aberto ao outro, como continuação de si mesmo.

O amor, assim como pensaram estes primeiros pensadores gregos, é a energia unificadora para a vida surgir. Sem amor não há vida, não há procriação. A visão cristã também mostra que o amor é o fundamento da criação de Deus. Deus é amor criante, expresso na relação entre um eu e um outro. Deus é o fundamento do amor porque Ele é amor criante e dá ao corpo-criante, sua criação de amor, o poder de viver e criar no e por ele. O amor criante é aquele cuja causa e ultimidade são criar e recriar amorosamente todos e tudo. Na estrutura e organização do corpo-criante ele se faz presente, alimentando o fluir da vida como rasgos de criatividade. O amor criante é o que dignifica o ser humano na sua maneira de ser diante do outro. Ele faz o corpo-criante se reconhecer como humano na sua singularidade e subjetividade diante do outro. Essa experiência desenvolve uma forma de entender o outro como um ser de amor criante capaz de estabelecer as mais diversas relações e mudanças imprevisíveis na existência.

A existência se constitui como uma maneira de ser do humano que nasce

---

[99] "[...], nada ocurre fuera del emocionar, y toda conducta surge en el fluir del emocionar" (tradução própria). MATURANA, Humberto R.; BLOCH, Susan. **Biología del emocionar y alba emoting:** respiración y emoción, bailando juntos. Santiago: Dolmen Ediciones/Granica, 1998. p. 257.

desde este amor criante, que perpassa toda a realidade humana, e se anuncia, na vida do corpo-criante, em forma de preocupação última. Tillich diz que a preocupação última do ser humano, na suas relações de vida dentro de seu existir no mundo, é Deus. Deus é a fonte originária do amor criante. "'Deus' é a resposta à pergunta implícita na finitude do ser humano. Ele é o nome para aquilo que preocupa o ser humano de forma última."[100] Este é o ponto de partida para iniciar uma reflexão teológico-filosófica sobre o amor criante como fundamento da criatividade do ser humano, corpo-criante.

3 A criatividade e o amor criante: a descoberta do fundamento último do corpo-criante

A cultura, como expressão da criatividade humana, revela-se na existência humana em símbolos plenos de significados. Ela é referência para o ser humano se perceber como um espírito criador, perpassado pelo amor da e para a criação. Nesse sentido, a criatividade será a expressão de algo que emerge de um fundamento radical de profundeza espiritual, Espírito divino, que se faz presente no corpo-criante, mas está além dele.

Para entender isso, primeiramente, na visão de Tillich, é necessário distinguir espírito escrito com letra minúscula de Espírito escrito com letra maiúscula. O primeiro caso refere-se à dimensão específica da vida humana. O segundo caso, diz respeito ao Espírito divino na sua ação criadora que perpassa a estrutura e organização do corpo-criante do ser humano, porque ele é amor criante. A palavra espírito, ao logo da história, apresenta-se sob algumas denominações.

No mundo antigo, os estóicos o chamaram de *pneuma,* que significa força etérea, energia. A origem da palavra espírito, tanto nas línguas semíticas, quanto nas línguas indo-européias, remete à questão da morte diante da vida, como um cessar de respirar. *Ru'ach* é uma palavra hebraica que significa sopro – espírito. O sopro é o movimento da força da respiração, o poder da vida que se comunica e cria. "Como poder da vida, o espírito não pode ser identificado com o substrato inorgânico que é animado por ele; antes, o espírito é o próprio poder de animação e

[100]TILLICH, 2005, p. 219.

não uma parte agregada ao sistema inorgânico."[101]

O Espírito é Deus como fundamento do amor criante, essencial, que dá a vida, como poder criador no espírito humano, que se faz criatividade presente nas profundezas de seus átomos, de suas células, de seus órgãos, de seu corpo-criante inteiro, e que se manifesta numa maneira de ser diante do outro, seja ele quem for. Com efeito, para que exista a realização do corpo-criante do ser humano no mundo, como ser inteligente e criativo, é preciso que o amor criante seja descoberto e aconteça como maneira criativa de ser, fazer e conviver no respeito mútuo entre um eu e um outro e na própria criação humana, seja ela qual for.

Essa maneira criativa de ser do espírito humano implica seu desenvolvimento biopsicofísico-espiritual. Seu escopo é viver mudanças contínuas que tragam sentido para o seu viver. Pois a superação de suas fragilidades leva à auto-realização, logo, à auto-afirmação do seu ser diante do outro, que é reconhecido como um legítimo outro, que é, também, presença, sinal do Espírito de Deus em gênese. Reforçando este argumento, afirma Tillich:

> O Espírito não é uma substância misteriosa, não é uma parte de Deus; é Deus mesmo, porém não Deus como criador de todas as coisas [...], mas Deus quando está presente nas comunidades e nas pessoas, [...], inspirando-as, transformando-as.[102]

A vida, na complexidade do corpo-criante, se mostra ao entendimento humano como algo misterioso que vem de um fundamento criante, que implica amor criante. O amor criante de Deus é onisciente, onipresente e onipotente. Ele ultrapassa a compreensão humana, mas toca-a porque se faz emoção e razão como processos constituintes da própria criatividade.

O corpo-criante humano, ao longo de sua vida, pergunta: o que é o amor? Mas qual é o fundamento do amor? Por que o amor é uma necessidade para viver? Muitos dizem: o amor faz remover montanhas.

As repostas a essas perguntas podem ser várias, dependendo do ponto de

---

[101] TILLICH, 2005, p. 485.

[102] "El Espíritu no es una sustancia misteriosa, no es una parte de Dios; es Dios mismo; pero no Dios en cuanto creador de todas las cosas, […], sino Dios cuanto está presente en las comunidades y las personas, dominándolas, inspirándolas, transformándolas" (tradução própria). Citado por RACINE L. **El evangelio segun Paul Tillich**. Traducción del francés por D. Eloy Requena Madrid-13: Studium Ediciones, 1971. p. 59-60.

vista. No entanto, aqui se quer encontrar uma reflexão desde um fundamento último de onde tudo provém, de forma inusitada, no encontro do previsível e do imprevisível. Essa percepção emerge de uma profundeza de fundo espiritual. Lá existe uma presença ignorada de um fundamento último, Deus, manifestação de amor que tudo cria e transforma. Isto ocorre porque o corpo-criante, na sua profundeza, é um ser espiritual que recebeu e tem o poder do amor criante, que toma sua origem no Espírito criador da vida – Deus – fundamento último – o Absoluto.

A vida, na sua natureza, expressa no humano uma dinâmica de autocriatividade movida por uma força, uma energia vital divina que é pura criatividade, o autofazer do amor criante. É um movimento de algo que está em si, mas ao mesmo tempo aponta para além de si. Ela ou ele é mais do que tudo que se possa dizer. Esta é uma ambigüidade intrínseca ao ser humano, corpo-criante.

A ambigüidade implica uma tensão entre a emoção e a razão que buscam encontrar pela força do amor criante uma tomada de consciência entre o finito e o infinito, entre o sagrado e o profano. Essa tensão tem como escopo encontrar um sentido, seja fazendo algo (trabalho), amando alguém, ou criando algo que seja significativo para sair de um estado de sofrimento. Frankl, criador da Logoterapia, defende três pistas para encontrar um sentido para o porquê viver: "[...], realizando uma ação ou criando uma obra; [...] contatando com algo, seja natureza ou arte; quero dizer, com algo ou alguém; e entrar em contacto com alguém até o fundo de seu ser único e singular significa amá-lo."[103]

Essa idéia de Frankl confirma que o ser humano é um corpo-criante que tem um fundamento de base somática, psíquica e espiritual – o amor criante que dinamiza a criatividade para descobrir o sentido do viver. O ser humano, e somente o ser humano, é um ser de significado. Ele, na sua maneira de ser dirige-se ao outro para amá-lo, logo, reconhecê-lo como alguém que expressa afeto, carinho e acolhe diante das necessidades, ajudando a descobrir um sentido para o viver. Com efeito, isto também ocorre quando o ser humano cria a sua obra. Ela é um retrato de um

---

[103]"[…], realizando una acción o creando una obra; […] contactando con algo, sea de naturaleza o arte; […] quiero decir, con algo o con alguien; y tomar contacto con alguien hasta el fondo de su ser único y singular significa amarle (tradução própria)." FRANKL, Víctor. **El hombre doliente**: fundamentos antropológicos de la psicoterapia. 5. ed. Barcelona: Herder, 2003. p. 72.

mundo interior de profundeza espiritual que se gestou e nasceu na base do amor criante, trazendo sentido de vida.

A busca de sentido de vida acontece na relação entre um eu e um outro no fazer diário, e está diretamente relacionada com o ato de amar, que se enraíza mesmo na constituição biopsicofísico-espiritual do corpo-criante. As raízes surgem de um fundamento último, que atravessa a estrutura e organização do corpo-criante inteiro. "O amor não coisifica o outro, mas batalha pela sua dignidade. O amor não permite a transformação do outro em instrumento para servir a interesses egoístas."[104] O amor se faz vivência de emoção que cria para dignificar a vida, que se faz ação criativa no movimento do corpo-criante, que expressa uma maneira de ser que clama por respeito e dignidade; por isso é criante.

Esse movimento expressa a continuidade da gênese de Deus no humano - ação de amor criante sentida e percebida no corpo-criante inteiro. Esta percepção se torna uma preocupação constante que bate no íntimo do íntimo espírito do corpo-criante, o humano, ser para o amor, no amor e com o amor.

Esta busca é onto-antropológico-espiritual. Ela está na dimensão profunda do corpo-criante – a espiritual - que remete para um lugar, para alguém ou para algo que se apresenta como pura criatividade desde a auto-organização de uma energia cósmica, força vital, sagrada, insondável, que aqui é entendida como amor criante. Essas idéias erradicam uma visão materialista de corpo-criante. O que se quer entender é que o corpo-criante tem uma dimensão de estrutura material, sim, mas esta tem padrões de organização que são dinamizados por um mistério, a origem fundante da energia cósmica, que está em gênese ainda em todas as galáxias, as estrelas, os planetas e os corpos-criantes dos seres vivos. Respostas com contundências científicas explicativas ainda faltam. O ser humano, apesar de reconhecer que a energia é fundamental para o surgimento do ser vivo, vive envolto em um mistério: qual é a natureza da criatividade humana? Qual é o fundamento desta energia que tem uma criatividade, que na sua natureza tem o poder de auto-organizar-se e mudar de estado, de sólida vira etérea e vice-versa?

Essas questões nascem de uma preocupação que é latente no ser humano:

---

[104] CASTRO, Afrânio Gonçalves. **Viver a graça de Deus na perspectiva tillichiana.** Disponível em: <http://www.metodista.br/correlatio/num_09/castro1.php>. Acesso em: 02 jun. 2007.

o fundamento último da criatividade de seu corpo-criante. Ela tem um caráter existencial-espiritual, pois remete às necessidades de profundidade espiritual. Essa percepção é uma expressão legítima do humano que busca entender a sua vida. Ela indica que ele se autopercebe, nas suas vivências, como um ser que tem uma complexidade que vai além do seu soma e da sua psique. Ela é de ordem espiritual e mina o ser do seu corpo-criante inteiro. Pois, nas experiências do seu corpo-criante consigo mesmo, com o outro e com o meio ambiente, sempre surge uma preocupação última: encontrar o seu fundamento, aquilo que o sustenta para ser, criar e conhecer. Ele constata em si e por si mesmo o clamor de algo que se manifesta nas suas coordenadas de ações. Essas mostram uma necessidade interior à vivência no amor, que se dá pela atenção, carinho, afeto, acolhimento, cuidado. Tudo isso implica entender o sentido deste sentimento de pertença incondicional a um fundamento último que é evocativo.

A preocupação com o fundamento último independe de qualquer condição, de qualquer lugar, de qualquer maneira de ser e de pensar. Ela é condição que sustenta o sentido de vida no ser e o fazer do corpo-criante. Afirma Tillich:

> Nossa preocupação última é aquilo que determina nosso ser ou não-ser. Aquilo que é último só se dá a si mesmo na atitude de preocupação última. [...]. O último é o objeto de uma entrega total de nossa subjetividade. É uma questão de paixão e interesse infinitos (Kierkegaard). O ser humano está totalmente preocupado pela totalidade que é seu verdadeiro ser [...]. O ser humano está incondicionalmente preocupado por aquilo que condiciona seu ser para além de todos os condicionamentos que existem ao redor dele.[105]

A idéia supracitada mostra que a teologia sistemática de Tillich responde as perguntas implícitas na situação humana. A questão do amor criante como manifestação de algo incondicional que perpassa a vida e esta, na sua complexidade, tem um fundamento último, que, teologicamente falando, é Deus, o criador de tudo e de todos. Logo, perguntar sobre o fundamento último da criatividade demanda reflexão sobre o ser humano, corpo-criante, na sua dimensão de profundidade espiritual.

Quando se fala dessa profundeza humana, se está falando para além de um

[105]TILLICH, 2005, p. 29, 31, 32.

conceito que se possa dizer sobre ela, e talvez o melhor que se possa dizer é - fundamento último – Deus, a fonte plena de amor criante. “Deus é a realidade última, o realmente real, o fundo e o abismo de tudo o que é real”.[106]

Essa visão de Tillich sobre Deus como fundamento último da realidade é também compartilhada por Xavier Zubiri. Deus é o fundamento do fundamento da realidade do corpo-criante; é o em si, por si, de si e para si. Ele “é o fundamento de toda a realidade de uma maneira absolutamente *estrita* [...]. É uma realidade que constitui o fundamento de todas elas, […]”. Logo, é a realidade real, absoluta, perfeita - princípio-fim.[107]

Deus, como fundante da realidade do corpo-criante, está presente nele, mas ao mesmo tempo está além de tudo o que se possa pensar e dizer sobre Ele. Ele, perfeição do amor criante, está para lá da essência e da existência humana. No entanto, faz-se presente na dimensão mais profunda do íntimo do íntimo de todos os componentes que constituem a sua maneira de ser, a criatividade. Essa presença é sentida pelo impulso diuturno do amor como energia vital, sagrada, que emerge desta profundeza e dá o poder de criar.

O corpo-criante é criatividade porque tem um fundamento último que é fundamento do amor criante. Esse amor é gênese permanente e impulsiona a vida a encontrar o sentido de viver na existência quando o corpo-criante se pergunta, por exemplo: que mistério é esse que existe em meu interior e que pergunta sobre a razão da razão do meu ser e do meu fazer no mundo? Quem e o que é este Ser profundo que toca a sensibilidade e a consciência, pedindo explicação sobre a sua própria forma de ser no mundo? Por que pensar isso agora, por exemplo? Por que esta força interior vem à tona em forma de pergunta, querendo explicação? Será isso a criatividade do corpo-criante para a descoberta da alegria de viver? Será isso a auto-organização da energia cósmica no corpo-criante? Será isso expressão da criatividade que encontra sua razão de ser no próprio amor criante, como um fluir fundamental que se identifica com o fundamento último - Deus?

---

[106]“Dios es la realidad última, lo realmente real, el fondo y el abismo de todo lo que es rea (tradução própria).” TILLICH, Paul. **Amor, poder y justicia.** Análisis ontologicos y aplicaciones éticas. Barcelona: Ediciones Ariel, S.A, 1970. p. 143.

[107]“es el fondo de toda realidad de una manera absolutamente estricta […]. Es una realidad que constituye el fondo de todas ellas, […]” (tradução própria). ZUBIRI, Xavier. **El problema filosófico de la historia de las religiones.** Madrid: Alianza Editorial, 1993. p. 69.

Essa experiência de profundidade espiritual nasce no fluxo do amor criante que se faz criatividade e leva o humano a criar e a recriar o gosto e a alegria para viver, encontrando sentido no seu pensar na existência. Só o amor criante, divino, eleva o ser humano à alegria de viver em plenitude. Essa experiência implica pertença, ligação, percepção da presença de Deus expressa pelo amor criante que dinamiza a emoção, que nasce em abundância das profundezas do humano e vai percorrendo todo o plasma sanguíneo até a manifestação da ação em forma de palavra diante do outro. A alegria é uma emoção de registro, sensível-inteligível, da presença e ação de Deus na dimensão de profundidade espiritual do corpo-criante. Afinal, quem já não sentiu alegria?

Bérgson, quando falava da alegria como um fenômeno espiritual, defendia que ela indicava a direção da criatividade da vida se expandindo no ser e no fazer humano. Nas palavras do filósofo: "Toda grande alegria tem um acento triunfal."[108] Portanto, em todos os domínios, o triunfo da vida é a concretização do amor criante numa criação, no encontro com o outro, na solução de um problema, na realização de um trabalho, etc. Aqui não se quer entender esse fundamento somente desde um vitalismo puro, como pensou Bérgson (*élan vital),* mas chegar à compreensão de que, na complexidade do corpo-criante, o amor criante é suporte biopsicológico e espiritual para que a criatividade aconteça. Talvez os antigos, dentro de um sentimento racional místico, tenham conseguido entender bem que o fundamento último das coisas era energia (amor). Para eles, ela era o sopro que animava e fazia acontecer a organização da criação. Ela era aquilo que vivificava. Do hebraico, energia é *Ruach,* é sopro de vida, é movimento criante para o ser e o fazer humano, é a gênese de Deus atualizando-se permanentemente. E isso é sinal do poder do amor do fundamento último da vida, Deus, Espírito Criante.

Na história dos seres humanos isto é perceptível. Não reconhecê-lo é fechar os olhos para o nascer do sol e da lua todos os dias, é não ver a beleza do sorriso de uma criança, não sentir o cheiro da terra e da flor perfumada que surge à beira do caminho, não saciar a sede por não enxergar a água límpida que brota da fonte, olhar as estrelas e não vislumbrar a esperança de vida.

Agostinho, no mundo medieval, para explicar a ação de Deus como

[108]Cf. BERGSON, 1982, p. 33-34.

fundamento de amor e sabedoria para a ação criativa humana no mundo, perguntava: "Que luz é esta que me ilumina de quando em quando e me fere o coração, sem lesar? [...]. É a Sabedoria, a própria Sabedoria que bruxuleia em mim e rasga a minha nuvem."[109] Esse pensador, dentro de sua visão inatista, também entendia Deus como o onipresente fundamento para o ser humano poder ser e conhecer, logo, criar. Esse olhar de Agostinho aponta à idéia de que o fundamento mesmo do corpo-criante é Deus, luz de amor criante, que atravessa o coração humano amorosamente e perpassa todos os componentes que fazem parte do seu todo, e dá à razão a sabedoria para criar, para saber amar e viver em paz.

Ao refletir sobre as argumentações acima, a percepção que se tem é de que o corpo-criante, na sua criatividade, é um ser que se lança para dentro e para fora de si, procurando falar sobre o mistério do amor criante que pulsa em sua profundeza biopsicoespiritual. Esse movimento é busca necessária à construção de sentido para sua existência, que acontece entre o eu e o outro. Afinal, encontrar um sentido, uma resposta para os problemas que atingem a razão é uma preocupação constante, e essa mobiliza a criatividade que implica auto-organização do amor criante em toda a rede psicossomática.

Essa preocupação humana tem sua razão de ser no fundamento último do corpo-criante - Deus. "Deus é o nome da preocupação fundamental do homem. Isso significa que tudo o que preocupa ao homem fundamentalmente se converte em Deus para ele, [...]."[110] Assim, quando o corpo-criante toma consciência de sua preocupação última, muitas perguntas surgem. Entre elas: qual é o fundamento da criatividade no viver? Por que a vida se coloca como processo de criação, permanente? Qual é o princípio e a ultimidade de tal complexidade, quase que insondável?

Essas perguntas formuladas indicam uma intuição, uma emoção e uma percepção, que nascem *na* e *da* dimensão de profundidade espiritual. Essa experiência é busca de algo que é imanente e transcendente ao ser humano – o

---

[109] AGOSTINHO, Santo. **Confissões.** Petrópolis: Vozes, 1969. p. 274.

[110] "Dios es el nombre de la preocupación fundamental del hombre. [...] 'Esto significa que todo lo que preocupa al hombre fundamentalmente se convierte en Dios para él" (tradução própria). ARMBRUSTER, Carl J. S.J. **El pensamiento de Paul Tillich**. Santander (Espana): Editorial 'Sal Terrae, 1968. (Colección Teología y Mundo Actual). p. 145.

amor-criante – Deus. Com efeito, é imanente porque é fundamento vital-cognitivo-espiritual - dimensão de profundidade espiritual, base estrutural e de organização da própria vida como forma inteligente de organização do ser vivo. É transcendente porque a organização do fundamento vital-cognitivo-espiritual dá o poder de percepção para o corpo-criante entender que a sua auto-organização (criatividade) implica transcendência, na direção de busca permanente pelo sentido de viver a partir de um fundamento último, Deus, amor criante.

Evidentemente, essa busca não elimina a relação com o cultural e o natural. Esses, inclusive, podem ser mediadores para o corpo-criante poder viver a transcendência na imanência e a imanência na transcendência, visando descobrir o sentido do viver, aquilo que o preocupa de forma incondicional, pois determina a criatividade – uma maneira de ser na relação consigo mesmo, com o outro, com o mundo e com Deus.

Essa maneira singular emerge do fundamento último que tem uma profundidade abissal, pois, retoma as origens da criação do universo, o começo e o fim – Deus. Com efeito, o fundamento último é o primeiro, pois não tem nada além dele e tudo o que vem, vem dele, ele é o criador. Esse argumento é confirmado na narrativa bíblica da gênese do mundo. Assim diz:

> No princípio criou Deus o céu e a terra. A terra, porém, estava vazia e nua; e as trevas cobriam a face do abismo; e o espírito de Deus era levado por cima das águas. Disse Deus: Faça-se a luz; e fez-se a luz. [...] Disse também Deus: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. [...] E criou Deus o homem à sua imagem [...].[111]

Essas idéias mostram que Deus é o fundamento último de tudo. Ele é por si, de si, em si e para si. Ele é o absoluto criador, que deu origem à luz e mandou que ela se fizesse, e ela se auto-organizou no movimento da onda e da partícula, e se recriou em macro-moléculas, em células que compõem a estrutura biopsicofísica e espiritual do corpo-criante. Essa energia luminosa está dentro de cada corpo-criante, na dimensão de profundidade espiritual, e se faz amor criante – energia vital que dá o poder de ser, logo, de conhecer e criar.

Dentro disso, o corpo-criante, ser humano, é uma criação divina. Ela

---

[111]Gn 1.1-3, 16. A BÍBLIA sagrada, 1972, p. 3-4.

expressa na complexidade de sua organização a articulação, indissociável, entre o soma, a psique e o espírito, dimensões estruturais, constituídas de uma mesma substância divina – o amor criante. Essa visão tem raízes na teologia tradicional de Santo Tomás. Para ele, a alma é a forma do corpo, responsável pela sua existência. O corpo e a alma não são duas substâncias, mas uma só. Assim, as pessoas são o que são porque seus corpos e almas são inseparáveis, formando uma só personalidade e entidade, um corpo-criante.

Tillich diz que 'o espírito não contrasta com o corpo. A vida espiritual transcende o dualismo de corpo e mente'. Para ele, o espírito de deus é o símbolo inclusivo da vida divina. Portanto, o espírito nada exclui e, necessariamente, inclui o corpo. "Tillich gostava de citar o místico sábio, F. C. Ötinger, que dizia que 'o corpo é o alvo dos caminhos de Deus."[112]

Há uma correlação entre as dimensões do corpo-criante e a sua existência. Essa correlação está posta porque o corpo-criante humano constitui-se uma criação divina, expressão do amor criante de Deus. Por isso, no seu ser e no seu fazer no mundo (existência) busca encontrar um sentido último que remete para um fundamento último – Deus, a preocupação fundamental do ser.

O entendimento sobre Deus e sua relação com o ser humano como um corpo-criante passa por uma reflexão profunda entre a filosofia e a teologia, indissociavelmente. No caso da filosofia, a preocupação é com um discurso sistemático que busca explicar o que é o ser humano e o porquê de sua existência. Na teologia, quando se aborda a questão do ser religioso encontra-se a necessidade de sistematizar o sentido de ser do corpo-criante na sua existência, diante de sua preocupação última – Deus.

Tillich desenvolveu sua teologia sistemática defendendo a indissociável ligação entre a filosofia e a teologia. Ele defende que ambas formulam a pergunta pelo ser. Nas suas palavras: "A filosofia lida com a estrutura do ser em si mesmo; a teologia lida com o sentido do ser para nós".[113] Dando continuidade a esta explicação, afirma o teólogo:

---

[112]PARRELA, Frederick J. **Paul Tiilich e o corpo**. Disponível em: <http://www.metodista.br/correlatio/num_06/paul_3.php> Acesso em 02 jun. 2007.
[113]TILLICH, 2005, p. 41.

> [...] a religião só pode se expressar através das categorias e dos elementos ontológicos com os quais lida a filosofia, e a filosofia só pode descobrir a estrutura do ser na medida em que o ser-em-si se manifesta em uma experiência existencial. [...] isto nos remete à idéia de Deus.[114]

Logo, a filosofia levanta, necessariamente, a questão da realidade como um todo e a questão da estrutura do ser. A teologia suscita, necessariamente, a mesma pergunta, pois aquilo que preocupa o corpo-criante, ser humano, de forma última deve pertencer à realidade, como um todo e, especialmente, é a preocupação última, aquela que dá o poder incondicional para criar e expressar o sentido do viver, que direta ou indiretamente tem um escopo – Deus, plenitude de amor criante, o fundamento último.

A experiência de ultimidade é viva no ser humano, corpo-criante. Seja na ciência ou fora dela, ele é despertado para saber o mistério que está encarnado nele. Desde os tempos primitivos até o momento contemporâneo com as grandes descobertas da ciência, entre elas a do genoma, o ser humano busca um fundamento último para entender a sua criatividade e o sentido dela para a sua vida pessoal e coletiva.

Essa busca é intrínseca, inata e cultural. Nela, consciente ou inconscientemente, o corpo-criante quer superar os seus limites dentro de sua situação de vida no mundo cultural, pois este é um referencial objetivo que lhe abre possibilidades para descobrir o misterioso. Ou seja, aquilo que está presente nas suas profundezas, o fundamento último, e se dinamiza numa presença silenciosa e vibrante, a do amor criante.

4 O corpo-criante e o inconsciente espiritual: o lugar do amor criante para a criatividade

Tillich diz que é difícil apresentar uma discussão concreta sobre a relação do psicológico e as funções da vida, biologicamente falando. Pois, "o ser humano normalmente experimenta a dimensão da percepção de si em união com a dimensão do espírito. O eu psicológico e o eu pessoal são unidos por ele."[115] Isso é

[114]TILLICH, 2005, p. 237.
[115]TILLICH, 2005, p. 499.

pertinente porque o corpo e espírito são inseparáveis, fazem parte de um todo vivo, sagrado, o corpo-criante, presença do amor criante que se faz criatividade.

Na psicologia de Viktor Frankl[116], a questão da criatividade humana vai ser tratada numa concepção de ser humano, complexo, formado pelas dimensões somática (fenômenos biológicos), psíquica (fenômenos psicológicos) e espiritual (fenômenos espirituais).

Frankl vê o ser humano na sua inteireza, pois o entende para lá da dimensão psicológica. Para ele, o fundamento psicológico tem suas raízes na dimensão pessoa espiritual profunda. É ela quem congrega e sustenta todos os processos somático-psíquico-espirituais do ser humano.

No foco ontológico do ser humano se tem a dimensão do espiritual, noética, que se expressa na existência. No foco antropológico se têm as dimensões somáticas e psicológicas, em que se expressam os impulsos, as emoções que registram as necessidades biológicas dos instintos, reflexos e reações biopsicológicas. Para Frankl, "a dimensão somática, a psíquica e a noética tornam-se ontologicamente diversas, porém antropologicamente inseparáveis, na medida em que a dimensão superior (a noética) unifica a [...] globalidade do ser humano."[117]

Frankl vê a dimensão profunda, espiritual, como o *lócus* fundamental de onde emerge a percepção do ser humano em si e para além de si. É um fundamento insondável, pois ele é plenamente criador. Apresenta-se como uma força criadora inconsciente, que na sua dinâmica vital, impulsiona o ser humano a reconhecer que existe em si uma presença ignorada a qual ele chamou de Deus.

Vale dizer que Frankl não reduz Deus ao inconsciente humano. Mas, o inconsciente é uma dimensão de profundidade espiritual, de onde emana uma força de fundo espiritual, religioso, e que remete à descoberta do sentido de vida, que por

---

[116]Viktor Frankl é o criador da logoterapia, que é uma escola de psicoterapia numa visão existencialista em que os processos terapêuticos visam encaminhar o ser humano para a descoberta do sentido do viver. "A logoterapia, [...], procura a conscientização do espiritual. Com isto, na sua especificação como análise existencial, a logoterapia esforça-se especialmente por trazer o homem à consciência do seu ser-responsável, enquanto fundamento essencial da existência humana. Mas responsabilidade significa sempre responsabilidade perante um sentido." FRANKL, Viktor E. **Psicoterapia e sentido da vida.** Tradução Alípio Maia de Castro, São Paulo: Editora Quadrante, [s.d]. p. 55.

[117]PETER, Ricardo. **Viktor Frankl: a antropologia como terapia**. São Paulo: Paulus, 1999. p. 38.

sua vez acontece pela criatividade do ser humano. Isso mostra que Frankl se aproxima de Tillich. Ambos encontram um fulcro central para explicar a criatividade humana, um inconsciente espiritual abissal - fundamento último – Deus – expressão de amor criante.

Deus é fundamento último do ser humano, por isso é sua preocupação central na existência. Assim como Tillich, Frankl diz que o ser humano constituiu-se de um fundamento espiritual, de profundidade não abarcável, pois atinge um lugar no corpo-criante, que é o inconsciente; ou seja, aquela dimensão de vida que, na sua complexidade, não se torna acessível para ser conhecida na sua extensividade, pois é puro movimento espiritual. Dando fé a essas idéias, afirma Frankl: "o espírito precisamente na sua origem, é cego de toda auto-observação e auto-reflexão; quando é totalmente primordial, completamente 'ele mesmo', é inconsciente de si mesmo".[118] Com efeito, "o espiritual em sua profundidade é inconsciente".[119] Ele se manifesta como a presença de algo, de alguém que aponta à necessidade fundamental para a transcendência humana, o amor criante. O inconsciente espiritual é, segundo Frankl, ação viva do fundamento absoluto da pessoa profunda espiritual que é manifestação do Espírito do amor criante de Deus.

Na estrutura do corpo-criante, o espírito é *dynamis,* é o *holos* inconsciente que irradia a vida para a organização psíquica e somática. O Espírito de Deus é amor criante. Ele é o fundamento da pessoa espiritual na sua dimensão profunda. Esta é formada pela indissociação entre o somático, o psíquico e o espiritual. A dinâmica que ocorre implica a própria espiritualidade que se revela na criatividade da pessoa espiritual, que é consciente. Esta espiritualidade, que é correlata à criatividade, é perpassada pelo amor criante que é fundamento espiritual unificador da psique e do soma.[120]

Frankl mostra que o processo de criatividade passa por dois entendimentos de pessoa: a profunda espiritual e a espiritual. Logo, assim ele as descreve:

---

[118] FRANK, Viktor E. **A presença ignorada de Deus**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2001. p. 14.

[119] XAUSA, Izar Aparecida de Moraes. **A psicologia do sentido da vida**. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 126.

[120] Xausa mostra que a espiritualidade do ser humano, segundo Frankl não se refere à vida religiosa por excelência. Ela inclui a dinâmica de vários fenômenos vital-cognitivos que ocorrem na estrutura e organização do ser humano, corpo-criante, por exemplo: "inclinações e afetos que não podem derivar só do instinto, nem do psicoinstintivo, pertencem ao psicoespiritual." XAUSA, 1986, p. 126.

> [...] podemos dizer que a pessoa profunda, a saber, a pessoa profunda espiritual, aquela e somente aquela que merece ser chamada assim, no verdadeiro sentido da palavra, é irreflexível por não ser passível de reflexão e, neste sentido, pode ser chamada também de inconsciente. Desta forma, enquanto a pessoa espiritual pode, basicamente, ser tanto consciente quanto inconsciente, podemos dizer que a pessoa profunda espiritual é obrigatoriamente inconsciente, não apenas facultativamente.[121]

Essa idéia mostra que o inconsciente é uma dimensão de profundidade espiritual que atravessa e influencia toda a estrutura somática e psíquica do corpo-criante como uma rede viva de amor criante. O espírito humano é o inconsciente e ele é o fulcro, instância vital de amor criante que sustenta a unidade do corpo-criante para viver a sua criatividade no meio ambiente.

Dentro da logoterapia, o espírito é uma força divina criadora inconsciente. Ele é pura dinâmica vital necessária para a vida se organizar, humanamente falando. Ele é aquilo que é origem e ultimidade do corpo-criante e que fundamenta os seus processos vital-cognitivos para ser e fazer, amando alguém, criando algo, ou dando um significado para os acontecimentos de prazer ou sofrimento. Essa idéia de Frankl mostra que o inconsciente é a fonte primordial do corpo-criante do ser humano, que é pessoa espiritual consciente e também inconsciente, se pensada do ponto de vista de sua profundeza abissal – o fundamento último do seu ser.

O inconsciente, de certa forma, é caótico, mas tem uma ordem alógica. Ele, primeiramente, é uma instância da pessoa profunda espiritual, na qual não acontece a reflexão. No entanto, ele congrega em si, também, uma dimensão que constitui a pessoa espiritual consciente, que faz as interfaces do nível inconsciente mais profundo para o nível consciente, quando acontecem as reflexões e ações do ser humano diante do outro.

Nesse processo está a criatividade que emerge, fenomenologicamente, pela intuição do corpo-criante, que, impulsionado pelo fluxo do amor criante, faz acontecer a intencionalidade como liberação de uma emoção que percorre toda a rede psicossomática e se torna pensamento dirigido à ação diante do outro. Segundo Peter “o homem em sua essência é todo intuição. A realidade ou a

---

[121] FRANKL, 2001, p. 24.

essência do ser homem não é o intelecto nem a razão".[122] Diante disso fica o entendimento de que o inconsciente é expressão de um fundamento último presente no corpo-criante.

O inconsciente é uma fonte espiritual de amor criante, energia vital criadora, auto-organizadora da estrutura biopsicofísica espiritual do corpo-criante. Segundo Frankl, ele "regula o adormecer e o acordar" do ser humano. É ele o eixo fundante das decisões, no sentido de tornar algo consciente ou não.

O corpo-criante, existencialmente falando, apresenta uma tendência inconsciente de buscar conhecer a sua fonte de origem criadora – Deus, o fundamento último – Espírito de amor criante. Esta manifestação ontológica e antropológica indica que este corpo-criante, como pessoa espiritual, tem uma ligação intencional e altamente intuitiva, embora inconsciente, com o seu fundamento último. Frankl reconhece esta manifestação do ser humano quando afirma:

> Nossa formulação de um Deus inconsciente não significa, porém, que Deus, em si mesmo e por si mesmo, seja inconsciente; ao contrário, quer dizer que às vezes Deus permanece inconsciente para *nós,* que nossa relação com ele pode ser inconsciente, ou reprimida, e, assim, oculta para nós mesmos.[123]

Nessa citação, Frankl confirma que o ser humano é sustentado por um fundamento último – Deus, ainda que isto não se torne consciente. É esse fundamento que dinamiza a criatividade que acontece entre o ser e o fazer que já se abordou acima. Logo, ele é *dynamis* de amor criante, impulsos processuais de vida e de conhecimento. Segundo Lukas, as dimensões biológica ("forças psíquicas – o instinto, o sentimento e a vontade") e psicológica ("funções psíquicas – a percepção, a memória e o pensamento")[124] se articulam de tal maneira, que o ser humano se percebe um ser intuitivo, que busca uma razão última de viver, uma autocompreensão do seu ser-no-mundo, e essa atinge a dimensão profunda espiritual – o inconsciente. Logo, a criatividade encontra o seu fundamento psicológico no inconsciente espiritual da pessoa espiritual, tocada pelo mistério do amor criante, presença de Deus, o criador de tudo e de todos.

---

[122]PETER, 1999, p. 72.
[123]FRANKL, 2001, p. 48.
[124]LUKAS, Elizabeth. **Prevenção psicológica**. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal. 1992. p. 41.

5 A criatividade do corpo-criante: a coragem de ser pela força do amor criante

Teologicamente, será a criatividade o mistério do amor criante, presente na dimensão profunda espiritual do corpo-criante?

Aqui a palavra mistério não é entendida como a revelação de uma verdade sobrenatural, mas como algo presente que dá o poder da criatividade ao corpo-criante, ser humano. O mistério é a presença de algo que se sabe que está nas profundezas abissais do ser humano, mas justamente por emergir de uma dimensão inconsciente irrefletida, o próprio ser humano não consegue pensá-lo na sua inteireza, mas o vive na sua criatividade, manifestando-o na sua maneira de ser e de fazer.

A criatividade, como mistério, é aquela experiência profunda e significativa que ocorre, imprevisivelmente, no encontro da dinâmica da vida, que se apresenta na interligação da subjetividade e da objetividade do ser humano, que se gesta e emerge da dimensão de pessoa profunda espiritual.[125]

Esse encontro na experiência de vida é sempre percebido pela união entre a emoção e a razão humana que se constitui na tensão e interligação entre o **subjetivo** – estrutura e organização dos processos vital-cognitivos para a intuição, intencionalidade e percepção, e o **objetivo** – estrutura e organização dos processos vital-cognitivos da realidade que possibilitam o corpo-criante, ser humano, interagir através de apreensões perceptivas que visam alcançar a compreensão *para a* significação.

Tillich, em sua teologia sistemática, quando fala da razão e da revelação, critica o conceito técnico de razão na ciência, que é puramente objetiva. Diz que este é limitante porque a sua finalidade é o raciocínio diante de regras externas, e então desconsidera outras dimensões da própria razão na sua profundidade. Defende que no conceito clássico, a razão é vista na sua inteireza, quando são consideradas, além da cognição, as dimensões estética, objetiva e subjetiva, teórico-

[125] Tillich explica esta questão do mistério como um evento marcado pela subjetividade e objetividade humana, quando afirma que "a revelação sempre é um evento subjetivo e um evento objetivo em estrita interdependência. Alguém se sente tomado pela manifestação do mistério; este é o lado subjetivo do evento. Algo ocorre através do qual o mistério da revelação se apodera de alguém; este é o lado objetivo. Não é possível separar estes dois aspectos." TILLICH, 2005, p. 124.

prática. Essas remetem à dimensão de profundidade espiritual – a razão profunda. Afirma que, "a negação da razão no sentido clássico é anti-humana, porque é antidivina."[126]

Evidentemente, esse é um processo complexo da criatividade que implica entender esta tensão ambígua entre a subjetividade e a objetividade da razão, a infinitude e a finitude. Mueller corrobora dizendo: "[...] a marca principal da razão finita é, segundo Tillich, a *ambigüidade*. [...]. Suas forças essenciais e existenciais, forças de criação e de destruição, estão unidas e desunidas ao mesmo tempo".[127]

O ser humano, através da sua razão profunda, cria possibilidades estruturais dentro de si mesmo, para poder criar diante da realidade que o desafia. O corpo-criante, na sua razão profunda, é vida pulsante em caos e ordem, em criação e destruição, subjetividade e objetividade. Viver é sentir o fluxo do mistério da vida, como criatividade pulsando como uma voz de amor criante, que emerge das profundezas e faz o humano acontecer como ser de criatividade, buscando na sua criação sentido para o seu existir.

Ao tomar consciência disto, o corpo-criante se sente fascinado, mas, ao mesmo tempo, sente medo. Nisso ele percebe que tudo é passável, transitório, diante dos limites e possibilidades que a sua razão, ligada às suas emoções, lhe coloca. Essa tensão vive dialeticamente no ser humano e o impulsiona à percepção da profundeza de sua razão, que se apresenta como algo que vai além dela mesma, e que remete ao seu fundamento último – fulcro para poder ser, diante da ameaça

---

[126] TILLICH, 2005, p. 86. Esta visão de Tillich é procedente. Na filosofia antiga, a razão era entendida como o Logos. Heráclito e depois os estóicos o viam como o princípio ativo amoroso racional da matéria, criador e ordenador do mundo. Na mesma direção também Plotino entendia o Logos como um princípio ativo natural, constituinte da matéria. "[...] não é pensamento nem visão, mas potência capaz de modificar a matéria. Potência que não conhece, mas age como o selo que imprime a sua forma. [...] Neste sentido o Logos é o próprio Intelecto divino enquanto ordenador do mundo." ABBAGNANO, 1962, p. 601, 602. Esta concepção apresenta um caráter inatista, ontológico e teológico. Inatista porque o Logos é imanente à matéria para informar o ser. Aristóteles defendeu que fora da potencialidade da matéria não é possível a geração nem a corrupção do ser. Platão usa a idéia de Bem e de Beleza, como o princípio ontológico para criar o mundo dos seres reais e ideais. No mundo medieval esta visão se alastra e surge o entendimento de que o Logos é Deus, o princípio criador que dá o ser aos seres. Ele cria do nada e ao criar o ser humano dá o dom, capacidades criativas, racionais e espirituais, para ele poder ser no mundo das criaturas. Nestas formas, o ser é explicado na sua natureza divina, fundamento último, absoluto, autocriador de si e por si. Isto mostra que o Logos é visto teologicamente, pois se coloca como categoria para falar do mistério do surgimento do ser como criação de Deus.

[127] MUELLER, Enio. Caminhos do pensar. In: MUELLER, Enio; BEIMS, Robert (Orgs.). **Fronteiras e interfaces:** o pensamento de Paul Tillich em perspectiva interdisciplinar. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 55.

do sentimento e experiência da finitude e da infinitude.

O corpo-criante, nos seus processos criativos (vital-cognitivos), percebe-se um ser finito e infinito. Antes de explicar sobre a finitude e infinitude humana, é importante esclarecer mais a questão da profundeza da razão como *lócus* de manifestação de algo misterioso. E, para isto, afirma Tillich:

> A profundidade da razão é a expressão de algo que não é razão, mas que a precede e se manifesta através dela. A razão, tanto em sua estrutura objetiva quanto subjetiva, aponta para algo que aparece nestas estruturas, mas que as transcende em poder de significação. Não se trata de outro campo da razão que pudesse ser progressivamente descoberto e expresso, mas daquilo que se expressa através de toda expressão racional. Poderíamos chamá-lo a 'substância' que aparece na estrutura racional, ou o 'ser-em-si' que se manifesta no *logos* do ser, ou o 'fundamento' que é criativo em toda criação racional, ou 'abismo' que não pode ser esgotado por nenhuma criação nem pela totalidade delas, ou a 'potencialidade infinita de ser e de sentido' que se derrama nas estruturas racionais da mente e da realidade, efetivando e transformando as mesmas.[128]

Essa reflexão densa de Tillich mostra que a razão existe e se sustenta porque tem um fundamento que é de profundidade espiritual, por isso, criativa e infinita. Esse fundamento último transcende a toda explicação racional de significado sobre ele. Este fundamento é um abismo de criatividade insondável, e se manifesta de múltiplas formas, uma das quais é a dinâmica da razão subjetiva e objetiva.[129] A razão vive o mistério como a busca criativa do eterno, aquele que se apresenta como algo que ela sabe que existe porque age sobre ela, mas que ela não pode alcançar devido a sua própria finitude.

A condição de finitude limita a capacidade de inteligência humana para poder abarcar explicativamente a natureza da criatividade – o fundamento último – o amor criante, mistério que se vela e revela. Nessa vivência ambígua, o fundamento último possibilita ao ser humano a experiência da criatividade como vivência da infinitude – abertura da estrutura e organização do seu corpo-criante para poder ser permanente e indefinidamente. É o mistério da criatividade como experiência

---

[128] TILLICH, 2005, p. 92-93.

[129] Na teologia sistemática, Tillich, quando fala da realidade de Deus, afirma que Deus é o fundamento criativo permanente do mundo. Ele é imanente no ser humano como poder ser para a criatividade. No entanto, Ele transcende o mundo pela liberdade de criar, pois para o criador a finalidade da criação é o processo da criatividade da vida divina, que é essencialmente criativa. Cf. TILLICH, 2005, p. 268, 269.

indiscutível que expressa um poder criador do ser humano, que remete sua origem ao fundamento último – o AMOR CRIANTE, Espírito de Deus. Com efeito, toda criação é fruto do amor criante de Deus, que é pleno em si, por si, de si e para si. É o começo e fim, logo é onipresença, onisciência e onipotência do mistério divino que reside no corpo-criante e que não se revela totalmente porque é inconsciente.

Na história do ser humano, a vida não acontece fora da força do amor como energia divina, vital-cognitiva, capaz de congregar para fecundar, para gestar e para parir o ser criado. O poder de criar humano tem a marca do Amor Criante, como força viva, criativa, que tem como finalidade viver a sua criatividade, que implica a auto-organização do ser vivo humano no meio cultural, ambiental. A complexidade desse fenômeno permite perceber que, continuar a vida com alegria, é criar. Isso é a gênese do amor criante humano, nascido de Deus, que está presente nas profundezas do corpo-criante, onde o infinito toca o finito e a consciência da pessoa espiritual irrompe e se faz criatividade permanente.

Essa experiência pode ser entendida como aquela situação humana da *docta ignorantia,* ignorância sábia, como bem explicou Nicolau de Cusa, em sua filosofia dos opostos. O filósofo defende a experiência criativa como coincidência do ser finito com o ser infinito. Para ele, nada existe fora da infinitude de Deus. O ser humano, como ser finito, identifica-se e se reconhece a partir de seu fundamento – o infinito, o insondável. Esse é plenamente criante, pois dá o poder de ser, a criatividade. Em sua obra *A visão de Deus,* Cusa diz: “Por isso, quando afirmo um fim infinito, admito que a treva é luz, a ignorância a ciência, o impossível necessário. E, porque admitimos um fim do finito, admitimos necessariamente o infinito, o fim último ou o fim sem fim”.[130]

Essa explicação aponta à questão de que a profundeza da razão, o abissal inexaurível, é a expressão de algo que vai além dela mesma, mas, que ao mesmo tempo se manifesta através dela e faz se identificar pela percepção sobre si mesma, sobre o outro e sobre o meio ambiente. Com efeito, a razão na sua pureza profunda é verdadeira e transparente. Ela é luz criante plena de sabedoria. No entanto, o ser humano determinado à morte e à liberdade se encontra em uma situação em que a insegurança, o medo, a agressividade, a incerteza do futuro lhe toma como uma

[130] CUSA, Nicolau de. **A visão de Deus**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998. p.181.

angústia.

A angústia é uma situação na qual a razão se sente obscurecida para entender o conflito da ambigüidade da vida - a tensão entre o finito e o infinito. Essa tensão se dá no movimento da criatividade. Ela aparece em forma de preocupação última da existência – encontrar o fundamento último para o sentido do existir.[131]

O existir, como processo de criatividade, implica fazer-se para fora de si mesmo, tornar-se ser efetivo, criando e amando algo ou alguém nas condições reais da vida vivida. No entanto, a própria efetividade do corpo-criante, como uma estrutura orgânico-psíquica e espiritual que vive processos de auto-organização, já pressupõe o não-ser como condição da existência que, interligada à essência (amor criante), nunca esgota as potencialidades para criar. Nessa experiência, o corpo-criante do ser humano sente o perigo de perder-se a si mesmo no mar de sua infinitude, mas, também, de sua finitude. De certa forma, isto lhe provoca uma ansiedade existencial no desenvolvimento de sua criatividade que remete à sua preocupação última – Deus – o fundamento último – puro amor criante.

A ansiedade é intrínseca à finitude do ser humano. Ele vive diuturnamente um estado somático-psicoespiritual de enfrentamento entre o que ele é e o que ele poderá ser, entre o ser e o não-ser, entre a vida e a morte. Estas são marcas da criatividade humana. Diz Tillich: "Ansiedade é um estado no qual um ser tem ciência de seu possível não-ser. [...]" é "a consciência de que não-ser é uma parte do nosso próprio ser."[132] Isto faz o ser humano viver a criatividade sob uma tensão de ambigüidade da finitude na infinitude e vice-versa. Esta tensão é dinâmica e registra que o ser humano é um ser para o não-ser durante todo o processo de sua vida; logo, de sua criatividade forjada no fundamento último que sustenta a estrutura e organização de seu corpo-criante para as relações no meio ambiente.

Na criatividade, o corpo-criante vive a ameaça constante de não-ser, do ainda não possível. O não-ser é superado e vencido pela criatividade como manifestação objetiva e subjetiva do corpo-criante, na auto-organização de sua

---

[131] O significado etimológico do verbo existir, do latim existere, é "estar fora de". TILLICH, 2005, p. 316.

[132] TILLICH, Paul. **A coragem de ser**. Tradução de Eglê Malheiros, 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1972. p.28.

estrutura biopsicoespiritual. A vivência da criatividade leva o corpo-criante a superar limites do não-ser que rompe com o ser, para abrir novas possibilidades de poder ser.

> O ser tem o não-ser "dentro" de si mesmo, de modo que é eternamente presente e eternamente superado no processo de vida divina. A base de tudo que é não é uma identidade morta, sem movimento e vir a ser; é uma criatividade vivente.[133]

Essa criatividade vivente é a manifestação do fundamento último – Deus. Ele dá o poder de ser para o corpo-criante, o humano, que se dá na intermediação entre a pessoa espiritual (consciência) e a pessoa profunda espiritual (inconsciência diante de uma força de amor que é criadora – fundamento último - Deus). Essa intermediação é criatividade, auto-organização, para o corpo-criante se auto-afirmar nos desafios da vida presentes nas ameaças do não-ser. Com efeito, a auto-afirmação implica coragem para poder ser diante da preocupação última – Deus. É intrínseco ao ser humano auto-afirmar-se na vida existencial construída. Sua vida, enquanto processos criatividades, vai se constituindo na busca por respostas para os porquês de sua preocupação última. Essas respostas o ser humano vai encontrar nas suas criações, que podem ser de muitas formas. Isso revela que a auto-afirmação implica viver a coragem de ser, apesar dos limites do não-ser, sejam eles físicos, psíquicos, espirituais, pois eles estão interligados.

A coragem de ser vem da força do amor criante que emerge do fundamento último, Deus, presente no ser humano[134]. Esse lhe dá a capacidade de afirmar, em ações criativas e de conhecimento, o resultado de um processo criativo que se dá no encontro de suas razões subjetiva e objetiva, do somático-psíquico com o espiritual, da finitude com a infinitude, visando resolver problemas que emergem da dimensão de profundidade espiritual, ainda que *a priori* surjam da dimensão somática ou

---

[133]TILLICH, 1972, p. 27.

[134]"Quando se fala do fundamento último – Deus, presente no ser humano, não se quer dizer que Deus é igual ao ser humano. Isto seria um reducionismo. Não se trata de uma visão panteísta - tudo o que existe é Deus. Tillich explica bem o erro desta visão quando afirma: "Panteísmo não significa, nunca significou e nunca deveria significar que tudo que existe é Deus. Se Deus é identificado como natureza (deus sive natura), não é a totalidade dos objetos naturais que é chamada de Deus, mas sim o poder criativo e a unidade da natureza, a substância absoluta que está presente em tudo. [...]. O panteísmo é a doutrina segundo a qual Deus é a substância ou a essência de todas as coisas, não a afirmação absurda de que Deus é a totalidade das coisas. O elemento panteísta da doutrina clássica de que Deus é *o ipsum esse*, o ser-em-si, é tão necessário para a doutrina cristã de Deus como o elemento místico da presença divina". TILLICH, 2005, p. 240.

psicológica. Segundo Carl Jung, todos os problemas de ordem psicológica do ser humano estão implicados numa ordem espiritual do seu inconsciente pessoal. Eles têm a ver com o sagrado, que é fundante da estrutura psicológica humana.

Esse processo complexo é vida, fluxo de amor criante, como potencialidade e efetividade presente no humano e no mundo, buscando um sentido para viver. A vida como um movimento de permanente criação é autopoiética. Tem a capacidade própria de auto-integração, autocriatividade e autotranscendência. Ela, erguida por um fundamento último - poder absoluto de um amor criante, se autofaz, efetivando, objetivamente, a criação como expressão viva da imanência mútua do Espírito divino no espírito humano e vice-versa.

Nas palavras de Tillich:

> Quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus permanece nele. Que Deus permaneça em nós, que faça de nós um lugar de sua residência, equivale dizer que nós permanecemos no amor, que o amor constitui o âmbito de nossa vida. Deus e o amor não são realidades distintas; é uma só realidade. O ser de Deus é o ser do amor e o infinito poder do Ser de Deus é o infinito poder do amor.[135]

Essa citação traz força explicativa para confirmar que o amor criante é aquela força vital místico-espiritual, infinita e plena em poder criador, que é fundamento para o corpo-criante poder ser. Ela atravessa a finitude humana, abrindo caminhos à transformação do espírito humano, no sentido de auto-superar os limites psicossomáticos internos e externos presentes na sua existência.

Viver a vida é ter a coragem para criar, atualizar as capacidades em maneiras diferentes de ser. A vida encontra suas raízes em Deus e implica dinâmica da atualização do seres que vão se criando pelo poder da criatividade do amor na criação. Com efeito, “[...] e o amor é o poder que move a vida".[136]

O ser humano, como criatura finita e infinita, mostra-se, nas relações que estabelece no mundo, como um poder ser ou uma criação de amor que encontra seu *lócus* de origem em Deus. “Deus não é uma identidade morta, mas o fundo vivo

---

[135]“Que Dios permanezca en nosotros, que haga de nosotros el lugar de su residencia, equivale a decir que nosotros permanecemos en el amor, que el amor constituye el ámbito de nuestra vida. Dios y el amor no son dos realidades distintas; son una sola realidad. El Ser de Dios es el infinito poder del amor” (tradução própria). TILLICH, [s.d.], p. 37.

[136]“[…], y el amor es el poder que mueve a vida” (tradução própria). TILLICH, 1970, p. 42.

de todo o que vive", e que dá coragem para o ser humano reunir, se religar à sua dimensão profunda, encontrando força para enfrentar a tensão afetivo-cognitiva entre o ser e o não-ser, o eu e o outro.[137]

O amor criante é uma força criadora, de fundamento divino, que dinamiza e articula o que está separado – o eu subjetivo, da objetividade do mundo, a razão profunda da razão técnica, a finitude da infinitude, e existência da essência. Ele é a força para fazer nascer a criatividade do ser humano e, através dela, superar as dificuldades presentes na dinâmica da vida, quando a razão subjetiva precisa articular-se à razão objetiva, para encontrar respostas diante das ameaças do não-ser, que defocam o ser humano de seu centro fundamental, criativo, espiritual, mas que, também, abrem possibilidade de ele autocentrar-se.

A vida como *autopoiese* é autotranscendência[138]. Ela é o impulso vital do amor criante que leva o ser humano, corpo-criante, a ter a coragem de se auto-superar, a ir para além de si mesmo, buscando atingir as raias dos limites últimos da própria natureza da vida, como dizia Morin. Com efeito, a "natureza é aquilo que liga, articula e faz comunicar profundamente o antropológico, o biológico e o físico".[139] Logo, ir além dos limites é se autotranscender criando o novo que implicará criatividade – manifestação do fundamento último – Deus – Espírito de amor criante que dá coragem para ser, logo para poder criar e encontrar sentido para o viver.

---

[137] "Dios non es una identidad muerta, sino el fondo vivo de todo lo que vive (tradução própria)." TILLICH, 1970, p. 142.

[138] Sobre autotranscendência se abordará mais adiante.

[139] MORIN, Edgar. **O método I**: a natureza da natureza. Tradução de Maria Gabriela de Bragança. 2. ed. Mira-Sintra, Portugal: Publicações Europa América, 1977. p. 340.

QUADRO II: A OBRA DE ARTE: REVELAÇÃO DO AMOR CRIANTE DIVINO

1 A obra de arte: a criatividade e o amor criante

Desde as civilizações primitivas até o mundo contemporâneo a arte tem sido uma expressão contundente do poder da criatividade humana. Ela registra uma maneira de ser, de pensar e fazer do espírito criador do ser humano, nas diferentes épocas e culturas. Ela registra a revelação do fundamento último, que se mostra criatividade de amor criante encarnada no ser humano.

Registros da antropologia cultural mostram que o ser humano é um corpo-criante, pessoa de profundeza espiritual, cuja razão de ser no mundo é criar para encontrar o sentido do seu viver. Uma das maneiras de ele encontrar o sentido de viver é criar a sua obra de arte. "A atividade criativa é **intrinsecamente humana".** Ao criar a arte, o ser humano "projeta seu mundo interior sobre o meio".[140] Ao projetá-lo o ser humano lança-se para além de si mesmo e o que o sustenta é a sua criatividade, que dinamiza o seu corpo-criante inteiro para estabelecer relações das mais diversas possíveis. Esse é o movimento da força do amor criante que opera desde as profundezas do inconsciente humano, atravessando todos os sistemas da sua rede psicossomática, que impulsiona o ser humano a engendrar novas maneiras de viver e de dar significado à sua existência.

Povos do mundo inteiro se moblizam de lugar para lugar, buscando conhecer o pensamento, o retrato da beleza e da feiúra humana na arte que está nos museus, nas igrejas, nos mosteiros, nos castelos e em outros lugares diversos.

---

[140]TORRE, Saturnino de la. **Dialogando com a criatividade.** Tradução Cristina Mendes Rodríguez. São Paulo: Madras, 2005. p. 57.

Aos olhos de muitos seres humanos, a obra de arte deverá revelar beleza quando expressa harmonia, proporção entre as suas partes, por isso toca o seu coração e o encanta, o fascina. Tomás de Aquino (século XIII), na sua *Summa Theologiae,* defende que a arte traduz o sublime que é "o belo [...] constituído tanto pelo esplendor quanto pelas devidas proporções [...]".[141] No entanto, nem sempre isto acontece, pois o humano criador, na sua finitude, também sente-se tocado pela dor das agrúrias da vida cotidiana e, muitas vezes, no processo de criação o feio, o obscuro, surge e clama por explicação.

De certa forma, o belo na obra é uma busca permanente, consciente ou inconsciente, que nem sempre se efetiva de forma plena como o artista deseja. Na tensão da entre os processos da subjetividade do corpo-criante e a sua necessidade de objetividade no mundo, significativamente, não raro, ocorrem, manifestações que mostram o lado sombrio do ser humano.

Desde a arte das cavernas, o ser humano vem deixando uma verdade contundente. A arte marca uma maneira de ser do humano, desde as paredes rústicas, monumentais, das cavernas, aos espaços mais sofisticados ou simples que se perpetuam no tempo das culturas dos povos. Dentro dos espaços virtuais e multimediáticos da Internet, povos do planeta inteiro acessam para ver a criatividade humana, nas mais diversas manifestações artísticas. A arte é uma criação humana que revela que o ser humano é um ser de criatividade, que ama o que é belo para si, aquilo que aos seus olhos desperta sentimentos de bem-estar, de embevecimento, pois faz a vida se alargar em criatividade no seu corpo-criante, tornando-o mais humano, mais amoroso e respeitoso para consigo mesmo e com o outro.

A obra de arte expressa a criatividade como uma maneira de ter a coragem de ser aquilo que se é, que se está sentindo e vivendo no corpo-criante inteiro, diante das relações com o meio. Ela é intrínseca ao humano, independentemente da sua cultura. A obra de arte mostra-se expressão sublime da criatividade humana como amor à beleza como um processo de busca de entendimento. Ela encerra o registro de uma espiritualidade vivenciada como sinal inquestionável de uma sensibilidade espiritual, que remete a um fundamento último que sustenta a vida.

---

[141] Citado por ECO, Umberto. **História da beleza**. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 2004. p. 100.

Reforçando esse argumento, diz Tillich: “Uma obra de arte é autêntica se expressa o encontro entre a mente e o mundo, em que uma qualidade de outra forma oculta de uma porção do universo [...] se une ao poder receptivo, de outro lado oculto da mente [...].”[142]

Ao longo do pensamento ocidental, várias foram as definições sobre o que é uma obra de arte. Nesta pesquisa, não se quer discutir as várias definições de arte, mas o que se quer entender é a **obra de arte como revelação do amor criante divino, que se revela em criatividade no corpo-criante do ser humano.**

A obra de arte é um nó de significações vivas que exprimem uma carga emocional e racional dos processos vital-cognitivos do corpo-criante. Ela é o espelho imagético que retrata processos biopsicoespirituais, que se gestam e nascem na dimensão profunda, abissal, espiritual do ser humano. Nessa dimensão de profundidade espiritual, o fluxo da vida explode em energia autocriativa e se objetiva na forma de obra de arte, e mostra-se como ação do fundamento último que é plenamente Espírito de amor criante.

O amor criante pode ser entendido também como energia psicoespiritual que dá sustentação para que a mobilidade do corpo-criante aconteça como processo criativo e traga sentido para viver. “O amor está atuando em todo o ser humano, mesmo que profundamente oculto, pois todo o ser humano aspira à união com o fundamento último do ser”.[143] A união faz-se pela criatividade que engloba os processos vital-cognitivos que são, teologicamente falando, sustentados pelo amor criante de Deus.

No processo de criação da obra de arte, o amor criante se manifesta no biopsicológico como uma força integradora de vitalidade para o corpo-criante poder ser; ter a coragem[144] de criar e expressar os sentimentos, as emoções, as imaginações e as razões que, muitas vezes, ele não sabe quais são e por que se

---

[142]TILLICH, 2005, p. 524.

[143]TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. 7. ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2002. p. 74.

[144]“A coragem é a força de ânimo, capaz de dominar o que quer que ameace a obtenção do mais elevado bem. [...]. Sob a predominância da sabedoria, a coragem é essencialmente a ‘força da mente’ que obedece aos ditames da razão (ou revelação) possível, enquanto a coragem venturosa participa na criação da sabedoria.” TILLICH, 1972, p. 6.

manifestam no seu corpo-criante.[145] "A vitalidade, no sentido pleno da palavra, é humana porque o ser humano possui intencionalidade. O elemento dinâmico no ser humano está aberto em todas as direções; ele não está sujeito a nenhuma estrutura a priori limitante."[146]

Ao iniciar a obra de arte, o criador, o corpo-criante, se depara com um vazio, um sentimento de vacuidade que, ao mesmo tempo, se preenche de inúmeras possibilidades. Ele vivencia uma vitalidade que o leva a sentir que existe algo profundo, que lhe dá a força para ir em frente. Mas, às vezes, o paralisa. Neste momento, ele percebe que é capaz de se atirar para fora de si mesmo, e que precisa se abrir para romper com a vacuidade e criar um mundo para além do mundo que ele observa no horizonte de seu olhar, que se encontra com a finitude e a infinitude. Esta é uma experiência de profundidade espiritual, pois sua gênese começa na manifestação de uma força espiritual, o amor criante, que toma conta de corpo-criante inteiro. Reforçando este argumento, Tillich defende que no processo de criação da obra de arte, o Espírito divino se revela no espírito humano, dando-lhe o poder de criar. "O Espírito divino irrompe no espírito humano, isto não significa que repouse nele, mas que eleva o espírito humano para fora de si mesmo,"[147] no sentido de poder expressar aquilo que se gestou nas profundezas de sua dimensão espiritual, a que Frankl chamou de pessoa profunda espiritual.

Nesse processo, forjante de criação, um sentimento de finitude e infinitude se misturam e vão se manifestando em forma de emoções que vão desabrochando na intuição, na imaginação e na razão humana - é o fenômeno da criatividade do amor criante começando seu percurso cósmico corporal-psíquico-espiritual, cognitivo-emocional. Caos e ordem se misturam na dança da energia vital-espiritual, criante, que microcosmicamente é sustentada pela autocriatividade da vida, que se efetiva nas passagens da partícula e da onda que subjaz a toda organização vital-

---

[145]Reforçando, este argumento também encontra ressonância na idéia do cientista Collins, quando ele mostra que Deus é o fundamento de tudo o que existe e sua gênese está também na própria auto-organização do genoma humano. Afirma ele: "O Deus da Bíblia é também o Deus do genoma. Pode ser adorado na catedral ou no laboratório. Sua criação é majestosa, esplêndida, complexa e bela – e não pode guerrear consigo mesma. Só nós, humanos imperfeitos, podemos iniciar batalhas assim. E só nós podemos acabar com elas". COLLINS, Francis. **A linguagem de Deus.** 1.ed. São Paulo: Editora Gente, 2007. p. 216.

[146]TILLICH, 2005, p. 189.

[147]TILLICH, 2005, p. 567.

cognitiva do corpo-criante.[148] Com efeito, a criatividade emerge num fazer subjetivo do corpo-criante, que se traduz numa maneira de ser: a obra.[149] Não será isto o fenômeno da revelação do amor criante de Deus?

A obra de arte, na sua causalidade e ultimidade, remete a uma criatividade subjetiva, de natureza abissal, que começa o seu autofazer na dinâmica do amor criante, que é espiritual, pois é gênese divina que se manifesta em toda a rede psicossomática do corpo-criante.

Ao início da obra, o corpo-criante, na sua totalidade de rede biopsicoespiritual, busca, consciente ou inconscientemente, na força do amor criante, a coragem para ser como um dar-de-si para fora de si na direção do outro. Ela vai emergindo desde sua dimensão profunda espiritual e vai atravessando a psique e o soma, dando organicidade a toda esta estrutura, que, na emoção ligada à razão profunda, começa a gestar a obra. Hartmann, comentando sobre a visão da criação da obra de arte, em Schelling, afirma que ele entendia que existe um espírito de força criadora que sustenta a criatividade da natureza e do ser humano na arte.

> A força produtora da natureza e a força produtora do sujeito são, no fundo, o mesmo espírito criador. O cosmos não é só um organismo vivo, mas também uma obra realizada unitariamente, a poesia original, inconsciente, do espírito; a obra de arte é um cosmos semelhante, mas em ponto pequeno, a mesma revelação do mesmo espírito, só que criada conscientemente.[150]

Nessa idéia do pensamento de Schelling, a obra de arte encontra seu fundamento na força do espírito criador que está no ser humano e fora dele também. Este fundamento é um princípio criador que permite a dinâmica do encontro do inconsciente com o consciente. Na criação da arte, diante de um impulso de força criativa, primeiramente inconsciente (a intuição, a emoção, o sentimento) e contiguamente consciente (razão profunda), na interação com a natureza, o corpo-criante vai se gestando e se revelando neste encontro de um mundo singular com

---

[148] Morin afirma que no ser vivo "para que haja organização, é preciso que haja interações; para que haja interações, é preciso que haja encontros, para que haja encontros, é preciso que haja desordem (agitação, turbulência). O número e a riqueza das interações aumentam quando passamos para o nível das interações, não já unicamente entre partículas, mas também entre sistemas organizados [...]", como no caso do ser humano, por exemplo. MORIN, 1977, p. 53.

[149] Cf. DITTRICH, 2001, p. 121.

[150] HARTMANN, Nicolai. **A Filosofia do idealismo alemão.** Tradução de Walter de Gruyter & Co. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1960. p. 10.

um mundo coletivo, onde está a cultura. Desse encontro vão-se formando imagens simbólicas que referendam processos somático-psicoespirituais do corpo-criante, em sua vivência de criação. Quando Schelling fala sobre a questão da ligação da intuição com a razão, na criação artística, parece indicar a visão de uma vivência transcendental, que ele entendeu como a realização da criação, como reflexão da consciência sobre a sua própria atividade criadora, que emerge de um impulso de força espiritual inconsciente. Com efeito, na criação artística, é

> [...] intuição intelectual toda a conscientização das ações ou modos de produção do Eu, todo o reflectir que sobe até à origem da produção. É uma arte, uma percepção estática do organismo espiritual nos seus princípios; reproduz em consciência e liberdade o que a inteligência inconscientemente produziu originariamente com necessidade.[151]

Na vivência de criação se gesta e nasce a obra de arte como imagem simbólica que revela uma necessidade consciente e uma inconsciente, de tal modo que o corpo-criante a apreende em si mesmo, como a identidade de ambas. O símbolo[152] é uma imagem que reflete um conteúdo de uma vivência psíquico-espiritual diante do outro, do mundo e do transcendente. Ele tem um significado oculto, que não transparece ao primeiro olhar, ou seja, o símbolo manifesta-se no ser humano de forma inconsciente, misteriosa, que não é plenamente entendida pela razão. Por esse motivo, a obra de arte é um fenômeno imagético-simbólico, que tem implicações psíquicas profundas, complexas, multidiversas e inusitadas. Confirmando esse argumento, diz Nise da Silveira, psiquiatra junguiana, brasileira, que a imagem é uma forma direta de expressão dos processos inconscientes profundos.[153]

Imagens são cargas simbólicas psíquico-espirituais, relacionadas a algo que se revela, que, por sua vez, tem raízes na dinâmica do amor criante que vem do fundamento último do ser humano e lhe toca em toda a extensão. Elas vão aparecendo na criação da arte pictórica, por exemplo. São pinceladas carregadas de

---

[151] HARTMANN, 1960, p. 146.

[152] "O símbolo, na concepção jungueana, é uma linguagem universal infinitamente rica, capaz de exprimir por meio de imagens muitas coisas que transcendem as problemáticas específicas dos indivíduos." SILVEIRA, Nise. **Jung: vida e obra.** Rio, GB: José Álvaro, Editor, 1968. p. 81.

[153] SILVEIRA, Nise. **Os inúmeros estados do ser.** Disponível em: <http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br/pdfs/EstadosSer00.pdf>. Acesso em: 3 maio 2008.

cores que dançam na tela, sem uma direção muito definida, mas sempre querem expressar algo, um sentimento que se passou dentro do processo de criação. Para Kandinsky, o estudo da cor na arte não interessava na sua composição químico-física. Esta era uma idéia demais positivista para um artista da arte fenomenológica, ou seja, da arte como expressão de uma consciência criativa, que cria e significa o mundo pela sua percepção e compreensão significada e descrita por si. O foco de interesse do artista era o efeito psicológico da cor sobre o ser humano e o significado que ele atribuía a ela.[154] Nessa perspectiva, a obra de arte é entendida como uma manifestação fenomênica somático-psíquico-espiritual do corpo-criante, nos seus processos vital-cognitivos.

A cor é um fenômeno fascinante. Sua presença no mundo da arte revela, incontestavelmente, atração ou repulsa no ser humano, despertando sensações, intuições, necessidades, deslumbramentos etc. Certamente as pinceladas coloridas da obra expressam o ritmo dos processos vital-cognitivos do corpo-criante, que estão perpassando e sendo perpassados pela dinâmica da vida, como criatividade do amor criante, causalidade última da obra de arte. Com efeito, "a cor representa uma ferramenta poderosa para a transmissão de idéias, atmosferas e emoções, e pode captar a atenção do público de forma forte e direta, sutil ou progressiva [...]."[155] A imagem, como símbolo colorido, é manifestação de uma energia vital de amor criante, que dinamiza todos os processos de criação para que surja a obra na sua vibração colorida.[156]

A obra de arte tem poder revelador. Ela revela uma maneira de ser do corpo-criante na relação consigo mesmo, com o outro, com o mundo e com o transcendente. Essa maneira de ser se apresenta em imagens *sui generis,* que vão aparecendo pouco a pouco no suporte da obra e que, não raras vezes, o criador não reconhece de imediato. Numa pintura abstrata ou expressionista, por exemplo, as imagens vão aparecendo num jogo de cores e linhas que, num primeiro momento, parecem ser caóticas e ordenadas, despertando no criador uma percepção de

---

[154]Cf. BARROS, Lilian Ried Miller. **A cor no processo criativo:** Um estudo sobre a Bauhaus e a teoria de Goethe. São Paulo: Editora Senac, 2007. p. 170.

[155]BARROS, 2007, p.7.

[156]"Um símbolo deve ser entendido como uma energia psíquica. A energia simbólica se manifesta através da imagem [...] O símbolo pode [...] ser entendido como uma força orientadora, indicando a possibilidade adormecida na inteligência consciente". BELLO, Susan. **Pintando sua alma**: método de desenvolvimento da personalidade criativa. Brasília: Editora UNB, 1998. p. 67-68.

infinitude na finitude. Ou seja, no próprio limite da obra, do ponto de vista da cor e de seu conteúdo, o criador descobre uma diversidade de imagens, informações e possibilidades, que lhe abrem um horizonte para além da sua criação imediata. O simbólico na imagem está implícito na organização de seus elementos. Esses indicam uma relação entre a realidade reconhecível e "o reino místico e invisível da religião, da filosofia e da magia, entendendo-se, [...], desde o que é conscientemente compreensível até o campo do inconsciente."[157] Diante disso, fica a idéia de que o criador da arte vive uma relação entre o mundo visível e um outro invisível.

A obra de arte pictórica vem marcada por sentimentos que vão se gestando nos registros arquetípicos que se dinamizam na dimensão profunda espiritual do corpo-criante e que, pouco a pouco, se revelam sobre a tela, em cor e forma, para comunicar algo ocorrido entre o mundo visível e o invisível, registrado na complexidade do ser criador.

> Para Kandinsky [...] a obra de arte autêntica é aquela em que o artista consegue expressar sua necessidade interior usando como instrumento a harmonização entre cores e formas. Uma vez atingida essa meta, a composição estabelece uma verdadeira ressonância com a alma humana.[158]

Falando sobre a obra de arte, para Tillich, ela estabelece uma relação entre o corpo-criante, ser humano, e Deus. Ela, como fruto dessa relação contígua e contínua, é revelação da ação do amor criante. Com efeito, "uma revelação é uma manifestação especial e extraordinária que remove o véu de algo que está escondido de forma especial e extraordinária."[159]

Nesse sentido, a obra de arte é revelação. No momento da criação, o corpo-criante vive a coragem que implica o impulso de uma vitalidade intencional: a de se mostrar a si mesmo, ao outro e ao mundo. A cada toque na tela, o corpo-criante expande a sua vitalidade que se faz *liberdade e espiritualidade* na intencionalidade, inseparavelmente. A vitalidade não é algo que possa ser separado da totalidade do ser do homem, sua linguagem, sua criatividade, sua vida espiritual, seu interesse

---

[157] FRUTIGER, Adrian. **Sinais & símbolos. Desenho, projeto e significado.** São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 203.

[158] BARROS, 2007, p. 207.

[159] TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. Tradução de Getúlio Bertelli. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal,1987. p. 97.

fundamental. Ela é a manifestação biopsicoespiritual da criatividade do amor criante emergido do fundamento último do ser humano – Deus, a Fonte Criante.

A obra de arte afirma que o corpo-criante tem uma vitalidade plena, pois o ser humano cria a arte porque tem intencionalidade para conhecer e expressar um conteúdo significativo. Aristóteles dizia que todo ser humano quer conhecer. Essa máxima reforça a idéia de que a criação da obra de arte é uma maneira de descortinar um mundo interior de significações vivas, que estão enraizadas em um corpo-criante, desde o seu fundamento último, que, psicologicamente, encontra-se no seu inconsciente espiritual, segundo Frankl. Com efeito, "[...] quando o eu (espiritual) penetra numa esfera inconsciente, como sendo sua base, podemos falar, respectivamente, de consciência (*Gewissen),* amor ou arte".[160]

A criação da arte é um mistério que fascina e assombra porque é abissal. No entanto, se vela e se revela em imagens que atingem uma metalinguagem, que suscita e evoca a descoberta de algo profundo que vai sempre emergindo e que nunca se esgota. Nessa experiência, o criador ou o expectador é tocado pela emoção que atravessa a sua razão profunda pelo fluxo do amor criante, que rasga o véu da sua ignorância, mostrando idéias, respostas às suas perguntas existenciais.

O "[...] genuíno mistério", da obra de arte "aparece quando a razão é conduzida para além de si mesma, a seu 'fundamento e abismo', a aquilo que 'precede' a razão [...]".[161] Aqui, quando se fala de mistério, entende-se que a obra oculta e revela sinais sobre o fundamento último da criatividade - o amor criante divino no corpo-criante. Com efeito, ela oculta, desde que o todo do corpo-criante não se revela; e ela revela, desde que mostra, objetivamente, pela imagem, uma informação simbólica que indica sentido de vida para o ser humano, na relação com o seu fundamento último.

O processo de criação da obra de arte é vivência de alegria e de dor, de audácia e de medo, de prazer e de angústia, de liberdade e de aprisionamento. É realmente uma confluência de energias emocionais que vêm à tona da razão

[160]FRANKL, 2001, p. 31.
[161]TILLICH, 1987, p. 98.

profunda e se extravasam em imagens coloridas.[162] Parafraseando Bello, a pincelada expressa o movimento da alma de uma pessoa. As imagens guardadas no interior surgem e são transcritas através do pincel.[163] Ora, esse é o processo da criatividade do amor criante percorrendo os labirintos de uma rede vital-cognitiva, que tece novas configurações simbólicas que surgem na criação da obra de arte. Isso implica processos de criação que levam ao aprender a aprender fazendo. Esse processo é educativo e está diretamente relacionado com o respeito e o amor por si mesmo e pelo outro que compartilha da criação como expectador ou co-partícipe dela. O criar também implica conhecer desde a obra de arte. Essa é uma forma de viver o amor criante que leva à participação e à comunhão entre um eu e um outro, que se reconhecem como legítimos seres criativos. Conhece-se bem aquilo que se respeita e se ama.

O nascimento da obra, biopsicologicamente falando, começa na auto-organização da estrutura biofísica do corpo-criante, desde as micropartículas subatômicas que constituem a auto-organização dos átomos, das moléculas, das células, dos órgãos, dos sistemas da rede psicossomática inteira. Quando se pensa esta complexidade, vem uma pergunta: que força criadora é esta que se revela desta forma e pede explicação?

O espírito de Deus é criador do corpo-criante, ser humano, na sua complexidade. O corpo-criante é obra do amor criante de Deus. Esse amor é impulso de vida criando vida. É ação de Deus que dá o poder da criatividade ao ser humano. Essa criatividade vai se manifestando no mundo da cultura pelas obras humanas, que vão sendo vividas na trama de relações entre um eu e um outro, e que mostram uma espiritualidade[164] revelada. Isso é verdadeiro, pois afirma Kandinsky:

> [...] toda obra nasce de uma emoção que no artista se traduz em sentimentos. É esse sentimento que o impele a criar. Uma vez criada

---

[162]"A emoção é o veículo para receber o conhecimento. [...], nada pode recebido cognitivamente sem emoção. Nenhuma união de sujeito e objeto é possível sem participação emocional". TILLICH, 1987. p. 89.

[163]BELLO, 1998, p. 83.

[164]Boff defende que espiritualidade é uma experiência mística, fundante do ser humano desde que ele existe. A espiritualidade revela uma maneira de ser e de viver concretamente a experiência de profundidade espiritual, pois ela é criatividade, ação do espírito de Deus. Cf. BOFF; BETTO, 1999. p. 28, 48.

> a obra, isto é, uma vez posta em forma de emoção, fixada num suporte material, ela provoca no espectador um sentimento que lhe permite encontrar o conteúdo da obra, a emoção puramente espiritual.[165]

A visão de Kandinsky vem ao encontro dos argumentos supracitados. A obra de arte tem uma carga emocional-racional-espiritual. Essa se fundamenta no espírito de Deus, que se manifesta em forma de amor criante, que flui como vitalidade e intencionalidade de um corpo-criante que se revela em criatividade, ou seja: uma maneira de ser, de pensar, de fazer e de conviver na criação da obra de arte. Verden-Zoller diz: "nossa capacidade de coexistência social surge em nós somente na epigênese humana, na biologia do amor. [...] Temos a capacidade de viver o amor se nele crescemos; e nele precisamos viver para ter saúde espiritual e fisiológica."[166] Essa visão indica que a criatividade para a obra de arte começa seu percurso nas profundezas da energia vital-cognitivo-espiritual do corpo-criante, onde estão guardados os sentimentos, as emoções da sublimidade da vida, como um processo de amor criante. Por isso, a criatividade humana é espiritual. Ela tem a qualidade do espírito criador do ser humano, que é amor criante de origem divina. A criação da arte é expressão do processo da criatividade, que se constitui na energia vital-espiritual que é o amor criante se autocriando no corpo-criante. Logo, a obra de arte revela sinais da ação deste amor que é revelação do seu fundamento último – Deus.

2 A obra de arte: revelação da vida no corpo-criante?

A visão de Tillich sobre a vida, como processos de atualização de uma energia primordial criadora, divina, indica que na criação da obra de arte existe revelação da vida no corpo-criante. Aqui, a categoria *revelação* é entendida como a manifestação de algo oculto, que se mostra, que se dá a conhecer e tem sua origem num fundamento último que sustenta a criatividade da vida humana – o amor criante de Deus. "[...] revelação é a manifestação do fundamento do ser ao conhecimento humano. [...]. Conhecimento é uma forma de união. Em todo ato do conhecimento, aquele que conhece e aquilo que é conhecido estão unidos; o abismo entre sujeito e objeto é superado. [...] Em todo ato do conhecimento são vencidos o vazio e a

[165] KANDINSKY, 2000, p. 169.

[166] MATURANA, Humberto R.; VERDEN-ZÖLLER, Gerda **Amar e brincar:** fundamentos esquecidos do humano. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004. p. 133.

alienação."[167] A revelação é a ação de Deus no corpo-criante, para dar possibilidade de criar e conhecer o sentido da obra criada. Nessa vivência revelatória ocorre a transformação de algo no corpo-criante, que nem sempre é consciente, e isto é cura. Sobre o tema cura se tratará mais adiante.

Deus, como puro amor criante, está se revelando, permanentemente, desde a criatividade do corpo-criante que se manifesta em forma de obra de arte, por exemplo. "Deus, *como puro amor sempre em ato, está sempre se revelando ao homem [...]".*[168] Em seu sentido mais amplo, a revelação é um fenômeno espiritual que toca o ser humano por inteiro. Ela é a vivência constante da manifestação do amor criante de Deus, nas mais diversas formas. Com efeito, a vida nas suas funções é, sem dúvida, uma contundente revelação do amor criante de Deus, como força transformadora que liga e articula o ser e o não ser, o finito e o infinito.

A vida, como revelação num corpo-criante, pode se dar na função de auto-integração sob o princípio da centralidade, como função de autocriação sob o princípio de crescimento, e como função de autotranscendência sob o princípio da sublimidade. Essas três funções constituem uma maneira de ser do corpo-criante na sua identidade de ser humano criador da arte. Com efeito, o amor criante é base fundante para a vida se revelar como processos de criação e conhecimento humano.

2.1 A revelação da vida como auto-integração.

A revelação da vida como **auto-integração** do corpo-criante, ser vivo, orgânico, implica sua centralidade desse corpo-criante, no sentido de ser um todo complexo, que tem uma estrutura e organização integradas em si. Essa integração permite que a vida, como energia de amor criante, se movimente em si e fora de si. Com efeito, a auto-integração é constitutiva da vida; logo, é um movimento que se auto dinamiza a partir do seu centro vital, o amor criante, divino, que detém a plenitude da vida e faz a vida acontecer como processos permanentes de criatividade, que na auto-integração e na desintegração de elementos de sua estrutura (dinâmica da auto-organização) vão gestando a obra de arte. Clareando essa idéia, diz Tillich:

---

[167] TILLICH, 2005, p. 86.

[168] QUEIRUGA, Andrés Torres. **A revelação de Deus na realização humana.** São Paulo: Paulus, 1995. p. 408.

> A auto-integração e desintegração são mais manifestas sob a dimensão do orgânico. Todo ser vivo é nitidamente centrado (em qualquer ponto dos processos naturais em que comecemos a falar de seres vivos); ele reage como um todo. Sua vida é um processo de sair de si e retornar a si enquanto vive. Ela assume elementos da realidade encontrada e os assimila em sua própria totalidade centrada, ou os rejeita se for impossível à assimilação. Ele se estica no espaço na medida em que sua estrutura individual o permite, e se retira quando ultrapassou os limites ou quando outros indivíduos vivos forçam essa retirada.[169]

Maturana, quando apresenta a *autopoiese* do ser vivo, mostra que sua estrutura permite mobilidade para sair de si e se relacionar com o meio ambiente, vivendo constantes acoplamentos estruturais, adaptações ou desintegrações. Com efeito, essa estrutura tem em si uma centralidade que é a sua organização, ou seja, padrões da vida que têm um centro holoirradiador – a energia vital do amor criante, que é base para o autofazer-se; logo, criar a obra de arte.

Diz Maturana que a organização de uma estrutura viva é centralidade absoluta para a sua não desintegração. Ela tem um padrão de criatividade auto-integrativa do ser, do fazer e do viver, na criação da obra de arte. Ela garante a vida como um constante autofazer-se num sujeito que atinge uma dimensão de pessoa e, por isso, expressa uma maneira de ser e de fazer a obra de arte. Na criação da obra de arte isto é fundamental. A não continuidade desse processo implica a desintegração do corpo-criante; e aí é o caminho para a morte, para o fracasso na criação da obra.

A visão de Tillich se aproxima de Maturana, pois a auto-integração da vida na criação da obra de arte está relacionada com a centralidade biológica do corpo-criante. Esta se dá na articulação entre a sua estrutura e a sua organização e implica processos vital-cognitivos permanentes. Por outro lado, do ponto de vista psicológico, a auto-integração implica entender as experiências *para* e *na* criação da obra. Esse processo dá-se como um abrir da razão profunda da pessoa espiritual diante do outro, seja uma pessoa, ou suporte da obra, ou outros elementos de criação. Dessa interação ocorre um retorno da razão profunda para si mesma, enquanto centro vital-cognitivo-espiritual, capaz de apreender as percepções registradas e decodificá-las em forma de conteúdos. Esses conteúdos tomam força

---

[169]TILLICH, 1987, p. 411.

psíquica para integrar-se à centralidade vital-psíquico-espiritual do ser humano ou destruí-lo. Para Frankl quanto maior for o centramento do eu da pessoa espiritual maior a sua vitalidade e intencionalidade nos processos de criação.

Avançando nesse raciocínio, Tillich afirma que o eu psicológico que está ligado ao eu pessoal, o espiritual, pode ser destruído quando, frente aos desafios do meio ambiente e de suas próprias percepções internas, não é capaz de assimilar novas maneiras de ser, ou, ainda, por não ser capaz de resistir aos impactos que podem levá-lo para várias direções destrutivas da criatividade. Quando se descompõe a criatividade, o corpo-criante perde o alargamento do fluxo da vida, a sua vitalidade e intencionalidade ficam apequenadas. Diante disso, o corpo-criante vai se desintegrando e, consequentemente, vai-se enfraquecendo na sua criatividade para a arte. Explicando mais sobre a auto-integração, diz Tillich:

> A auto-integração da vida no reino psicológico inclui o movimento básico de saída de si e retorno a si mesmo na experiência imediata. [...] É difícil discutir o reino psicológico e as funções da vida dentro dela por causa do fato de que o homem experimenta normalmente a dimensão da autoconsciência em união com a dimensão do espírito. O eu psicológico e o eu pessoal estão unidos nele. [...] Autoconsciência é, por assim dizer, submergida em ambas as dimensões, na dimensão biológica por um lado, e na dimensão do espírito, por outro lado [...]. Podemos dizer que a estrutura da saúde e enfermidade, da auto-integração bem sucedida ou fracassada na esfera psicológica depende da atuação dos mesmos fatores que atuam nas dimensões precedentes: as forças que encaminham para a auto-identidade e aquelas que encaminham para a auto-alteração.[170]

Com efeito, dentro dessas forças biopsicoespirituais ocorre a auto-criatividade da vida, que faz um corpo-criante ser capaz de criar a sua obra e dar significado a ela, encontrando sentido para o seu viver.

2.2 A revelação da vida como autocriatividade

A **autocriatividade** é constitutiva do corpo-criante, pois é uma função fundamental para criar a obra de arte. Ela é o movimento que encaminha o corpo-criante para a abertura do novo; das novas possibilidades de ser no criar, seja de forma positiva, quando fluem os sentimentos bem constituídos em formas imagéticas claras, ou quando ocorrem enfrentamentos, dificuldades pessoais ou sociais, que

[170] TILLICH, 1987, p. 413.

emperram a fluência natural, espontânea na criação da obra. Essa tensão ambígua mostra que a "vida individual se move dentro do contexto de toda vida; em cada momento de um processo de vida, é encontrada uma vida que nos é alheia, e que apresenta reações tanto criativas quanto destrutivas nos dois lados."[171]

Na obra de arte, esse mundo ambíguo presente no corpo-criante vem à tona. Ela é a materialização autêntica da autocriatividade da vida, que se configura um cenário com representações de dores e alegrias que se fazem em formas, imagens coloridas que vibram e se comunicam aos olhares do criador e dos apreciadores. A obra revela o poder ser do amor criante do Espírito de Deus que perpassa o ser humano, criador, para lhe dar a capacidade, de mostrar-se a si mesmo e ao mundo, fazendo, assim, a superação de seus medos e de seus fantasmas psicológicos. Com efeito, a obra de arte como superação de fragilidades psicológicas é indicador de auto-afirmação do ser criador que vence a ameaça do não-ser pela força de seu espírito, que é amor criante, e este é aquilo que dá unidade a todos os elementos da estrutura biopsicológica do corpo-criante. "Porque toda criatura, enquanto criatura, sempre é um poder do ser ou uma criação de amor.[172] As duas manifestações estão implícitas uma na outra.

A obra de arte encerra o mistério da vida, por isso não é meramente biológica, nem meramente psicológica, nem, tampouco, meramente espiritual. Ela é um espelho que revela um processo complexo vital-cognitivo, de ação do Espírito do amor criante de Deus no espírito do ser humano. Na criação da obra "cada célula de seu corpo participa de sua liberdade e espiritualidade, e cada ato de sua criatividade espiritual se nutre de sua dinâmica vital".[173]

O amor criante tem a força de enfrentar a destrutividade pela a auto-organização. Esta implica permanência da criatividade como diferentes maneiras de ser, que vão se construindo na dinâmica da auto-integração e da desintegração.[174]

---

[171]TILLICH, 1987, p. 425.

[172]"Porque toda criatura, en cuanto criatura, siempre es un poder del ser o una creación del amor" (tradução própria). TILLICH, 1970, p. 149.

[173]TILLICH, 1972, p. 63.

[174]"[...] a matéria é, de maneira primária e principal, o sujeito, suscetível de geração e corrupção. Pois, se algo vem a ser, é claro que ele era uma determinada substância em potência e não em ato, a partir da qual se verifica a geração e na qual é mister que mude o que experimenta a corrupção. Com razão, pois, a geração nunca se acaba, pois, de qualquer maneira, a geração é a corrupção do que não existe e a corrupção é a geração do que não existe." ARISTÓTELES. **Obras**:

Aristóteles, na sua teoria sobre a geração e a corrupção da matéria, dizia que a criatividade do ser acontece numa base material, a qual é eterna, pois é informada com uma base positiva à geração e uma base positiva à corrupção. Criação e destruição estão na base material do ser que cria e se cria.

A autocriatividade é o princípio de desenvolvimento do corpo-criante como um todo multidimensional, que se expressa na obra de arte. Vale deixar claro: a autocriatividade não quer dizer que o corpo-criante se cria a si mesmo em termos de criação original ao criar a obra de arte. Não é isso. O entendimento é de que, ao criar a sua obra, ele vive a autocriatividade da vida, pois o seu fundamento último se revela em amor criante que é gênese permanente.

A ciência não alcança a magnitude do mistério derradeiro desse amor criante que age em todos os cantos e os recantos da rede da vida que estrutura o corpo-criante. Com efeito, em última instância, o ser humano como obra complexa é parte deste mistério que tanto procura. Certamente, há uma força autocriativa que perpassa todas as coisas e que remete para algo profundo e supremo, um Espírito transcendente que é fundamento último para que a vida aconteça. Como bem disse Maturana, o amor é a base biológica para que surja o ser vivo e estabeleça relações sociais. Sem amor não há criatividade, não ocorre a auto-organização do corpo-criante como vida organizada. Essa idéia aponta que o "[...] silêncio da ciência não afoga todas as palavras. Há ainda uma última palavra que vem de outro campo do conhecimento humano, da espiritualidade e das religiões. Nelas [...] conhecer é uma forma de amor, de participação [...]."[175] Pensar a autocriatividade da vida na complexidade de um corpo-criante não é desvendá-lo em partes para mostrar como cada parte funciona. Mas, é descobrir-se na sua totalidade e interiorizar-se nela, vivendo a própria autocriatividade da vida como auto-realização. Com efeito, a auto-realização, segundo Frankl, implica plenitude de sentido de vida. Na criação, quando ocorre a transcendência de si mesmo, articuladamente ocorre a vivência de um sentimento profundo que desperta numa necessidade de desvelamento do porquê, e do para quê da obra.

Ao criar a obra, o corpo-criante humano vive a fluência do amor criante, que

---

Metafísica, Física, El cielo, Generacion y Corrupcion, Del alma. Madrid: Aguilar, 1967. p. 787, 790, 791.

[175]BOFF, 2000, p. 149.

irrompe e o faz transbordar de si mesmo, realizando-se como pessoa espiritual capaz de dar sentido à sua criação. A criação da obra de arte é revelação, contínua, de um poder dar-de-si na inteireza da centralidade da vida que faz a auto-integração de todos os seus componentes estruturais e suas articulações para a liberação da emoção-razão. Nesse processo ocorre a abertura do corpo-criante para além de si mesmo. Esse é o fenômeno da autotranscendência da vida na criação da obra. Essa autotranscendência [...] consiste no fato essencial de o homem sempre 'apontar' para além de si próprio, na direção de alguma causa a que serve ou de alguma pessoa a quem ama."[176]

2.3 A revelação da vida como autotranscendência

A **autotranscendência** da vida no corpo-criante implica liberdade para ser, logo, criar a obra na verticalidade e na horizontalidade do seu fundamento último. Com isto, ele procura vencer a finitude que está relacionada à destruição, à desintegração do seu ser. Autotranscender-se é ir além de si, sem perder-se. É atingir um nível de consciência capaz de entender a centralidade da vida, como uma auto-integração, feita pelo amor criante, cuja finalidade é a autocriatividade que leva, direciona, a transcender toda expressão de criação finita, no momento que a entende como revelação do Infinito – o AMOR CRIANTE DIVINO.

A obra de arte é expressão de sublimidade, de elevação dos sentimentos humanos pelo amor criante, que é o Espírito de Deus em gênese no próprio ser humano. Com efeito, na criação da obra, o "[...] Espírito divino irrompe no espírito humano [...]" e este "é levado a uma autotranscendência efetiva; é possuído por algo último e incondicional. Ele continua a ser espírito humano; continua a ser o que é, mas, ao mesmo tempo, sai de si mesmo sob o impacto do Espírito divino."[177] Ao sair de si mesmo, se autocria e, ao criar a sua obra, revela o amor criante de Deus como caminho para a descoberta de sentido de vida. Esse processo é a mística do amor criante, como um fenômeno misterioso da vida que se revela e se vela atrás do sentido da obra, o qual poderá apontar direção, mudança, ligação, integração, transformação.

---

[176] FRANKL, Viktor E. **Sede de sentido**. Tradução de Henrique Elfes. São Paulo: Quadrante 1989. p. 20.

[177] TILLICH, 2005, p. 567, 568.

3 A obra de arte: revelação através da razão profunda do corpo-criante

O amor criante divino é o fundamento para a revelação na obra de arte, através da razão profunda do corpo-criante. Ele é o sopro de Deus no corpo-criante e se faz ação autocriativa nas vivências de criação na arte. É no mergulho profundo da criatividade na arte que o corpo-criante experiencia, juntamente com o mundo em seu entorno, a revelação como manifestação de algo que suscita à sua razão profunda um conhecimento que esteja relacionado com a própria vivência compartilhada com o outro, seja ele quem for. Entender esta idéia e já ter como ponto de partida que o fundamento último do ser humano – Deus, o Espírito criador, amor criante puro, se autocomunica permanentemente nos processos de criação da arte. Isso se confirma diante da seguinte pergunta: Será que a revelação do poder criador do corpo-criante na arte, desde a capacidade indiscutível da sua razão, como instância de profundidade espiritual, inteligível, não explica uma série de experiências revelatórias que apontam para uma ultimidade divina?

No processo da criação da obra de arte, o amor criante une, liga uma totalidade de ordem biopsicoespiritual, gerando padrões de organização que chegam, por exemplo, à complexidade da razão profunda,[178] como instância capaz de desenvolver a obra de arte e dar sentido a ela.

Como já se discutiu anteriormente, o corpo-criante é o fulcro da criatividade para gestar e fazer nascer a obra de arte. A obra se gesta e nasce na teia da criatividade da vida – a rede psicossomática que, na sua estrutura e organização, atinge uma dimensão de profundidade espiritual na qual está a vida fazendo a vida. Nesta dimensão ocorre a autocriatividade da vida que se dá em processos vital-cognitivos. A vida e o conhecimento não se separam. Toda a memória celular de um corpo-criante, na sua estrutura e organização, se configura de conhecimentos vitais, os quais são códigos informacionais que dirigem a maneira de ser e de conhecer do corpo-criante, nas relações que estabelece no seu meio ambiente. Isto está referendado na sua criatividade. Quando se fala da criatividade como um processo de criação da obra de arte, que é vida, se apresenta a razão profunda como instância para reconhecer o fenômeno da revelação. Esse pode acontecer nas

[178] Por razão profunda, entende-se a razão ontológica, ou seja, aquela que se expressa a partir do fundamento último do ser, para o conhecimento de si, do outro, do mundo e de Deus. Ela é constitutiva da dimensão profunda espiritual do corpo-criante – o amor criante de Deus.

relações de vivências criativas entre um eu e um outro e vice-versa. Por suposto,

> a profundidade da razão é a sua qualidade de apontar a verdade em si, isto é, o poder infinito de ser e do ultimamente real, isto através das verdades relativas em todo o campo do conhecimento. No reino estético a profundidade da razão é a sua qualidade de apontar para a 'beleza-em-si', isto é, para um sentido infinito e um significado último, isto é, através das criações em todo o campo da intuição estética.[179]

Aqui se quer falar sobre a razão profunda, não como instância de poder absoluto sobre a verdade na realidade, como pensou Descartes. Não é esse o sentido que Tillich entende sobre o poder de conhecimento dela. O que ele quer mostrar é que nos processos vital-cognitivos para a criação na arte, a razão atinge uma determinada profundidade espiritual que apresenta domínio no reino da cognição (conhecimento), da intuição estética (beleza da arte e seu sentido). Ela é instância criadora de significado, por isso reveladora, e indui em si elementos emocionais.

Emoção e razão são indissociáveis na criação da obra de arte. Tillich corrobora este argumento quando afirma: "Emoção sem estrutura racional (no sentido da razão ontológica, sem dúvida) se torna irracionalismo."[180] Nesta afirmação, Tillich está na mesma direção de Maturana e de Frankl. O ser humano, como um todo vivo constituído de soma, psique e espírito, tem uma estrutura e uma organização nas quais ocorrem os seus processos de conhecimento ancorados na dinâmica do amor criante, como energia vital-espiritual que faz articulação da emoção com a razão e vice-versa. Para Tillich, a emoção ligada à razão profunda atinge três princípios da vida para a criação da obra de arte: o da centralidade (auto-integração), o do desenvolvimento (autocriatividade) e o da sublimidade (autotranscendência). Esses três princípios vão ocorrendo simultaneamente durante a criação.

O corpo-criante, ao criar a obra de arte, encontra na sua razão profunda a instância para significar a experiência de algo profundo, *sui generis,* que se revela e se vela desde um movimento central, que parte de um fundamento último o qual dá sustentabilidade para o movimento interno e externo do corpo-criante acontecer. Só há criação porque existe a mobilidade do corpo-criante que, pela razão profunda, se

[179]TILLICH, 2005, p. 74.
[180]TILLICH, 2005, p. 106.

lança na direção de algo, de alguém. Esse movimento parte de um centro, de um fundamento, que é abertura e recolhimento, e dá capacidade para o corpo-criante dar-de-si para fora de si mesmo. Com efeito, aqui se está atingindo uma manifestação de profundeza espiritual que flui em espiritualidade, pois revela uma maneira de ser do corpo-criante ao criar a sua obra.

> [...] o artista [...] depende de uma espiritualidade inconsciente quanto à produção e também quanto à reprodução artística. A intuição da consciência, em si irracional e, portanto, também não totalmente racionalizável, corresponde, no artista, à inspiração, a qual está igualmente enraizada numa esfera de espiritualidade inconsciente. A partir dela, o artista realiza suas criações, e com isso, as fontes das quais ele se alimenta estão e continuam imersas numa escuridão que jamais poderá ser totalmente iluminada pela luz da consciência [...].[181]

Nessa idéia, Frankl apresenta uma força explicativa para dizer que, se a obra de arte é de ordem espiritual, logo seu conteúdo e forma também o são. Como já se apresentou anteriormente, a obra de arte tem uma carga semântica (informações), de uma origem de ordem divina, que transcende toda explicação dada. Parece até que esta reflexão esvazia o discurso sobre a obra de arte, pois se constata a presença de um fenômeno que a própria razão que o cria se dá conta da sua limitação para alcançá-lo em extensão e profundeza. No entanto, não será esse juízo um sinal de revelação do fundamento da razão profunda da criatividade, no sentido de encontrar na sua fraqueza a sua força de poder ser, de poder dar de si, quando reconhece a sua própria finitude dentro de uma dimensão espiritual que se abre ao infinito?

Kandinsky concorda com essa idéia, dizendo que, na criação da obra de arte, "é o espírito que, através da forma, fala, se manifesta, exerce uma influência fecunda."[182] A obra reflete a auto-organização do corpo-criante nas suas dimensões somática, psíquica e espiritual. Por suposto, do ponto de vista da sensibilidade e das idéias, a razão profunda é instância organizadora e criadora. Ela provavelmente se dá na confluência entre a dimensão de pessoa espiritual e pessoa profunda espiritual, que, biologicamente, se sustenta na estrutura e organização da rede psicossomática, que, em si, teologicamente tem um fundamento último – o amor

[181]FRANKL, 2001, p. 31.
[182]KANDINSKY, 2000, p. 167.

criante de Deus.

A razão profunda, dinamizada na corrente do amor criante da vida no corpo-criante, ao criar se movimenta para fora de si mesma e volta para si sem se perder, criando novos centros de partida (idéias, conteúdos, etc...) para o desenvolvimento da criação da obra. Esse processo é altamente complexo porque é um universo de interconexões vivas, carregadas de informações, que se dão entre elementos diversos de uma estrutura e de uma organização corporal, psíquica e espiritual que está em inter-relação e transrelação com tudo e com todos em seu entorno. Logo, a obra de arte é expressão da autocriatividade do amor criante, que é força espiritual que se revela à razão profunda, como possibilidade para a autotranscendência do corpo-criante na sua forma de ser, de conhecer e de conviver no amor e no respeito a si mesmo e ao outro.

Ao criar a obra, o corpo-criante na sua razão profunda vive permanentes rasgos de criatividade, que exprimem emoções em forma de sentimentos (prazer e dor), e que são registrados, interpretados e manifestados em ações. Os sentimentos nas experiências de criação, muitas vezes, comunicam um sinal de pertença a uma dimensão que transcende o imediato observável. É uma experiência de revelação altamente subjetiva. Parafraseando Ramm: a revelação se inclina, se acomoda a nossas naturezas e condições terrestres, penetra nossa consciência em uma forma mediada [...], e recebe expressão concreta em alguma forma oral ou escrita comum na época de sua aparição no mundo.[183]

Essa experiência é espiritual, evocativa e, quando desabrocha, torna-se uma preocupação latente no processo de criação da obra. Ao ir nascendo a obra de arte, o mistério do sublime bordeia a razão profunda do corpo-criante e pede explicação por algo que não é totalmente identificável, mas preocupa porque é real. Tillich afirmava que o que preocupava o ser humano de forma última tinha ligação com o processo de revelação do Espírito criador – Deus – amor criante, Presença Espiritual. Nesse sentido, a revelação emerge desde o agir do amor criante sobre a razão profunda do corpo-criante, que se move para conhecer e vencer a ameaça da

---

[183]"[...] *la revelación se inclina, se acomoda a nuestras naturalezas y condiciones terrenales, penetra nuestra conciencia en una forma mediada [...], y recibe expresión concreta en alguna forma oral o escrita común en la época de su aparición en el mundo*" (tradução própria). RAMM, Bernard. **La revelacion especial y la palabra de Dios**. Buenos Aires: Editorial La Aurora, 1967. p. 66.

sua finitude; ou seja, as dificuldades de ordem física, psíquica e espiritual. Essa superação pode ocorrer no momento em que ele se percebe um ser que tem, em si, a infinitude da criatividade divina presente na sua pessoa espiritual profunda - abismo de seu ser. Afinal, qual é o ser humano que já não viveu experiências de finitude e infinitude diante de suas dificuldades? A condição humana é marcada por possibilidades e dificuldades entre o seu pensar, agir e reagir. Na criação da obra, a vivência da "vitalidade constitutiva do homem reside na *liberdade* de transformar seu 'próprio ser', isto é, sua própria finitude, no que se define em si mesmo, no que sempre se coloca para si mesmo, em tudo o que realiza".[184]

Ao criar, o corpo-criante vive, pela sua razão profunda, um processo de auto-integração das suas dimensões somático-psíquica e espiritual. Ele toma consciência das suas percepções imediatas, vividas em si e fora de si. Sua procura é adequá-las sob a luz da sua razão profunda à medida do possível. Com efeito, a adequação passa pelo significado que ele dá à correlação entre os registros da sua interioridade e as manifestações na sua exterioridade (o mundo, a cultura). Isso lhe confere segurança, coragem para auto-afirmar-se no seu próprio processo de criação da obra de arte.

Tillich mostra que a razão profunda é instância na qual pode ocorrer a revelação. Esta se dá pelo conhecimento sobre a obra, porque todo ato de conhecer implica num fazer cognitivo, que liga aquele que conhece àquilo que é conhecido. Nessa relação, a obra de arte não se separa de seu criador. Kant já dizia que o ato do conhecimento é a síntese entre o sujeito e o seu objeto. Aqui o abismo do racionalismo cartesiano, que separa o sujeito do objeto, é superado. Logo, o criador da obra é cognoscente, por isso abre-se à sua obra, intenciona apreendê-la para, em seguida, percebê-la, e então adaptá-la à sua estrutura racional profunda, e, ao mesmo tempo, dar uma resposta de adaptação através de uma maneira de expressar-se nela e por ela.

O corpo-criante imprime, na obra, os processos da razão profunda que registram uma dinâmica própria, subjetiva e única naquele momento da criação. No entanto, segundo Tillich,

---

[184] SCHUBACK. Márcia Sá Cavalcanti. **O começo de Deus:** A filosofia do devir no pensamento tardio de F. W. J. Shelling. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. p. 27.

> [...] a união do conhecimento é uma união peculiar; é uma união através da separação. O distanciamento é a condição da união cognitiva. Para conhecer uma coisa, deve-se 'olhar' para ela, e, para poder fazer isso, deve-se estar 'à distância'. [...]. O objeto particular como tal é estranho, mas contém estruturas essenciais com as quais o sujeito que conhece está essencialmente unido e as quais pode recordar quando olha para as coisas.[185]

Essa citação acima indica que a razão profunda tem uma estrutura. Em todo ato de criação, a razão se estrutura em dois elementos, um estático e um dinâmico.

O **estático** se refere à garantia da **identidade** da razão dentro do processo vital-cognitivo que está ligado ao princípio de centralidade – auto-integração do corpo-criante. Ele confere à razão a sua integridade, garantindo sua autonomia; ou seja, sua capacidade de ser o que é, à medida que conhece a sua obra, logo, cria e dá sentido a ela.

A razão profunda é expressão da natureza da vida se autocriando no corpo-criante para parir-se em obra de arte. Ela é o fulcro onde se dá o conhecimento (saber fazer) e este não se separa da vida. Acima já se mencionou que a vida tem sua centralidade que confere sua identidade na energia vital, cósmica, primordial, espiritual - amor criante. Maturana investigou as raízes do conhecimento e chegou ao entendimento de que conhecer é viver, logo, criar. Tudo o que é conhecido torna-se conhecimento gestado e nascido desde a criatividade da vida em um ser vivo na sua auto-organização.

Morin, quando fala sobre a natureza da natureza, mostra que ela é vida em plena criatividade. Para ele a "[...] natureza é aquilo que liga, articula e faz comunicar profundamente o antropológico, o biológico e o físico".[186] Morin chega a construir um pensamento complexo, sem dúvida respeitável. No entanto, ele não chega a nomear o que significa a identidade de "aquilo que liga", ou seja, o fundamento da centralidade da razão na sua profundidade, por exemplo. Ele, de certa forma, reconhece que existe um elemento centralizador que garante a integridade de algo que liga, que faz acontecer a vida como rasgos constantes de auto-organização na matéria, que é base para surgir a criação da obra de arte. Porém, pergunta-se: qual é o fundamento daquilo que liga, que articula e faz comunicar o biológico com o

[185]TILLICH, 2005, p. 108.
[186]MORIN, 1977, p. 341.

físico e o antropológico? Será essa pergunta pertinente? Ou, melhor é perguntar: em que consiste a identidade daquilo que liga e que articula a natureza da natureza da vida, que se complexifica numa estrutura racional de profundidade espiritual e que faz acontecer a obra de arte como revelação de si?

A dimensão abissal da vida se faz presente na identidade, razão profunda, quando esta se preocupa com o sentido da obra criada. O sentido dado é sempre relativo à razão que nomeia e descreve o significado da obra de arte. Ela é a união entre o eu e o mundo dentro de limitações, tanto por parte do eu quanto do mundo. A limitação por parte do mundo é que a sua própria diversidade não alcança a totalidade do fundamento último, pois ele transcende em qualidade e quantidade. Por outro lado, a limitação por parte do eu criador é que ele apreende parte das imagens que configuram a diversidade do mundo da cultura; pois ele mesmo, no processo de sua razão, não se abarca por inteiro. As suas percepções são sobre eventos e processos que têm uma referencialidade contextualizada culturalmente dentro de uma linguagem, que Maturana definiu como coordenações de coordenações de ações com sentido de ser, que se traduzem em palavras corporalmente expressadas na relação de respeito e amor entre um eu e um outro.

Ao criar a obra de arte, a razão profunda se expressa num linguajar que vai se mostrando pela palavra. A obra é palavra revelada dentro de uma linguagem que identifica o sujeito. "A palavra é portadora de sentido; portanto, a linguagem é o primeiro resultado da autocriação da vida sob a dimensão do espírito"[187]. A palavra surge no agir da razão profunda na relação consigo mesma, com o outro, com o mundo e com Deus. Ela tem sua identidade no fundamento último – Deus, que dá o poder de criação, que implica sua mobilidade. Confirmando esse argumento, Tillich defende que a profundidade da razão é a expressão de algo que não é a razão, mas que a precede e se manifesta transcendentemente nas suas estruturas (subjetiva, objetiva) em poder e sentido[188]. Esse algo pode ser chamado de *amor criante*, *energia espiritual*, *fundamento último*, que confere ao corpo-criante a capacidade de conhecer e criar, a qual é inesgotável.

Na criação da obra de arte, a **mobilidade** da razão permite múltiplas

[187]TILLICH, 2005, p. 528.
[188]Cf. TILLICH, 2005, p. 73.

interações com o mundo cultural em seu entorno. “Cultura significa cuidar de algo, mantê-lo vivo e fazê-lo crescer. Dessa forma, o ser humano pode cultivar tudo o que encontra, mas, ao fazê-lo, ele não deixa inalterado o objeto que cultivou; cria algo novo [...]”.[189] A mobilidade ligada à estaticidade possibilita que a razão tenha uma estrutura e uma organização para se movimentar em si e fora de si, sem se destruir. Para Tillich, esta razão “pode ser definida como a estrutura da mente (elementos estático e dinâmico) que a capacita a compreender e configurar a realidade”.[190] Na criação da obra de arte, a mobilidade da razão vai se abrindo para novas ações, que revelam uma maneira de ser que é assegurada por um padrão de organização permanente, que tem uma força concêntrica que é em si e pode ir além de si para poder criar. O elemento **dinâmico** da razão surge na ligação com o elemento **estático.** A base vital-cognitiva para isto é o amor criante, que se faz presente desde as micropartículas, às moléculas, à totalidade dos sistemas da rede psicossomática do corpo-criante inteiro.

O movimento da razão surge como necessidade do corpo-criante de se abrir para o outro, para o mundo fora de si, procurando correspondência com aquilo que está se passando no seu interior para dar significado. Esse movimento visa apreender algo, o fenômeno, aquilo que corresponde ao percebido que desperta a interioridade na sua sensibilidade e inteligibilidade. Com efeito, ao encontrar esta correspondência, a razão profunda cria, configurando, dando forma e sentido à sua criação – a obra de arte. Explicitando um pouco mais, o que ocorre é o seguinte movimento do corpo-criante na relação com o meio: da interioridade do eu criador (sentimentos, pensamentos) para a sua exterioridade (mundo da cultura – pessoas, obras etc.); da sua exterioridade à intra-interioridade (descoberta de novas formas de ser e fazer desde a auto-organização, que psicologicamente se efetiva na pessoa espiritual criativa) e desta para a transinterioridade (busca pelo sentido último da obra que remete a uma preocupação fundamental, aquela que revela a palavra que traz sentido de ser).

Psicologicamente falando, a transinterioridade se dá, segundo Frankl, na ligação da pessoa espiritual com a pessoa espiritual profunda, que são dimensões, instâncias que estruturam a psique humana, para descobrir pela obra criada o

[189]TILLICH, 2005, p. 517.
[190]TILLICH, 2005, p. 89.

sentido de existir no mundo. A descoberta deste sentido de ser no mundo é revelação, entendida como manifestação do fundamento último do espírito humano. "Deus está manifesto no fundo de todo homem, que ele saiba ou não saiba, ainda que seja em forma tão vaga, porém tão clara e perceptível, que é a voz da consciência."[191] Com efeito, a descoberta da obra de arte, como revelação que traz sentido para a vida, não ocorre como um passe de mágica que traz verdades ditadas e impostas. Mas consiste em uma experiência profunda, na qual a razão vive a manifestação de idéias e de imagens que atingem a unidade completa do corpo-criante. Esse caminho leva à tomada de consciência sobre o poder do amor criante, como força transformadora, voz do fundamento último que se manifesta para dizer o caminho para ir em frente. Essa é uma experiência espiritual de transcendência. Nela o ser humano vivencia a correspondência entre a sua realidade interior e a sua realidade exterior, lançando-se para uma trans-intra-realidade que está em si e também fora de si, no outro; mas, em si, se dá no encontro com o seu fundamento último – o Deus criador.

Essa experiência de transcendência é reveladora. Ela mostra a força do amor criante para a articulação entre o espiritual, o psíquico e o somático, empurrando a razão profunda para ir além de si mesma, desde dentro de si mesma. A experiência de transcendência na criação da obra de arte não significa ascensão a uma região celeste, ou a uma região intraterrena. Transcender significa acessar, pela razão profunda, a força do amor criante, que vem do fundamento último do corpo-criante, e que lhe dá a coragem de vencer as delimitações da existência. Viver esta experiência implica permitir-se viver o próprio impulso do amor criante, que vai criando um percurso material-espiritual, o qual desembocará numa maneira de ser - a obra de arte.

Ela é testemunho real do devir da razão profunda, que emerge em forma de sabedoria revelada e que, como tal, indica o poder ser, o poder conhecer e o poder fazer do corpo-criante humano. "A palavra hebraica que significa sabedoria refere-se, em sua origem, a predomínio, força, poder. O saber em ato e vida significa, em si

[191] "Dios está manifiesto en el fondo de todo hombre, sépalo o no lo sepa, aunque sea en esa forma tan vaga, pero tan clara y perceptible, que es la voz absoluta de la conciencia" (tradução própria). ZUBIRI, 1993, p. 73.

mesmo, o emergir de existência."[192] Pois, do ponto de vista do amor criante, princípio vital divino para a criação, a obra de arte é revelação da sabedoria de Deus atualizando-se na existência e trazendo sentido de vida, o sentido de por quê existir.

Considerando o argumento acima, pergunta-se: Afinal, em que consiste o fundamento da obra de arte? Certamente as respostas mais autênticas nascem das profundezas do ser humano. Com efeito, é ali que se forja a revelação que acontece em forma de criatividade. Ela expressa a sublimidade da complexidade da vida presente, razão profunda, que se lança como um raio de luz divina que vai guiando um fazer do corpo-criante, ser humano, que se faz palavra[193] revelada – a obra de arte, expressão do amor criante de Deus, caminho de descoberta de sentido para o viver.

4 A obra de arte e a revelação como mistério, como êxtase ou milagre

A obra de arte é revelação do amor criante de Deus agindo sobre o ser humano, na sua criatividade, para encontrar sentido de vida. Tillich mostra que existem três maneiras distintas de observar a revelação: o mistério, o êxtase e o milagre.

A obra de arte como revelação sob a marca do **mistério**[194] torna-se aquele evento em que aparece o ser, aquele que se anuncia, evoca ao conhecimento, diante de uma preocupação fundamental, mas não perde o seu caráter misterioso, pois a sua simplicidade ou complexidade faz com que não se possa defini-lo racionalmente de maneira extensiva. O que o ser humano pode fazer é conceituá-lo desde sua percepção subjetiva, mas sempre será um conceito aproximativo de correlação entre o mistério e a percepção da razão profunda que vive os impactos deste mistério no corpo-criante humano, como um todo complexo nas suas várias dimensões (soma, psique e espírito).

---

[192] SCHUBACK, 1998, p. 234.

[193] Por palavra se entende o ato individual dos processos vital-cognitivos do ser humano, para expressar as emoções, sentimentos e idéias. A palavra surge da natureza da criatividade do corpo-criante que, na relação entre um eu e um outro, visa dar sentido aos fenômenos que ocorrem no conviver.

[194] Mistério, do latim *mysterium* foi uma palavra usada "pelos escritores herméticos da antiguidade [...] significa uma verdade revelada por Deus que deve ser mantida secreta". ABBAGNANO, 1962, p. 642.

No encontro do corpo-criante com a obra de arte, o mistério se formaliza, pois a razão profunda se depara com algo ou alguém que lhe causa um impacto *sui generis.* Esse faz com que ela se lance à sua profundeza abissal, na busca do fundamento do ser e do não-ser, da finitude e da infinitude.[195] Essa é uma experiência mística em que o fascínio e o temor, o medo e a coragem se manifestam causando perplexidades que balançam todo o ser do corpo-criante humano. Segundo Tillich, esse é o lado negativo do mistério. Por outro lado, o mistério, como experiência fundamental de vida, pode ser positivo quando o ser humano, pela sua razão profunda, se encontra com a obra de arte, seja criando-a ou observando-a. Nesse processo, ele transcende, vai além de si na busca de seu fundamento último - Deus.

Nesse ato de ligação espiritual, o ser humano recebe a força do poder ser para superar o não-ser. Aqui, o lado negativo do mistério é incluído e é superado, porque a revelação se efetiva pela força de amor criante que possibilita o conhecimento sobre a vivência que está ocorrendo. O foco não está no abismal, no sentido da não possibilidade de ser, mas no fundamento absoluto que se mostra na criação e dá resposta à questão da preocupação última do ser humano. Nesta interação, o não-ser é superado pelo ser. O ser se auto-afirma no momento que lhe desperta um conhecimento, que toma o seu corpo-criante inteiro, em forma de coragem para dizer o sentido de ser no mundo. Esta vivência é de profundidade espiritual. O ser humano se envolve por inteiro e a obra de arte pode aparecer em forma de "símbolos e mitos que apontam para a profundidade da razão e seu mistério".[196]

> Um mistério genuíno, contudo, é experimentado em uma postura que contradiz a atitude da cognição comum. Os olhos são "fechados", porque o verdadeiro mistério transcende o ato de ver, de confrontar-se com objetos cujas estruturas e relações se apresentam a um "sujeito" para que as conheça. O mistério caracteriza uma dimensão

[195]"O ser é o começo sem começo, e o fim sem um fim. Ele é o próprio começo e fim, o poder inicial de tudo o que é. [...]. O não-ser aparece como o 'ainda-não' do ser e como o 'não-mais' do ser". O ser tem implícito em si o não-ser e este pressupõe aquele. "O infinito é um conceito diretivo, [...] que dirige a mente no sentido de experimentar suas próprias potencialidades ilimitadas. [...] Infinitude é a finitude transcendendo-se a si mesma sem qualquer limite *a priori".* TILLICH, 2005, p. 162, 163.

[196]TILLICH, 2005, p. 123.

que “precede” a relação sujeito-objeto.[197]

Tillich chama atenção para a seguinte questão: o mistério é anterior à relação entre o criador e a sua obra de arte. Ele está relacionado ao próprio fundamento último, base de amor criante, que possibilita a criatividade para o surgimento da obra de arte como mediação reveladora de conteúdos profundos, que aprisionam e libertam o ser humano. Logo, a obra de arte como mistério não é possível de ser conhecida em si, somente como fenômeno que se revela à razão profunda e o nomeia em forma de palavra, trazendo sentido para a vida.

A revelação desde a obra de arte sob o ponto de vista do **êxtase**[198] implica uma vivência concreta de vida, a qual está relacionada à preocupação última, também. O ser humano, nessa situação, se encontra num estado espiritual em que a sua consciência se lança para fora de si, e, ao lançar-se, se une ao seu objeto (o fenômeno, a obra, o outro) e vai além deste encontro. Nessa dinâmica, o ser humano, corpo-criante espiritual, sente-se possuído pela força do amor criante cujo escopo é vencer a ambigüidade do sentimento de finitude e infinitude, de ser e de não-ser. Esta força espiritual do amor traz impactos indescritíveis na totalidade do corpo-criante nas suas relações. Ele provoca processos vital-cognitivos de descoberta de extraordinário sentido sobre uma situação que o preocupa incondicionalmente, e se manifesta nele mesmo. Tillich defende que, no êxtase, o ser humano vive uma elevada carga emocional; no entanto, esta vivência não se reduz à emoção pura; ela está ligada à sua razão profunda nas estruturas **subjetiva** (estrutura racional da mente) e **objetiva** (estrutura racional da realidade que a mente compreende visando estruturar a realidade). Numa vivência marcante quando a

> Ameaça do não-ser, [...] se apodera da mente, produz o ‘choque ontológico’ em que se experiencia o lado negativo do mistério do ser – seu elemento abismal. O termo ‘choque’ aponta para um estado de espírito em que a mente é arrancada de seu equilíbrio normal e abalada em sua estrutura. A razão alcança seu limite último, é lançada de volta sobre si mesma e de novo é arrastada para sua situação extrema. [...] O êxtase une a experiência do abismo, [...], e a experiência do fundamento, no qual a razão é possuída pelo mistério

[197] TILLICH, 2005, p. 121.

[198] A palavra “êxtase”, do grego *ékstasis*, quer dizer “deslocamento, mutação, [...] usado para indicar o ceder o lugar e o pôr-se fora ou à parte. [...] exprime a ‘saída de si’, pela qual a alma, abandonando as ligações que mantém com o mundo através do corpo, estabelece uma relação momentânea com o divino.” PIERE, Paolo Francesco. **Dicionário jungueano.** Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2002. p. 199.

na sua própria profundidade [...].[199]

Nesta vivência, o ser humano experiencia a presença da ação do amor criante como um dar-de-si, que bate forte no seu ser inteiro e que vem de uma profundidade espiritual não identificada, mas presente, e que lhe dá uma inspiração profunda para criar infinitamente num sentimento de alegria ou de tristeza profunda. Mircea Eliade defende que o "êxtase provoca as experiências traduzidas pelas denominações 'vôo mágico', 'ascensão ao céu', 'viagem mística'".[200] Essas são experiências complexas, difíceis de traduzir em palavras; porém, a obra de arte é mediação reveladora por possibilitar abertura de entendimento sob diversas linguagens.

Essa abertura o leva a um estado de amorosidade entre um eu e um outro. Esse estado é de encantamento e de alto impacto criativo em toda a estrutura e organização de seu corpo-criante. Com efeito, nessa vivência o corpo-criante percebe, através de uma idéia ou de um sinal, que algo, concretamente, está se passando e que estremece o seu corpo-criante inteiro. É uma sensação de ficar no ar, suspenso, quando se vê tudo, se sente o que está acontecendo, mas não se conhece sistematicamente o que tem que ser dito nessa hora para expressar o vivido. É quase um estado de plenitude da auto-organização do corpo-criante nas suas relações. Esse estado quase paralisa o corpo-criante, mas, ao mesmo tempo, lança-o para o infinito. "O coração humano procura o infinito, porque o finito quer repousar no infinito. No infinito ele vê a sua própria realização."[201] A percepção de tempo e espaço desaparecem; só fica o ser que age, sente e percebe, por isso, cria permanentemente no encontro entre um sentimento de finitude e infinitude.

Nesse momento de revelação, no corpo-criante tudo é dinamizado no e pelo fluxo do amor criante, que se faz autocriatividade, lançando-se para além de si. Após o clímax dessa vivência se registram, na razão profunda, certas impressões inteligíveis sobre o vivido e compartilhado, autenticamente, entre um eu e um outro que se reconhecem com autenticidade no respeito às suas diferenças. Com efeito, esta reflexão aqui remete a uma questão: Será que essa vivência de revelação, tão

---

[199] TILLICH, 2005, p. 126.

[200] ELIADE, Mircea. **O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase.** Tradução de Beatriz Perrone e Moisés e Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 49.

[201] TILLICH, 2002, p. 13.

encarnada no corpo-criante do ser humano, pode ter seu fulcro de origem fora do fundamento último do ser, de onde emana o amor criante como força criativa para conhecer? Um dos caminhos para esta questão implica entender que a revelação se objetiva no corpo-criante. Esse, na sua finitude, uma vez reconhecida, se projeta à infinitude; então acontece o encontro vivencial do ser criador com a sua centralidade fundamental – Deus, amor criante em gênese, revelando ao ser humano o sentido para o viver relacionado à criação da obra de arte. Reforçando essa idéia, vem Tillich afirmando: "O fundamento da revelação não é a sua 'causa' no sentido categorial da palavra 'causa'. É o 'fundamento do ser' manifesto na existência. Uma palavra religiosa para aquilo que é chamado o fundamento do ser é: Deus."[202]

Por último, a revelação da obra de arte com a marca de **milagre**[203] implica uma experiência revelatória, em que o ser humano vive o assombro, o estupor diante da objetividade de um *evento-sinal,* que se revela à sua mente e responde à questão do ser.

> Um milagre não é uma interferência sobrenatural em processos naturais, des-naturalizando-os. Como manifestação do fundamento do ser, ele não destrói a estrutura do ser. Isto seria demoníaco. [...] ele eleva o ser ao uni-lo ao seu próprio fundamento.[204]

A revelação como milagre é a dinâmica criadora do Espírito de Deus no espírito humano, quando na experiência com a obra de arte emerge um sentimento de profundidade espiritual, no qual acontece uma correlação entre a razão profunda subjetiva e a razão objetiva do mundo. "Onde a arte é produzida vem à tona uma profundidade de ser que não pode ser expressa de nenhuma outra forma, a não ser através da arte."[205] A arte encerra, em si, um conteúdo espiritual que é mais do que a razão pode dar conta na sua sistematicidade. No entanto, ela, mesmo assim, é

---

[202] TILLICH, 2005, p. 134.

[203] Milagre do latim, *miraculum*, quer dizer algo, um evento, um fato "excepcional ou inexplicável, considerado como sinal ou manifestação da vontade divina".Santo Tomás em sua teologia mostrou dois entendimentos sobre o conceito de milagre: o primeiro "é aquilo que acontece e que é certamente algo que excede a faculdade da natureza e neste sentido os M. se chamam *potências (virtudes)".* ABBAGNANO, 1982, p. 641.

[204] MUELLER, Enio. O Sistema Teológico. In: MUELLER, Enio; BEIMS, Robert (Orgs**.**). **Fronteiras e interfaces:** o pensamento de Paul Tillich em perspectiva interdisciplinar. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 78.

[205] DREBES, Haidi. **Expressão da espiritualidade na obra pictórica de Frida Kahlo no horizonte da teologia da cultura de Paul Tillich.** 2005, 168 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Teologia, Instituto de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, 2005. p. 52.

possibilidade de entendimento parcial sobre a obra. Isso só é possível numa experiência concreta de relação entre um eu e um outro que se propõe a viver a arte como um caminho de ajuda e descoberta de sentido de vida.

Essa visão de revelação como milagre pode ser entendida desde a seguinte experiência de criação da obra de arte: o ser humano, diante de uma tela branca, e com cores e pincéis na mão, sente que precisa fazer nascer algo de si. Ele precisa dar de si, abrir-se para poder autocriar e para isto ele precisa autotrancender-se. No entanto, diante das suas dificuldades físicas, psíquicas e espirituais, ele se depara com a sua finitude que se probnga e o joga ao mesmo tempo à tomada de consciência de sua infinitude. Nesse jogo de pressão, alegria e dor, entusiasmo e medo, o seu ser se confirma diante da possibilidade de não-ser. Essa confirmação dá-se pela força criadora impetuosa, o amor criante, que o toma por inteiro no sentido de criar algo que ele ainda desconhece.

Na criação da obra de arte, o ser humano vai pouco a pouco se abrindo e registrando, em forma de arte, essa abertura do seu corpo-criante na sua complexidade que sai de si, volta para si e vai além de si. Nesse movimento, a obra de arte vai nascendo como um operar do amor criante de Deus que se faz milagre. A obra de arte, como experiência de milagre, é um *evento-sinal* que remete a uma experiência inusitada de criação, que traz certa objetividade e que se traduz em palavras para responder sobre o sentido de vida para o ser humano ser no mundo.

O encontro com a obra de arte, seja no processo de criação ou não, é sempre um lugar aberto à revelação de algo de profundidade espiritual. Tillich sustenta que a experiência revelatória se dá pela arte como manifestação de algo profundo, que encontra seu fundamento no ser-em-si, Deus. Por isso pode se tornar milagre, mistério ou êxtase porque entra numa experiência de correlação entre o ser humano e a divindade manifesta.

Na experiência de revelação desde a obra de arte, o ser humano vive um momento de entrega quando a sua pessoa espiritual entra em sintonia com o sagrado que se mostra no belo da arte. Quando se fala do belo, quer-se dizer aquilo que encanta, que traz sentido, mas que nem sempre a linguagem oral alcança para dizer o que é mesmo. Uma das maneiras de o belo se revelar é na arte.

A obra de arte é elemento de significado para estabelecer a correlação entre o ser humano e Deus. Esta vivência é dinamizada, especialmente, pela força do amor, que é criador e gerador de vida nova, pois nasce do fundamento último do ser humano, atingindo-o por inteiro e o transformando. A revelação é o processo de criatividade movido pela força do amor criante, que é espiritual, ágape[206], uno, pois emerge do Espírito Absoluto e atravessa, constitui o espírito humano, dando-lhe o poder de ser e de receber, pela sua razão profunda, respostas à sua preocupação última – o sentido do viver.

A obra de arte, como expressão da criatividade humana, é revelação do amor criante, divino, que se revela caminho à descoberta de sentido para o viver, e isto é caminho de cura. Tillich confirma este argumento dizendo: "Nossa preocupação última - aquilo que nos toca incondicionalmente – pode nos destruir assim como também nos pode curar. Mas sem a preocupação última não podemos viver."[207] O ser humano, ao criar a obra de arte, registra em sua razão profunda percepções da ação de Deus, que se revelam na sua maneira de pensar, falar, agir. O nascedouro da obra de arte é o ser humano corpo-criante espiritual, mergulhado no mundo da sua existência, que implica a vida e o conhecimento como complexidades interdependentes.

O ato da descoberta de um sentido de viver, desde a obra de arte, está profundamente associado às raízes mais profundas da vida que, biologicamente falando, se dinamizam em toda a estrutura molecular e celular do ser humano, que é base para o fenômeno da razão profunda poder criar, aprender e conhecer na inter-relação com o meio, a cultura circundante. Maturana e Varela afirmam, na sua teoria da *autopoiese,* que nós "os seres vivos somos sistemas determinados na estrutura, e, como tais, tudo o que nos acontece surge em nós como uma mudança estrutural determinada também a cada instante, segundo nossa estrutura do momento".[208] Reforçando ainda mais essa argumentação, defendem que *"todo ato de conhecer*

---

[206]"[...] a ágape se 'encarna' no amor humano, assim também transcende *todas* as formas concretas desde: das mais elementares até – o que às vezes inconscientemente se descuida – as mais sublimes. Circunstância esta muito bem frisada por Paul Tillich, que não cansa de afirmar que 'o amor em si é uno', que as diversas formas (*Qualitäten*) do amor – *libido, filia, eros, ágape - não se excluem*." QUEIRUGA, Andrés Torres. **Do terror de Isaac ao abbá de Jesus:** por uma nova imagem de Deus. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 132.

[207]TILLICH, 2002, p. 15.

[208]MATURANA; VARELA, 1997, p. 25.

produz um mundo. [...] A experiência de qualquer coisa 'lá fora' é validada de modo especial pela estrutura humana, que torna possível 'a coisa' que surge na descrição."[209] Logo, o corpo-criante espiritual é chave de abertura para a revelação da obra de arte como palavra de sentido para a vida, profundamente relacionada ao amor criante de Deus pelo ser humano.

O amor criante é a força, a energia vital dinamizadora, divina, que sustenta toda a estrutura biológica (rede psicossomática - sistemas nervoso, endócrino, circulatório e imunológico) para que a experiência da obra de arte como revelação aconteça e traga um sentido de vida. Maturana afirma: "o amor é o fundamento que torna possível o que desejamos fazer."[210] Essa força de amor criante se revela dentro de uma vivência entre o ser humano e a arte. Ela age na sua dimensão de profundidade espiritual, de onde surge a intuição mais pura para o criar, seja a obra de arte ou o sentido dela para viver. Essa vivência é revelação, pois implica um sentimento de liberdade que oportuniza uma nova vida, na qual o corpo-criante, no seu ser, já não é mais o mesmo, mas se percebe transformado. Com efeito, depois de uma experiência de revelação na arte, o ser humano nunca mais será o mesmo, ele mudou a sua corporeidade de ser, conhecer e fazer.

Não existe criação de significado de uma obra de arte sem passar pelos processos vital-cognitivos, a tessitura complexa do encontro da razão subjetiva e da razão objetiva do corpo-criante no seu contexto de vida, nas inter-relações. A obra de arte é expressão do mais profundo processo de autocriação, visceralmente construído no corpo-criante do ser humano em suas experiências artísticas e que encontra no seu fundamento uma dimensão inconsciente espiritual com poder revelador de sentido de vida, assim como pensou Frankl.

> [...] a obra nasce de seu criador, tal como a criança, de sua mãe. [...] a obra criadora jorra das profundezas inconscientes. O segredo da criação artística e de sua atuação consiste nessa possibilidade de reimergir na condição originária da *participación mystique.*[211]

Frankl mostra que a obra de arte tem sua origem numa dimensão de profundidade incognoscível na sua totalidade, pois atinge algo divino, místico,

---

[209] MATURANA, 1995, p. 70.
[210] MATURANA, 2002a, p. 56.
[211] JUNG, C. G. **O espírito na arte e na ciência.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 91, 93.

religioso, logo espiritual.

A obra exprime uma carga emocional-espiritual, que é fluxo de amor criante, que unifica *eros, filia e epithymia* em amor criante, visando dinamizar a criatividade em imagens que vão aparecendo na obra pictórica, por exemplo. Por isso, segundo Merleau-Ponty, a obra apresenta-se como um nó de significações vivas corporalizadas no e pelo fazer subjetivo do ser humano nas suas inter-relações no mundo.

> A obra de arte, seja ela qual for, é o fulcro de reflexão da emoção, sentimento, intuição, imaginação e razão do aluno, que se constitui pela energia criadora da vida que lateja nos seus átomos, nas suas moléculas, nas suas células, nos seus músculos, nos seus órgãos e no seu corpo inteiro em relação com outros corpos no mundo no universo.[212]

A obra de arte registra objetivamente a correlação entre o que o ser humano está vivendo interiormente no momento de sua criação e a dinâmica presente no mundo externo a ele. Ela faz-se na correlação entre essência e existência. "Uma obra de arte é autêntica se expressa o encontro entre a mente e o mundo, [...] e a percepção do divino".[213] A obra é criação reveladora de um ser humano num contexto de mundo, dentro de uma cultura e que encontra sua ultimidade no Espírito criador da Vida – o amor criante, Deus – fundamento último do corpo-criante.

5 A obra de arte e a revelação para o sentido do viver

A arte, ao longo do pensamento ocidental, tem sido reconhecida como uma expressão cultural que traz sentido para o viver humano.

Ela registra no tempo e no espaço uma maneira de ser e de fazer do corpo-criante na relação consigo mesmo, com o outro, com o mundo e com Deus. Ela é expressão sublime da espiritualidade humana, entendida, como uma maneira de ser da pessoa espiritual em correlação com a pessoa profunda espiritual nas relações que se constituem desde o amor criante de Deus, que sustenta toda a dinâmica da criatividade do corpo-criante.

---

[212] DITTRICH, Maria Glória. Criatividade: manifestação da vida em um corpo. **Revista da FEBE,** Brusque, n. 4, 1999. p. 125.

[213] TILLICH, 2005, p. 524.

A obra de arte imaginativo-criativa vem sendo alvo de discussões filosóficas, psicológicas e teológicas ao longo dos tempos. O problema é saber: por que a arte evoca a descoberta de sentido de vida? Essa idéia a pesquisadora pôde constatar, nos anos de 2003 e 2005, visitando Hospitais psiquiátricos nos Estados do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro, quando, conversando com pacientes e terapeutas, nos Ateliês de Arte, indagava se era importante para o doente fazer arte e se eles não recusavam. As respostas, em sua maioria, confirmavam que era muito bom e que trazia alegria e sentido para o dia-a-dia. No Hospital Psiquiátrico do Juqueri, no Rio de Janeiro, por exemplo, ela encontrou no acervo do Museu de Imagens do Inconsciente, criado por Nise da Silveira, várias obras pictóricas que registravam imagens, e escritas que remetiam a entender que a arte é vida, a arte salva, a arte é vivência de amor e libertação, a arte tem ligação com Deus. Muitas imagens mostravam a liberação de impulsos primitivos que implicavam relações com a divindade presente em cada corpo-criante da arte. Silveira, organizadora do Atelier de Arte desse hospital, dizia que os pacientes, ao criarem a arte, mantinham contato, "de maneira totalmente irracional, com as mais profundas verdades, e muitas vezes revelavam, inconscientemente, visões de transcendência [...]."[214]

O ser humano na sua existência, como afirmou Tillich, vive uma preocupação latente no seu ser: a procura por um sentido de vida que remete para um fundamento último - Deus. Essa preocupação age diuturnamente em todo o seu ser. Defende Tillich que "algo que nos toca incondicionalmente se torna sagrado. [...]. O sagrado permanece mistério, se bem que é revelado. [...] O coração procura o infinito, porque o finito quer repousar no infinito. No infinito ele vê a sua própria realização."[215] Nessa direção da teologia de Tillich vem a logoterapia de Frankl corroborando com a afirmação de que o ser humano é aberto a uma preocupação fundamental: criar e amar para encontrar sentido de vida. Com efeito, assim como Tillich coloca a arte como elemento de correlação entre Deus, o mundo e o ser humano, Frankl aponta que na criação da arte o ser humano pode encontrar um caminho de descoberta de sentido de vida, e esse sentido está ligado a algo incondicional, que ele chamou de presença ignorada de Deus. Assim, tanto Tillich

---

[214] SILVEIRA, Nise. **Arqueologia da psique.** Disponível em: <http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br/pdfs/Arqueologia00.pdf>. Acesso em: 5 de maio 2008.

[215] TILLICH, 2002, p. 13.

quanto Frankl defendem uma correlação entre a obra de arte, o ser humano e Deus – fundamento incondicional da criatividade.

A arte é expressão contundente da legitimidade da criatividade humana como revelação de algo profundo, fundamental, que remete à descoberta de sentido para o viver. Com efeito, a vontade de sentido está ligada a toda organização e estrutura do corpo-criante como um ser filoantropológico, que vive o impulso do amor criante como experiência (biopsicoespiritual) de auto-integração, de autocriatividade que leva à autotranscendência. Exemplificando: criar uma obra de arte é abrir-se para além de si desde um centro, um fundamento vital-cognitivo-espiritual que é em si, mas impulsiona-se para além de si para expressar-se, criar; logo registrar algo (imagens, palavras, sons etc.) seja de que maneira for, para então reconhecer-se nesse algo expressado e voltar para si mesmo, registrando, em si, o que ficou reconhecido, identificado nessa vivência, para desde aí encontrar um sentido que eleve a vida. Isso é autotranscendência.

> Esta autotranscendência do existir humano consiste no fato essencial de o homem sempre 'apontar' para além de si próprio, na direção de alguma causa a que serve ou de alguma pessoa a que ama. E é somente na medida em que o ser humano se autotranscende que lhe é possível *realizar-se* – tornar-se *real* – a si próprio.[216]

A obra leva a marca de uma intuição reveladora de fundo sagrado, que nasce nas profundezas do inconsciente espiritual, a dimensão da pessoa profunda espiritual, que, muitas vezes, desafia o entendimento lógico, pois o transcende quando se mostra como algo inusitado e misterioso, que evoca e pede explicação para a descoberta de sentido de vida. Com efeito, o misterioso surge na obra como algo estranho que espanta e fascina, pois é dinamizado pela força do amor criante que é abissal, por isso, muitas vezes, expressa-se em linguagens imagéticas de difícil leitura.[217] Essas imagens vão surgindo naturalmente, sem censura, por isso são incontroláveis quando a criação é espontânea e autêntica na fluência do ser

---

[216] FRANKL, 1989. p. 20.

[217] Tillich, quando fala das manifestações do Espírito (Deus) no espírito humano, quando do processo de criação, aponta que a linguagem expressa numa obra de arte não alcança diretamente o próprio centro do eu observador. A linguagem exprime uma mistura de significantes e significados que apontam possibilidades para revelar e ocultar algo a ser dito. Com efeito, "A palavra determinada pelo Espírito atinge o centro do outro eu, mas não em termos de definição ou circunscrições de objetos definidos ou de subjetividade finita (por exemplo, emoções); ela atinge o centro do outro reunindo, em uma unidade transcendente, os centros da pessoa que fala e daquela que ouve." TILLICH, 2005, p. 696.

criador, que se respeita como fonte de referência à criação.

Na criação da obra de arte, vive-se a alegria e a tristeza, o amor e a raiva, o belo e o feio, o encanto e o espanto de encontrar os *anjos e os monstros*. Nessa experiência, parafraseando Otto, o espanto, no sentido próprio da palavra é um estado de alma que, em primeiro lugar, pertence exclusivamente ao domínio do numinoso,[218] algo sagrado de fundamento último cuja razão de ser é criar pelo amor puro, simples, espiritual, que de uma forma ou de outra se faz sentido, presença de significado, para o viver.

Dentro dessa visão, a obra de arte pode ser interpretada como palavra reveladora de sentido de vida, por isso misteriosa e divina. A palavra não é somente idéia abstrata; ela é uma teia dinâmica de sentido com um denso conteúdo noético, emocional-racional, que traduz a articulação de todos os elementos que constituem as dimensões do corpo-criante. A "palavra ... é a expressão corporal do conteúdo da alma, por detrás da palavra subsiste a totalidade da alma que a criou."[219] A obra de arte como palavra é uma força interagente, cujo dinamismo se fundamenta no dinamismo mesmo do corpo-criante que a gestou e pariu na existência. Sobre essa idéia, afirma Tillich: na existência "A intuição artística é o modo como vemos Deus. O divino nos chega através da arte. A manifestação de Deus não são os milagres bíblicos nem nenhuma outra coisa, senão que cada obra de arte é um grande milagre da revelação [...] divina."[220]

Essa visão de Tillich alinha-se, no mundo moderno, dentro de uma visão romântica, especialmente com Schelling[221] que entende a arte como resultado de vivência da subjetividade humana como manifestação de algo divino, puramente bom e belo, e que se manifesta na cultura; logo na criação da arte, por excelência.

O romantismo foi um movimento filosófico de grande impacto nas artes. Ele

---

[218] OTTO, Rudolf. **O sagrado.** Lisboa: Edições 70, 1992. p. 38.

[219] LATOURELLE, René. **Teologia da revelação.** Tradução de Flávio Cavalca de Castro. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. p. 26.

[220] "La intuición artística es el modo como vemos a Dios. Lo divino nos llega a través del arte. La manifestación de Dios non son los milagros bíblicos ni ninguna otra cosa, sino que cada obra de arte es el gran milagro de la revelación total […] divina" (tradução própria). TILLICH, 1977, p. 466.

[221] Schelling influenciou significativamente a teologia de Tillich no que diz respeito à correlação entre finitude e infinitude, entre existência e essência. Schelling combateu o essencialismo mostrando a sua implicância na existência humana. Ele defendia que a essência fazia parte da existência e vice-versa.

surgiu nas últimas décadas do século XVIII, na Europa, e se estendeu até o século XIX. Esse movimento combatia a visão de arte racionalista, que entendia a obra de arte só, e somente só, a partir de uma lógica racional instaurada no poder da razão técnica, como instância absoluta para a criação em si, de si e por si.

Vale dizer que, no racionalismo cartesiano, a obra de arte não era entendida como imitação, ou atualização da natureza, nem expressão de uma ordem divina. Criar era pensar; pensar procedimentos metodológicos que levassem e garantissem a verdade, que se evidenciava na obra de arte através de idéias claras e distintas.[222] Essa visão de pensamento apequenava o poder da arte como palavra de revelação. O ser humano, pessoa de fundamento espiritual, busca na sua criação sentido para sua vida.

A idéia mecanicista de que o ser humano é uma máquina biológica racional, que funciona sob leis naturais permanentes, parece bastante reducionista e objetificadora da vida. Afinal, como já se argumentou acima, o ser humano é um corpo-criante, um todo vivo, complexo na estrutura e na organização de suas várias dimensões. Ele é mais do que se pode dizer sobre ele, pois seu fundamento último é espiritual, é presença do Espírito do amor criante, e esse é mistério que se revela em criatividade artística, por exemplo. A obra de arte, como criação humana, tem sua raiz na dimensão mais profunda ou elevada do ser humano, a espiritual, na qual o amor criante se revela como realidade divina manifestante de sentido para a vida. Zubiri também sustenta esse argumento quando diz:

> Revelação não significa nenhuma espécie de ditado externo e solene; [...] significa pura e simplesmente - e deve continuar significando ao longo de toda a história das religiões [...] – *uma manifestação da realidade de Deus,* no fundo de toda pessoa humana.[223]

Para Zubiri, a revelação é uma manifestação direta de Deus ao ser humano, pois Deus consiste como realidade radicalmente existente. Diz ele que a revelação pode se dar como a voz da consciência humana que expressa a palpitação, a fala sonora do divino no fundo do espírito humano. Confirma que a voz da consciência não é simplesmente moral, mas, sobretudo, metafísica, pois se atualiza em forma de

---

[222]Cf. DITTRICH, 2001, p. 67.
[223]ZUBIRI, 1993, p. 72.

ressonância auditiva do eu profundo religado com o seu fundamento da realidade – Deus. Nesse processo de revelação, o ser humano vive uma relação inter e intrapessoal na realidade existencial que tem seu fundamento em Deus. Por exemplo, na vivência de revelação ocorre sempre uma manifestação de Deus que atinge uma forma concreta, que pode ser a palavra, a obra de arte ou outras formas manifestadas, pois toda forma de alguma manifestação irá apresentar um conteúdo que tem um sentido para a vida do ser humano, seja ele qual for.

Frankl mostra que a sede de sentido de vida é saciada, por exemplo, na criação, quando o ser humano, por meio de sua pessoa espiritual, sensível-inteligível, faz a ligação com a sua dimensão noética, a de pessoa profunda espiritual.[224] Por isso, a obra leva a marca da qualidade de um conteúdo que emerge de uma dimensão profunda - a espiritual, o *lócus* de Deus – fonte de manifestação para o sentido do viver na relação com o outro na realidade concreta.

Frankl, como psicólogo, não quer falar da revelação como uma manifestação direta de Deus ao ser humano na realidade, como pensou Zubiri. Embora ele não discorra em sua obra sobre o fenômeno da revelação, do ponto de vista teológico, sua antropologia existencialista mostra um ser humano com sede de sentido de vida; logo, aberto à espiritualidade nos seus processos psicoantropológicos, que remetem a um fundamento último – Deus – uma presença ignorada que se faz preocupação última do viver do ser humano nas relações no mundo. Frankl deixa claro que a transcendência humana ocorre no momento em que se descobre o sentido do por que viver amando alguém, sofrendo, ou criando algo. Não serão estas experiências revelação? Como pensar a superação do sofrimento, a vivência do amor a alguém, e a felicidade na criação da arte, sem vivenciar o amor criante divino?

Para Kandinsky, a obra de arte revela um conteúdo de ordem espiritual, divino. A "verdadeira obra de arte nasce do 'artista' – criação misteriosa, [...] mística. Ela desprende-se dele, [...] torna-se um sujeito independente, animado de um sopro espiritual [...], ela é dotada de poderes ativos, sua força criadora não se esgota",[225] pois é revelação como sinal de confirmação da ligação do ser humano, corpo-criante, com seu fundamento último – Deus, e de amorosidade como sinal de co-

[224]Cf. FRANKL, 2003, p. 45.
[225]KANDINSKY, 2000, p. 126.

participação na criação, para a descoberta do sentido de ser no mundo.

A obra de arte é manifestação simbólica. Nela estão presentes símbolos[226] que, na dinâmica interativa dentro da linguagem universal, contém um conteúdo vital-emocional-racional-espiritual, que, de uma maneira ou outra, despertam, apontam caminhos à descoberta de sentido para a vida. A obra exprime o que é próprio do seu criador, dentro de um contexto cultural e de um tempo histórico, e que, em síntese, revela um fazer do amor criante como ação do fundamento último, do eterno, que se faz necessidade interior de revelação para o de sentido do viver. "Revelação é a experiência em que uma preocupação última move o espírito da pessoa, criando assim uma comunhão em que essa preocupação se expressa em símbolos de ação e de pensamento."[227]

Como já se disse, no mundo moderno, dentro do pensamento mecânico, positivista e antropocêntrico, a obra de arte foi tratada sob a absolutismo do poder da razão lógica, objetiva e técnica. Ela ficou reduzida a um produto da razão na sua positividade metodológica pura. Mas a pergunta que surge é: onde ficaram os sentimentos humanos como manifestação autêntica na criação da obra? E o encantamento de viver a emoção da criação e significá-la, não existe? Será que é possível auferir a obra de arte, metodologicamente, pelo puro poder da razão? Frankl vai dizer que não. Pois o sentido de vida não se ensina, nem se receita. Ele é construído na existência pessoal do ser humano, na maneira de ser ele mesmo na relação com o outro. Nessa direção, o sentido de vida é descoberta de uma manifestação única, que se revela no encontro entre o corpo-criante do ser humano, na sua criatividade, diante da sua obra, que o provoca.

A obra de arte, como "símbolo não traz explicações; impulsiona para além de si mesma na direção de um sentido ainda distante, inapreensível, obscuramente pressentido e que nenhuma palavra de língua falada poderia exprimir de maneira satisfatória".[228]

Procurando responder sobre a complexidade da arte como expressão

---

[226]"Um símbolo é uma imagem, uma forma que comunica muitas coisas ao mesmo tempo". MAY, Rollo. **Minha busca da beleza.** Tradução de Francisco Pimentel Pinto. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 155.

[227]TILLICH, 2002, p. 52.

[228]SILVEIRA, 1968, p. 80.

simbólica que referenda a questão dos sentimentos e da emoção humana, o romantismo combateu a visão antropocêntrica da obra de arte como resultado puro de um processo essencialmente racional em si. A proposta implicava entender a obra de arte como expressão da imaginação e dos sentimentos do ser humano, corpo-criante, dinamizados pela emoção ligada à razão na existência. Nessa abordagem, a obra de arte era resultante de uma síntese entre o sensível e o inteligível, o mundo natural e o mundo do transcendente, entre o finito (o ser em ato, a obra) e o infinito (as potencialidades de ser, a gestação da obra).

O artista era visto como um criador capaz de abrir-se para os mundos natural e social e transcendê-los por intermédio de sua imaginação. A subjetividade imaginadora seria ponto de partida para ele conceber a sua obra de arte e, através dela, alcançar e reconhecer a sua transcendência no encontro entre a sua finitude e infinitude.

Tillich reforça essa idéia quando comenta que, na visão romântica, "o infinito está no finito, um está dentro do outro. [...] então a percepção do infinito no finito é intuitiva."[229] Logo, a imaginação que surge da intuição profunda se coloca na instância psicoespiritual que desenvolve e atualiza potencialidades que se dão a cada momento na configuração da obra de arte. A imaginação criadora é expressão de sabedoria, como força espiritual atuando no corpo-criante, para ele saber fazer a obra nas relações que estabelece com o seu entorno.

William Blake, um grande artista, pintor, dessa época, defendia que a arte "é conhecimento intuitivo não mais das coisas individuais, mas das forças eternas e sobre-humanas da criação."[230] A concepção de Blake traz o que Tillich afirmou sobre a arte: uma síntese subjetiva da imaginação criadora perpassada por uma vivência de registros profundos entre o sentimento de finitude e infinitude – a manifestação do profano e do sagrado. Com efeito, vale esclarecer que, para Blake, a arte, como inspiração imaginária do sujeito nos seus sentimentos, não é intuição do mundo, nem revelação ou profecia de verdades divinas, e sim um estado de recolhimento e de reflexão profunda do artista. No entanto, se pergunta: Ora, se a arte é recolhimento, reflexão profunda, não será ela também, revelação de sentido para o

[229] "O infinito está en todo lo finito; cada uno está dentro del otro. […] entonces la percepción de lo infinito en lo finito es intuitiva" (tradução própria). TILLICH, 1977, p. 400.
[230] ARGAN, 1992. p. 35.

viver?

A revelação se forja no fundamento da criatividade – a dinâmica do amor criante divino. Pois é o autocriar-se do amor criante de Deus no corpo-criante do ser humano que faz acontecerem processos vital-cognitivos, que vão, paulatinamente, na estrutura da razão profunda ligada à emoção (estaticidade e mobilidade), inscrevendo-se e revelando-se em um agir que formata, configura a obra de arte. Quando o ser humano cria a sua obra, não é ele quem a cria, mas é Deus que cria através dele. É a força do amor criante do espírito de Deus, atuando no espírito humano, logo, revelando e dirigindo o caminho da criação da obra, que certamente tem um sentido profundo em si. Picasso dizia: "Quando eu começo uma pintura, há alguém que trabalha comigo. No fim tenho a impressão que estive trabalhando sozinho, sem colaborador."[231] Essa fala de Picasso confirma que a obra nasce desde o fundamento último do ser humano, que faz a autointegração, a autocriatividade e a autotranscendência no e do corpo-criante nas relações no mundo. O que ocorre é movimento processual de emoções, de sentimentos que se traduzem em imaginações, idéias que se expressam em palavra que evoca e conclama o ser humano à descoberta de sentido para o viver. Este sentido é busca pessoal, é a tomada de consciência de um estar no mundo como pessoa espiritual que procura, desde a sua criatividade, um sentido profundo para a sua própria obra como revelação da vida que empurra para a autoafirmação, logo a sua realização no mundo.

O sentido do viver tem que ser descoberto nas ações do corpo-criante, as quais interagem com o mundo circundante e, ao encontrar o outro, o reconhecem como legítimo interagente para estimular a criação da obra de arte. A obra se faz palavra e penetra até as funduras abissais do inconsciente espiritual, que detém uma presença ignorada de pessoa profunda espiritual, que é pleno amor criante – Deus. Com efeito, é o poder do amor criante que toma forma e traduz na linguagem artística intuições primordiais, as quais se tornam acessíveis para o ser humano encontrar referência de sentido de vida, esteja passando o que estiver.

Essa visão de arte tem impactos na confirmação da individualidade, da liberdade e da autonomia do ser humano para criar a partir de valores intrínsecos à

[231] Citado em SILVEIRA, 1968, p. 157.

sua subjetividade. Dentro dessa concepção, a obra de arte foi entendida como de natureza boa e bela, pois remetia sua origem a uma força divina criadora. A beleza interior é aquilo que desperta o ser humano na sua necessidade interior, que está sempre relacionada com a ligação de seu fundamento último. Se a obra de arte é resultado do processo da subjetividade do artista, então ela é beleza, revelação do eterno para o sentido de viver. Com efeito, "o eterno, pois, naquilo que é produzido, também não é exposto em si, mas apenas na medida em que se refere às coisas singulares." A "obra que expõe a beleza só pode ser produzida pelo eterno [...]"[232] que está presente na dimensão intuitiva do corpo-criante, de profundeza espiritual, que se revela na existência em forma de sentido para a vida.

Esse entendimento aponta que a obra expressa uma vivência profunda de conhecimento, que se dá desde a percepção de um sentimento que mobiliza o ser humano para encontrar, na sua finitude, a sua infinitude; ou seja, a tomada de consciência sobre a profundidade abissal do seu fundamento último, o eterno. Barboza concorda com este argumento quando defende que, na criação da obra de arte, viver o "[...] sentimento do sublime é a própria vivência do infinito, da liberdade, do incondicionado que, apesar de não podermos representar (criar imagens dele), ainda assim podemos experimentar esteticamente com sucesso."[233]

A obra de arte é uma experiência espiritual na qual o ser humano, pela sua imaginação criadora, recebe do seu fundamento último, a sabedoria, como poder de criação que faz a ligação entre o ser e o não-ser, o finito e o infinito. A imaginação criadora é um devir de profundeza divina, capaz de dizer sobre os sentimentos mais profundos que se gestam e nascem na complexidade do ser humano, na relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo. A exemplo disso: "A pintura [...] quer ser expressão do sentimento; o sentimento é um estado de espírito frente à realidade; sendo individual, é a única ligação possível entre indivíduo e a natureza, o particular e o universal".[234]

Ampliando esse pensamento, se traz Schelling, que se ocupou de fazer uma

---

[232] SHELLING, Friedrich Von. **Obras escolhidas**. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores). p. 82, 83.

[233] BARBOZA, Jair. **Infinitude subjetiva e estética.** Natureza e arte em Schelling e Schopenhauer. São Paulo: Editora UNESP, 2005. p. 193.

[234] ARGAN, 1992, p. 33.

discussão sobre a verdade, Deus e a arte. Mostrou dentro de um idealismo transcendental que a "a arte é a própria atividade criadora de Deus", em ação no ser humano.[235] Para ele, a origem da criatividade artística tinha seu centro fundamental - o absoluto transcendente que está no ser humano e lhe dá o poder de criar a obra de arte. Logo, a obra se torna revelação do infinito no finito, do sagrado no profano. Essa visão mostra que a obra se dá desde uma experiência de correspondência de polaridades do ser criador. Ela é presente na constituição de sua criatividade que, na sua dinâmica, é sustentada pelo amor criante de Deus.

A criação da arte, para Schelling, é nascimento das trevas para a luz, do caos para a ordem, da possibilidade para a objetividade realizada. A obra de arte surge dessa tensão que se registra no sentimento humano e que se objetiva como palavra que revela o espírito divino agindo sobre o espírito humano e construindo a sua gênese na história. Com efeito, a revelação acontece no encontro dos contrários. Isto se dá quando o ser humano se vê no limite de sua finitude, que o ameaça no sentido de não poder ser, ou seja, realizar o seu próprio desejo imaginativo para criar. Aí ele encontra a força da sabedoria do amor divino como infinitude. Ela é impulso inteligente de abertura de si para além de si. É a vivência do poder ser para vencer a ameaça da finitude. Aqui se dá a revelação, como descoberta e reconhecimento da ação viva do amor criante como força infinita, autocriadora, que dá o poder para ser mais. "Somente aquele que chegou ao fundo de si mesmo e conheceu toda a profundidade da vida, que já tudo abandonou e foi ele mesmo por todos abandonado, para quem tudo naufragou e que se viu sozinho com o infinito, foi capaz [...]"[236] de viver a coragem de criar a obra de arte e descobri-la como palavra que revela o sentido do por que viver.

A palavra é um som, é cor, é movimento interior de algo profundo que revela um processo de criatividade gestada e nascida na energia espiritual do amor criante, que constitui o corpo-criante nos seus processos de criação diante do mundo. A palavra pode se revelar de muitas formas, mas ela sempre indicará um conteúdo interior da pessoa espiritual, que, como tal, está implicado na sua espiritualidade, que se mostra numa maneira de ser e de significá-la.

---

[235] ABBAGNANO, 1962, p. 350.

[236] SCHELLING, F. W. J. **A essência da liberdade humana:** investigações filosóficas sobre a essência da liberdade humana e das questões conexas. Tradução Márcia C. de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 15.

Como palavra, a obra de arte, para Schelling, unifica a natureza e a história, o sujeito e o objeto. Essa unificação se dá diretamente pela inspiração criadora do artista que se vê na sua obra, se identifica com ela e descobre o sentido de sua vida através da sublimidade dela. Esse filósofo finca seu conceito de arte a partir de um entendimento de inteligência estética, como aquela que é capaz de criar o mundo, pois vai além da inteligência teórica que contempla o mundo da inteligência prática, que ordena o mundo. Por isso, "a arte constitui a mais completa criação humana e a melhor via de acesso ao absoluto", que é seu caminho para descobrir o sentido do por que viver. Afirma Schelling: "a obra que expõe a suprema beleza só pode ser produzida pelo eterno [...] presente no ser humano."[237] Essa afirmação traz um entendimento de que a obra como revelação não é algo que acontece como um *milagre*, mas como uma manifestação natural do espírito criador do artista, sustentado pelo seu fundamento último que é movimento, processo do amor criante, para fazer a auto-integração, a autocriatividade e autotranscendência desde a base biológica, psíquica e espiritual.

A complexidade da obra de arte como palavra de revelação não é abarcável no seu todo. O que se pode dizer é que, ao criar a obra de arte, algo se revela, se mostra nas vivências de criação e de interação com a obra, aqui entendida como expressão de uma ação criadora de ordem divina, que desabrocha, se revela em vida, como processo de criação que se integra e desintegra para autocriar e poder transcender, para transformar o ser criador na elevação da sua consciência consigo mesmo, com o outro e com Deus.

O sentido da obra remete a uma introspecção de profundeza espiritual. Ele atinge a pessoa espiritual que está ligada à pessoa profunda espiritual (inconsciente), de onde emergem os registros semânticos da arte como palavra de poder revelador de sentido para a vida. A palavra expressa o viver do criador como pessoa espiritual, na sua natureza de ser vivo, na sua auto-organização como processo permanente de autotransformação da sua maneira de ser consigo mesmo, com o outro, com o mundo e com Deus. A obra apresenta, nas suas múltiplas referências de significado, a tensão entre a experiência de finitude e infinitude. Ela torna-se expressão de força criadora do amor criante, espiritual, de Deus, agindo no

[237] SHELLING, 1979, p. X, 83.

ser humano e impulsionando-o a revelar, pela imaginação criadora, referências de seu ser no mundo. Ela se torna ponto de referência para o seu viver, pois confirma o ser criativo, capaz de auto-afirmar-se diante do outro pela criação. Logo, de ser reconhecido e reconhecer-se um legítimo ser criante, cujo sentido de vida nasce no amor criante, princípio, fundamento da vida.

Pela obra de arte, como palavra revelada e velada à mente humana, podem seguir transcendendo as realidades finitas na direção do macro ou do microcosmo. Mas a própria mente permanece presa à finitude de seu portador individual. "A infinitude é a finitude transcendendo-se a si mesma sem qualquer limite *a priori.*"[238] Esse sentimento perpassa o criador ao criar a obra de arte. Pois, criar implica poder ser, autotranscender-se na finitude, no não-ser, para encontrar na obra como palavra o sentido de pertença de sua criatividade – o fundamento último, o absoluto, o amor criante de Deus.

Essa experiência se apresenta como presença potencial do infinito. Ela se confirma na força criadora do amor criante que faz o ser humano, pela sua criação artística, poder ser para perceber que pertence àquilo que está mais além de si mesmo, mas, ao mesmo tempo, presente em si mesmo; por isso, tem uma necessidade interior de dizer a palavra sobre o que está vivendo, pois ela revela sentido de vida.

Esse além de si remete para o ser-em-si, por si, de si e para si, Deus, fundamento da palavra e de tudo e de todos que abarcam o real na vida como processo de criações significativas e de vida por suposto. "[...], Deus é um fundamento real da realidade. Um fundamento do poder da deidade do real, que palpita no fundo do espírito humano e que inexoravelmente chama a realidade, chama o seu fundamento, como sede da deidade."[239]

Essa é uma visão de Zubiri que mostra que a criatividade na obra de arte que se traduz em palavra, forja-se desde a realidade fundamental, que é o poder constituinte da deidade de todos os seres nas suas manifestações. O ser humano,

---

[238] TILLICH, 2005, p. 199.

[239] "[...], Dios es un fundamento real en la realidad, un fundamento del poder de la deidad de lo real, que palpita en el fondo del espíritu humano y que inexorablemente llama a la realidad, llama a su fundamento, como sede de la deidad" (tradução própria). ZUBIRI, 1993, p. 68.

como um corpo-criante espiritual, na sua criatividade, é a ação viva da manifestação desse poder da realidade fundamental última – Deus, puro amor criante.

Esse poder está presente, incondicionalmente, e dá força, impulso de vida para que a criatividade possa se fazer palavra de sentido desde a obra de arte. A obra de arte, nesse sentido, revela-se palavra de poder divino-humano, que confirma o poder ser, *dar-de-si*, que eleva a espiritualidade, logo, a descoberta de um novo sentido de vida. Com efeito, diz Zubiri que "Deus é um dar-de-si. E um dar-de-si da realidade mesma em que Ele consiste. A criação deve conceber-se como a vida mesma de Deus projetada livremente *ad extra,* portanto, em forma finita"[240] mas que é, também, em si infinita, pois se manifesta como puro poder para *dar-de-si*, visando sempre comunicar algo de sentido profundo, que referencie e atenda uma necessidade interior do ser humano, diante das inter-relações pessoais.

Nessa direção, a obra de arte é expressão do poder da deidade que se torna palavra, nascida na realidade última que faz o ser humano poder ser para criar e conhecer sobre o sentido do seu viver. A deidade não é Deus, pois Ele, certamente, é mais do que se pode dizer sobre Ele. Zubiri diz que Ele é o fundamento da deidade das coisas e do ser humano. Logo, a obra de arte, na sua profundidade, é deidade porque contém a qualidade de sua origem criadora – Deus, que se revela de muitas formas. A obra de arte como palavra de deidade manifesta a voz, a cor, o som, o movimento do amor criante de Deus em sua gênese constante. Nesse sentido a obra de arte atinge um *status* de deidade.

O ser humano cria a sua obra de arte e dá significado a ela não só a partir das relações com os demais em seu entorno, mas antes e fundamentalmente a partir da intra-relação com a sua profundeza espiritual. Na idéia de Zubiri, a obra de arte é a própria realidade substantiva – divindade se revelando como palavra que indica um dar de si amoroso. Assim como Tillich, Zubiri defende que Deus é o fundamento último da realidade. Logo, a obra de arte, indiretamente, encontra seu *lócus* de origem em Deus e, por isso, revela um conteúdo que suscita questionamentos, afirmações, descobertas de novas idéias que apontam sentido para o viver. A obra torna-se abertura de esperança, alegria de viver na descoberta

[240]"Dios es un dar-de-sí. Y un dar-de-sí de la realidad misma en que El consiste. La creación debe concebirse como la vida misma de Dios proyectada libremente *ad extra,* por tanto en forma finita (tradução própria). ZUBIRI, Xavier. **El hombre y Dios.** Madrid: Alianza Editorial, 1988. p. 312, 313.

de uma razão última que se objetiva no cotidiano, ainda que seja em pequenos ou grandes sinais. Afinal, o ser humano, ao olhar a sua obra, sente-se instigado a entendê-la. O percurso deste entendimento diz respeito à revelação de um sentido para o próprio ser humano, que vive criando a sua realidade nas amplas relações com o mundo da cultura. Fora da realidade não é possível falar da obra de arte, do ser humano e de Deus. O fundamento de tudo isso se tem que encontrar na

> [...] realidade essencialmente existente [...]. A realidade de Deus no fundo da criação não é somente uma realidade pessoal senão que, no caso do homem, é uma conexão ou uma *presença pessoal* ou *interpessoal.* [...] Deus é o fundo pessoal de toda realidade, não somente Deus está presente para a pessoa humana em forma de uma presença interpessoal, senão que, em terceiro lugar, essa presença interpessoal tem uma forma concreta e radical que é a *manifestação.* Agora bem, o ser manifesto é justamente o que se deve entender por *revelação.*"[241]

Zubiri apresenta nessa idéia a possibilidade de entender a obra de arte como revelação divina. Ela indiretamente apresenta-se como palavra de um Deus manifestante, presente no fundo do espírito humano e que se revela numa relação direta, interpessoal, através da razão profunda (consciência profunda espiritual) humana, que é capaz de intuir, sentir, perceber e expressar aquilo que está vivendo como pessoa espiritual diante de uma cultura histórica. Logo, a obra de arte revela um conteúdo lingüístico que permite uma ligação do ser humano com Deus.

Nesse sentido, **a obra é revelação, palavra de sentido de vida, que expressa a criatividade do amor criante de Deus para e no ser humano.** Deus, como realidade última, amor criante, está em gênese permanente, pois na sua magnitude, vive um *dar-de-si* e este é criação, doação de amor criante que se revela ao espírito humano em forma de arte, que nasce como um nó de significações para a vida. Reforçando esta idéia, afirma Zubiri:

> A criação é definitivamente um dar de si, porque toda a realidade *é eo ipso*, enquanto real, ativa por si mesma. [...] o corpo e o psiquismo

[241] "[…] realidad esencialmente existente que es Dios no fundo del espíritu humano es la presencia a una realidad personal. […]. La realidad de Dios en el fondo de la creación no es solamente una realidad personal sino que, en el caso del hombre, es una conexión o una presencia *personal o interpersonal.* Solamente Dios es el fondo personal de toda realidad, no solamente Dios está presente a la persona humana en forma de una presencia interpersonal, sino que, en tercer lugar, esa presencia interpersonal tiene una forma concreta y radical que es la *manifestación.* Ahora bien, el ser manifiesto es justamente lo que se debe entender por *revelación"* (tradução própria). ZUBIRI, 1993, p. 47.

> têm uma origem, e essa origem é material. Podia Deus tê-lo criado diretamente? Evidentemente, porém, segundo parece, não desejou fazê-lo assim. Como quer que seja, então, o curso da evolução material até a mente humana é justamente a marcha desde a pura matéria até a liberdade. [...] A criação tem [...] um caráter processual, em um mundo aberto.[242]

Nessa direção, a obra de arte tem um caráter processual. Ela revela um processo de gestação e nascimento de algo que toca o ser humano e que emerge desde a sua base material, atravessando a psique até chegar ao nível da pessoa espiritual profunda, que é a sua dimensão de profundidade espiritual que transborda como um dar-de-si, carregado de significado para o viver. Esta experiência é mística. Ela é marcada pelo encantamento da revelação do amor criante de Deus presente em cada ação dirigida pela emoção e pela razão profunda que vai materializando a obra. Essa se apresenta com um sentido espiritual, que referenda a auto-afirmação da identidade do corpo-criante do ser humano no seu fundamento último.

A obra de arte como palavra de revelação acontece ao ser humano, diretamente à sua consciência, como algo misterioso, um sentimento profundo que retoma a sua origem, o seu fundamento último – a realidade fundamental, a divindade criadora – Deus, que se revela vida em um corpo-criante se autocriando. A obra de arte revela um poder de deidade que se processa no corpo-criante inteiro e faz-se auto-integração, autocriatividade e autotranscendência. Esse poder revela sempre possibilidade de ser mais, de realizar os sonhos, de sarar os sofrimentos e expandir a alegria de viver com sentido no fundamento do ser. Com efeito, a descoberta do sentido de vida é graça, é libertação.

O obra de arte se revela como modos de ser do ponto de vista físico e do ponto de vista espiritual. Como modo de ser físico, manifesta-se como a realização da feitura de um objeto material que possibilita ao ser humano realizar as suas potencialidades na busca de sentido prático, utilitário, seja para o que for. Por outro

---

[242] "La creación es en definitiva un dar de sí, porque toda realidad *es eo ipso*, en tanto que real, activa por sí misma. [...], el cuerpo y el psiquismo tienen un origen, y ese origen es material. Podía Dios haberlo creado directamente? Evidentemente, pero, según parece, non quiso hacerlo así. Como quiera que sea, entonces, el curso de la evolución material hasta la mente humana es justamente la marcha desde la pura materia hasta la libertad. […] La creación tiene […] un carácter procesual, en un mundo abierto" (tradução própria). ZUBIRI, Xavier. **El problema teologal del hombre: cristianismo.** Madrid: Alianza Editorial, 1997. p. 200, 229, 230.

lado, como modo de ser espiritual, quer expressar algo que tenha referência no invisível, no indeterminado, mas que, ao mesmo tempo, se mostre no visível sensível para que, inteligivelmente, se capte a palavra que está por ser revelada na experiência. Diz Zubiri:

> A revelação não consiste em um ditado de verdades ao ouvido de um espírito, mas consiste simplesmente nessa espécie de experiência manifestativa interna, na qual Deus faz com que a pessoa, em sua entrega à divindade, tenha acerca desta divindade umas idéias e uma luz superior, a qual lhe autoriza o movimento de sua própria inteligência.[243]

Vale dizer que Zubiri não vê Deus como um definidor, ditador das vontades, idéias e desejos humanos. Mas como um Deus real, absolutamente amoroso, presente no ser humano, e que se revela à consciência humana como um dar-de-si gratuito. Logo, a obra de arte é gratuidade, é palavra divina que se revela em uma forma que tem um conteúdo a ser dito, a ser descoberto pelo humano. Este anuncia e denuncia significados diversos referentes à vida do ser humano e sua relação com Deus.

Tillich de certa forma comunga com Zubiri, quando defende que a revelação encontra suas raízes no fundamento último do ser humano – Deus, que é sua preocupação última e essencial. No entanto, ele se preocupa em mostrar a revelação como o mistério que desafia e evoca o ser humano a desvelá-lo a partir de sua existência concreta, dentro de uma cultura. Tillich mostra que a revelação dá-se numa experiência concreta na correlação entre sujeito e objeto.

> A revelação, como revelação do mistério que é nossa preocupação última, é invariavelmente revelação para alguém numa situação concreta de preocupação última. Não há revelação se não houver alguém que a receba como sua preocupação última. A revelação sempre é um evento subjetivo e um evento objetivo em estrita interdependência. Alguém se sente tomado pela manifestação do mistério; este é o lado subjetivo do evento. Algo ocorre através do qual o mistério da revelação e apodera de alguém; este é o lado objetivo. Não é possível separar esses dois aspectos. Se nada acontece objetivamente, nada é revelado. Se ninguém recebe

[243] "La revelación no consiste en un dictado de verdades al oído de un espíritu, sino que consiste simplemente en esa especie de experiencia manifestativa interna por la que Dios hace que la persona en su entrega a la divinidad tenga acerca de esta divinidad una ideas y una luz superior a la que le otorgaría el movimiento de su propia inteligencia (tradução própria)." ZUBIRI, 1993, p. 82.

subjetivamente o que acontece, o evento deixa de revelar algo.[244]

Dentro dessa idéia, Tillich, mais do que Zubiri, está preocupado em mostrar que a obra de arte como revelação é um evento existencial, misterioso, de experiência compartilhada entre sujeitos e a objetividade do mundo em que eles estão inseridos. Ela ocorre pela mediação de algo ou de alguém. Já para Zubiri, a revelação acontece permanentemente todo o tempo. A correlação entre sujeito e objeto até é considerada, mas a ênfase central da revelação é um falar de Deus diretamente à consciência humana. É um poder do amor criante que arrasta o ser humano para o real no mundo, no caso a arte. A obra vai se expressando como palavra a ser descoberta, na própria existência humana, que pede explicação de sentido de vida. Essa explicação está referendada na preocupação última do ser humano, o amor criante de Deus, que se revela criatividade – a obra de arte – caminho de descoberta de sentido para o viver.

[244]TILLICH, 2005, p. 124.

QUADRO III: O CORPO-CRIANTE E A CURA ESPIRITUAL

1 Cura: a ação do poder espiritual do amor criante

O amor criante de Deus, que sustenta a constituição biopsicoespiritual do corpo-criante humano, é possibilidade de uma vivência profunda de poder espiritual, que se manifesta na criatividade como força curativa para dores e sofrimentos na existência.

A palavra **cura**, do latim, com o sentido primitivo, quer significar ‘cuidado’, ‘atenção’. “O verbo ***curo, curare***, de largo emprego, tem o significado de 'cuidar de', 'olhar por', 'dar atenção a', 'tratar'.”[245] A evolução semântica da palavra **cura**, tanto em latim como nas línguas românicas, operou-se em várias direções, sempre em torno da idéia de ‘cuidar de’, ‘exercer ação sobre’, ‘tratar’ restabelecer.[246]

Dentro da medicina alopática, tradicional, a concepção de cura foi entendida como o restabelecimento da saúde diante da doença diagnosticada. Nesse sentido, a cura foi vista como a restauração da saúde desde uma aplicação medicamentosa, cirúrgica ou de outra intervenção física no paciente. Logo, curar era fazer voltar o bom funcionamento físico do ser humano. Essa visão aponta para um reducionismo, no sentido de entender saúde como um bem-estar físico somente.

Tal reducionismo está referendado na concepção biomédica, que tem suas raízes nas seguintes vertentes filosóficas: no mecanicismo de Newton, que entendia

---

[245] Cf. WILLIAMS, E. B. **Do latim ao português**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. p. 117.

[246] A palavra cura toma suas raízes no latim e quer dizer cuidado, atenção com o ser. “O verbo ***curo, curare,*** de largo emprego, com o significado de ‘cuidar de’, ‘olhar por’, ‘dar atenção a’, ‘tratar’.” REZENDE, Joffre M. **Linguagem médica.** Disponível em: <http:/www.usuarios.cultura.com.br/jmrezende/cura.htm>. Acesso em: 03 ago. 2007.

que, em se conhecendo as leis causais dos fenômenos, é possível determinar a sua evolução; no racionalismo cartesiano, com a defesa do poder absoluto da razão para a decomposição do objeto de estudo em suas partes constituintes; e no empirismo de Locke, que defendeu que só é possível o conhecimento científico a partir de fatos concretos na experiência observacional.

O ser humano, dentro da visão biomédica, é concebido desde um corpo (*res-extensa)* e um espírito *(res-cogitans).* Nessa medicina, o objeto de atenção é o corpo, considerado como uma máquina que pode ser analisada nas suas peças (órgãos). A relação saúde-doença implica entender que a doença se manifesta quando existe um mau funcionamento dos órgãos nas suas diversas funções biológicas, e que há a saúde quando todos os órgãos do corpo funcionam bem. Logo, restituir a saúde demanda diagnosticar o problema, enquadrá-lo em uma tabela de classificação de patologias e aplicar procedimentos técnicos para fazer os órgãos funcionarem. O foco do olhar do médico ou do curador é o corpo biológico do indivíduo nas suas partes.

> A ciência moderna, na maioria das vezes, vê o paciente como objeto [...] que não tem interioridade nem história, embora sua vida seja riquíssima em potencialidades criativas e vivências espirituais extraordinárias. [...] Para o ortopedista, o paciente, que na verdade é uma totalidade, passa a ser “um joelho”, “uma perna” a ser tratada.[247]

Essa prática de saúde, dentro de uma sociedade da medicalização, sem dúvida, trouxe grandes avanços técnico-científicos para livrar o ser humano nos seus problemas de saúde. Mas, por outro lado, a questão da cura ficou reduzida a procedimentos e produtos com vistas a ganhos imediatos: por parte do paciente, alívio do sofrimento bio-orgânico; por parte do médico, confirmação e reconhecimento de seu *status* profissional, satisfação diante do sucesso do tratamento indicado e ganho econômico pelos procedimentos.

No entanto, a concepção de ser humano como um corpo-criante, complexo e integrado nas suas dimensões constitutivas, entende a questão da saúde como a harmonia de todos os elementos que compõem esse todo vivo, nas suas inter-relações com o meio. A saúde é o bem-estar físico, psíquico, espiritual, sócio-cultural e ecológico. “Nesse sentido, a Organização Mundial da saúde (1946)

[247]WESTPHAL, Euler Renato. **Bioética.** São Leopoldo: Sinodal, 2006. (Série Para Entender). p. 31.

percebeu a correlação que existe entre saúde e integridade de vida, quando definiu saúde como o '*estado de completo bem-estar físico, social e não apenas a ausência de doença'.*"[248]

A cura implica busca de harmonia do corpo-criante no seu todo, ou seja, implica na auto-organização da estrutura da sua rede psicossomática, desde os seus elementos microscópicos até a sua macrocidade total. Nesse viés, curar é saber cuidar, ter um olhar de acolhimento, de atenção amorosa e de acuidade científica sobre os processos vital-cognitivos do corpo-criante, nas suas inter-relações consigo mesmo, com o outro, com o mundo e com Deus.

O corpo-criante tem encarnado, nas suas várias dimensões, sinais de uma história de vida, os quais, de uma maneira ou de outra, agem informacionalmente nos processos quânticos ocultos na sua estrutura e organização biológica constituídas pelos sistemas neurológico, endócrino, imunológico e circulatório. Nas correntes da dança criativa do fluxo do amor criante, energia vital-espiritual que sustenta a organização de uma vida, diuturnamente existem interações, conexões de elementos as mais complexas e indeterminadas, possíveis e impossíveis de imaginar racionalmente. Mas uma certeza se pode ter ao afirmar isso, diz o neurocientista Marino:

> Todos os fenômenos básicos de nossas faculdades mentais – consciência, emoções, personalidade, afetividade, sentimentos religiosos e experiências místicas ou transcendentais – deverão, [...] passar por todas as vias neurais de nosso sistema nervoso, tendo o cérebro como sede, antes de se atualizarem em nossa consciência. [...] Os que negam a existência de Deus abalam os mais sublimes, profundos e nobres impulsos da alma humana.[249]

Essa afirmação de Marino aponta para a questão da cura como um processo que tem uma base fundante de ordem espiritual, e esta atravessa todas as dimensões do corpo-criante. Dentro dessa ótica, a criatividade do amor criante sustenta a dinâmica da saúde e da doença, surgindo como manifestação material-espiritual do corpo-criante na luta para sobreviver diante das perplexidades na sua existência.

---

[248] PESSINI, Léo. Espiritualidade e a arte de cuidar da saúde. In: ANGERAMI, Augusto (Org.). **Espiritualidade e prática clínica.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004. p. 64.

[249] MARINO, Raul Jr. **A religião do cérebro:** novas descobertas da neurociência a respeito da fé humana. São Paulo: Editora Gente, 2005. p. 15, 139.

O ser humano, vida-emoção-razão, na sua complexidade, é interagente no processo de cura. Pois, como diz Crema:

> [...] tenho aprendido que ninguém cura ninguém e que ninguém se cura sozinho. Curamo-nos no encontro. [...] Através do encontro ocorre uma alquimia transformacional: o encontro com o próprio ser, com o outro, com a natureza, com o Mistério Inefável.[250]

Crema aponta para uma concepção de ser humano holístico. Ele mostra que a questão da cura é mais do que um procedimento técnico, pois ela atinge níveis profundos nas várias dimensões do corpo-criante do ser humano. A cura se dá num processo sinergético entre um eu e um outro, quando algo nas profundezas das micropartículas de matéria faz novas articulações, mudando a configuração da rede psicossomática, ou seja, fazendo novas *Gestalten*.[251] Por exemplo, uma reação diante de uma intervenção é espontânea e criativa se surge desde o centro vital-espiritual do corpo-criante. Parafraseando Tillich, pode-se afirmar que a lei da natureza não elimina as reações das *Gestalten* autocentradas, mas determina que as *Gestalten* não podem transgredir. Cada ser age e reage de acordo com a lei de sua estrutura autocentrada e de acordo com as leis das unidades mais amplas nas quais ele está incluído.[252]

Tudo se recria na estrutura biológica do corpo-criante, que muda a sua maneira de ser nas relações consigo mesmo, com o outro e com Deus. Vale deixar claro que isso só é possível porque a dimensão profunda espiritual é o sustentáculo da organização de tudo. E, para Maturana, a manutenção da vida se dá pelo permanente processo de auto-organização de um corpo-vivo, na relação com o meio. Logo, saúde e doença implicam processos de criatividade movidos pelo poder

---

[250] CREMA, Roberto. Amor, a terapia do Universo. In: LIMA, Lise Mary A.(Org.) et al. **O espírito na saúde.** Petrópolis: Vozes, 1997. p. 68.

[251] A palavra *Gestalt* é da língua alemã, e surgiu em 1523 de uma tradução da Bíblia, significando "o que é colocado diante dos olhos, exposto inteiro; significa um processo de dar forma ou configuração". Gestalt significa uma integração de partes em oposição à soma do *todo*. A palavra Gestalt tem o significado de entidade concreta, individual e característica, que existe como algo destacado e que tem uma forma ou configuração como um de seus atributos. Uma Gestalt é produto de uma organização, e esta organização, por sua vez, é o processo que leva a uma Gestalt. Dizer que um processo ou o produto de um processo é uma Gestalt, significa dizer que não pode ser explicado pelo mero caos, por uma mera combinação cega de causas essencialmente desconexas, mas cuja essência é a razão de sua existência. Cf. GETSTALT-CENTRO do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.igestalt.psc.br/gestalt.htm>. Acesso em: 15 jun. 2008.

[252] TILLICH, 2005, p. 195.

da energia vital do amor criante, que é espiritual, pois emerge de um fundamento último abissal – Deus.

O ser humano, nas suas ambigüidades, vive a harmonia e a desarmonia de seu corpo-criante no mundo, e isso implica saúde e doença. Tillich diz que a saúde e a doença são manifestações que fazem parte do processo da vida do ser humano. A saúde total, plena, não existe. Quem já não se sentiu ameaçado na sua saúde? Quem já não experimentou a dor física? Quem já não sofreu? Uma das maiores utopias do ser humano é acabar com o sofrimento, a dor.

Desde os povos primitivos até a civilização mais desenvolvida tecnologicamente, os registros sobre o sofrimento humano na doença aparecem abundante e contundentemente. O exemplo: as grandes epidemias, como a peste negra, a malária, a sífilis, a lepra, já causaram grandes sofrimentos à humanidade. O ser humano caminha, conscientemente ou não, procurando cura para as suas dores e sofrimentos, que podem ser os mais variados possíveis, porque fazem parte de tudo aquilo que pode surgir na dinâmica da sua finitude e da sua infinitude, da sua subjetividade e da sua objetividade.

Os desafios da vida, como um processo de integração e desintegração, fazem o corpo-criante vivenciar um sentimento de busca de auto-identidade com autocriatividade e autotranscendência, que implica sua própria auto-organização somática, psíquica e espiritual, e que determina sua forma de pensar, criar, conhecer e conviver. Com efeito, esse fenômeno implica na relação saúde, doença[253] e cura.

Para Tillich, a saúde implica a auto-integração de todas as dimensões da vida como centralidade. Logo, o corpo-criante terá saúde quando as forças vitais - cognitivas, emocionais - racionais, internas - externas, estiverem dirigindo-se para fortalecer o fluxo da vida tendo como centralidade holoirradiativa o amor criante divino, que unifica e dinamiza a estrutura e organização de todas as dimensões do corpo-criante. O contrário disso é a doença. Ou seja, quando o corpo-criante vive o impulso de forças vitais - cognitivas, emocionais - racionais, internas – externas, que

[253] Doença, do latim *dolencia* quer dizer padecimento, o estado de expressivo desequilíbrio de orgãos e funções biopsicofísicas que causam mal-estar, dor, sofrimento. A doença, do ponto de vista da *autopoiese* é o desequilíbrio organizacional da estrutura do corpo-criante.

provocam a desintegração das suas dimensões, fragilizando uma dimensão em detrimento da outra, o fluxo da vida se apequena e o ser humano fica enfraquecido e surge a doença. Logo, a vida, como centralidade de auto-identidade, de autocriatividade e de autotranscendência, fica frágil nas suas funções orgânicas e psíquicas, especialmente.

Em todos os âmbitos do viver encontram-se forças que atuam de forma integradora e desintegradora. No entanto, a desintegração está implícita na integração, no âmbito da criatividade,[254] a *autopoiese* do ser humano, como defendeu Maturana. O corpo-criante, na dimensão de pessoa espiritual, que sente, percebe e compreende, se defronta todos os dias com a sua finitude. A presença do sentimento de morte e vida está encarnada na maneira de ser e de conviver.

Tillich, quando fala do novo ser, defende que a presença da morte já se dá no momento do nascer. Ao nascer, o ser humano já começa a morrer, no sentido de vivenciar processos de autocriatividade. Pois, autocriar-se implica crescer e isto demanda deixar de ser e vir a ser um novo ser.

Diante de um sentimento endógeno ou exógeno de destruição, de ameaça constante de vida e morte, o ser humano é perpassado, conscientemente ou não, por um sentimento de dor, de sofrimento, de angústia, mas também de libertação. Várias vezes, ele pensa e se pergunta: como posso curar-me deste mal que me assola e que eu nem mesmo sei bem dizer o que é? O grito por cura é palavra que revela uma dor de algo rompido, esfacelado, que quase dilacera as vísceras humanas, no sentido de manifestar-se somaticamente em forma de uma preocupação com a vida, e que remete a uma ligação mais profunda com o amor criante de Deus – fundamento do ser. Será esse o fundamento último da cura?

Sim, o fundamento da cura é o amor-criante de Deus, como força que liga, que integra, que sara o que está rompido em um corpo-criante, nas suas vivências de ambigüidades as mais diversas, as quais são registradas pelas suas emoções e significadas pela sua razão profunda, que escreve uma história de vida. A vida pessoal é sempre a vida de alguém único, criado e amado e fundamentado no amor criante de Deus que se revela em cada ação do seu ser-no-mundo. Quando o corpo-

[254]Cf. TILLICH, 2002, p. 70.

criante fala, cria, ama e cuida, está incluído no seu ato tudo o que lhe pertence como um ser pessoa espiritual de centralidade vital-espiritual. Com efeito, para manter a sua centralidade, ele precisa da força espiritual do amor criante. Essa força espiritual é legítima para descartar interferências e tensões de destruição e confirmar o que vem como força unificadora para o fortalecimento e auto-afirmação de sua pessoa espiritual, nas relações de base somática e espiritual frente ao outro.

Tillich defende que a preocupação última do ser humano é aquilo que lhe toca incondicionalmente e tem um poder de destruir e curar, mas sem esse poder não se pode viver.[255] Esse poder ser dá ao ser humano a capacidade, o desejo de criar novas saídas paras os seus problemas físicos, psíquicos e espirituais. Afinal, "ninguém pode se curar, sobretudo das desordens e das doenças mentais, se não o deseja de todo o coração".[256]

Essa idéia de Tillich leva a entender que a cura implica ligação profunda com o Deus, aqui entendido como o real fundamento último do ser, que se revela como força espiritual do amor criante, que atua para integrar coração-emoção, mente-razão, corpo-espírito. Pois, o corpo-criante, na dinâmica entre vida e morte, entre saúde e doença, necessita sustentar os impulsos de integração e de desintegração, de subjetividade e objetividade, nas inter-relações com o seu meio. Com efeito, desejar a cura de todo o coração é baixar as forças e as resistências dos conceitos e dos pré-conceitos, das práticas *absolutas* da verdade, e entregar-se por inteiro à voz, à ação do amor criante divino. **Esse amor rompe as obscuridades humanas e se revela em forma de criatividade que possibilita o desejo de acolhimento para tratar, para limpar e sarar, porque é pura compaixão, pura ternura criativa, diante das fragilidades do ser humano.**

O amor criante divino é compaixão porque ele está com, no e para o ser humano, nas suas inter-relações. A compaixão,[257] como expressão de um modo de

---

[255] Cf. TILLICH, 2002, p. 15;

[256] *"nadie se pude curar, sobre todo de los desordenes y enfermedades mentales, si no desea de todo corazón."* (tradução própria). TILLICH, [s.d.], p. 48.

[257] A palavra compaixão, dentro da linguagem hebraica, indica a relação, a ligação entre o ser humano e Deus. Essa relação é de Aliança, pois o amor de Deus é movido para salvar a sua criação, o ser humano. "Por isso o hebraico privilegia o termo *rehen* (útero, entranhas) para indicar o amor compassivo de Deus, capaz de 'refazer' o ser amado à semelhança da geração materna. Outras vezes aparece como *hesed* – graça ou favor imerecido, que dispõe o coração divino ao perdão das faltas e dívidas humanas. *Rehen* e *hesed* expressam a solicitude amorosa de Deus por nós, seus

ser do amor criante divino, é ação vital-cognitivo-espiritual, atuante desde as micropartículas de seus átomos, que constituem as suas moléculas, que constituem as suas células, que constituem os seus órgãos e que constituem o seu corpo-criante inteiro[258] para as inter-relações com o outro. O outro, nessa perspectiva, é reconhecido como um rosto legítimo de amor criante, sinal de vida que traz força espiritual, energia vital, para integrar o que está separado; logo, para sarar as rupturas que abrem verdadeiros abismos de desintegração de elementos que constituem as dimensões do corpo-criante.

Por outro lado, o amor criante é ternura, porque ele é poder ser como um dar-de-si, que registra no corpo-criante um sentimento profundo de acolhimento e de comunhão do eu para consigo mesmo, com o outro e com Deus. "*O amor abraça o corpo humano e o corpo se torna partícipe do amor espiritual",*[259] que é criante.

O corpo-criante é mensagem de ternura divina que se revela no encontro da cura. Ele é o tabernáculo do amor, o fulcro da ternura, que irrompe desde a pessoa profunda espiritual para viver a luz curativa da revelação como criatividade que se dá na comunhão entre um eu e um outro. A comunhão é um fenômeno da vida, como revelação de amor, que faz a ligação entre a polaridade individuação e participação, eu – outro, ser humano – Deus.

No processo de desenvolvimento do ser humano, a intencionalidade e a vitalidade do amor criante divino impulsionam a complexidade do corpo-criante para expandir-se, para criar novas formas de ser, de aprender e de conviver, dentro da sua finitude. Com efeito, não vivenciar a finitude como possibilidade de ser mais na direção do Infinito, do Incondicional, é fechar-se para o amor criante como força propulsora para a cura. Esse fenômeno de negação, de desarticulação com o fundamento vital-espiritual, que se dá na luta contra a integração de corpo-alma-espírito, leva à desestruturação da vida como centralidade unificadora, de

---

filhos e filhas." MAÇANEIRO, Marcial. Compaixão, misericórdia e ternura: a "poética" do evangelho**. Teologia em Questão,** Taubaté, ano V, p. 35, 2001.

[258] Reforçando essa argumentação sobre a fé, também como um fenômeno que não se dissocia das dimensões biológica e psicológica, diz o biólogo Francis H. C. Crick: "Tu, tuas alegrias e teus pesares, tuas memórias e tuas ambições, teu sentimento de identidade pessoal e teu livre-arbítrio nada mais são que o comportamento de um vasto conjunto de neurônios e suas moléculas associadas." Citado em BRAKEMEIER, Gottfried. **A ciência ou religião:** quem vai conduzir a história? São Leopoldo: Editora Sinodal, 2006. p. 75.

[259] ROCHETTA, Carlo. **Teologia da Ternura:** um evangelho a descobrir. 2. ed. Tradução de Walter Lisboa. São Paulo: Paulus, 2006. p. 52.

fundamento amoroso e puramente criativo na sua base biológica (estrutura e organização), na sua base psicológica (intuição, emoção, razão profunda, pessoa espiritual) e na sua base espiritual (Deus, Espírito de Amor Criante). Diante disso, curar é saber cuidar da criatividade como um processo restaurador, mas também desintegrador.

A cura é uma nova gênese do amor criante, espiritual, na estrutura do corpo-criante. Caos e ordem, luz e sombra, matéria e energia, vida e conhecimento dançam desde os níveis mais profundos do soma até os níveis mais elevados do espírito humano que busca, incessantemente, a ligação com o seu fundamento último – a Presença do Espírito de Amor Criante – Deus. Quanto mais integradas estiverem as dimensões do corpo-criante, mais forte se faz presente a vida como centralidade de amor criante, que é revelação da Presença Espiritual como ação de um poder ser "que alcança a saúde da vida-sem-ambigüidades; contudo, embora não-ambígua, ela não é total, mas fragmentária, e está sujeita às recaídas nas ambigüidades da vida em todas as dimensões."[260]

Por isso, ao viver profundamente o poder ser do amor criante divino, que se encarna e age em todo o corpo-criante, é preciso tomar consciência de que algo misterioso acontece como um dar de si gratuito, e isso é presença do Espírito em ação. Esse algo, que vem das profundezas abissais do corpo-criante, é a respiração do divino em gênese. Lá, espaço e tempo não existem, só existe plenitude de amor criante – Deus, Presença Ignorada, Fundamento Último – Espírito de SABEDORIA, que se revela para dinamizar a sua criação.

Com efeito, diante do processo de cura, a tomada de consciência da finitude humana é forte, quando a razão profunda se dá conta de sua impotência para falar de algo que se manifesta nela e abre caminhos para ela poder encontrar respostas para os seus problemas. No entanto, esse fenômeno é mais, é abissal – *o lócus* não totalmente acessível, como diz Tillich, é aquilo que faz a Razão ser, mas não é ela.

Todo corpo-criante que busca cura vive manifestações do amor criante em si e fora de si. Pois o amor criante, que é espiritual, tem a força de criar o novo, o inesperado, articulando o que está separado e separando o que está unido,

---

[260]TILLICH, 2005, p. 719.

revelando-se em poder curativo através de novas configurações na grande teia da vida no ser humano - a rede psicossomático-espiritual do corpo-criante que, na complexidade de seus nós, dinamiza as dimensões da vida como auto-integração, autocriatividade e autotranscendência.

2 Cura espiritual: a fé e o amor criante

O corpo-criante vivencia o fenômeno da fé como o surgimento de um poder de ser que lhe toma por inteiro, pois emerge de sua dimensão profunda espiritual – o fundamento último, revelação de amor criante, para vivenciar o processo de cura como descoberta de sentido de vida. Afirmando essa, idéia escreve Tillich:

> Fé é o estado em que se é possuído por algo que nos toca incondicionalmente. [...] é um ato da pessoa como um todo. Ele se realiza no centro da vida pessoal e todos os elementos desta dele participam. Fé é o ato mais íntimo e global do ser humano.[261]

Nas vivências da cura, a fé é um sentir-se possuído por algo que envolve o corpo-criante do ser humano por inteiro. Essa força é *Ruach* de amor que dinamiza, incondicionalmente, as suas dimensões pela força do poder transformador do amor criante. Nesse sentido, fé implica um estado espiritual.

No processo de fé, o fenômeno da cura passa pela revelação do amor criante que interliga a emoção com a razão profunda do ser humano ao seu fundamento último, o inconsciente, a pessoa profunda espiritual, como pensou Frankl. Nessa vivência, a dimensão psíquica, a da pessoa espiritual, é tocada pela dimensão espiritual, a da pessoa profunda espiritual, de onde surge a vida como elevação do Espírito que se faz amor criante em forma de criatividade. Reforçando esse argumento, Racine defende que o Espírito pode atuar no ser humano, como uma voz doce e insistente que aponta saídas para os problemas. Ele pode dar a força para superar as falsas ansiedades, bem como a alegria diante da rotina ordinária, ou mesmo no profundo sofrimento.[262]

Fé na cura de uma doença não é viver um ato de forças irracionais, puramente. Mas implica viver a encarnação de algo incondicional, que se revela num

---

[261]TILLICH, 2002, p. 7.
[262]Cf. RACINE, 1971, p. 60-61.

estado biopsicoespiritual em que transcendem elementos de tensões emocionais e racionais. Esses se expressam em uma vivência espiritual, criativa, de um eu que se abre na direção de um outro, seja uma pessoa, uma obra de arte ou outros elementos naturais e culturais, que se transformam em meios de religação com o fundamento último do ser. Logo, aqui, fé não é crença em afirmações dogmáticas que, muitas vezes, não se podem evidenciar. Mas fé significa sentir-se abarcado pelo amor criante como um poder que é uma força criativa, que é maior que do que a própria capacidade de percepção do ser humano sobre ele mesmo. Esse poder penetra, sacode, transforma e cura. Por isso, fé é aceitação, entrega e reconhecimento desse poder, que é força criativa – o amor criante, que dá vida onde a morte ronda, que dá coragem onde o medo fragiliza, que traz a alegria onde a angústia quer estabelecer tristeza diante do vazio existencial.[263]

2.1 O corpo-criante e a cura espiritual: a fé e as dimensões da vida

O corpo-criante, ao viver a fé como um estado criativo, que cura ou destrói porque tem o poder da vida vivenciado pelo amor criante sob a função de auto-integração da vida, sob a função de autocriação da vida e sob a função da autotranscendência da vida. Essas três funções constituem uma espiritualidade para a cura no corpo-criante.

A fé não é um fenômeno separado dos processos da vida em um corpo-criante, que é criação do amor criante de Deus. Fé é um fenômeno de revelação do amor criante como poder de ser vital-cognitivo-espiritual, e que se efetiva na **auto-integração** do corpo-criante desde um centro – o fundamento último de toda a sua complexa realidade. Vivenciar a fé é sentir a força do amor criante da vida pulsando no corpo-criante inteiro. Nesse sentido, Zubiri também afirma que ter fé é sentir-se possuído pelo poder da voz de Deus, falando diretamente à consciência humana. É vivenciar uma manifestação radical, que envolve uma espiritualidade a qual encaminha o ser humano para ascender à divindade.[264]

Na vivência de fé, essa força espiritual vai emergindo desde as raízes abissais do corpo-criante, numa intencionalidade e vitalidade que têm um escopo - a

[263]Cf. TILLICH, [s.d.], p. 51.
[264]ZUBIRI, 1993, p. 88, 163.

criatividade, para integrar, para transformar, logo, para curar o ser humano nas suas dores e sofrimento. Essa criatividade revela uma maneira de ser do humano e isso é a sua espiritualidade.

Na teologia de Paulo, o apóstolo, a fé se efetiva numa espiritualidade marcada pelo amor divino como ação de um eu que sabe cuidar, tratar, na alegria e no sofrimento. Sem a tomada de consciência da necessidade do amor criante entre um eu e um outro, para se respeitarem mutuamente e se elevarem como seres para o bem, para a saúde, a fé é morta. Logo, a espiritualidade é fraca, apresenta uma maneira de ser muito vulnerável e carente de auto-integração para a auto-afirmação de seu corpo-criante no mundo.

Quando a fé é vivenciada superficialmente em repetições mecânicas de idéias e procedimentos, o ser humano, muitas vezes, se sente vazio, e vê a vida sem sentido. Sua espiritualidade tem traços de uma maneira de ser mecânica, desprovida de sentido profundo. É uma espiritualidade meramente ativista, reprodutivista, técnico-conceitual. Em 1Co 13.2-3, está escrito:

> Ainda que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência; ainda que eu tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse o amor, eu não seria nada. Ainda que eu distribuísse todos os meus bens, aos famintos, ainda que entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse o amor, nada me adiantaria.[265]

No percurso da fé, o amor criante é base para a espiritualidade do corpo-criante, como poder ser na relação de respeito e cuidado entre um eu e um outro. O ser humano, fortalecido pela força auto-integrativa do amor criante, vai sendo tomado **por algo** que se revela em **fé, como um estar possuído pelo pleno amor,** mas que transcende o próprio entendimento humano sobre o que está passando nas suas profundezas. Esse **algo** na vivência da fé, de imediato, ele não sabe o que é. No entanto, ao mesmo tempo, sente que uma força o leva a um dar-de-si e se movimentar interior e exteriormente, causando-lhe uma emoção[266], uma sensação

---

[265] Citado por QUEIRUGA, Andrés Torres. **Do terror de Issac ao abbá de Jesus:** por uma nova imagem de Deus. São Paulo: Paulinas. 2001. p. 168.

[266] Explicando: aqui a emoção é entendida como "uma reação aguda que envolve pronunciadas alterações somáticas, experimentadas como uma situação mais ou menos aguda agitada. A sensação e o comportamento que a expressa bem, bem como a resposta fisiológica interna à situação-estímulo, consistem um todo intimamente relacionado, que é a *emoção propriamente*

de estar sendo possuído por algo, ao qual ele não tem nome para dar, mas que é tão forte, tão poderoso que estremece a espiritualidade em níveis profundos. Nesse estremecer ocorrem mudanças em seu corpo-criante, não previstas. Elas desabrocham pouco a pouco em forma de emoções que se traduzem em pensamentos e palavras, que revelam um conhecimento novo sobre a vida e o sentido do existir, nas suas relações mais diversas. Frankl, quando fala da espiritualidade, na logoterapia, defende que o ser humano, quando vive criativamente em processos de significações, afirma-se como um criador legítimo, participante nas suas significações. Pois ele recebe e transforma a realidade de sua vida de modo criador. Logo, Ama-se a si próprio ao participar da vida espiritual e ao amar seu conteúdo, que é constituído na revelação do amor criante como palavra de uma voz interior que se faz espiritualidade.

Essa vivência se revela em uma espiritualidade de intuição sentida[267], encarnada na forma de um *abraço* pleno de ternura e de compaixão. Esse *abraço* é total, no sentido de abarcar a complexidade da dinâmica do corpo-criante (*autopoiese*), na doença e na saúde, experienciadas entre um eu e um outro que se reconhecem corpos-criantes, revelação do amor criante de Deus, aquele que liga e separa o ser e o não-ser no processo de individuação, para captar, diante de seu problema, o sentido último de sua vida. Não será isso uma vivência de cura espiritual?

Falar de cura espiritual é algo polêmico. Tillich também questiona se faz sentido falar de cura espiritual. Pois existem muitas formas de curar as doenças humanas. No entanto, a pergunta que se faz é: Como falar de cura para os sofrimentos humanos, sem considerar o amor criante como base biológica, psicológica e espiritual? Como entender a superação de uma paralisia cerebral em suas seqüelas, fora da criatividade da vida? É possível a cura fora do corpo-criante, na sua espiritualidade que arrasta a força do amor? Perguntas como essas levam a pensar que a cura, como libertação de um sofrimento, é algo mais complexo do que se possa imaginar, até porque a vida é cheia de ambigüidades e é autocriatividade

---

dita", olhando-a do ponto de vista das manifestações sentidas no corpo-criante. MARINO, 2005, p. 44.

[267] Quando se fala da intuição sentida, o que se quer expressar é aquela experiência de ver para dentro do corpo-criante. É um ver que só vê desde um sentir profundo, íntimo, informado de amor criante, que une-desune por isso, auto-integra, limpa, trata, cura.

permanentemente.

As enfermidades são inúmeras e elas são apenas uma das muitas manifestações da desintegração-integração (auto-organização) da vida em um corpo-criante. Ainda que o avanço da medicina seja importantíssimo para ajudar a curar o ser humano, é preciso dizer que ele tem necessidades que vão além dos conflitos físicos, psíquicos, morais ou materiais e financeiros. Mesmo que o ser humano elimine plenamente seus conflitos por perda ou ganho, ainda assim lhe restará uma inquietude que brota da sua espiritualidade e pede explicação para o sentido do viver. Essa inquietude determina uma maneira de ser no mundo, logo, de conviver com a fé, ou seja, com a vivência da força do amor criante – espiritual, que está encarnado e atua de várias formas fazendo a vida se centralizar. Indagar sobre o sentido do viver, e até mesmo vivenciar a dúvida sobre a pertinência desse sentido, implica *maturidade espiritual*, pois "um sentido proposto já não é mais aceito sem a crítica e questionamento [...] deseja-se descobrir e encontrar sentido independente e autonomamente."[268] Essa idéia sobre o sentido da vida perpassa a fé como uma espiritualidade dirigida pelo Espírito no corpo-criante. Por isso, falar de cura num sentido mais profundo implica resgatar a qualidade desse fenômeno, tão desejado e suplicado pelo ser humano nas suas crises e sofrimentos.

A cura no sentido mais profundo da espiritualidade (auto-organização da vida no corpo-criante) emerge da dimensão do espírito humano, que é sustentado pelo Espírito de Deus. Logo, para esse tipo de cura, a qualidade da ação é espiritual, porque é a fé como fenômeno de revelação que impulsiona a auto-organização de todos os processos da vida sob a dimensão do Espírito, que se faz amor criante. **"A cura espiritual está muito além de uma experiência puramente física ou mesmo de uma experiência mental: curar é encontrar uma comunhão interior [...]".**[269] **Essa comunhão atinge o ser humano por inteiro quando ele sente a presença e o poder de Deus agindo nele.**

Tillich afirma que a fé é curativa. Ela traz uma nova vida que aponta um novo sentido no amor divino, incondicional. Por isso, afirma ele: "Não existe fé sem

---

[268] FRANKL, 1991, p. 19.

[269] GOLDSMITH, Joel S. **A arte da cura espiritual.** Tradução de Cláudia Gerpe Duarte. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 13.

conteúdo que a preencha, pois a fé sempre se dirige o algo determinado".[270] Com efeito, ela encontra sua razão de ser na auto-integração da vida em um corpo-criante, na sua essência e na sua existência, e isso só é possível sob a dimensão do Espírito no espírito humano. Por suposto, a fé não pode ser vivida sem a criatividade do amor criante. Esse Espírito dinamiza o espírito humano e lhe dá a espiritualidade como poder de discernimento, para ser-no-mundo através da razão profunda, que une objeto e sujeito no ato da fé (Deus - ser humano, eu - outro). Logo, estar tomado incondicionalmente no ato de fé, remete à espiritualidade no amor criante, como um ato de ser para crer, na comunhão entre Deus e o ser humano.

O estar tomado coincide com o crer. Por isso, é o mesmo fenômeno no corpo-criante, pois implica auto-integração do amor criante como força vital-cognitiva que dá o poder de união em si (eu) e fora de si (eu - outro) sem se perder, mas encontrando sentido de vida diante de uma nova forma de viver – a espiritualidade no ato de fé.

Esse movimento de vivência no crer e de crer na vivência profunda do corpo-criante consigo mesmo, com o outro e com Deus, é fé - manifestação viva do amor criante como centralidade curativa e significante, por isso autocriativa.

Essa idéia se aproxima de Maturana no que diz respeito à autopoiese do ser humano. Pois a fé como manifestação do amor criante nasce na base biológica da estrutura e organização do corpo-criante que vive processos constantes de criatividade. Fé como vivência não existe fora de uma estrutura vital-cognitiva, auto-organizativa. A fé leva a crer em algo incondicional, que aponta para uma vitalidade intencional, que surge desde um fundamento último que auto-integra o biológico, o psicológico e o espiritual, como estruturas da vida, capazes de se auto-organizar pela força do amor e de dar sentido a ela.

Olhando sob o enfoque biopsicológico, a fé se manifesta na espiritualidade quando a emoção perpassa a razão profunda da pessoa espiritual do corpo-criante, na interação com o outro. Dessa interação, resulta um sentimento de espiritualidade na compaixão. É um vivenciar amoroso de cuidado de si e do outro. Com efeito, isso é possível porque no ato da fé vão se constituindo apreensões interno-externas,

[270]TILLICH, 2002, p. 12.

subjetivo-objetivas, que são percebidas e decodificadas pela razão profunda em forma de conteúdos, que têm uma carga psicoespiritual que sustenta o ato de crer como auto-integração do corpo-criante nos seus instintos, nas suas emoções e nas suas percepções racionais. Em si **a cura profunda é espiritual porque se fundamenta no Espírito de Deus que se manifesta no espírito humano e o sustenta na sua criatividade.** Neste sentido, a cura começa nas profundezas da pessoa. [271] Ela se dá no encontro do sentido da própria existência entre a dimensão psicológica – a da pessoa espiritual, com a dimensão noética – a da pessoa profunda espiritual que dinamiza todos os processos de vida e de informação que ocorrem no soma.

Fé vivenciada desde a dimensão da **autocriatividade** da vida no amor criante é abertura para o crescimento de uma espiritualidade de poder criativo profundo, que se constitui caminho de cura. Por exemplo: se através de seus problemas, suas feridas, o ser humano vivencia a fé como união com Deus, então a experiência de sua a unificação se transforma, simultaneamente, em experiência de saúde, de crescimento, ainda que as ambigüidades continuem a fazer parte de sua existência.

Em tempo se esclarece que, aqui, fé, como caminho de cura, não é viver uma espiritualidade entendida como algo mágico, que se expressa em um poder de auto-sugestão meramente psicológico.[272] Mas ela é vivência intensa e extensa da pessoa espiritual que se sente tomada pelo poder de criação do amor criante, que emerge das profundezas abissais de sua pessoa espiritual profunda e a faz crescer, desenvolver-se.

Já se falou que a espiritualidade se caracteriza pela maneira e ser do corpo-criante diante das ambigüidades da vida, nas relações consigo mesmo com o outro, com o mundo natural, cultural e com Deus. Ela é vivência de significado que se gesta e nasce na força da fé, como manifestação do Espírito de amor criante dinamizando a vida. Em cada gesto, em cada olhar, em cada toque de música, em

---

[271] Cf. SILVA, Sílvio da. **O re-conhecimento da história pessoal como caminho da cura interior.** Monografia (Graduação). 2003. Programa de Graduação em Psicopedagogia Clínica Institucional, Brasilian Open University, Instituto Brasileiro de Ensino à Distância, Vitória, 2003. p. 76.

[272] Essa visão de cura como algo mágico, também é conhecida como “cura pela fé”, muito praticada em grupos de cura e cultos evangélicos, onde se enfatiza um ritual de concentração no sugestionamento intensivo, determinante e extrínseco. Cf. TILLICH, 2005, p. 717.

cada pincelada de arte, em cada palavra da *autopoiese* humana se confirma uma espiritualidade relacionada à fé do criador. Afinal, a "espiritualidade é uma característica fundante do ser humano. É pelo seu espírito criador que ele tem a capacidade de se colocar além do mundo imediato, de sonhar para o alto para sentir e encontrar Deus [...]."[273]

Essa vivência de fé leva a uma vida que vai seguindo seu curso de crescimento, na direção de um sentido que vai sendo descoberto na própria criação da arte, por exemplo. Ao criar a obra de arte, o ser humano vivencia a espiritualidade que está intrinsecamente ligada à sua fé. Com efeito, isso se dá na comprovação do ato criativo como revelação de amor divino presente no ser humano, dando-lhe a direção para vencer as dificuldades da vida.

Na fé, "o específico da espiritualidade se caracteriza justamente pela forma particular de vivência para perceber e significar momentos e espaços. Ela [...] se manifesta em experiências do ser humano intimamente ligado à busca de sentido na vida."[274] Ter fé é sentir-se possuído, mergulhado pela criatividade do amor-criante de Deus, que brota do próprio âmago do corpo-criante, para que ele possa manifestá-la em espiritualidade que o leve a se desenvolver nas suas potencialidades mais diversas. Essa manifestação é um percurso de amadurecimento. É um perceber-se como um corpo-criante que tem o poder de criar e, ao criar, descobrir novas formas para conviver com as suas ambigüidades.

Quando a fé irrompe das profundezas de luz e sombra, vários fenômenos podem acontecer para a cura. Entre eles: a criação (arte) e a descoberta do sentido de vida. Tanto a arte como a descoberta do sentido de vida encontram seu *lócus* de origem no Espírito de amor criante que sustenta a dimensão da autocriatividade da vida.

A criação de uma obra de arte é uma vivência de fé que começa o seu percurso biológico e psicológico desde o fundamento último do corpo-criante. A fé empurra o corpo-criante à expansão de sua espiritualidade no ato de criar. Pois esse

---

[273] DITTRICH, Maria Glória. Arteterapia: da criatividade e espiritualidade ao sentido de viver. In: NOÉ, Vilmar Sidnei (Org.). **Espiritualidade e saúde:** da cura d'almas ao cuidado integral. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2004. p. 47.

[274] OESSELMANN, Dirk Jürgen. Espiritualidade e mudança social. **NUMEN: revista de estudos e pesquisa em religião.** Juiz de Fora: Editora UFJF, v. 5, ano 2002, n. 1, p. 61-75, jan. - jun., 2002.

ato é sempre uma oportunidade para expressar sentimentos, imaginações, crenças, verdades, que confirmam uma relação com Deus, direta ou indiretamente. Quando o ser humano se sente inspirado, percebe-se tocado pela força do amor, que o faz olhar o mundo em sua volta como se estivesse cheio de luzes vindas de dentro de cada coisa. É uma vivência de encantamento que traz uma ansiedade interna, em forma de um fervilhar larvático que se dá em todo o sistema circulatório do corpo-criante, e o faz crescer nas suas habilidades e competências.

Esse fenômeno provoca uma inquietação profunda. O coração bate aceleradamente, o peito parece se expandir, a respiração fica ofegante, as mãos e o rosto começam a suar e a mente fica rápida para apreender o máximo de tudo o que se passa naquele momento. A sensação é de um tudo dentro do nada. É uma sensação de vazio e plenitude indescritíveis. Esse movimento é espiritualidade, a autocriatividade do corpo-criante sob o impacto da fé para o crescimento humano. Se a autocriatividade significa crescimento, atualizar aquilo que não tinha ser, então a criatividade humana está fundamentada na criatividade divina. O ser humano cria novas sínteses a partir de um material dado – como foi o caso da obra de arte que se abordou acima. Essa criação é de transformação interna (o ser humano) e externa (a mudança da forma material). No entanto, para que isto aconteça, Deus cria o material a partir do qual o ser humano pode fazer novas sínteses. Deus cria o homem; Ele lhe dá o poder de transformar-se a si mesmo e a seu mundo. Nessa perspectiva, o ato de fé é uma criação de fundo espiritual, e revela o poder do amor como força transformadora. Só que o ser humano "[...] só pode vivenciar a cura como autocriatividade a partir daquilo que lhe é dado. Deus é primária e essencialmente criativo; o homem é secundária e existencialmente criativo."[275] Logo, em todo ato humano de criatividade, que expressa a fé como uma espiritualidade, é efetivo o elemento de separação do fundamento criativo. Por isso a cura, como uma busca constante de crescimento para harmonizar o que está separado.

Tillich, quando fala de cura relacionada à fé, aponta para a necessidade de entender a espiritualidade e a saúde, a partir da criatividade como manifestação da vitalidade da vida. Nesse sentido, quando se pensa a vitalidade da vida, entra-se na complexidade do ser humano na dinâmica do amor criante entre um eu e um

[275]TILLICH, 1987, p. 216.

outro.[276] Quanto mais o ser humano cria, mais ele se abre para o outro e expande o seu ser no mundo; logo, amplia a sua vitalidade em significações presentes em si e fora de si. Nesse processo, ele coloca-se em sintonia consigo mesmo, com o outro e com Deus, encontrando, assim, um melhor equilíbrio entre as suas forças de integração e destruição. Logo, o ser humano harmoniza o seu ser pelo seu fazer no conviver.

Por outro lado, registra-se que a espiritualidade é marcada pela tensão de finitude e infinitude, que referenda uma preocupação incondicional do ser humano – a busca de um sentido último para a vida. Essa busca é movimento para frente, é desejo de melhorar, de sair dos impasses que bloqueiam o crescimento afetivo, intelectual e corporal. Com efeito, a fé leva a uma espiritualidade voltada para o saber tratar amorosamente, visando o desenvolvimento das potencialidades para superar não só as necessidades biopsicossociais, mas também espirituais. O resgate da espiritualidade, a confiança no Deus que dá vida, que a protege, a acolhe ou tem o seu lugar fundamental, e é caminho de descoberta de sentido para a vida, para curar as dores e sofrimentos. Nessa visão, a cura também atinge uma dimensão espiritual. Ela pode acontecer na dimensão da autocriatividade da vida, desde uma manifestação da fé como um impulso de amor criante, espiritual, que faz o ser humano se autotransformar e mudar a sua maneira de ser, para criar novas obras e viver mais livre e autonomamente.

A fé na dimensão da **autotranscendência** da vida leva à espiritualidade marcada pela sublimidade do corpo-criante como expressão de amor criante. Frankl defende que a "autotranscendência assinala o fato antropológico fundamental de que a existência do homem sempre se refere a alguma coisa que não é ela mesma – algo ou alguém."[277] Vivenciar isto é repousar na pura percepção intuitiva. O pensamento vai além da razão e da emoção e pede pelo sentido último da vida. Essa experiência é de profundeza espiritual e atinge a sublimidade do ser, como mistério espiritual que atravessa o corpo-criante no mundo. É um envolvimento profundo, que se expressa pela espiritualidade que tem seu escopo lançar o ser humano para fora de si mesmo, na direção do outro, do mundo e de Deus. Essa vivência desperta um sentimento de sublimidade, que é um sentimento espiritual

[276] Cf. DITTRICH, 2004, p. 51.
[277] FRANKL, 1991, p. 18.

despertado quando o ser humano vai além de si mesmo, na direção do fundamento último da sua fé – Deus. A sublimidade, como expressão da espiritualidade na fé, implica vivência com o toque, o estar possuído pelo sublime, que é o magnífico, aquilo que vai muito além da formalidade do pensar humano, mas se faz notar por ela.

A sublimidade na fé é sentida desde uma realidade vivenciada, que registra uma natureza humana integrada, contínua e contígua, entre a sua finitude e a sua infinitude, a sua destruição e a sua harmonia. Nessa tensão de forças somático-psíquico-espirituais, o ser humano precisa confirmar a sua relação de transcendência com o seu fundamento último, que é Espírito criante. Ele sente que algo sublime, de dentro para fora e de fora para dentro, o empurra para fazer a auto-integração, a autocriatividade, e chegar à autotranscendência do seu ser, percebendo-a pela força do amor criante de Deus e seus impactos nele mesmo. Esse movimento é de um ir e vir para além do imediato. Transcende as sensações mais complexas e atinge um sentimento profundo de algo belo, por isso sublime, pois necessariamente leva o ser humano a uma preocupação de sentido último para o seu existir. E isso não é sublime, chegar a essa percepção de transcendência?

A experiência de sublimidade está diretamente ligada à fé como ato curativo espiritual. Viver a sublimidade é salvação no sentido de integrar no corpo-criante a centralidade da vida como crescimento e como transcendência, porque é a revelação do Espírito divino que desperta o corpo-criante para vivenciar o amor criante como abertura para além de si. E isso se dá em forma de coragem diante dos medos, das indecisões, em forma de cuidado diante da dor do nascimento e da morte, da saúde e da doença, em forma de acolhimento diante do abandono, da insensatez. Por exemplo: “Pessoas intuitivas geralmente são vistas como profetas nas religiões altamente espiritualizadas, artistas visionários, escritores inspirados...”.[278] Essas pessoas vivem uma espiritualidade caracteristicamente de autotranscendência. O sublime se manifesta como força integrativa para o ser humano poder ser na autocriatividade e ir para além dela mesma, descobrindo o seu significado, que remete à dimensão profunda espiritual de seu próprio ser, que é abissal, pois implica na força do amor criante que é revelação do Espírito Criador de

[278] ERTHAL, Tereza Cristina Saldanha. A luz da sabedoria na psicoterapia. In: ANGERAMI, Valdemar Augusto (Org.). **Espiritualidade e prática clínica.** São Paulo: Pioneira Thomson, 2004. p. 28.

tudo e de todos.

O ser humano, na sua história, tem registrado marcas de uma espiritualidade sublime nas experiências de fé para a cura. A sublimidade é o princípio da autotranscendência, da vida, como manifestação do amor criante do Espírito no espírito humano. O ser humano, pelo impacto da fé, chega à sublimidade na experiência quando alcança um horizonte mais amplo do que a sua limitação, e isso é fundamental para a questão da cura.Nesse movimento, a fé o sustenta e ele vive a sua centralidade criando; e, ao criar, se auto-afirma como uma pessoa capaz de autocurar-se no encontro com o outro, ainda que seja temporariamente, pois tudo está em movimento.

O movimento da fé estabelece um princípio da vida que gera uma necessidade gritante no ser humano – a autotranscendência como um lançar-se, um dar-se para além de si, visando vencer as limitações físicas, psíquicas e espirituais que remetem para a dinâmica da finitude e da infinitude. Ele se esforça para atingir um nível de concentração que parte do centro da vida – o fundamento último, ainda que ele não saiba disso. É da sua natureza espiritual, ele desenvolver-se desde o centro da vida, no seu corpo-criante. Essa concentração, ou seja, estar centrado com a vida no seu fundamento, é importante para que ele consiga vivenciar a autotranscendência como uma espiritualidade de causalidade e ultimidade, sublime, pois é o movimento do amor criante de Deus para a cura do ser humano, diante da dinâmica doença-saúde.

Nesta investigação, chega-se à percepção de que a cura é uma necessidade material-espiritual do ser humano. No entanto, para que ela se efetive, nas ambigüidades da vida, em um corpo-criante, é preciso a fé como um ato de estar possuído pela força do Espírito do amor criante, o qual dinamiza e transforma todos os processos vitais e cognitivos que se dão na auto-integração, na autocriatividade e na autotranscendência da própria vida, como revelação de Deus. Logo, o fenômeno da cura tem suas raízes no espírito humano, que remete para o fundamento da sua criatividade - Deus – Espírito de amor criante, por isso fundamento para a transformação do corpo-criante.

Erro! Não é possível representar o número no formato especificado.

III PARTE

O TESTEMUNHO

QUADRO I: A DESCOBERTA DO FUNDAMENTO ÚLTIMO DIANTE DA FINITUDE

Depois de se fazer um percurso teórico falando do corpo-criante na sua criatividade, que se expressa, também, na obra arte como revelação do amor criante de Deus - fundamento para a fé como uma vivência de cura para as dores e sofrimentos, chega-se a esta parte da tese para dar testemunho de uma vivência no campo da arte pictórica, que confirma o que se apresentou acima. Esta vivência se trata do Caso R.

Dar testemunho sobre o Caso R. é dizer sobre o que os olhos viram e as mãos tocaram. É expressar um conhecimento encarnado no corpo-criante da Maria Glória, que vivenciou, no processo de sua *autopoiese* nas inter-relações com R. acontecimentos marcantes para a sua vida e para a de R. Só é possível dar um testemunho desde as percepções registradas na criatividade da vida num corpo-criante, diante de suas vivências no mundo.

Tillich diz que a teologia surge desde a base da cultura (nas obras, nos eventos, nos fatos etc.), pois, ali, a vida, como dádiva de Deus, se mostra como espírito de rica criatividade, que estabelece uma relação entre o ser humano criador e a pergunta que ele faz sobre o sentido último da sua existência. Com efeito, vivenciar o Caso R. foi, sem dúvida, para Maria Glória, um despertar que implicou perguntar pelo sentido da vida; e isso remeteu à busca de um fundamento último que lhe desse suporte para descobrir o sentido do seu viver.

Esse testemunho se construirá desde uma hermenêutica fenomenológica, e que teologicamente se movimentará no método da correlação de Tillich, que diz respeito às preocupações preliminares do cotidiano e àquilo que preocupa o ser humano de forma última. Diante disso, serão percorridos três cenários no Caso R.: o

primeiro é o cenário de uma preocupação preliminar diante dos impactos do cotidiano, mas que aponta para uma busca mais profunda; o segundo implica uma relação em que a preocupação preliminar é elevada a uma última instância; e o terceiro é aquele em que uma preocupação preliminar se torna mediação de preocupação última para descobrir o fundamento último que sustenta o ser no seu sentido de ser no mundo.[279]

"O corpo-criante é a chave de abertura para o surgimento de significados do ser visível"[280] e também do invisível que se manifesta nos fatos, nas obras, nos acontecimentos, como é o Caso R.

Aristóteles, em sua obra *Retórica*, entendia testemunho como "'a questão de fato ou a questão pessoal' que são também questões de fato".[281] Isso é verdadeiro porque a descrição do Caso R. é um fenômeno que está intrinsecamente ligado à vida da Maria Glória, artista plástica, mas que agora implica na vida da Maria Glória, pesquisadora, que agora aqui dá testemunho.

Só é possível dar testemunho sobre aquilo que se vive, logo, se vê e se experimenta, se toca e pelo qual se é tocado implacavelmente. É o próprio fenômeno da revelação que se torna vivência marcante de fé, como um estar possuído por uma criatividade que vai além de uma explicação biológica e psicológica, pois diz respeito a algo fundamental para que a vida se faça com sentido.

A vivência do Caso R. é um fenômeno que envolveu profundamente os corpos-criantes da Maria Glória e de R., no que diz respeito à criatividade, ao amor, à arte e ao sentido último de tudo isso. Com efeito, quando a consciência – pessoa espiritual do corpo-criante é tocada, três fenômenos podem acontecer: o amor, a criatividade e a fé, como manifestações que sinalizam um movimento do corpo-criante na direção e ligação com seu fundamento último – Deus, fonte da vida e poder de AMOR CRIANTE, a fim de encontrar soluções para os problemas do cotidiano.

---

[279] Cf. TILLICH, 2005, p. 30.
[280] DITTRICH, 2004, p. 971.
[281] ABBAGNANO, 1962, p. 921.

Esse argumento é procedente, pois, quando Maria Glória sentiu-se desafiada pela vendedora da APAE, que a questionou sobre uma ajuda para aquela instituição, certamente foi atingida em sua sensibilidade no sentido de sua bondade, de seu amor para com o ser humano carente. O questionamento foi contundente, pois remetia não só para uma questão existencial, mas essencial. Quando Maria Glória diz que sentiu seu coração aberto para criar e fazer o bem, revelou-se nela um sentimento de preocupação com o sentido último de seu ser no mundo. Era uma preocupação preliminar que dizia respeito ao fundamento do seu ser e estar no mundo. Aliás, esta foi a questão de fundo na vida de Maria Glória.

Esse despertar implicou a autocriatividade da Maria Glória. Foi a vivência rápida e profunda de uma manifestação de fundo espiritual, divino, que a impulsionou para descobrir algo que trouxesse uma solução para ajudar a APAE. E a resposta que veio, disse ela, foi a seguinte: "*vou fazer um bem, ensinando a arte da pintura para cinco alunos da APAE com necessidades especiais. Vou dedicar uma tarde por semana de trabalho próprio em meu Atelier. Deus tem me dado tanto, já recebi tanto que nem sei, preciso ajudar. E posso ajudar oferecendo meu trabalho e meu espaço de arte.*"

Aqui Maria Glória confirma o argumento acima, pois sua decisão estava ligada ao fundamento último de seu corpo-criante - Deus. Ela reconheceu que Deus é aquele que dá de si para ela e ela precisava revelar em ações, compartilhar em ações esse dar-de-si, como sinal mesmo de Deus para todos. Embora, talvez, inconscientemente ainda, o que ela queria afirmar para si mesma é que a razão de ser de sua criatividade na arte estava ligada à sua espiritualidade e essa tinha suas origens no fundamento último de sua vida. Essa espiritualidade estava marcada por um amor criante, espiritual, que nascia de suas entranhas e se tornava uma preocupação latente consigo mesma, com o outro, com o mundo e com Deus. Maturana sustenta esse argumento quando registra a seguinte idéia:

> O amor não é conseqüência do social, mas ao contrário. Se não existe amor, se não nos movemos no amor em nossos encontros com os outros, não existe fenômeno social, e a opção é a indiferença que permite qualquer mecanismo de negação do outro, desde a

competência para o ódio.[282]

A decisão de acolher os alunos excepcionais, para fazer um bem através da arte, tinha um fundo de revelação – o amor criante de Deus como força integradora e geradora da criatividade da Maria Glória. Esse amor manifestava-se preliminarmente num sentimento de esperança, para encontrar novas formas de acolher o outro e cuidar dele no cotidiano do Atelier de Arte. Nesse sentido, Maria Glória mostrou que vivenciou o processo da vida como autointegração e autocriatividade, pois por si mesma e pela força do amor criante conseguiu abrir-se para o outro, tornando-o uma preocupação existencial que tinha ligação com o seu fundamento último, a Presença do Espírito divino em sua vida. Nessa ação criativa, o amor criante de Maria Glória venceu a negligência, o desamparo, a negação do outro, do R. Tillich defende que "*nossa preocupação última é aquilo que determina nosso ser ou não-ser. Só são teológicas aquelas afirmações que tratam de seu objeto na medida em que este possa se tornar para nós uma questão de ser ou não-ser.*"[283]

Sim, a interrogação da vendedora da APAE levou uma questão cotidiana (dinheiro, economia, acolhida ao carente *marginalizado*) para um nível transcendental, de profundidade espiritual, que atingiu o corpo-criante inteiro de Maria Glória. Foi uma vivência de ameaça do ser frente ao não-ser, que começou e permaneceu durante a vivência inteira do caso R. Citam-se algumas passagens registradas por Maria Glória:

"Esse momento inicial da trajetória foi de alto impacto para mim. [...] Eu sentia uma agitação interior que quase me paralisava. Mas continuei. Algo me empurrava, me chamava."

"Na experiência daquela tarde, percebi que estava diante de seres humanos especiais, com uma dose significativa de afetividade nas relações, maneira de ser diferente, e que me desafiavam nos meus conhecimentos pedagógicos e artísticos. Senti-me, em várias situações, impotente no sentido de saber como agir, pois

---

[282]"El amor no es consecuencia de lo social, sino al revés. Si no hay amor, si no nos movemos en el amor en nuestros encuentros con otros, no hay fenômeno social, y la opción es la indiferencia que permite cualquier mecanismo de negación del otro, desde la competencia al ódio." MATURANA, 2002a, p. 109.

[283]TILLICH, 2005, p. 31.

percebi que estava diante de sérias e complexas realidades humanas."

"Eu não sabia como tratar, por exemplo, o R., de 18 anos, vítima de paralisia cerebral aos três anos de idade. Ele quase nem condições tinha para pegar um pincel entre os seus dedos, quase não podia falar, nem ficar bem de pé, e mal conseguia locomover-se no interior da sala de aula. Seus movimentos eram lentos, até seu olhar movimentava-se lentamente nas interações com os outros e com o todo em sua volta. Sua boca apresentava dificuldade de manter-se fechada, babava. Suas mãos eram duras, travadas, fechadas. Alguns de seus dedos eram retorcidos, dificultando a mobilidade e a sensibilidade no fazer manual. Suas pernas e pés também apresentavam dificuldades na coordenação motora para caminhar e sentar."

"Impressionada, senti imediatamente, nas profundezas de meu corpo, que estava inserida em uma relação educacional complexa. De certa forma, isso me amedrontava, mas não era possível voltar atrás, já me sentia comprometida com a vida, com algo tão forte que eu nem sei bem dizer ainda o que é."

"Naquela tarde, tudo o que eu fiz foi não dar a aula de arte que havia preparado. Percebi que meus conhecimentos didático-pedagógicos [...] eram insuficientes e impotentes para lidar [...] com tal complexidade humana. No entanto, vi que R. e os outros alunos, que tinham, segundo informação da APAE, hiperatividade e dificuldades cognitivas, estavam ansiosos esperando algo de mim."

"Sentada com eles, ao redor da mesa de trabalho, percebi nos seus rostos que me fitavam silenciosamente, quando explicava sobre a arte e o poder de criação do ser humano para expressar os seus sentimentos, que eram alegre-tristes, mas apresentavam uma admiração pelas obras de arte que estavam presentes nas paredes da sala de aula."

Nas várias passagens fica claro o quanto foi contundente para Maria Glória a presença de R. e de seus colegas da APAE, já no início do trabalho no Atelier. Ela registra com clareza um sentimento de finitude, de transitoriedade, que se manifestava em forma de impotência diante do outro, o jovem R., na complexidade de seu problema de saúde, que atingia uma dimensão de infinitude - Deus. Com efeito, "só os que experimentam o choque da transitoriedade, a ansiedade na qual

se tornam conscientes de sua finitude, e a ameaça do não ser podem entender o que significa a palavra Deus".[284]

Pela fala de Maria Glória, pode-se perceber que ela sentiu na carne a ambigüidade da vida – o jogo da finitude e infinitude, o não-ser ameaçando o ser do seu corpo-criante. De certa forma, ela vivenciou bem uma ansiedade existencial[285] que nasceu da sua dimensão profunda espiritual, no sentido de fazê-la tomar consciência de que não estava preparada com conhecimento e metodologia capazes de dar conta do problema que estava vivendo. A finitude rondou soberbamente o seu ser diante do outro. Sua fala dizendo "[...] *gente querida! Eu vivo aqui uma experiência literal de caos e ordem. É a pura criatividade em gênese... Meu Deus... estarei eu no caminho? [...] Tudo isso deve ter uma razão maior."*

Essas palavras têm raízes profundas, abissais, e confirmam que a ansiedade foi vivida por Maria Glória como um sentimento interior de união e destruição do seu ser para o não-ser, da infinitude para finitude, da terra para o céu. Com efeito, esse sentimento apontava uma direção – a busca por novos caminhos de significações para vencer os desafios ameaçadores e descobrir o sentido último do seu ser no mundo - Deus.

Com efeito, a vivência da ansiedade remetia para uma preocupação que tinha origem vital-cognitiva e espiritual: compreender o sentido de estar passando por tamanha insegurança e impotência, que, como tais, assombravam, pois fora nascendo um sentimento de angústia profunda que quase a esvaziava. Percebe-se que isso é muito verdadeiro quando ela diz: *"Na noite após minha primeira aula de arte criativa com os alunos da APAE, cheguei a minha residência e contei para meu marido a experiência vivida com os alunos, especialmente o R. Disse que estava assustada e preocupada com o compromisso e a responsabilidade que eu havia*

---

[284] GOTO, Tommy Akira; GIANASTACIO, Vanderlei. **A transcendência divina na vivência do homem - perspectiva da psicologia humanista-existencial.** Disponível em:<http://www.metodista.br/correlatio/num_03/a_goto.htm**>.** Acesso em: 06 fev. 2007. p. 2.

[285] Tillich explica essa questão da ansiedade existencial desde uma visão ontológica. Afirma que o caráter de negação do ser é determinado por aquilo que é negado no ser. "O não-ser ameaça a auto-afirmação espiritual do homem, de modo relativo em termos de vacuidade, de modo absoluto, em termos de insignificação. A ansiedade na vacuidade é despertada pela ameaça do não-ser ao conteúdo especial da vida espiritual. Uma certeza rompe através dos acontecimentos externos ou processos interiores [...]." Com efeito, a ansiedade da vacuidade permanente leva à insignificação, que é a ameaça absoluta do não-ser à auto-afirmação espiritual do ser humano, corpo-criante. TILLICH, 1972. p. 32, 37.

assumido com o diretor da APAE e com os alunos que se fizeram presentes no Atelier de Arte. Socializei minha angústia existencial, dizendo que tomava consciência da minha incompetência pedagógica para ensinar alunos com dificuldades tão complexas, assim como o R., por exemplo. No entanto, confessei que me sentia desafiada porque tinha um sentimento profundo, o de querer ajudar e encontrar a razão de tantas coisas que estavam acontecendo em meu interior e que eu mesma nem sabia dizer bem o que era.

Essa percepção era real e os seus conhecimentos dentro da filosofia, da pedagogia, da psicologia não tinham força explicativa suficiente para, de entrada, lidar com o R. Estava posta uma situação do ser e do não-ser, da finitude e da infinitude, e ela diz que isto a amedrontava, "*mas não era possível voltar atrás".* Continuou afirmando: "*já me sentia comprometida com a vida, com algo tão forte que eu nem sei bem dizer ainda o que é."*

Para Tillich, essa experiência de Maria Glória diz respeito àquele primeiro passo teológico de busca de sentido de vida na correlação entre o cotidiano cultural do ser humano e Deus. É o fenômeno da revelação da vida divina na vida humana em forma de **auto-integração** do corpo-criante Maria Glória na relação com o Caso R.

O comprometimento com a vida, aqui, toma uma profundidade da centralidade da vida do corpo-criante – a auto-organização do amor criante na sua estrutura e organização vital-cognitiva espiritual. "A vida é o processo no qual o ser potencial se torna ser efetivo. Ela é a efetivação dos elementos estruturais do ser em sua unidade e em sua tensão."[286] Dentro disso, pode-se dizer que Maria Glória viveu um ato de fé como a tomada do seu ser por um poder espiritual que vinha de um lugar não identificado e que ela são sabia nomear, mas que se manifestou nela, em seu corpo-criante, em forma de criatividade que se objetivou em sensações, emoções e ações, a fim de encontrar e enfrentar o Caso R. nos seus problemas. O ser humano é

> [...] em sua existência um ser finito, porém seus projetos se entrelaçam no caminho da infinidade e é neste estado que se manifesta o conflito de sua ansiedade existencial perante todo

[286]TILLICH, 2005, p. 248.

> significado do vivido. A finitude passa a ser "o terror de perder sua vida". A consciência da finitude faz surgir a ansiedade e a angústia ontológica: ser finito é estar ameaçado.

Essa idéia fica confirmada quando Maria Glória descreve a experiência de pedido de ajuda à sua professora, no mestrado em Educação, e que ela a manda pesquisar e ir em frente. Diante disso, Maria Glória escreve: *"Minha sensação era de que se abria um novo momento em minha vida e que não dava mais para voltar atrás. [...] Era uma experiência rara em minha vida. A inquietude tomava conta do meu ser e parece que até apertava a minha garganta. Meu coração batia tão rápido e forte que até me incomodava. Em minha consciência vinha a idéia: algo bom está acontecendo. Alguém já está me ajudando. Eu não estou sentindo aquilo que não existe. Isto que está se passando é real. Meu Deus! Que estranho! [...]. Meu Deus, que loucura!* ***Senhor, mas tu sabes do meu coração. Ajuda-me! Dá-me uma luz! Calma... Eu vou para frente..."***

Tillich diz que, na experiência de finitude, quando o Espírito de amor se manifesta no espírito humano, é sentida uma força, uma energia autocriativa que quase paralisa e destrói[287] o ser humano. Ele se sente ameaçado na sua criatividade como fluxos permanentes de auto-organizações vital-cognitivas que vão se dinamizando no seu corpo-criante, rapidamente, de formas não controláveis. Isso se confirma quando Maria Glória diz: *"Eu sentia uma agitação interior que quase me paralisava. Mas continuei. Algo me empurrava, me chamava. [...] Eu não estou sentindo aquilo que não existe. Isto que está se passando é real. Meu Deus! Que estranho! [...]. Meu Deus, que loucura!* ***Senhor, mas tu sabes do meu coração. Ajuda-me! Dá-me uma luz! Calma... Eu vou para frente... "****.*

O que será que a empurrava para frente? Quem será que a chamava? Seria o amor criante como Presença Espiritual – o fundamento último – Deus, revelando-se como caminho de cura, como resposta para o sofrimento humano? Seria a voz de uma Presença Ignorada, que emergia das suas profundezas e lhe dava **autonomia**

---

[287] A pesquisadora, quando pensa a questão da paralisia e da destruição da força do espírito de Deus no espírito humano, caminha por um viés de entendimento da tomada de posse de um poder que dinamiza a estrutura da rede psicossomática do ser humano nas suas várias dimensões ontopsicológicas e dá uma capacidade auto-organizativa de destruir (transformar) na base da sua estrutura biológica e psicológica a configuração de elementos vital-cognitivos. Com efeito, essa é uma vivência de autonomia e heteronomia que causa um impacto de integração e desintegração no corpo-criante do ser humano na inter-relação com o mundo em seu entorno.

para despertar, pouco a pouco, a sua compaixão e o seu amor incondicional diante do R., que no seu silêncio clamava por cura? Salvação para o seu sofrimento? Teria sido essa vivência uma vivência de revelação da criatividade do amor criante?

Sem dúvida, a descrição inteira do Caso R. evidencia que Maria Glória encontrou coragem para enfrentar a finitude e direcionar a sua prática desde o amor criante, como força de origem divina para a criatividade do seu corpo-criante diante do seu problema – ajudar R. a superar as suas dificuldades psicomotoras por meio da arte. Ela tomou o problema do R. como um problema seu, e isso implicava descobrir um caminho, uma resposta para poder ajudar. Testemunho disso é quando ela escreve: *"Eu acreditei, no e do fundo da alma, que tinha que ajudar aqueles seres humanos. Para isso, sentia que uma força maior, divina iria me dar força, coragem e sabedoria para fazer algo, o qual nem sabia bem o que poderia ser. Eu pensava tudo e não pensava nada. Era um momento estranho, raro, que emergia das profundezas do meu ser interior. Eu dizia para mim mesma: não faz mal se eu ainda não sei o que fazer e como fazer; a experiência do dia-a-dia me dirá. Vamos em frente, Maria Glória! [...]. Ai, meu Deus, me ajuda!"*

O chamamento por Deus foi, para Maria Glória, uma experiência de fé, não como crença em um dogma, mas como vivência de profundeza espiritual que culminou na criatividade do seu corpo-criante, como elevação da sua consciência ao seu fundamento último. O que ocorreu, segundo Frankl, foi uma experiência incondicional na busca de sentido, que certamente se efetivou na ligação entre as suas necessidades somáticas, psíquicas e espirituais. Tudo indica que houve uma religação da pessoa espiritual (consciência – razão-emoção) da Maria Glória com sua pessoa profunda espiritual (inconsciente – presença ignorada de Deus). "Somente na unidade da finitude com Deus é que o ser humano pode permanecer na existência sem ser destruído por ela. Isso ocorre porque só Deus afirma seu ser sobre a finitude da existência e a conquista permanentemente."[288]

Maria Glória incorporou a infinitude no amor criante que nascia em si para o outro, e a vivenciou como um ato de fé, no sentido de sentir-se como amparada, possuída pela força restauradora do espírito de Deus diante de sua impotência racional para resolver o grande problema que a vida lhe impusera, o aluno R.

[288]GOTO; GIANASTACIO, 2007, p. 3.

Confessa ela: "*Senti que uma força me impulsionava a não desistir, pois vislumbrava e intuía que algo bom estava acontecendo, e isto me dava segurança para continuar o trabalho com R. e os outros alunos.* Essas afirmações, além de sustentar o argumento acima, despertam para a seguinte pergunta: Por que R. e os outros alunos excepcionais apareceram na vida de Maria Glória?

A resposta para essa questão a pesquisadora encontrou nas seguintes palavras: "Onde não há fé, há uma pessoa sozinha consigo mesma. [...], a presença da fé indica que o ser humano está participando, num encontro pessoal, de Deus, sentindo em si mesmo a Vida da qual todos os seres finitos tiram sua vida."[289] A vivência ocorrida no caso R. e na própria história de Maria Glória, que levou à descoberta de seu objeto de pesquisa, demonstra que ela vivenciou a fé como um poder de amor criante que a fez abrir-se para o outro, no sentido de acolhê-lo e cuidar dele assim como ele é.

Maturana defende que o verdadeiro e autêntico relacionamento na formação educacional só pode nascer quando um eu e um outro se reconhecem como legítimas expressões da vida, que se faz biológica e antropologicamente no amor e no respeito. No caso, esse argumento aparece bem quando Maria Glória relata: "e*stava pronta para iniciar um trabalho, na arte e educação, que fora escolhido, desejado e posto por mim como missão de amorosidade em prol do ser humano. Meu objetivo era acolher e ajudar pessoas, oferecendo a elas cuidado, amor [...]".*

Essa fala mostra que o desafio que ela se propôs foi conduzido por uma intencionalidade que tinha uma preocupação profunda: o amor como força criativa, espiritual, para o acolhimento e o cuidado[290] ao o ser humano, no processo da educação. O amor criante, como força de poder ser, de coragem para ser diante do outro, ocupou a questão central do Caso R. e se tornou fundamento para enfrentar a angústia da finitude.

A conduta, como mudanças de estados internos do corpo-criante Maria

---

[289] CASTRO, 2007.

[290] O acolhimento e o cuidado implicam o amor fundamento da vida para sustentar uma relação autêntica entre um eu e um outro. "Dificilmente alguém se sentirá amado se não houver uma interação pessoal para tratar de algum problema. Se não fosse possível resolver os problemas emocionais sem que as pessoas se sintam amadas, certamente os livros e revistas seriam os recursos mais utilizados para a cura da alma e do espírito." FRIESEN, Albert. **Cuidando do ser:** treinamento em aconselhamento pastoral. Curitiba: Esperança, 2000. p.43.

Glória nas vivências no Atelier de Arte, foi aparecendo nas ações carregadas de amorosidade e de respeito entre os sujeitos envolvidos. Essa idéia encontra pertinência nas palavras que ela disse para os alunos *"[...], que aquele espaço de sala de aula, seria, [...], um espaço de encontro de seres humanos, queridos, que vieram para se ajudar mutuamente [...]. Não faz mal se a gente chora, ri, fica triste ou alegre. Tudo faz parte da criação. É o amor de Deus em nós, fazendo a gente se descobrir e se alegrar com a vida, assim como nós somos. Criar é levantar um vôo grande para dentro de nós mesmos e descobrir lá no fundo da nossa alma algo que vai nascendo e precisa ser mostrado para ajudar o nosso próximo e a nós mesmos."*

Essa experiência mostra que Maria Glória encontrou, nos processos mais profundos de sua maneira de ser para vencer as suas limitações somáticas, psíquicas e espirituais, a criatividade como uma necessidade da prática do amor incondicional, o criante, que dá suporte para o amor *eros, para o amor filia* e o amor *ephitimia* se manifestarem nas amplas relações. Tillich afirmava que o amor incondicional é aquele que faz a unidade criativa entre as várias formas de amor. Com efeito, no Caso R., ele é o centro das vivências, a força dos corpos-criantes para criarem e constituírem novas formas de ser diante das ameaças da finitude.

O amor criante foi a força vital-espiritual que impulsionou Maria Glória no seu agir e no seu conhecer, nas relações com os alunos. Esse foi um fenômeno de profundidade divina, que fez ela e os seus alunos, especialmente o R, não se abaterem diante das dificuldades várias. Segundo Friesen, o amor a si mesmo está diretamente ligado ao amor ao próximo. Pois o amor é o fundamento "necessário para que a pessoa possa interagir com o seu meio, especialmente com o meio agressivo e com as dificuldades que a vida diariamente apresenta."[291] Isso ficou claro nas falas descritas no caso.

Foi o amor criante que dinamizou a alegria no aprender, no interesse pelo criar na arte, no esforço para vencer as dificuldades dos exercícios de harmonização vital-cognitiva, bem como no domínio da técnica da pintura. Isso está exposto até na fala de Maria Glória, quando ela recomenda aos alunos que até os materiais de pintura (pincéis, lápis, papel, tinta) devem ser tratados com cuidado, com carinho.

---

[291] FRIESEN, 2000, p. 54.

"O amor como o domínio das condutas relacionais através das quais o outro, a outra, ou o outro, surge como legítimo outro em convivência com um, amplia a visão e o entendimento no prazer da aproximação."[292] Ele atinge o centro da autocriatividade da vida sob o princípio do crescimento. Nesse viés, tanto a Maria Glória com o R. viveram a atuação de um poder vital-espiritual, divino, que os impulsionou a irem além de si mesmos, abrindo-se um para com o outro, no sentido de se sentirem e reconhecerem-se como legítimos corpos-criantes, obras de amor de Deus, a fim de se desenvolverem e criarem, buscando na criação sentido para o viver.

Com efeito, aqui a legitimidade é assegurada quando Maria Glória reconhece o R. e a si mesma como corpos-criantes capazes de se autotranscenderem, desde a criatividade que é dinamizada pelo amor criante como força integradora e de expansão. Esse reconhecimento se evidencia nas ações, nas trocas de linguagens durante as vivências entre Maria Glória e seus alunos. Registra ela: "*Nesse processo, eu percebia que R. estava mais desperto e participativo, embora os problemas de suas mãos fechadas, de coordenação motora sem controle nos movimentos e da ausência de uma fala compreensível persistissem. [...]. [...] sentia dentro do meu ser uma alegria,* [...], um aperto no peito. [...] *Meu Deus! Dá-me força para continuar, ajuda-me. Essas pessoas estão esperando algo de mim, e eu desejo ajudá-las. Deixa, Maria Glória, respire, tome força... Não há de ser nada! Tudo vai dar certo. Vamos começar, vamos, minha gente querida! R. mostrava-se feliz e entusiasmado na criação."*

Esse olhar de Maria Glória sobre o R. apresentava uma espiritualidade[293] marcada pelo amor criante que a dinamizava para constituir a sua conduta como maneira de ser pessoal dentro do contexto cultural do Atelier. Essa maneira se dava dentro de uma autotranscendência, em que a sua preocupação com o R. não era elevada a um significado infinito, nem colocada do lado, na frente ou atrás do infinito – Deus. Mas o Caso R. se tornava revelação real do infinito amor criante de Deus,

---

[292] "*El amor como el dominio de las conductas relacionales a través de las cuales el otro, la otra, o lo otro, surge como legítimo otro en convivencia con uno, amplía la visión y el entendimiento en el placer de la cercanía.*" [sic]. MATURANA, 2005. p. 138.

[293] "[...], a espiritualidade do ser humano é a expressão da sua maneira de ser no seu viver dentro da sua cultura, da sua história de vida que vai ser perpassada por uma necessidade de saber sobre a sua origem primeira, a razão originária do seu ser-no-mundo o mistério da criatividade divina, a vida, Deus." DITTRICH, 2004, p. 47.

como caminho, fato de revelação para a descoberta de sentido de vida, para poder encontrar pela sua criatividade um caminho de auto-afirmação no mundo. [294] Logo, de realização de sua pessoa.

Corroborando esse argumento, Frankl explica a autotranscendência da existência humana, dizendo que "[...] o ser humano aponta para além de si mesmo, na direção de algo que não é ele mesmo, na direção de algo ou na direção de um sentido que tem cumprir, ou na direção do outro ser humano, para cujo encontro vamos com amor."[295] Essa idéia confirma que o amor e a criatividade nas relações de ajuda e de cuidados entre os seres humanos traz sentido para o viver. Pois o Caso R. mostra isso. Será que a Maria Glória e o R. estavam buscando, também, sentido de vida desde a criatividade do seus corpos-criantes?

Certamente, como seres humanos, Maria Glória e R. buscavam, conscientemente ou não, vivenciar o amor criante como força vital-espiritual para dinamizar a vida, no sentido de se desenvolverem com a criação na arte, mais do que física ou psiquicamente, espiritualmente. Pois, ao vivenciarem a criatividade nas mais diferentes maneiras de ser, eles foram encontrando na dinâmica do amor criante um sentido para ser e se auto-afirmarem na relação. Segundo Queiruga, o amor é uma força que se faz consciência e sentimento de identidade entre um eu e um outro.[296]

O amor de natureza espiritual profunda tem uma força criadora que funda uma maneira emocional e racional simples de ser; e isso foi muito presente nas relações no caso em pauta. A dinâmica do cuidado amoroso para com o outro criou um espaço educacional de respeito mútuo, quando os processos vital-cognitivos de cada um foram se auto-organizando, resultando em uma relação verdadeira, de abertura, de confiança e de comprometimento entre todos. Nas palavras de Maria Glória: *"O sentimento de força e o desejo de vencer, de fé naquilo que estava fazendo, invadia-me e eu sentia que o grupo estava sintônico comigo. Os alunos se mexiam alegremente e eu estava vivenciando isto. No entanto, cada vez que eu*

---

[294] Cf. TILLICH, 2005, p. 31.

[295] "[...] lo ser humano apunta, por encima de sí mismo, hacia algo que no es él mismo, hacia algo o hacia un sentido que hay que cumplir, o hacia outro ser humano, a cuyo encuentro vamos con amor." FRANKL, Viktor. **Ante el vacío existencial:** hacia una humanización de la psicoterapia. Barcelona: Editorial Herder, 1986. p. 17.

[296] Cf. QUEIRUGA, 2001, p. 247.

olhava para R., sentia o quanto ele estava se esforçando para fazer os exercícios, pois via e sentia o suor dele escorrendo pelo rosto e braços. Sua boca babava, e isto indicava um alto nível de concentração nos movimentos indicados por mim. O olhar dele era firme e profundo, atento a tudo. Seu esforço era notável." Sob o impacto desse cenário autopoiético, reforçava Maria Glória: *"Gente querida, vamos, não desistam. Não parem, ainda que doam os braços. Depois vamos descansar. Vamos, vamos, R. Vai, força! Vai indo, não desista! Você pode!"*

Essas palavras jogam o pensamento para a descoberta do genoma humano, que encerra um mistério – a autocriatividade da vida em um corpo-criante, que é imprevisível na sua maneira de ser, ou seja, na vivência de sua espiritualidade.[297]

O genoma humano[298], como vida, encerra em si uma estrutura e organização fundamentadas num princípio gerador, fundamental: o Espírito criante de Deus. No caso, ele esteve em gênese constante como impulso de amor criante nas ações do corpo-criante do R. e da Maria Glória, cuja finalidade implicou criar para dar vida e sentido na existência, e isso revela uma espiritualidade marcada pelo amor criante na busca de sentido de vida. Confirmando esse argumento, diz Collins que, nas experiências da vida na ciência, deve-se perceber que as explicações

---

[297] A questão da imprevisibilidade dos fenômenos, especialmente quando as manifestações humanas foram significativamente debatidas no século XX, no campo da física quântica, que defende que "a natureza não é só matéria sólida, divisível e mensurável, mas se compõe em sua constituição atômica de fatores qualitativos, pois a matéria, em nível subatômico, aparece sob a forma de onda e sob a forma de partícula, confirmando, assim, propriedades qualitativas do seu ser e vir a ser". A nova interpretação de natureza, como disse Capra, implicava compreender que "os objetos materiais sólidos da física clássica se dissolvem, no nível subatômico, em padrões de probabilidades semelhantes a ondas. [...] As partículas subatômicas não têm significado enquanto entidades isoladas, mas podem ser entendidas somente como interconexões, ou correlações, entre vários processos de observação e medida". [...] Isso vem anunciar que a ciência moderna, como explicação objetiva e racional, tem seus limites. Com efeito, a realidade é sempre muito mais complexa do que qualquer explicação racional sobre ela. A descoberta do mundo natural subatômico é prova disso, pois se apresenta uma natureza dinâmica, não controlável matematicamente. Ela é indeterminada, inconstante, mutável. [...]. "Com efeito, as relações que se travam nas observações atômicas da matéria são apenas relações marcadas pela indeterminação e possibilidade." Logo, a imprevisibilidade é inerente aos fenômenos da experiência humana. DITTRICH, 2001, p.77.

[298] Collins, diretor do projeto genoma, na sua obra A linguagem de Deus, apresenta uma discussão sobre a fé em Deus e a fé na ciência, mostrando que são maneiras de ser e de pensar do humano para explicar os problemas profundos da sua existência e por isso esses não devem se excluir, mas, se complementar. Diz ele: "Em minha opinião, não há conflitos entre ser um cientista que age com severidade e uma pessoa que crê num Deus que tem interesse pessoal em cada um de nós. [...] O domínio da ciência está em explorar a natureza. O domínio de Deus encontra-se no mundo espiritual, um campo que não é possível esquadrinhar com os instrumentos e a linguagem da ciência; deve ser examinado com o coração, com a mente e com a alma – e a mente deve encontrar uma forma de abarcar ambos os campos." COLLINS, 2007, p. 15, 28.

científicas são explicações que encerram em si limitações. “A ciência entretanto, é incapaz de responder a questões como: Por que o universo existe? Qual o sentido da existência humana?”[299]

No entanto o ser humano se revela, numa experiência com a do Caso R., como alguém que é um corpo-criante que vive uma necessidade fundamental: encontrar respostas que saciem a sua sede de entender o fenômeno da criatividade e do amor incondicional entre um eu e um outro, acolhendo-se nas suas dificuldades e encontrando uma razão última que justifique, que dê força para enfrentar as limitações da finitude diante da infinitude.

Tillich confirma que o amor não está somente relacionado com a emoção. Ele é o movimento de uma maneira de ser de um eu na direção de um outro, visando superar a separação existencial e o sentimento de finitude. “O amor é efetivo em todas as funções da mente e tem raízes no âmago da própria vida. O amor é pulsão no sentido de reunir aquilo que está separado”[300].

O amor é integrador e transformador, porque ele é de fundamento divino. Isso é notável no Caso R, pois o amor como força espiritual inclui a vontade de amar para criar, por isso flui em todo o fluxo plasmático da rede psicossomática da Maria Glória e de seus alunos, impulsionando-os para ser, fazer e conhecer; logo, para se realizarem como pessoas capazes de acolhimento, de cuidado e de compaixão para com o ser humano. Esse processo implica auto-afirmação do ser humano como um corpo-criante capaz de enfrentar a finitude e descobrir o significado dela como uma forma de aprender a criar novas maneiras de agir e de se realizar como pessoa espiritual, num contexto cultural.

> Todo aquele que vive criadoramente em significações, se afirma como um participante nestas significações. Afirma-se quando recebendo e transformando a realidade de modo criador. Ama-se a si próprio ao participar da vida espiritual e ao amar seu conteúdo. Ele o ama porque é sua própria realização e porque ele se realiza através dele.[301]

O ser humano é um ser vivo corpo-criante, que vive uma dinâmica de vida e

---

[299]COLLINS, 2007, p. 28.
[300]Cf. TILLICH, 2005, p. 588.
[301]TILLICH, 1972, p. 36.

conhecimento, os quais encontram uma base biológica no amor vital que é criante. O amor manifesta-se na força da emoção articulada à razão que organiza o pensamento e as ações para o ser humano poder criar, conhecer e significar a sua criação, encontrando sentido para o seu viver. A busca de sentido, como motivação primária na existência humana, corrobora inegavelmente uma idéia que traz sentido de vida às relações entre um eu e um outro. É o trabalho como fenômeno criativo e social que surge no respeito e no amor como condição *sine qua non* para uma autêntica relação de crescimento e de transformação.

Essa compreensão supracitada se explicita nas seguintes falas de Maria Glória:

"Semanas após semanas foram se passando e o aluno R. vinha mostrando que estava se transformando. Ele me indagava, querendo saber sobre as músicas que eu colocava para animar o espaço de aulas."

"Nessa conversa, o jovem R. disse que sua vida estava melhorando porque ele estava ganhando dinheiro com os tapetes que produzia na APAE, juntamente com um professor, que o estava incentivando muito para tornar-se um profissional, e que, nos finais de semana, estava pintando para comercializar seus quadros."

"Eu mostrei que senti alegria ao receber essa notícia. Essas colocações reconfirmaram para mim que ele estava amadurecendo e tomando consciência da sua capacidade de, por si mesmo, pela sua criatividade e trabalho, dar um sentido novo para a sua vida e superar os seus limites físico-psíquico-espirituais. Isto foi tão real que a aluna P. percebeu e falou: "Profe, ele vai ficar rico. Tu vais ficar rico, trabalhando assim. Eta, rapaz foguete!".

"Eu elogiei a iniciativa e disse: Isto é maravilhoso."

Os registros acima apontam que, levada pelo amor criante para ajudar o outro, Maria Glória viveu encarnadamente o fenômeno da criatividade como expressão de um fazer subjetivo, amoroso, enraizado em sua dimensão profunda espiritual, que a impulsionou para transcender as suas limitações, descobrindo uma nova maneira de ser na relação. Com efeito, diz Frankl que na história da existência de um ser humano, no desenvolvimento de sua humanidade, ele busca realizar pelo

amor, pela criatividade ou pela causa a um trabalho, um sentido para ser no mundo. Esse psicólogo amplia essa idéia dizendo:

> Quando me coloco em disponibilidade para servir a uma causa, é a causa que tenho em vista e não a mim mesmo; e quando amo uma pessoa perco-me de vista a mim mesmo. Somente conseguirei ser totalmente uma pessoa humana e realizar-me na medida em que me transcendo em função de algo ou de alguém existente no mundo.[302]

Maria Glória, no Caso R, vivencia o amor, a criatividade e o trabalho como causas de sentido para a sua vida. Afinal, aceitar R. como um legítimo outro, com suas potencialidades e dificuldades, era aceitar-se e reconhecer-se como um ser humano sensível, capaz de amar, de conhecer e de fazer algo por si e pelo outro num vir-a-ser constante, pois a tomada de consciência da finitude ameaçando a sua infinitude implicava isso.

Esse vir-a-ser foi permanente na vivência, como percurso natural do corpo-criante Maria Glória em busca de auto-afirmação psicoespiritual. Isso implicou um chamado interior que se originou de sua pessoa profunda espiritual, a qual conclamou sua pessoa espiritual à descoberta de sua preocupação última – Deus – o Amor criante – fundamento último para poder ser diante do Caso R. Essa "[...] tal experiência pressupõe que a vida espiritual é tomada com seriedade, e que é matéria de interesse básico."[303] Logo, caminho de sentido para o viver e realização pessoal. Pensando segundo Zubiri, esse chamado era a voz de Deus se fazendo palavra na consciência da Maria Glória e apontando a direção, o caminho para o seu sentido de ser.

Quando a consciência irrompe e se mostra em coordenadas de ações pautadas pela vontade de ajuda ao outro, o amor criante flui e eleva o ser humano, na sua criatividade, como algo divino, sagrado; por isso, conclama explicação para sua razão de ser no mundo. Essa necessidade lhe é latente, pois pulsa no fluxo da criatividade do amor vital, criante, espiritual, que sustenta seu querer, seu fazer e seu conhecer – a criatividade da vida em gênese que pode se manifestar no fazer da arte e no amor ao outro, como revelação de Deus que traz sentido de vida. Esse é o próximo testemunho sobre o Caso R.

---

[302] FRANKL, Viktor et al. **Dar sentido à vida:** A logoterapia de Viktor Frankl. Tradução de Antônio Estevão Allgayer. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Editora Sinodal, 1990. p. 15.

[303] TIILICH, 1972, p. 36.

QUADRO II: O CORPO-CRIANTE DESCOBRE O CHAMAMENTO DE DEUS PARA A CURA

À medida que foram desenvolvendo suas vivências de criatividade para o desenvolvimento da criação na arte e de cuidado para com a vida do ser humano, os corpos-criantes de Maria Glória e R. foram tornando-se espaços sagrados de registros da ação do amor criante de Deus, como fundamento vital-cognitivo-espiritual, para ser um diante do outro e do mundo como um *holos* maior.

Como se abordou anteriormente, o corpo-criante é o *lócus* para a manifestação do Espírito Divino no espírito humano. Pois como pensar a criatividade humana fora da *anima* do Espírito de Amor? Como enfrentar os desafios da vida sem a presença efetiva do amor criante que dá a força para poder ser diante da finitude?

O Caso R. registra o quanto Maria Glória e R. estavam sintonizados com o amor criante como revelação da autocriatividade do Espírito de Deus presente em seus corpos-criantes, nas suas *autopoieses* – criatividades. Confirmam essa afirmação as palavras de Maria Glória, quando diz: "*Nesse dia, eu sentia dentro do meu ser uma alegria, mas ao mesmo tempo uma moleza e uma angústia, um aperto no peito. Tomava consciência de que uma inquietação forte inundava meu ser. Meu corpo por dentro tremia inteiro. Eu me sentia estranha, e pensava: Meu Deus! Dá-me força para continuar, ajuda-me. Essas pessoas estão esperando algo de mim, e eu desejo ajudá-las. Deixa, Maria Glória, respire, tome força... Não há de ser nada! Tudo vai dar certo. Vamos começar, vamos, minha gente querida!*"

Esse depoimento de Maria Glória, mostrando como ela estava sentindo as emoções, as sensações e as razões que fluíam de seu corpo-criante diante daquele

caso, indica um processo de *autopoiese* que vai além de uma estrutura biológica, fisiológica e psicológica. Indica, sim, um processo de autocriatividade da vida anunciando-se objetivamente em sinais somáticos e psíquicos, mas que emergem de uma profundeza abissal do não possível de observar em *lócus,* mas que é possível perceber e compreender pelo chamamento do corpo-criante que se faz palavra de inspiração divina. Exemplo disso é a fala de Maria Glória, quando diz: "*Eu me sentia estranha, e pensava: Meu Deus! Dá-me força para continuar, ajuda-me. Essas pessoas estão esperando algo de mim, e eu desejo ajudá-las*." Esse chamamento dela para Deus, pedindo força para continuar o seu trabalho de ajuda e acolhimento ao outro carente, é respondido nas seguintes palavras de consolo, de força para ela e para todos em seu entorno: *"Deixa, Maria Glória, respire, tome força... Não há de ser nada! Tudo vai dar certo. Vamos começar, vamos, minha gente querida!"*

Essa fala saiu da boca de Maria Glória; no entanto, é outro ser que fala dela mesma, por ela e para ela e os seus presentes. É a manifestação de sua dimensão profunda espiritual, que se faz chamamento do e pelo Espírito de Deus, para que a sua razão profunda profira a palavra como força criativa, espiritual. É a presença encarnada de um poder ser divino que dá a direção e continuidade de sua gênese no mundo. Zubiri diz que "a presença de Deus no ser humano é interpessoal e acontece, [...] em tensão dinâmica. Essa tensão, [...] é uma tensão manifestativa em forma de notícia [...]".[304]

Pode-se dizer que esse momento dinâmico foi um chamamento de Deus como graça. A graça aqui é vista como um sentir-se possuído pelo espírito de Deus, que dá o poder ser, para seguir adiante e enfrentar os problemas. Isso se percebe na seguinte fala de Maria Glória, quando preparava uma atividade de harmonização e energização para os seus alunos, numa determinada tarde de trabalho no Atelier. Naquele momento ocorreu um fato muito especial que marcou todo o seu trabalho. Confessa ela: "*O amor é a energia que faz a gente viver, curar aquilo que não está bom dentro de nós. [...].O sentimento de força e o desejo de vencer, de fé naquilo que estava fazendo, invadia-me e eu sentia que o grupo estava sintônico comigo. Os alunos se mexiam alegremente e eu estava vivenciando isso. No entanto, cada vez*

[304]"La presencia de Dios en el hombre es interpersonal y acontece, [...] en tensión dinámica. Esta tensión, [...] es una tensión manifestativa en forma de noticia [...]". ZUBIRI, 1988, p. 194.

que eu olhava para R., sentia o quanto ele estava se esforçando para fazer os exercícios, pois via e sentia o suor dele escorrendo pelo rosto e braços. Sua boca babava, e isso indicava um alto nível de concentração nos movimentos indicados por mim. O olhar dele era firme e profundo, atento a tudo. Seu esforço era notável."

Maria Glória, diante das adversidades da vida que a desafiavam, encontrou e reconheceu o amor como uma força espiritual que vence o não-ser, que traz vida nova, criatividade para o seu trabalho. É como uma experiência de fé, na qual ela se sentia possuída por um desejo de poder ser amoroso. Essa experiência era sintônica com os demais e com R. Ela manifestava um processo de auto-organização dos corpos-criantes. Isso, no caso do R., ficou nítido no aparecimento de suores que resultavam do esforço de movimentos, os quais dinamizavam toda a sua rede psicossomática nos seus diversos sistemas.

Relatando essa vivência especial, continua Maria Glória: "*Coordenando todo esse trabalho e mergulhada nessa vivência terapêutica, sentia-me envolvida por algo intenso, dinâmico, estimulador, que me impulsionava para frente. Era como se tivesse que dar a última força mais possante para penetrar o âmago desses seres humanos e ajudá-los nas suas dificuldades. Afirmo que, nesses momentos de vivência, eu senti uma força emergindo do meu mais profundo ser. Era um calor que invadia os meus olhos, as minhas mãos o meu corpo inteiro; me possibilitava ver mais aguçadamente a reação do aluno R. e dos demais. Era uma sensação fantástica, de leveza e poder. Eu sabia que uma sintonia energética estava acontecendo entre todos nós. Eu olhava para R. e senti um arrepio quando constatei o quanto ele estava se esforçando".*

Essas percepções de Maria Glória confirmam a complexidade do seu corpo-criante no movimento da auto-integração de suas dimensões (soma, psique-espírito) e no movimento da autocriatividade dessas dimensões. Esse movimento é dinamizado pela força do amor criante. Esse amor parte de um centro vital-cognitivo de profundidade abissal, mas que, na sua razão de ser, revela-se numa vivência terapêutica[305] subjetivo-objetiva, compartilhada por uma força, por um poder ser.

[305] Quando se fala de vivência terapêutica, entende-se uma prática terapêutica no sentido dos antigos terapeutas de Alexandria, que defendiam a terapia como um curar, um saber cuidar do ser humano de forma integral, visando mudar a sua forma de ser para descobrir um novo modo e sentido de viver. O terapeuta é "alguém que acompanha a iniciação de uma novo estado, um conversão, um

Essa manifestação de poder (energia), Maria Glória diz ser quente e que a tomou por inteiro, na sua estrutura e organização de seu corpo-criante em todos os seus elementos. Sentir uma sensação fantástica de alegria e de poder e até se arrepiar ao ver o esforço do R., não seria um impacto vital-energético de causa espiritual divina? Não seriam essas manifestações criativas corporalizadas sinais de um chamamento de Deus, para despertar a razão profunda do corpo criante de Maria Glória para algo que estava para acontecer, ou já acontecendo entre ela e R.? Sim. Para Tillich "[...] Deus é o fundamento do ser e do sentido. A confiança de toda criatura, sua coragem de ser, está enraizada na fé em Deus como seu fundamento criativo."[306]

Tudo indica que Maria Glória vivenciou uma *autopoiese* espiritual, que mudou a configuração de sua estrutura somático-psíquica, pois impulsionou a abertura de seu olhar, de seu ser vidente, para poder autotranscender-se no encontro com o outro, o jovem R., com quem ela sentia estar em sintonia. Diante dessa explicação, cabe a pergunta: estaria Maria Glória e R. vivendo um ato de fé? De revelação do amor criante de Deus desde a autocriatividade de toda a estrutura auto-organizativa de seus corpos-criantes?

Essa passagem do Caso R. mostra o poder do amor criante de Deus, que se faz vida nos processos quânticos da base físico-química e biológico-psíquica dos seres envolvidos. Como expressa Maria Glória: "*Era uma sensação fantástica, de leveza e poder. Eu sabia que uma sintonia energética estava acontecendo entre todos nós".* Essa sintonia energética quer dizer que algo ocorreu nos corpos-criantes e se tornou objetividade na vivência, que incluiu processos de auto-integração, autocriatividade e autotranscendência. Pois diante da complexidade desses processos da vida, não é possível delimitar onde começa um e onde termina o outro numa experiência como a ocorrida. Simplesmente o corpo-criante se revela desde uma dimensão central de profundidade espiritual abissal, que o faz mostrar-se psicossomaticamente dentro do imprevisível, do misterioso, como fenômeno *a priori* não possível de ser entendido. "Quando o mistério aparece em uma experiência reveladora, a totalidade da vida pessoal participa do mistério. Isso significa que a

---

novo modo de vida". ROESE, Anete. **Bibliodrama:** a arte de interpretar textos sagrados. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2007. p. 107.

[306]TILLICH, 2005, p. 275.

razão está presente, tanto estrutural como emocionalmente, e que não há conflito [...].”[307]

Esse argumento se explicita na realidade quando Maria Glória conta o seguinte: “*Num determinado momento, olhei para R. e percebi a profundeza de seu olhar na busca de algo. Então pensei: Fantástico! Como ele está se esforçando! Ele não desiste, embora tudo isto seja tão difícil para ele. Que admirável! Mas como ainda estão travados seus braços, mãos e dedos! Mas, eu não desisto, eu acredito que ele ainda pode melhorar, pois a energia vital dele está alta. Isto mostra que ele está conseguindo fazer um processo de harmonização vital-cognitiva que está mexendo com algo dentro dele. Isto é positivo. Mas eu tenho que ajudar.”*

Essas palavras mostram o quanto R. estava vivendo um processo profundo de auto-organização do seu corpo-criante e, por outro lado, Maria Glória estava comprometida com a vida e vivendo também a sua *atopoiese.* Sua sensibilidade aflorada registrava no seu corpo-criante um fluxo de amor que a impulsiona para o encantamento da vida, como permanente possibilidade de mudanças, de criatividades, embora as limitações fossem reconhecidas em si e no R. Embora percebendo como ainda estavam travados os movimentos das mãos e dos dedos do R., ela, no seu olhar vidente, via nele sinais de esperança; por isso a fé não deixava de correr em suas veias, mas a fortalecia com um poder do amor criante que a estremecia organicamente. Isso é pertinente quando ela relata a interação com o R. e os outros alunos, dizendo: “*Nesse momento, meu corpo inteiro vibrava muito forte, pois sentia tantas coisas que nem sabia bem o que eram. Porém a idéia que vinha diante de meu ser era: Não posso parar agora; eu vou ajudar, mesmo; vou fechar e abrir as minhas mãos e mandar uma energia de amor para dentro dessas pessoas, até às profundezas de suas células de todo o ser*.”

Essa maneira de ser da Maria Glória confirma que ela estava vivenciando algo de chamamento interior, espiritual. Era como se algo brotasse de dentro para fora e de fora para dentro do seu ser, e que foi se elevando, rompendo com as limitações e perpassando R. e seus outros alunos. Quando lhes diz: “*Gente querida, vamos, não desistam. Não parem, ainda que doam os braços. Depois vamos descansar. Vamos, vamos, R. Vai, força! Vai indo, não desista! Você pode!” Ela* é

[307] TILLICH, 2005, p. 163.

evocativa. Ela é chamamento, palavra de vida, de esperança, de amor criante para enfrentar a finitude, as limitações do corpo-criante nas suas dimensões. Com efeito, quando chama a consciência de R. para tomar consciência de sua força, ela está transferindo um chamamento interior, que surge de seu centro pessoal profundo espiritual e se liga à sua pessoal espiritual, tornado possível o ato cognitivo da sua razão profunda, e que confirma para ela e para ele a posse de uma força espiritual de amor, de poder infinito.[308] Essa força está nela e nele também, e é capaz de curar, de sarar, de transformar aquilo que está bloqueando o desenvolvimento do fluxo da vida no corpo-criante.

Maria Glória vivenciou com os seus alunos o chamamento da autotranscendência da vida, como graça revelada no seu corpo-criante, pois, sob o desejo profundo e incondicional de ajudar, estremecia sob o impacto do chamamento de uma presença ignorada – o Espírito de Deus. Diz Tillich que "Deus é o princípio de participação e de individuação. A vida divina participa de toda a vida como seu fundamento e alvo."[309] Quando ela conta que ao olhar para o R. percebia que o *"[...] suor continuava a porejar o rosto dele, os seus braços presos ao tórax se esforçavam para fazer movimentos circulares. A elevação da energia no grupo era forte*", ela está registrando um sentimento de participação e de individuação do seu ser em relação a R. e aos demais, que nasce de uma origem comum: a força do amor criante de Deus. Explicando isso um pouco mais, continua ela: *"Tudo isso invadia aquela experiência e eu sentia cada vez mais uma força de alegria, entusiasmo e um desejo profundo de ir mais além, de ver o R. mais solto, movimentando-se mais rápido, com os braços e mãos soltos e abertos. Esse entusiasmo foi crescendo e crescendo, como se o meu corpo inteiro estivesse se expandindo e o meu olhar penetrando o rosto dele. Mergulhada nesta experiência, sentia-me em sintonia com todos do grupo. Olhando para R., e ele para mim, soltei um grito profundo e forte: Vaaa..... ii Ricarrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrr..... do!"*

Esse relato mostra que Maria Glória vivenciou um ato de fé na posse do amor criante. Ela, na sua vitalidade, foi possuída por um processo criativo de alegria, de compaixão e de ternura, que irrompeu das profundezas de seu fundamento

[308] Para Tillich, essa vivência foi de transcendência. Ele explica que a transcendência ocorre desde um centro pessoal sobre o material psicológico que torna possível o ato cognitivo e esse ato é a manifestação do espírito. Cf. TILLICH, 2005, p. 490.

[309] TILLICH, 2005, p. 207.

último e foi percorrendo a sua corrente da vida (a rede psicossomática) na sua estrutura e organização, dentro das suas várias dimensões ortopsicológicas, e explodiu em forma de palavra: "*Vaaa..... ii Ricarrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrr..... do!".* Um grito! Potente! Era um grito de criação, de vida ou morte, de finitude ou infinitude, de ser ou não-ser. Era um som que remetia à criatividade do amor criante *primevo.* Esse som vibrava em palavra de chamamento do ser e do seu sentido, testemunhando a criatividade como manifestação do Espírito divino no espírito humano, indicando a passagem de algo que havia ocorrido no corpo-criante de Maria Glória e de R. O grito foi um sinal para responder questões implícitas no ser de Maria Glória e de R.: Que pode livrar o ser humano do sofrimento da finitude? Como descobrir a natureza da criatividade humana para poder ajudar o jovem R.?

Tillich diz que as respostas para essas questões estão no entendimento sobre Deus. Deus é a resposta para a finitude humana. Com efeito, "a estrutura racional do ser humano não pode ser entendida sem a palavra com que apreende a estrutura racional da realidade. A revelação não pode ser compreendida sem a palavra como meio de revelação."[310]

A palavra, como diz Zubiri, é o emergir da voz de Deus no ser humano. Palavra é *Ruah*, é força criativa cuja finalidade é criar, transformar. A palavra causa impactos no corpo-criante para a integração e para a destruição de suas dimensões. Por isso, escreve Maria Glória que "*Esse grito foi fortíssimo e de alto impacto nas pessoas envolvidas na experiência." Diz ela: "Eu parei, emudeci e fiquei num estado de surpresa, de assombro comigo mesma. Os alunos, ainda sob o efeito do grito, mostravam-se assustados, com os olhos aregalados, porque não estavam entendendo o que tinha se passado. Imediatamente a aluna P. falou: "Profe, o que foi?" E a aluna J. completou: "Mas o que foi... isto?" A secretária, que estava no andar de baixo do Atelier, correu para ver o que tinha se passado e chegou perguntando: "Glorinha, o que aconteceu? Algum problema?" Todos estavam perplexos, sem saber bem o que fazer. E R., diante de mim, estava em estado de perplexidade, com os olhos esbugalhados, os braços esticados para frente, com os cotovelos dobrados, sem falar nada. Olhei, chocada, aquela cena imprevisível. O*

[310]TILLICH, 2005, p. 134.

semblante do aluno R. revelava a vivência de um fenômeno que eu mesma não estava entendendo. Seus olhos assustados revelavam a expressão de um momento de suspensão de sua consciência sobre o seu entorno, e ao mesmo tempo exprimiam uma alegria que emergia das profundezas de seu ser e se lançava para além de si. A impressão que a cena passava para as pessoas, especialmente para mim mesma, naqueles rápidos instantes, era a vivência de um grito inesperado, que assustou e alegrou, e tinha que ser explicado."

Essas falas são potentes e causam na pesquisadora uma percepção que leva para uma compreensão de que Maria Glória e seu aluno R. vivenciaram um ato de fé sob a ação da criatividade do amor criante de Deus, que se fez auto-integração autocriatividade para ocorrer a autotranscendência, desde o corpo-criante de ambos, na inter-relação sintônica. Esse processo espiritual se desencadeou, biologicamente, desde as micropartículas dos átomos, das células, dos órgãos que constituem os seus corpos-criantes inteiros, constituindo, possivelmente, uma nova configuração na estrutura biofísica e psíquica deles.

Pelo relato acima, percebe-se que houve uma sintonia e uma sinergia muito presentes no movimento dos corpos-criantes, nas interações. Esses estavam perpassados por uma concentração e um desejo de superação movido pela fé. Pois, como defende Tillich, "a vivência da fé e do amor podem se tornar eventos-sinais para aqueles que são possuídos por seu poder e criatividade".[311] A vivência foi marcada por um estar sobre e sob um poder espiritual que foi pura criatividade de amor criante, e por isso manifestou o imprevisível e fez o chamamento da consciência para o sentido de ser da revelação.

Esse argumento toma força explicativa, seguindo o percurso da descrição do Caso R. quando Maria Glória diz o seguinte: *"[...] saindo do estado de assombro, comecei a piscar e baixei os meus braços, indo na direção de R., que se encontrava na roda em frente a mim. Nesse momento, percebi que sua mão direita, ainda suspensa, fez um leve movimento de abertura dos dedos, o que me chamou atenção porque antes estava bastante fechada, e seus movimentos eram muito lentos e frouxos. Nesse momento, olhando bem nos olhos do aluno, perguntei calmamente: R., você está abrindo a sua mão? Ele, ao escutar isto, olhou para as*

[311] TILLICH, 2005, p. 134

suas mãos com os olhos admirados e sinalizou com a cabeça confirmando que sim. A aluna J. já olhou e também disse: "É mesmo, é isso aí." As pessoas fizeram um momento de silêncio e então, eu, com lágrimas nos olhos, fui pegando a mão do jovem, dizendo: R., você abriu os seus dedos, a sua mão! R.!... Que maravilha!"

Essa passagem revela a confirmação de que ocorreu o ato da fé como vivência de autotranscendência na Maria Glória e no R. A abertura dos dedos da mão do R. e o reconhecimento desde fato pelas pessoas que lá estavam é sinal contundente da revelação do Espírito de Deus no espírito humano. Tal fato se deu pela criatividade do corpo-criante R., desde o amor criante que tem seu fundamento último no próprio Espírito Criante – DEUS. Essa passagem confirma que a fé é vivência de alto poder curativo, porque é ação de Deus no corpo-criante humano. Esse poder curativo se fez vida sob o princípio da centralidade, do crescimento e da sublimidade do corpo-criante como *tabernáculo*, espaço de atuação do Espírito de Deus que, por amor incondicional, penetra, sacode, transforma e cura. Por isso, fé é aceitação, entrega e reconhecimento desse poder espiritual, que é força criativa e curativa. O amor criante foi base para a autocriatividade da vida, como dinâmica de desenvolvimento e de centralidade para Maria Glória e R. poderem ir além das marcas da finitude em seus corpos que não eram mecânicos, mas eram criantes.

Por isso, Maria Glória, com o seu olhar vidente pelo amor, percebeu R. para além das suas significativas limitações motoras. Ela lançou-se para além de si mesma e enxergou a vida como algo sutil, que garantia a centralidade do ser pela autocriatividade, que se manifestava como uma força viva, inscrita no corpo-criante inteiro. Isso fez toda a diferença para ela acreditar e conclamar a si mesma e ao R. para ir em frente e ter a coragem de gritar, de gotejar o seu suor por uma causa de amor incondicional presente, fundamento último de todo ser humano – a criatividade, como presença da gênese de Deus, trazendo cura para os sofrimentos e descobrindo uma nova forma de ser no mundo, diante de si e do outro.[312]

Por isso, essa passagem do Caso R. foi muito especial, porque Maria Glória e R. vivenciaram o chamamento de Deus para a cura que estava acontecendo, e da qual eles ainda não estavam conscientes, e que foi se revelando de muitas formas. Essas palavras de Maria Glória a seguir, ainda testemunham sobre a idéia acima,

[312]Cf. TILLCH, [s.d.], p. 51.

bem como expressam o quanto foi significativa essa vivência: "*Eu penso que hoje é um dia especial [...]. Minha gente querida, eu vi o esforço de todos nós, como a gente conseguiu fazer bem os exercícios hoje. Todos nós estamos melhorando e vamos saber pintar cada vez melhor. [...] Gente... querida, ... eu fiquei tão alegre, pois tudo estava tão belo, nossa criatividade estava fluindo tanto, naquela roda criativa de movimentos dos nossos sentimentos, nossos pensamentos, nossos sonhos. Tudo isso eu fui vendo, vendo e então senti um desejo muito forte de ajudar a melhorar cada um de nós. Aí o grito saiu, e saiu tão forte que até eu mesma me assustei. Não há de ser nada, vamos em frente... Nossa criatividade é bela, é uma graça de Deus. Ela vai fazendo a gente mudar todo o dia. É uma riqueza natural que temos em nós e que nunca se esgota e serve para todos nós podermos criar, pintar, conhecer e aprender coisas novas, para podermos transformar o nosso ser, nossa maneira de viver*".

Essas palavras confirmam que a revelação para a cura aconteceu desde a experiência da criatividade do amor criante de Deus na criação da arte e se manifestou no processo das relações entre a Maria Glória e R nas suas criatividades.

QUADRO III: CONFIRMAÇÃO DA CURA ESPIRITUAL: UMA VIVÊNCIA EM PROCESSO

A experiência na criação da arte encerra o registro de uma espiritualidade vivenciada como sinal inquestionável de uma sensibilidade espiritual, que remete a um fundamento último que sustenta a vida. Reforçando esse argumento, diz Tillich: "Uma obra de arte é autêntica se expressa o encontro entre a mente e o mundo, em que uma qualidade de outra forma oculta de uma porção do universo [...] se une ao poder receptivo, de outro lado oculto da mente [...]."[313]

A obra de arte é expressão contundente da criatividade humana, como um processo vital-espiritual do corpo-criante, que encontra sua razão de ser no amor criante vivenciado em si, fora de si, e para si. Só cria a arte o corpo-criante que integra as funções da vida como dinâmica da força do amor criante que impulsiona o ser humano para poder ser e realizar-se como pessoa no mundo. Com efeito, vivenciar isso demanda sentir o corpo-criante autocentrado e aberto para além de si, no sentido de interagir com o outro para descobrir novas formas de viver e de conhecer. Logo, autotranscender-se superando, assim, limitações físicas, psíquicas e espirituais.

Na última parte do Caso R., que fala sobre a busca da cura através da arte, desde a tomada de consciência de que R. estava se curando, Maria Glória sustenta essa idéia supracitada quando diz: *"Confesso que, a partir daquela experiência marcante, quando vi a mão do aluno R. se abrindo diante de meus olhos e de todos aqueles que lá estavam, vivenciei um sentimento de esperança de cura, de libertação, de possibilidade de superação, que sentia em mim e no jovem R."* Essa

[313]TILLICH, 2005, p. 524.

fala indica que ela estava vivendo a criatividade em si, como processo dinâmico de abertura do seu corpo-criante para fora de si. Ela conseguia ver, perceber, pela sua sensibilidade intuitiva-racional, uma correspondência entre o seu pensamento e a estrutura da realidade fora dela, aqui seria as manifestações do R. diante dela.

A vivência desse sentimento, dessa percepção de correspondência entre o seu pensar e a realidade externa confirma a centralidade de Maria Glória diante dos desafios do mundo em seu entorno. Encontrar novos caminhos para oferecer a R. era ajudá-lo a sair de si e lançar-se deveras na criação da arte, no sentido de avançar no desenvolvimento de seus movimentos, de suas idéias e de sua fala, pois ele quase não conseguia expressar oralmente o seu pensamento. A vida, naquele corpo-criante, tinha que fazer a *autopoiese* de todas as suas dimensões, e fortalecer o movimento da sua razão profunda, para resgatar a harmonia do fluxo da energia do amor criante, como poder da auto-integração e da autocriatividade do Espírito de Deus, que dá o poder ser para recriar uma nova maneira de ser, desde a base biofísica até a sutileza do inconsciente espiritual. Com efeito,

> As dinâmicas do inconsciente espiritual estão em sua essência impregnadas de uma criatividade de natureza intencional que, por sua vez, é perpassada pelo fenômeno da intuição, ou seja, aquele natural, puro, irrefletido que explode nas ações humanas de maneira irrefletida e imprevisível.[314]

Maria Glória, na sua intuição, sabia que a missão não era fácil, e demandava persistência e muito amor para vencer as dificuldades que R. apresentava. No entanto, ela vive a experiência junto com R., como um momento de profundo aprendizado e de cura para ela e para ele. Ela dá testemunho de uma vivência de fé dentro de um processo criativo, que foi-se confirmando caminho de cura, especialmente para vencer as inseguranças na auto-afirmação em si, fora de si e para si. Maria Glória sentia uma força criativa incondicional, que lhe dava coragem para enfrentar os problemas e ir adiante. Diz ela: *"Reconheci que estava vivendo uma experiência ímpar em minha vida. Senti que uma força me impulsionava a não desistir, pois vislumbrava e intuía que algo bom estava acontecendo, e isto me dava segurança para continuar o trabalho com R. e os outros alunos."*

---

[314] DITTRICH, Maria Glória. O corpo-criante como centralidade de ética de cuidado à vida. In: TOMMASI, Sônia Maria Bufarah (Org.). **Revisitando a ética com múltiplos olhares.** São Paulo: Vetor Editora, 2005. p. 35.

Essa fala expressa a natureza da criatividade do corpo-criante de Maria Glória, como aquilo que é incondicional – o amor criante de Deus, que dá o poder para ser, conhecer, cuidar e conviver nas diferenças e singularidades humanas. Essa criatividade se faz intuição, percepção interior, que se manifesta fora de si e retorna para si, confirmando que está acontecendo uma correlação entre a existência e a essência, entre a interioridade e a exterioridade, entre a subjetividade e a objetividade, entre a emoção e a razão do ser humano. Esse movimento é estar sob o fluxo da fé como entrega à força criadora do amor criante, que transforma e abre caminhos para a realização humana, na arte, por exemplo. Esse argumento é confirmado nas seguintes palavras de Maria Glória: "*Várias vezes, sozinha em meu Atelier, pensando nas atividades para os encontros com os alunos, senti nascer do fundo de meu ser como que um movimento fervilhante, que se materializava no meio de meu peito, e me fazia sentir uma inquietação, como se fosse necessário gritar muito forte para dizer a mim e aos outros: a arte e a terapia de energização estão ajudando o aluno R., algo maior está acontecendo. Ele vai se curar e se livrar daquilo que o está travando. Eu creio nisto."* Com efeito, a aceitação incondicional de Deus produz, no ser humano, a coragem para aceitar sua humanidade. Isso, em si, já é uma cura . A realidade é transformada pelo ser humano através do amor [...][315] que se manifesta no seu espírito, que é unidade de poder e sentido para a vida. Nisso o corpo-criante do ser humano se auto-afirma para seguir o seu trabalho, a sua criatividade no mundo, na relação entre um eu e um outro.

Pode-se perceber esse argumento nas falas de Maria Glória, quando ela expressa que, diante da mudança de conduta de R., ela entendeu que já estava ocorrendo um processo de cura. A criação da arte, na sua concepção, estava causando impactos significativos na melhora do jovem R., e ela comunicou isso ao Diretor da APAE, acrescentando que estava interessada em pesquisar o que estava ocorrendo. Complementa ela que "*O diretor acatou a idéia e disse acreditar que possivelmente isto estava ocorrendo e que a APAE tinha todo o interesse em colaborar, pagando um filmador para documentar as aulas. Confirmou que, nos trabalhos dentro da APAE, o aluno vinha melhorando significativamente. Sentia que sua auto-estima estava melhor, pois se mostrava mais participativo e esperto em tudo".*

---

[315] Cf. CASTRO, 2007.

Tillich defende que o processo de cura é rico, é a vivência do poder ser e a coragem de descobrir o sentido de poder ser. Logo, a cura implica ação de uma atitude pessoal de fé para ser, criar e aprender com a própria criação. Confirma o teólogo:

> Quando tomo uma decisão, é a totalidade concreta de tudo o que constitui meu ser que decide, [...]. Isto se refere à estrutura corporal, aos impulsos psíquicos e ao caráter espiritual. Isto inclui as comunidades às quais pertenço, o passado que recordo e não recordo, o ambiente que me moldou, o mundo que causou um impacto sobre mim.[316]

Tillich traz uma idéia interessante que corrobora para explicar a tomada de decisão de Maria Glória no desenvolvimento da cura de R., desde a criação na arte pictórica, até o seu entusiasmo para a realização deste trabalho. Certamente, tanto Maria Glória como R. estavam experimentando a vivência na arte como um vivenciar de suas próprias criatividades no mundo.

Com efeito, a forma de ser do corpo-criante, na sua criatividade, se torna aquilo que é, a força criadora do amor criante, para poder ser e conhecer consigo mesmo, com o outro, com o mundo e com Deus – preocupação última de seu ser.

Maria Glória e R. experimentavam a si mesmos, suas limitações e potencialidades, vivenciando as práticas na criação da arte. Essa auto-relação está bem posta nas seguintes falas de Maria Glória, as quais relatam a prática artística no ensino da arte: *"Durante os exercícios, ficava pensando assim: agora vamos fazer este exercício e quero jogar uma energia de muito amor, de paz e harmonia. Eu desejo que eles sintam isto. Que este desejo de paz e harmonia vá para dentro de cada um e ajude a transformar aquilo que não está bom. R., aqui para ti, esta energia de bem. V., aqui para ti... . P., aqui para ti...". "Após cada sessão de energização dos processos vital-cognitivos, eu fazia com os alunos uma reflexão sobre um tema, uma mensagem que os ajudasse a pensar sobre a vida e o seu sentido. Era um momento em que, certas vezes, os alunos pensavam profundamente. Em seguida se trabalhava na criação da arte pictórica. Assim, foram se passando semanas e R. foi melhorando."*

Essa prática está mostrando que a criação da arte ocorre objetivamente no

[316]TILLICH, 2005, p. 194.

corpo-criante do ser humano. Ele, na sua complexidade vital-cognitiva, material-espiritual, tem que ser respeitado, amado e por isso cuidado, preparado, introduzido para a celebração da criatividade do amor criante revelar-se em cor e imagem.

Maria Glória, nessa energização, mostra uma maneira de ser subjetiva, que, certamente, na prática objetiva sensibilizava o soma, a psique, o espírito do corpo-criante. Ela interagia de sua pessoa espiritual diretamente para a pessoa espiritual do outro, na integralidade de suas dimensões. Essa característica é fundamental um processo arte-terapêutico, no qual não se analisa a arte em si, mas a arte como processo de criação e expressão da criatividade humana. O ser humano, nessa proposta é visto como um corpo-criante multi e transdimensional, por isso, "capaz de se organizar, frente às interferências educativas, no seu pensamento e ações, para, assim, superar as suas dificuldades e ampliar suas possibilidades de aprendizagem e ações no mundo."[317]

O trabalho de energização dos processos vital-cognitivos implicava num processo de ensino-aprendizagem arte-terapêutico. Nesse, eram desenvolvidos movimentos que nasciam da centralidade do corpo-criante. Esse abria-se para fora de si, no encontro com o outro, e no movimento de retorno para si, desde a reação do outro e o registro de sentido dessa reação na sua razão profunda.

O corpos-criantes do R. e da Maria Glória e dos outros alunos vinham carregados de uma intencionalidade e vitalidade[318] de amor criante que, em forma de gesto e palavra, acolhia, cuidava e ensinava a viver na arte da criatividade do corpo-criante como um aprendizado terapêutico e de conhecimento de si e do outro. O corpo-criante tornava-se o centro do processo da criação da arte. Esse processo já começava seu percurso na preparação da energização e da tomada de consciência das manifestações emocionais e racionais do corpo-criante diante do outro interagente. Esse argumento tem sustentação na prática de Maria Glória,

---

[317] DITTRICH, Maria Glória et al. Amparar e educar para salvar vidas: uma proposta interdisciplinar de extensão. In: 5º FÓRUM DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA ACAFE, 2004. Blumenau. **Anais Múltiplas dimensões da extensão universitária.** Blumenau: FURB, 2004. p. 193-194.

[318] A intencionalidade implica aquela ação que se dirige para "viver em tensão com (e para) algo objetivamente válido. A dinâmica do ser humano, sua vitalidade criativa, não é uma atividade sem direção, caótica, auto-suficiente. É uma atividade direcionada, formada; ela transcende a si mesma na direção de conteúdos significativos." "Vitalidade é o poder que mantém um ser vivo com vida e crescimento. O élan vital da substância viva é o impulso criador de novas formas em tudo o que vive." TILLICH, 2005, p. 189, 190.

quando ela explica uma passagem de estimulação da sensibilidade e de reconhecimento do corpo-criante de R.: "*Várias vezes, eu me sentava junto a ele, quando desenvolvia exercícios com suas mãos, com o objetivo de aguçar a sua sensibilidade tátil e a abertura de suas mãos. Sobretudo, buscava, naquele momento, a troca de afetividade, quando lhe perguntava sobre o que ele queria ser no futuro. Muitas idéias surgiam. Eu acolhia e sempre deixava um estímulo, dizendo que ele já estava ficando bom e que ainda iria dançar no baile e pintar para poder vender sua arte. R. ficava animado."*

Essa interação mostra uma carga afetivo-emocional de confirmação da presença do outro como acolhimento e ternura, num processo de descoberta das potencialidades e das dificuldades de um corpo-criante. A afetividade no ensino da arte é a mola propulsora do desenvolvimento e crescimento integral do sujeito, porque motiva e significa qualificavelmente a experiência educacional.[319] Isso se evidencia nas seguintes falas de Maria Glória, contando da cura de R.: *"A cada semana que se passava, eu percebia que o corpo e especialmente as mãos dele estavam cada vez mais abertos e flexíveis. Ele já não babava mais, nem comia com a boca aberta, e procurava se comunicar com mais freqüência. Apresentava-se com uma postura corporal mais erguida e firme, apesar das deformações nas pernas e pés. Seu olhar era brilhante e o sorriso no seu rosto manifestava-se com mais freqüência. O meu sentimento, ao olhar para ele, era de que a vida começava a fazer um novo curso e processo dentro dele. A esperança que passava em meu coração era de um renascer do ser*."

Essa percepção de Maria Glória aponta uma relação educativa arte-terapêutica, em que a criatividade do amor criante se manifestava numa afetividade imprescindível e preponderante para a cura de R. Ela diz que via o olhar dele com mais brilho, e que "o *sorriso no seu rosto manifestava-se com mais freqüência."* E isso lhe causava um sentimento de que "*a vida começava a fazer um novo curso e processo dentro dele. [...] era de um nascer do ser*." Tudo estava mudando, suas mãos abriam, sua boca não babava mais, seu corpo estava mais flexível e ele já conseguia falar melhor. Esses eram sinais efetivos de que a cura de fato estava

[319] DITTRICH, Maria Glória, ESPÍNDOLA, Karla. A afetividade na formação educacional no ensino da arte pictórica. III JORNADA PEDAGÓGICA NACIONAL DO SINPRO. 2005. Itajaí. **Anais Educação: processos, construções e críticas.** Itajaí: Sinpro, 2005. p. 263-271.

acontecendo e as interações afetivas cada vez mais confirmavam e potencializavam a expansão da criatividade como manifestação genuína do amor criante de Deus, dando mais vida na auto-integração de todos os elementos da estrutura e organização dos corpos-criantes de R. e de Maria Glória.

Algo estava acontecendo nas profundezas do corpo-criante, em informação e ação quântico-espiritual. O afeto incondicional é vibração espiritual de natureza divina e dinamiza as potências criadoras do ser humano, gerando motivações intrínsecas no seu corpo-criante, que permitem a vontade espontânea no desenvolvimento e na construção de experiências criativas e reflexivas.

Esse processo aconteceu para a cura de R., pois, como bem diz Maria Glória: *"A transformação de R. estava contaminando positivamente todo o grupo e especialmente a mim mesma. As pessoas chegavam alegres e participavam das atividades com muita alegria. Várias vezes percebi a aula como uma festa da criatividade humana na arte e no viver amoroso entre todos e tudo. Inclusive perguntava para os alunos se era bom estar fazendo arte no Atelier. Eles respondiam que sim. A aluna V. cantava, enquanto fazia sua arte: "Simmmm... fazer arte é muito bom, bom, bom, bom!"*

A alegria, quando surge nos processos de criação da arte, revela expansão da vida, sentimento de liberdade, criatividade, vivência no amor. A alegria natural, espontânea, é força curativa. Ela é verdadeiramente libertadora, porque acontece diante de um eu e de um outro, que se reconhecem e se acolhem como legítimos na suas criatividades. Esse reconhecimento é fé. É sentir-se integrado na força do amor criante que atravessa soma, psique e espírito. Com efeito, viver isso é viver a cura como processo permanente da criatividade, que nasce na base espiritual do corpo-criante e se faz objetiva na energia da vida que sustenta a sua estrutura biofísica e psíquica.

Quando o corpo-criante se expressa em alegria, algo surge, impulsiona a vida para se criar e se autotranscender nos limites de um corpo-criante, como o de R., por exemplo. A transformação de R., reconhecida não só por Maria Glória como também pelo Diretor e Psicólogo da APAE e seus amigos, sinaliza a efetiva ação da criatividade do amor criante como um poder, uma força vital-espiritual presente nele,

e que surge graças à atividade humana de apreensão e configuração de si, do outro e do mundo. Parafraseando Tillich, o ser humano usa o material que a natureza lhe fornece e cria formas técnicas que transcendem a natureza e formas culturais que têm validez e sentido. Vivendo nessas formas, ele se transforma a si mesmo ao mesmo tempo em que as gera. Ele não é só um instrumento para sua criação, mas é, ao mesmo tempo, seu portador e o resultado nele operado pelo efeito transformador dessas formas.[320]

Essa idéia de Tillich corrobora para explicar a superação de R. nas suas limitações motoras, na criação da arte. Como conta Maria Glória, ele estava entusiasmado com a criação na arte. Sua dedicação e amor pela arte eram notáveis na alegria que ele passava nas relações no Atelier. Cada vez mais ele estava consciente do seu corpo-criante e da sua vontade de vencer.

Ele mostrava que queria superar as suas dificuldades de manusear o pincel, de abrir os tubos de tintas, de fazer os exercícios na energização, de poder falar e de poder auto-afirmar-se diante do outro. Apesar de suas dificuldades, ele queria ser reconhecido como alguém capaz de ser por si só. E a criação da obra de arte lhe dava abertura para descobrir-se e a coragem para mostrar-se ao outro, sem medo e temor de rejeição. Para tanto, Maria Glória, ao perceber isso, preparou uma atividade na criação da arte na técnica do pontilhismo, que exige um domínio de coordenação motora fina, e sensibilidade na percepção e uso das cores.

"No entanto, para a surpresa de todos, R. empenhou-se em trabalhar a sua obra de 40x40 cm, em seus detalhes mais específicos e minúsculos. Ele se dedicou durante um mês e meio à criação dessa obra. E, ao terminá-la, R. mostrou objetivamente que estava superando problemas psíquico-físico-espirituais. Primeiro, porque sua coordenação motora manual começou a firmar-se. Ele demonstrou noções de limites para as formas da composição do desenho. Suas mãos, bem mais abertas, conseguiam flexibilizar seus dedos para pegar o lápis de cor com segurança, aplicando a cor no detalhe preciso do desenho. Segundo, porque seus movimentos para pintar sobre o papel mostravam controle do espaço a ser pintado. A mistura de cores que ele utilizava expressava sua consciência para o movimento de luz e sombra, dominando os volumes e a perspectiva do desenho. Terceiro,

[320]TILLICH, 2005, p. 191.

porque o conjunto de todos os detalhes realizados para compor a obra expressava algo vivido internamente, que foi nascendo pouco a pouco, mostrando-se como um momento de criatividade do ser criador, que se reorganizava frente aos desafios da vida e se manifestava na arte através de imagens coloridas, com harmonia, beleza e equilíbrio."

Essa descrição de Maria Glória aponta um fenômeno de cura que se revela no corpo-criante de R., e exige uma profundidade explicativa, cuja complexidade e mistério a teoria, por mais potente que seja, não alcança. Aqui não se tem a pretensão que chegar à verdade última, até porque isso seria uma arrogância científica. No entanto, o fenômeno da cura aconteceu e vale lembrar que R., antes de chegar ao Atelier de Arte, era um caso para o qual a medicina não tinha muitas soluções. Ele ficara dezoito anos vivendo suas graves dificuldades acima descritas. No entanto, uma prática educativa na criação da obra de arte foi altamente terapêutica, pois oportunizou a cura. Será por quê?

Certamente muitas causas contribuíram para a cura de R. No entanto, a sua vivência na criação da obra de arte lhe foi altamente interventora para dinamizar todo o seu processo biológico, psicológico e espiritual.

A criação da obra de arte foi para ele um mergulho nas profundezas de seu fundamento último, fulcro do amor criante como força espiritual plena de criatividade para desenvolver-se e poder ser no mundo, realizando-se como pessoa que procura um sentido para viver. Ao fazer a sua obra ele tomou consciência dos movimentos de seu corpo-criante diante de um objetivo que o mundo externo (Maria Glória) lhe indicava e esperava que ele pudesse cumprir. Com efeito, "tanto o domínio técnico quanto a liberdade são conquistas que abrem novas possibilidades para a expressão de sentido e isto se exemplifica na vida intelectual e nas artes de modo patente".[321]

Segundo Maria Glória, *"a criação dessa obra foi para R. uma experiência de criatividade e de auto-afirmação do seu ser."* Confirma ela: "*Eu, que o acompanhei no processo de criação, confirmei isto quando lhe perguntei: R. como você está se*

---

[321] GROSS, Eduardo. Elementos do pensamento de Schelling na obra de Paul Tillich. **Numem, Revista de Estudos e Pesquisa da Religião**, Juiz de Fora: Editora UFMG, v. 7, n. 2, p. 79-99 ago. - dez., 2004.

sentindo ao fazer este trabalho com tantos detalhes? Responde ele: "*Bem,* (tempo para continuar a falar) *bem".* E continuou: "*Esta obra de arte está muito linda e muito bem-feita. Eu vi o quanto você se esforçou. O que ela significa para você, R.?" Depois de um momento de silêncio, ele respondeu olhando para a obra: "Muito!" (fez-se silêncio) "Muito!".*

A resposta de R. revela que a obra de arte, para ele, era referência para o seu ser no mundo. Ela representava tanto que era impossível ele dizer o que ela significava mesmo. Por isso, sob o impacto da razão profunda de sua pessoa profunda espiritual, a sua percepção vive o silêncio como sinal de que algo dinâmico e estático se encontra numa estrutura de corpo-criante e se recria para dizer algo que registra uma nova direção, uma nova maneira de poder ser e de dar sentido à própria vida. O *muito* é aquilo que não se sabe exatamente o quanto é, porque remete para o infinito, para o silêncio da plenitude do Espírito abissal, que irrompe no espírito humano e se faz criatividade, sentido para a vida. Essa breve fala de R. leva a crer que ele estava vivendo, na criação da arte, a integração do si mesmo pessoal, que só é possível mediante a sua elevação até aquilo que se chama simbolicamente de si mesmo (ou personalidade) divino, que está no Espírito criador do amor criante do fundamento último. Com efeito, "e isso só é possível graças à irrupção do Espírito divino no espírito humano, isto é, pela presença do Espírito divino"[322].

O processo de cura de R. e a própria prática de Maria Glória sinalizam uma vivência de revelação do Espírito de Deus atuando no espírito humano desde a criatividade, seja na criação da arte como produção, ou nas ações de acolhimento e cuidado para com o outro. E isso é pertinente porque Maria Glória, consciente da cura de R., estava interessada em investigar mais sobre o que estava se passando nele. Diz ela: "*Sob o impacto da experiência, perguntei ao aluno o que ele queria dizer sobre a sua criação. Depois de um momento de silêncio, e de olhares em várias direções, ele falou, balançando a mão para cima e para baixo: "Oh... muuuito tra... balho". [...] Afirmei que a obra era digna de ser exposta em um salão de arte, pela sua harmonia e beleza. [...] O jovem, sorrindo e balançando a cabeça, ficou olhando para a obra com carinho e admiração.*

---

[322]Cf. HIGUET, Etienne Alfred. **Saúde, cura e salvação no pensamento de Paul Tillich**. Disponível em: <http://www.angelfire.com/sc/paultillich/artigo3.html>. Acesso em: 21 mar. 2007. p. 5.

Essa relação da Maria Glória com R. mostra abertura e confiança e, sobretudo, reconhecimento de que a obra de arte expressa um processo interior da espiritualidade humana, o qual demanda respeito e atenção. A obra para R. tinha um sentido de trabalho, de realização pessoal. "O trabalho [...], seja profissional ou particular, anda lado a lado com a realização de valores criativos", e "dá asas à pessoa que o realiza procurando fazer uma obra que esperou por esta pessoa [...] e isto durante toda a vida".[323]

A obra de arte era o sinal da vida se criando e encontrando seu sentido de ser num corpo-criante que, na sua divina *autopoiese,* se auto-afirmava como um poder ser no mundo. A obra representava a confirmação fiel de sua capacidade de vencer limites, pois remetia a uma criatividade subjetiva abissal, cuja natureza era o seu próprio fundamento último – Deus, o pleno amor criante da vida da vida e que a transcende, pois é Ele seu fundamento último. Morin, quando fala sobre a natureza da vida, em sua obra O Método II, reconhece que a vida da vida é sustentada por aquilo que liga e tem o poder de dinamizar a matéria *genésica* em processos de caos e ordem, para que surja a auto-organização como um fenômeno necessário para que a vida procrie permanentemente. Diante disso, pergunta-se: o que é esse algo e qual é o seu fundamento para ser?

Zubiri vai dizer que uma obra é expressão de uma criação e por si mesma tem seu próprio fundamento formal transcendente. Pois, para ele, a criação de uma obra implica transcendência e essa se efetiva como uma maneira de ser do criador, presente nela. Com efeito, esse modo remete para o seu fundamento real, último. Por isso, a obra é sinal de transcendência, não na direção do externo, mas na direção do abissal, do interno profundíssimo, Aquele que dá a força e o sentido de criar.[324]

A obra de arte, tanto para R. como para Maria Glória, tinha um sentido de conquista, realização pessoal, caminho de cura. Ela simboliza a fé como a realização de um estar possuído por uma força divina, criativa, que tinha o poder de curar o ser do corpo-criante, fazendo-o criar.

Isso é verdadeiro porque relata ela: "*Semanas após semanas foram se*

[323]LUKAS, 1992, p. 152.
[324]Cf. ZUBIRI, 1988, p. 175.

passando e o aluno R. vinha mostrando que estava se transformando. Ele me indagava, querendo saber sobre as músicas que eu colocava para animar o espaço de aulas. Um dia perguntou se eu poderia gravar um CD que tocava durante as aulas com músicas nativistas. Eu perguntei para que ele queria. Respondeu que queira escutá-lo quando estivesse pintando em sua casa. Quando falou isto, expressou em sua face uma alegria ao informar-me que estava criando uma obra de arte para vender e que essa já tinha dono. [...] Nessa conversa, o jovem R. disse que sua vida estava melhorando porque ele estava ganhando dinheiro com os tapetes que produzia na APAE, juntamente com um professor, que o estava incentivando muito para tornar-se um profissional, e que, nos finais de semana, estava pintando para comercializar seus quadros. Explicou que o referido professor, que o orientava na tecelagem de tapetes, elogiou o trabalho que eu vinha fazendo no campo da arte e disse para ele aproveitar bem. Eu mostrei que senti alegria ao receber essa notícia. Essas colocações reconfirmaram para mim que ele estava amadurecendo e tomando consciência da sua capacidade de, por si mesmo, pela sua criatividade e trabalho, dar um sentido novo para a sua vida e superar os seus limites físico-psíquico-espirituais. Isto foi tão real que a aluna P. percebeu e falou: 'Profe, ele vai ficar rico. Tu vais ficar rico, trabalhando assim. Eta, rapaz foguete!'".

Esse depoimento reforça o argumento acima. A vivência de criação na arte foi consolidando-se como um processo de fé, que se efetivava em um trabalho que levou à descoberta de valores criativos para R. dirigir sua vida. Essa vivência foi o processo de cura de R. Esse foi marcadamente desenvolvido pela criatividade de seu corpo-criante, que dinamizou processos biológicos, neuropsíquicos, que encontravam sua sustentação no fundo da vinda da vida plena. Essa vinda da vida, pelo exercício criativo consciente, pouco a pouco foi emergindo e estremecendo as barreiras, os entraves bloqueadores do pensar, do agir e do falar de R.

A vida naquele corpo-criante fez o seu processo do amor criante: uniu o que estava separado, separou o que estava unido, para reconfigurar uma nova estrutura na sua rede psicossomática. Por analogia metafórica, pode-se dizer que, certamente, ocorreu no interno de sua rede psicossomática uma grande dança de *peptídeos*. Esses microcorpos-criantes, com suas intencionalidade e vitalidade, sob o fascínio da beleza da música do amor criante do Espírito de Deus, que irrompia das profundezas de R., dançavam, e ao dançar criavam, sob o poder da vibração do

som da criatividade do amor divino. Dentro de numa grande evolução criativa, os *peptídeos* foram tomando todo o espaço dos sistemas neurológico, endócrino, imunológico e circulatório do corpo-criante. Essa dança dos *peptídeos* (macromoléculas neurotransmissoras) foi a vida da Vida, fazendo o seu percurso de auto-integração, autocriação e autotranscendência, sob o poder do amor criante de Deus, que transforma, logo, cura.[325]

Essa explicação mostra que a cura é sempre um processo permanente de desenvolvimento do ser humano, porque é o resultado da vivência da criatividade do amor criante do Espírito de Deus no espírito humano. Por isso, a cura na criação artística atinge uma dimensão espiritual. Sustenta-se esse argumento com Zubiri, quando ele afirma: "A função de Deus na vida é, [...] especialmente uma função que se dirige à plenitude da vida, e não a sua carência. Deus não é primeiramente uma 'ajuda' para atuar mas um 'fundamento' para ser".[326]

A vivência das práticas na criação da arte por R. e Maria Glória estavam fundamentadas no amor criante de Deus. Elas foram se consolidando na vivência da fé na cura como um processo criativo, espiritual, de auto-afirmação do ser humano, no desenvolvimento de seu ser no mundo. As relações culminavam no reconhecimento do poder ser do corpo-criante, dentro de um espírito de amorosidade na convivência criativa.

Essas falas de Maria Glória e de R. comprovam isso: "*Vá fundo, R., querido, você é especial. Você está ficando todo dia melhor. Até está mais bonito. E ... eu percebi como você está ágil e rápido para espatular o seu trabalho. Aliás, este trabalho que você está realizando agora está ficando super. O que você vai fazer com ele, vender, também?" R. disse que não. Que aquela obra ele iria guardar para si em seu quarto. O trabalho nasceu inspirado em uma obra de minha autoria que ele admirava muito. Era uma obra que mostrava uma criação cósmica, como se fosse um grande coração, útero, que se movimentava circularmente mostrando o*

---

[325] Dentro da ciência, muitas vezes a analogia e a metáfora ajudam a dizer aquilo que não se consegue dizer dentro de uma linguagem puramente formal científica, como é o caso agora para explicar a cura de R. dentro desta tese com suas características. No entanto, a seriedade e a co-responsabilidade para com o conhecimento na ciência não ficam comprometidas; ao contrário, ajudam a dar força explicativa.

[326] "La función de Dios en al vida es, [...] una función que se dirige a la plenitud de la vida, y no a su indigencia. Dios no es primariamente una 'ayuda' para actuar sino un 'fundamento' para ser. ZUBIRI, 1988, p. 161.

movimento criador do universo, que se expandia em energia vibrante, em cores azuis, amarelas, rosáceas, lilases e verdes. A partir dessa obra de arte, R. criou uma pintura artística abstrata, na técnica do espatulado, nas seguintes cores: azul, pink, amarelo, verde e vermelho. A obra suscitava uma imagem humana de braços abertos, como se tivesse um grande coração sagrando."

A criação de R. remetia para um movimento de sua criatividade como revelação de um impacto espiritual que o fez lançar-se para além de si, criando a obra. Esse impacto aparece na obra e confirma o sujeito criador como forma humana, que é um corpo-criante o qual tem em si um centro vital-cognitivo-espiritual, afetivo-racional – o coração. Frankl diz que "desde o recôndito do inconsciente espiritual 'emerge de quando em quando a transcendência reprimida em forma de uma 'inquietude do coração'".[327] Ao criar a obra de arte, R. expressa emoções, sensações arquivadas nas suas memórias celulares, e essas encontraram sua razão de ser na sua história filogenética e ontogenéticamente.

O ser humano, no seu processo de gestação intra-uterino, desenvolve primeiramente o seu coração antes que surge a sua cabeça, local do sistema nervoso central. O símbolo coração é tratado na cultura universal como o símbolo do amor, da vida e da morte, da finitude e da infinitude. Quando Maria Glória fala da imagem do coração vermelho que o R. pintou, como se ele estivesse sangrando, traz uma mensagem de revelação desde a criatividade na arte. Na cruz, o corpo-criante de Jesus Cristo, filho de Deus, sangrou e vivenciou a sua finitude de humano – divino. Isso foi dor física, psíquica e espiritual. Foi a encarnação do sofrimento por amor, pelo amor à criação do universo inteiro e especialmente ao ser humano. Foi a entrega de um corpo-criante divino-humano a uma *autopoiese* em que o amor criante de Deus venceu a morte e a doença dos entraves da vida. No sofrimento da cruz, o coração de Jesus Cristo sangra e vive a dor de todos os homens. Ao viver a dor de todos, sabe acolher e lavar as feridas que sagram em cada corpo-criante e no de R. e de Maria Glória também.

As feridas, sob o impacto da criatividade do amor criante de Deus, são transformadas em força espiritual, com poder curativo. Com efeito, o corpo-criante, quando sob o impacto da revelação, no processo de criação da arte, vive um

[327] Citado por XAUSA, 1986, p. 190.

processo de libertação como uma tomada de consciência de poder ser e criar o novo, que simboliza amor criante, vida nova, um novo recomeçar com alegria e esperança.

Esse raciocínio encontra eco nas seguintes passagem do caso: "*Eu sentia o entusiasmo do jovem no processo da criação daquela obra de arte. [...]. Posicionado de frente para a sua obra, com a ponta da espátula indicando um ponto de intenso colorido, simplesmente dizia: 'Oh... Glori...nha, oh!' Seu corpo de pé, embora apresentasse dificuldades no seu alinhamento, mostrava-se firme na sua maneira de se posicionar. Seu olhar era expressivo, inquiridor,* amoroso e curioso. *Percebi o desafio, aproximei-me dele e perguntei: R o que você quer dizer com esta parte redonda, azul e vermelha em seu trabalho? Ele esticou os lábios para frente, balançou os ombros e a cabeça, como que dizendo: nada, nada, eu não sei, eu não sei. Coloquei a mão sobre o ombro dele e insisti: Mas, R. o que significa para você este trabalho, esta parte que parece algo muito belo e grande? Fez-se um silêncio, e eu fiquei olhando para ele, e ele ficou olhando para a obra de arte, especialmente aquele ponto que havia apontado antes. Então, batendo no peito dele, eu disse: Fale, R., diga o que está em seu coração. Vá... você sabe! Você é um sujeito muito especial, criativo. Seu trabalho está uma beleza, lindo! Diga para todos nós, diga... o que está em seu coração. Naquele momento, olhando para o seu trabalho, R. falou em voz baixa: 'aaa...mor'. Eu não entendi bem o que ele disse e perguntei novamente: O que é mesmo, R.? Diga de novo, e bem alto para todos escutarem. Diiiiiiiiiga! O jovem inclinou seu corpo para frente em direção à obra e expressou a palavra: amor, amor. Eu e os outros alunos que se faziam presentes escutamos e vibramos com sorrisos. Toquei com a mão o peito e as costas dele e em seguida passei a mão em sua cabeça, expressando a seguinte frase: R., é amor, que belo! Lindo! Grande, [...].*

Essa experiência mostra uma vivência de cura espiritual como processo evocativo da própria criatividade do ser humano. Esse processo confirma que a base que sustenta o corpo-criante na criação artística é a criatividade do amor criante que se faz revelação do Espírito de Deus através das manifestações da razão profunda. Ao ir nascendo a obra de arte, o mistério da razão profunda se faz correspondência entre os sentimentos internos e as apreensões externas do corpo-criante. E a busca do ser humano é o sentido do viver e parece que a causalidade desse sentido para

R. e Maria Glória está na ultimidade de sua razão de ser no mundo, a vivência do amor criante como força que realiza do ser humano e por isso traz um sentido subjetivo para ele viver criando. Logo, curar-se é viver a criatividade e tomar consciência de seu significado no cotidiano da vida.

Tillich afirmava que aquilo que preocupava o ser humano na sua existência, e de forma última, tinha ligação com o processo de revelação do Espírito criador - Deus . Ao criar, R. viveu, pela sua razão profunda, um processo de auto-integração das suas dimensões somático-psíquica e espiritual. Ele tomou consciência das suas percepções imediatas, vividas em si e fora de si. Sua procura é adequá-las sob a luz da sua razão profunda à medida do possível, e essa adequação teve razão de ser no amor criante, incondicional, que foi a força propulsora do seu processo de cura. Com efeito, o sentido que ele deu para a sua obra passa pela correlação entre os registros da sua interioridade e as manifestações na sua exterioridade (o mundo, a cultura). Dentro desse processo *autopoiético,* ele foi superando-se cada vez mais nas suas dificuldades. Por isso, Maria Glória reconheceu que ele estava muito mais capaz de viver sua autonomia dentro de uma heteronomia social, cultural. Registra ela: "*Eu percebia, tanto nos exercícios de harmonização quanto no desenvolvimento da criatividade na criação das obras de arte, que ele estava melhorando cada vez mais. Suas mãos eram ágeis e abertas, seus dedos mostravam domínio na coordenação motora fina. Ele estava mais solto, alegre, conversador, embora ainda apresentasse dificuldades para expressar as palavras com clareza. Sua pintura desenvolvia-se em abstratos que mostravam equilíbrio, força, rebeldia, caos, ordem. R. mostrava-se feliz e entusiasmado na criação. Tinha prazer em mostrar a sua obra. Dizia: 'Glorinha, ó...!' Quando falava isto, levantava o polegar direito como querendo afirmar que a obra estava bela aos seus olhos. Certo dia, ao chegar à sala de aula, R. apresentou-se sorridente, dirigindo-se a mim e logo mostrando a medalha dourada que havia conquistado, pela sua obra exposta em um Salão de Arte Nacional, dirigido pelas APAEs, e que recebeu o 1º Lugar. Sua alegria era radiante, diante de mim. Seu rosto era calmo e iluminado por uma satisfação que vinha das suas profundezas. Ele só mostrava a medalha, que estava pendurada em seu pescoço, segurando-a na mão para que eu pudesse apreciá-la.*

Mostrei, pelo olhar expressivo e aberto, a minha admiração e alegria. Dizendo: RRRRRRRRR.! Que lindo! Parabéns! Você merece! Abracei-o

carinhosamente e continuei: Riiiiii...ca, você tirou o primeiro lugar. Que super! Mas qual foi a obra? Respondeu que tinha sido a obra em que ele mostrava um grande coração que significava amor. Então afirmei: Viste, eu não disse que você ainda ia expor seu trabalho em Salão de Arte? Meu Deus, que coisa boa! R., você é um vencedor, um exemplo para todos nós. Naquele momento, Ricardo, olhando para mim e para sua medalha, afirmou forte: 'É memo!'"

Essa passagem confirma que o processo de cura de R. tinha uma dimensão espiritual. Pela sua criação ele conseguiu autotranscender-se no sentido de vivenciar o amor criante como força para vencer as suas deficiências e para se auto-afirmar no mundo, desde o reconhecimento do seu próprio poder de ser, como um dar-de-si mesmo para vencer. Tillich defende, em algumas passagens de sua Teologia Sistemática, que a cura tem um caráter teônomo porque a revelação de Deus, através da obra de arte, se faz palavra para o sentido de vida. A obra de arte, como palavra revelada pela criatividade do amor criante, "não só simboliza a relação de Deus com o ser humano, mas também enfatiza a santidade de todas as palavras como expressão do espírito."[328] Nesse viés, a obra de arte para R. e Maria Glória tornou-se mediação para a cura como um processo de revelação que, pelo reconhecimento do amor, venceu as dores das marcas do passado, que se manifestavam em forma de angústia, de impotência para poder ser diante do outro e de si mesmos. Com efeito, a angústia do futuro, do amanhã, de não saber o que fazer e como fazer foi vencida pela descoberta de uma nova maneira de ser e de conviver. A fé na posse do amor criante de Deus se fez vida nova. Tillich reforça esse argumento, dizendo: "A fé no Deus eterno constitui a base para uma coragem que vence as negatividades do processo temporal."[329]

Essa idéia de Tillich e todos os argumentos acima desenvolvidos se confirmam na prática do Caso R., quando Maria Glória vai descrevendo passagens que comprovam a conduta de R. mais feliz e capaz de posicionar-se no mundo: "*R. foi, cada vez mais, ganhando autonomia na sua maneira de pensar, agir e criar as suas obras. Seu amor e gosto pelas aulas de arte pictórica eram notados pelo seu entusiasmo e persistência, dedicação e concentração no trabalho. Nas harmonizações mostrava-se com capacidade de desenvolver todos os exercícios de*

[328]TILLICH, 2005, p. 247.
[329]TILLICH, 2005, p. 281.

coordenação, bem como mantinha-se ativo e atento. Nas criações, sua criatividade se expandia significativamente. Seu gosto pelas cores azul, verde, lilás e vermelho era marcante. Iniciava seu trabalho pintando com coragem de enfrentar uma tela branca sem ter um esboço anterior. Sua forma de pintar era arrojada. Quando perguntado sobre o que estava fazendo, dizia: 'Criando, botando pra fora'. Uma pergunta que eu trazia à tona durante o desenvolvimento do trabalho do aluno R. era ***o que a arte significava para ele.*** *Ele dizia: 'Muito. Muita coisa. Eu gosto... pintá. A arte, oh! ajuda. Oh! Glorinha ....alegria. Ummmm... tá bonito.'[sic] Com este sentido na criação da arte, R. não faltava às suas aulas de arte. Certo dia, a APAE avisou-me que os alunos não viriam para a aula porque não havia transporte disponível. Como de praxe, mesmo naquela tarde, sabendo que os alunos não estariam, eu estava trabalhando com outros alunos que vieram recuperar aulas. No entanto, por volta das 14h 30 min., R. apareceu no Atelier, todo suado e com o rosto corado. Eu, assustada, perguntei-lhe: 'R., você veio? Como assim? A APAE sabe?' [...] 'Eu vim... pé. Quanannnn... eles disseram ... não tem Kombi. Ah... eu disse: vou a pé. E vim'. Escutando isso, fiquei encantada e indaguei: 'R., você veio a pé, com a sua mochila, desde a APAE? Sozinho? Você atravessou a cidade, as sinaleiras, sozinho?' O jovem contou que saiu da APAE sozinho e caminhou atravessando todas as ruas e sinaleiras até chegar ao Atelier. Quando ele contava, seus olhos brilhavam de alegria. Eu estava assombrada diante do fenômeno. Confesso que, naquele momento, estava cada vez mais consciente da cura dele. Ele se mostrava um ser humano que estava tomando suas próprias decisões. E, com autonomia, locomovia-se mesmo com dificuldades físicas. Percebi que ele sabia manejar o dinheiro, também. Ao perguntar-lhe se tinha dinheiro para pagar o ônibus, ele, imediatamente, tirou de seu bolso um dinheiro e disse que sim. Essa experiência foi marcante, no sentido de confirmar um processo de auto-superação de um ser humano, que desde três anos de idade vivia na dependência de outros, pelas suas dificuldades físico-psíquico-espirituais. A continuidade do processo de cura de R. foi surpreendente. Segundo o diretor da APAE, nas relações educacionais ele foi se mostrando auto-suficiente e impondo-se nas suas idéias e decisões. A continuidade dos trabalhos no ensino da arte foi a confirmação da cura de R. Pois o desenvolvimento da prática e da pesquisa que eu realizei levou-me a fazer palestras em dois congressos científicos na área da saúde e da educação, em que o jovem R. também participou, ajudando em duas oficinas de arte para médicos, psicólogos, odontólogos e*

professores. Hoje, R., cidadão brusquense, está incluído no campo profissional através de um concurso público na Prefeitura Municipal de Brusque, tornando-se servidor público no trabalho ambiental, atuando no horto florestal desse município."

Ao término deste exercício hermenêutico, a percepção da pesquisadora chega a uma compreensão de que o Caso R. foi uma experiência de revelação da criatividade do amor criante Deus desde a vivência na criação na arte. A fé, como a vivência profunda de um poder ser amoroso, que fortaleceu o corpo-criante para transcender suas dificuldades, foi pura manifestação do Espírito de Deus para que R. pudesse ir superando as suas várias dificuldades de poder e de sentido, e Maria Glória também. A cura aqui foi um processo que se desenvolveu muito bem e que certamente não acabou nessa experiência, pois o ser humano, na sua finitude, precisa curar-se todo o tempo. Essa é a gênese da criatividade do amor criante de Deus na vida do ser humano. A cura profunda é espiritual, e pode acontecer através da criação da obra de arte porque se torna palavra de confirmação da Presença do Espírito de Deus na vida do ser humano e traz sentido de vida.

O Caso R. é testemunho de que a resposta verdadeira e resolutiva para o grito de dor do ser humano diante de suas limitações e impotências é a criatividade do amor criante que sustenta o pensar, o conhecer e o agir, na relação entre um eu e um outro, que se reconhecem legítimos porque são presenças da revelação da complexidade da obra de Deus que continua em gênese no universo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar sobre a criatividade do amor criante de Deus, para entender a questão da criatividade humana na cura espiritual em um corpo-criante, dentro de uma vivência na criação da arte, implicou significativo esforço da pesquisadora diante da complexidade do tema.

De início já se deixa claro que, em nenhum momento, se teve a pretensão de trazer respostas absolutas, até porque a realidade desse tema é mais complexa do que se possa imaginar. Ela mostra um fenômeno entre o concreto e o sutil, o finito e o infinito, e perpassa várias dimensões da vida no corpo-criante do ser humano.

No decorrer da pesquisa, várias vezes, o objeto da pesquisa quase que desaparecia diante da percepção e da compreensão da pesquisadora. Isso implicou séria dificuldade de manter o desenvolvimento do raciocínio focado e a fidelidade ao objeto e sua abordagem teórica.

A busca constante entre a teoria e a prática (Caso R.) foi, dentro de uma hermenêutica fenomenológica, perceber, sob o impulso de uma intuição, o fenômeno da criatividade do corpo-criante desde o amor criante como força espiritual, que revela o fundamento último do ser humano e se faz poder de cura na vivência da criação da obra de arte.

Abordando uma perspectiva interdisciplinar entre a Teologia, a Filosofia, a Biologia, a Psicologia e a Arte, a prática metodológica construiu uma trama teórico-metodológica coerente e pertinente, que trouxe os seguintes resultados, diante dos objetivos previstos para alcançar uma compreensão da criatividade do amor criante de Deus, como revelação para a cura espiritual na vivência da criação da arte - o

Caso R.:

O primeiro resultado respondeu ao primeiro objetivo da pesquisa, que dizia respeito ao desvelamento do fundamento da criatividade humana, desde o entendimento do ser humano como um corpo-criante, que no seu fundamento último se revela desde a criatividade do amor criante de Deus.

Esse pressuposto evidenciou-se pertinente. Para isso, buscou-se, primeiramente, dentro da biologia de Humberto Maturana, o fundamento do ser vivo humano na sua estrutura e organização *autopoiética*. E o resultado apontou que a base biológica para que surja a vida humana dentro dos processos vital-cognitivos é o amor vital. Ele é o substrato da vida para que se desenvolva o ser humano na sua maneira de ser e de fazer, na relação entre um eu e um outro, no meio ambiente.

Para ampliar esse entendimento, partindo de Maturana, procurou-se junto à Psicologia, à Filosofia e à Teologia explicitar o fundamento da criatividade desde a concepção de corpo-criante no seu fundamento último. Nessa reflexão ficou evidenciado que, para entender o fundamento da criatividade, é preciso entender o ser humano como um corpo-criante no seu fundamento último.

O resultado mostrou que o corpo-criante do ser humano se constitui um todo vivo, estruturado e organizado em três dimensões: a somática, a psíquica e a espiritual. Essas dimensões, biologicamente falando, estão embricadas numa rede psicossomática que se mantém em processos vital-cognitivos pela corrente vital do amor, energia da vida, que sustenta os sistemas endócrino, nervoso, imunológico e circulatório. Nesses, dinamiza-se o processo da criatividade como um permanente autofazer-se do amor vital – energia autocriativa da vida. Em forma de emoção-razão, nas relações de comunicação da linguagem, essa criatividade se manifesta no ser, no conhecer, no fazer, no agir e no conviver do corpo-criante humano, que se faz presença de um eu diante de um outro. Essa relação, diz Maturana, para ser autêntica deve ser movida pelo respeito e o amor como forma autêntica de conviver nas dinâmicas relações no meio ambiente.

Levando esse raciocínio em frente, tomou-se a Logoterapia de Frankl para entender o corpo-criante na perspectiva de sua auto-organização psicológica. Para isso, constatou-se que Frankl também entende o ser humano como um todo vivo,

constituído por três dimensões: a somática, a psíquica e a noética – espiritual. Na dimensão do corpo está a estrutura biológica com sua organização, que vem dinamizada por forças vitais de instinto, de sentimento e de vontade.

Na dimensão psicológica está a estrutura das funções psíquicas – a percepção, a memória e o pensamento – a emoção-razão profunda. Essas funções se constituem e se articulam na dinâmica do amor vital que mantém a vida nas várias dimensões, de tal maneira que o ser humano se percebe um ser intuitivo, que busca uma razão última de viver, uma autocompreensão do seu ser-no-mundo, e essa atinge a dimensão profunda espiritual – o inconsciente.

A dimensão espiritual se centra no inconsciente espiritual que é uma fonte espiritual de amor criante, energia vital criadora, auto-organizadora da estrutura biopsicofísica espiritual do corpo-criante humano. Essa dimensão é integradora das dimensões somática e psíquica. É pela força criativa do inconsciente espiritual que o ser humano, como um corpo-criante, tem o poder de criar. Esse poder se revela, segundo Frankl, à consciência da pessoa espiritual como uma percepção de algo profundo que o preocupa, pois é como uma presença de uma pessoa profunda espiritual, que não se pode conhecer, mas que suscita ser sentida e significada.

O encontro entre a teoria de Maturana e a de Frankl ajudou a esclarecer melhor a constituição do corpo-criante nas suas dimensões. Maturana deu uma boa base biológica para entender a criatividade do corpo-criante, na sua estrutura e funcionamento desde processos vital-cognitivos. Frankl trouxe subsídios para entender como a estrutura biológica do corpo-criante na sua criatividade (ontogenia) se organiza psicologicamente dentro das suas dimensões.

A relação interdisciplinar entre esses teóricos implicou reconhecer que a base biológica e psicológica do ser vivo tem uma dimensão espiritual que é inconsciente, por isso não totalmente observável. No entanto, essa se manifesta permanentemente, causando impactos biológicos e psicológicos. Esses aparecem em formas de emoção e de pensamentos, que atravessam todos os sistemas da rede psicossomática e se mostram pela linguagem do corpo-criante do ser humano, que busca a correlação entre a sua pessoa espiritual e a sua pessoa profunda espiritual. A base fundamental para tudo isso é o amor vital, que é espiritual, pois

impulsiona o ser humano para criar e dar sentido à sua criação, à sua vida.

Tanto Maturana como Frankl apontaram que o ser humano quer comunicar algo fundamental que ocorre nos processos de sua criatividade no mundo. Ficou patente que o corpo-criante tem uma tendência biopsicológica de viver a criatividade como processos vital-cognitivos, emocional-racionais, inconscientes ou conscientes, para buscar o entendimento de sua fonte de origem criadora. Nesse sentido, a teologia sistemática de Tillich com a filosofia de Zubiri trouxeram subsídios teóricos para entender o fundamento último, a origem, da criatividade do corpo-criante humano.

Para esclarecer sobre o fundamento teológico da criatividade humana na organização biopsicológica do corpo-criante, Tillich e Zubiri trazem Deus como o fundamento último – Espírito de amor que é criante, que dá a vida ao ser humano e a tudo que respira. Deus, como fundamento último da vida, é o amor vital-espiritual porque é princípio do próprio movimento da criatividade do corpo-criante.

Nessa pesquisa, a categoria fundamento último foi altamente relevante como instância última, de fundo explicativo interdisciplinar. Ela permitiu entender o amor como força espiritual originária, incondicional, que em si, por si e para si é criante, porque é a ação do Espírito de Deus criando a vida no movimento de auto-integração, de autocriatividade e de autotranscendência do corpo-criante. Com efeito, o fundo que sustenta a auto-organização da estrutura biológica e psicológica do ser humano, como processo permanente de criatividade para o viver a finitude e a infinitude diante dos desafios da vida, é o amor criante de Deus.

Ficou claro que a criatividade acontece entre a percepção de finitude e infinitude do corpo-criante humano diante de si, do outro, do mundo e de Deus. Essa percepção está enraizada e sentida na sua base biológica, na ameaça da perda da organização de sua estrutura (vida-morte), ou na sua base psicológica, com a ameaça da angústia, do medo, que são manifestações existenciais permanentes na vida humana. Registra-se que ambas as bases estão embricadas e articuladas indissociavelmente, como base espiritual que é sustentada pelo amor criante de Deus, fundamento último de toda a complexidade do corpo-criante.

Por isso, na vivência entre a finitude e a infinitude, o fundamento último

possibilita ao ser humano a criatividade, como vivência de abertura e de fechamento da estrutura e organização do seu corpo-criante, para poder ser definida e indefinidamente. É o mistério da criatividade, como experiência indiscutível, que expressa um poder criador do ser humano, que remete sua origem ao fundamento último – o AMOR CRIANTE, Espírito de Deus, que é o começo e fim da criatividade, como um fenômeno que dá a coragem, a força para poder ser no mundo, logo, criar e descobrir um sentido para viver.

A pesquisa mostrou que a coragem é uma manifestação da criatividade humana diante da dinâmica de ambigüidade existencial. A coragem é a força criativa do amor criante que dá a capacidade para o ser humano se afirmar, em ações criativas e de conhecimento, nos desafios existenciais. Diante disso, o pressuposto sobre o fundamento para criatividade confirmou-se, quando se compreendeu que o amor criante de Deus é o fundamento da criatividade humana, para que a vida aconteça na dimensão biológica, psicológica e espiritual, tanto em poder ser, como em sentido para viver.

O segundo resultado confirmou o segundo objetivo da pesquisa, à medida que mostrou a obra de arte como expressão legítima da criatividade do corpo-criante humano, revelação do amor criante de Deus e processo de cura espiritual.

A pesquisa mostrou que a obra de arte revela a gênese do Espírito do amor criante de Deus no espírito do ser humano. A obra de arte expressa os processos biopsicoespirituais, que se gestam e nascem na dimensão profunda, abissal, espiritual do ser humano. Nessa dimensão de profundidade espiritual, o fluxo da vida explode na energia do amor criante, que revela a sua autocriatividade no movimento de auto-integração, autocriatividade e autotranscendência do corpo-criante. Esse movimento se objetiva pela vitalidade e intencionalidade do ser humano de ir dando forma à obra de arte e, com isso, significando a sua própria vida.

Existencialmente, o fenômeno da revelação é sentir-se tocado na emoção e na razão profunda por um fundamento último, por uma presença incondicional de ordem divina, que suscita coragem para poder ser, logo, criar e expressar os sentimentos, as emoções, as imaginações e as razões que, muitas vezes, não se sabe quais são e por que se manifestam. Essa é uma experiência de profundidade

espiritual, pois sua gênese começa na manifestação de uma força espiritual, o amor criante, que toma conta do corpo-criante inteiro. É a revelação do Espírito do fundamento último no espírito do ser humano.

Schelling, com sua filosofia da arte fundamentada num Espírito criador cósmico, universal; Kandinsky, com sua arte espiritual; Tillich, com sua teologia da arte; Frankl, com o entendimento da arte como manifestação espiritual para descobrir o sentido do viver; Zubiri, com a concepção de Deus como o fundo criador de toda a realidade humana; Maturana, com sua biologia da criação como expressão da autopoiese do ser humano nas relações multidiversas – todos esses autores concorreram interdisciplinarmente para se poder dizer que a obra de arte, como produção criativa de um corpo-criante, tem um fundamento último – o amor criante, espiritual.

Esse resultado reforça o primeiro resultado apresentado acima. Ele confirma que toda a estrutura biológica, psicológica, filosófica, artística e teológica do ser humano para a arte encontra seu fundamento último no amor criante de Deus. Esse é pura criatividade para trazer respostas para a vida e essas respostas estão relacionadas à questão do sentido último do por que viver, e isso é uma preocupação fundamental do ser humano.

A obra revela em palavra o poder ser do amor criante do Espírito de Deus, que perpassa o ser humano, criador, para lhe dar a capacidade de mostrar-se a si mesmo e ao mundo, fazendo, assim, a superação de seus medos e de seus fantasmas psicológicos. Com efeito, a obra de arte como superação de fragilidades psicológicas é indicador de auto-afirmação do ser criador. Ela representa a força criadora que traz sentido de vida e por isso vence a ameaça do não-ser. A obra de arte encerra o mistério da vida, por isso não é meramente biológica, nem meramente psicológica, nem, tampouco, meramente espiritual. Ela é um nó de significações vivas que revela um processo complexo, vital-cognitivo e psicológico de ação do Espírito do amor criante no espírito do ser humano. Ela, diante do corpo-criante, toca-lhe a consciência e aponta para além de si própria, na direção de alguma causa a que serve ou de alguma pessoa, ou de uma preocupação que muitas vezes não se sabe o que é. Com efeito, a vivência da criação da obra de arte como um processo profundo de força criativa espiritual, por isso altamente e significativo, torna-se um

processo de cura para as dores e sofrimento do ser humano. Isso ficou evidenciado no terceiro resultado abaixo.

O terceiro resultado implicou perceber que, através da criatividade do corpo-criante humano, na vivência da criação na arte, pode-se viver a revelação do amor criante de Deus, como processo de cura espiritual para encontrar uma nova forma de viver na relação com o outro, trazendo sentido para a vida e realização pessoal.

Nessa pesquisa, a cura ficou entendida como um processo permanente da criatividade do amor criante revelando-se no corpo-criante do ser humano. Curar-se é viver a criatividade do amor criante como um processo de ligação profunda do corpo-criante, nas suas várias dimensões – somática, psíquica e espiritual, com o seu fundamento último. Esse é aqui entendido como o real fundamento último do ser, que se revela como força espiritual do amor criante, que atua para integrar coração-emoção, mente-razão, corpo-espírito.

A cura é processo da criatividade do amor criante de Deus no corpo-criante humano. Esse processo se revela, biologicamente, na estrutura e na organização do corpo-criante; psicologicamente, na estrutura da pessoa espiritual (emoção-razão profunda); e teologicamente, na estrutura da pessoa profunda espiritual, o inconsciente com sua dinâmica, a da energia espiritual do amor criante, que é fundamento último para todo o processo acontecer e impulsionar a descoberta de seu sentido e mudança na vida.

A criatividade do amor criante é força criativa e curativa e essa se revela permanentemente no corpo-criante, diante de sua finitude e infinitude, das dores e sofrimentos humanos. A cura implica busca de harmonia do corpo-criante no seu todo, ou seja, implica auto-organização da estrutura da sua rede psicossomática, desde os seus elementos microscópicos até a sua macrocidade total.

Nesse entendimento, a cura alcança uma visão de saúde integral. Essa cura erradica procedimentos meramente mecânicos, particularizados e fragmentados, pois se torna processo de criatividade, que tem um ritmo de vitalidade e de intencionalidade. Esse ritmo emerge das profundezas abissais do ser humano. Ele se torna objetivo nas suas ações de acolhimento, de atenção amorosa e de

acuidade científica sobre os processos vital-cognitivos do corpo-criante, nas suas inter-relações consigo mesmo, com o outro, com o mundo e com Deus.

A pesquisa mostrou que a cura pode acontecer como um processo de fé, ou seja, aquele processo de estar possuído por um poder ser, que se revela força criativa de amor para vencer os limites da vida que ameaçam a realização do ser humano como pessoa no mundo. Nesse processo ocorre a revelação do amor criante, que interliga a emoção com a razão profunda do ser humano ao seu fundamento último, como pensou Tillich; ou ao seu inconsciente, a pessoa profunda espiritual, como pensou Frankl; ou ao fundo último de toda a realidade, como pensou Zubiri; ou ao Espírito criador, como pensou Schelling; ou ainda à *autopoiese* da energia do amor vital, como fundamento biológico do ser vivo, como pensou Maturana.

Vivenciando um olhar interdisciplinar, a pesquisa acusa que a cura como uma vivência de fé atinge desde a dimensão biopsíquica, pelo processo vital-cognitivo da pessoa espiritual e sua relação com a dimensão espiritual, a da pessoa profunda espiritual. Nessa articulação, dinamiza-se a vida como elevação do Espírito que se faz força vital-espiritual para separar o que está unido e unir o que está separado, fragmentado, dentro e fora do corpo-criante, como uma rede psicossomática interagente.

A fé não é um fenômeno separado dos processos da vida em um corpo-criante, que é criação do amor criante de Deus. Fé é um fenômeno de revelação do amor criante como poder de ser vital-cognitivo-espiritual, e que se efetiva na **auto-integração** do corpo-criante, desde um **centro** – o fundamento último de toda a sua complexa realidade. O ser humano, fortalecido pela força auto-integrativa do amor criante, vai sendo tomado por algo que se revela em fé, como um estar possuído pelo pleno amor, mas que transcende o próprio entendimento humano sobre o que está passando nas suas profundezas. Esse algo na vivência da fé, de imediato, ele não sabe o que é. No entanto, ao mesmo tempo, sente que uma força o leva a um dar-de-si sem se perder em si mesmo, mas, ao contrário, se auto-afirmar desde si mesmo.

Esse processo é a fé vivida como um poder ser revelado pelo Espírito, e que

atinge o corpo-criante do ser humano inteiro, causando-lhe uma emoção, uma sensação de estar sendo possuído por algo que lhe impulsiona a **autocriatividade.** Essa é vivência de fé, como um abrir-se para além de si mesmo, vivenciando um processo de **crescimento** espiritual, de poder criativo e curativo profundo, porque dinamiza e reconfigura toda a base da estrutura e da organização biológica e psicológica do corpo-criante. Diante disso, a fé é um processo de revelação como poder espiritual da vida no corpo-criante, que se efetiva numa maneira de ser sublime.

Essa maneira registra uma espiritualidade característica da **autotranscendência** do corpo-criante, como expressão da **sublimidade** da criatividade do amor de Deus agindo no ser humano. Essa experiência é de profundeza espiritual e atinge a sublimidade do ser, como mistério espiritual que atravessa o corpo-criante. Ela tem como seu escopo lançar o ser humano para fora de si mesmo, na direção do outro, do mundo e de Deus. Tudo isso ocorre na relação subjetividade-objetividade, que vai sendo marcada na razão profunda que se dinamiza em todos os sistemas da rede psicossomática do corpo-criante humano.

Na cura, essa vivência desperta um sentimento de sublimidade, que é um sentimento espiritual, despertado quando o ser humano vai além de si mesmo, na direção do fundamento último da sua fé – Deus. Nesse processo, o ser humano registra que algo se passa de dentro para fora e de fora para dentro do seu corpo-criante, conduzindo-o para fazer a auto-integração, a autocriatividade, e chegar à autotranscendência do seu ser, como encarnação da força do amor criante de Deus e seus impactos nele mesmo.

Viver a cura profunda é um processo espiritual sublime, no sentido de integrar a força espiritual do amor criante intrínseca e extrínseca ao corpo-criante como centralidade, como crescimento e como transcendência da vida. Esse resultado aponta para a confirmação da cura profunda como espiritual, porque ela é revelação do poder da força da criatividade do amor criante de Deus no corpo-criante humano.

Na vivência da fé como um viver pleno dessa criatividade, o ser humano cria a sua obra, seja a arte ou outras formas de expressão. Ao criá-la, vive a revelação

divina como um processo de poder e de descoberta do sentido da criatividade de seu ser. Essa descoberta efetiva-se como força transformadora que liberta das dores, dos medos, dos travamentos psicológicos e físicos. Essa força é um poder ser processual, que dá coragem para que o ser humano harmonize as tensões de suas ambigüidades existenciais.

Os três resultados acima se articulam em um eixo central de confirmação desta tese: **a criatividade do amor criante de Deus é o fundamento para a criatividade do corpo-criante e se faz cura espiritual na criação artística.**

A evidência dessa idéia se deu na vivência do Caso R., diante de três fatos científicos que se explicaram assim:

O primeiro confirma que o fundamento que Maria Glória e R. buscaram, para enfrentar os desafios do ponto de vista material, psíquico e espiritual do caso, foi o amor como revelação de um fundamento último – Deus. Essa constatação já se pode referendar desde a história de vida de Maria Glória com a de R. Ambos tinham um perfil humano marcado por uma espiritualidade que tinha o seu fundamento na criatividade do amor criante. A maneira de ser deles revelou que ambos eram muito sensíveis para o belo na criação da arte, e no trato para com as pessoas.

Isso também ficou claro ao início da primeira parte da tese, quando Maria Glória conta sua infância e seu desenvolvimento profissional como professora e artista plástica. Sua questão existencial nascia de sua espiritualidade que despertava um profundo questionamento: qual é a natureza da criatividade humana? Esta questão tinha suas raízes no desabrochar de sua consciência sobre a vida da natureza, nas suas vivências familiares agrícolas e religiosas. Maria Glória tinha uma preocupação com o sentido último de sua vida, com o fundamento último de seu ser – Deus.

A pesquisa mostrou que esta idéia é pertinente, porque o objeto dela se gestou ao longo da existência de Maria Glória, como um processo de revelação da criatividade do amor criante de Deus. Esse processo foi tomando corpo em forma de uma preocupação com a criatividade humana, que no caso desta tese o foco foi a vivência de criação na arte e a cura do ser humano. Com efeito, essa preocupação, confirma-se nesta tese. Ela tornou-se vivência de revelação de Deus para

descoberta de sentido de vida e superação de condicionantes internos e externos, para harmonizar o sentimento de finitude e infinitude, tanto dela como de R.

A criação da arte foi revelação do amor criante de Deus - fundamento para a fé como um processo de acolhimento, de solidariedade, de compaixão e de ternura, que se apossou de Maria Glória e R., nas suas dores e sofrimentos, sobretudo diante de um sentimento de impotência para ser. Maria Glória vivenciou isso no sentido de sua ignorância diante da complexidade de R. e de sua própria vida; e R., diante de suas dificuldades físico-psíquico-cognitivas que lhe dificultavam a auto-afirmação no mundo.

O caso mostrou que todo corpo-criante no qual a vida pulsa como presença de um fundamento último – Deus, tem em si o poder da criatividade do amor criante como força de origem divina, espiritual, que se revela transformadora, e essa revelação pode ocorrer no amor ao ser humano e na criação da arte.

A revelação ocorreu para Maria Glória e R. Foi uma experiência de fé, não como crença em um dogma, mas como vivência de profundeza espiritual que culminou na criatividade dos seus corpos-criantes, que fizeram o processo da manifestação da vida como auto-integração, autocriatividade e autotranscendência. Ela, certamente, foi um impacto vital-cognitivo-espiritual do amor criante de Deus nos seus corpos-criantes. Isso os despertou para a vivência na arte como caminho para descobrir um sentido novo para viver, uma nova maneira de relacionar-se com o outro e consigo mesmo. Com efeito, aqui fica patente que Maria Glória e R. vivenciaram a fé como um poder da criatividade do amor criante, que lhes deu uma nova estrutura biopsicoespiritual para se abrirem em si mesmos e acolherem-se nas suas dificuldades e potencialidades.

O segundo confirma que o fundamento do corpo-criante se revela quando a criatividade do amor criante espiritual vai se tornando referência para as relações humanas acontecerem na criação da arte. A arte se faz palavra viva de poder e significado para a vida. Quando isso é vivenciado é porque o ser humano já está percebendo que algo está acontecendo e vem de seu interior, das profundezas abissais do seu corpo-criante.

Isso ficou confirmado no fenômeno da revelação para a cura de R.: o *Grito*

de Maria Glória, chamando R. para a vida. Tanto no corpo-criante de Maria Glória como no de R. o *Grito* certamente foi o sinal da criatividade do amor criante de Deus agindo nela e nele, para curar (fazer o processo da *autopoiese*) desde a dimensão mais profunda até a dimensão mais densa, a somática. O *Grito* de um *eu* diante do *outro* tornou-se um *nós* no corpo-criante de cada um. Isso tem pertinência porque vinha de um mesmo fundamento último – Deus, que se fazia vida nas suas várias dimensões: a da centralidade, a do crescimento e da sublimidade. A cura, como processo, é a manifestação da fé, como um estar possuído pela força criadora da vida, que é Presença do Espírito de Deus agindo no espírito do ser humano.

A abertura da mão de R. é a confirmação dessa explicação e a evidência de seu processo de cura espiritual, que certamente ainda está em gênese no seu corpo-criante.

O terceiro reforça a confirmação da tese quando explicita que a experiência na criação da arte encerra o registro de uma espiritualidade vivenciada como sinal inquestionável de uma sensibilidade espiritual, que remete a um fundamento último, o qual sustenta a vida como um processo de auto-integração, autocriatividade e autotranscendência. E isso é processo de cura para o corpo-criante. O Caso R. mostrou isso.

O processo de criação da obra de arte na vida de R. evidenciou o seu processo de cura, pois ele mesmo, pela sua criatividade sustentada pelo amor criante de Deus, pode, nas relações com Maria Glória e os demais colegas de Atelier, fazer a autêntica correspondência entre as percepções de sua razão profunda e as estruturas do mundo em seu entorno. Ele conseguiu harmonizar o seu sentimento de finitude e infinitude, de união e desunião do seu ser, do seu fazer e do conviver dentro de uma realização pessoal.

Ele reconhece que sua obra fala para ele e para o mundo. Essa fala é reveladora de algo profundo e imenso, criador, O AMOR CRIANTE, que está nele e fora dele. Esse amor criante o fez estremecer e suar, pois revelou a fé de um corpo-criante que estava tomado por um poder ser infinito, que o fez feliz, alegre, mais forte, mais inteiro. Esse poder reconfigurou R. nas suas bases biológicas, psicológicas e espiritual. Deu-lhe novos movimentos físicos e psíquicos, para ampliar o seu ser no mundo, e coragem para continuar o seu processo de cura,

desde um pensar e um fazer no seu trabalho, na criação da obra de arte ou na relação com o outro em sua convivência.

Deixa-se claro que a percepção da pesquisadora sobre o Caso R. e sua compreensão sobre ele registrou uma vivência de revelação na criação da arte, que se fez processo de cura espiritual, entendida como processo da criatividade do amor criante de Deus no corpo-criante humano. Por isso ela tem um caráter espiritual, porque alcança e expressa a manifestação do Espírito de Deus no espírito humano. Porém, dentro desse entendimento, surge uma questão que se levanta e que é a seguinte: Por que o R. teve que esperar 15 anos para vivenciar a revelação do amor criante para a sua cura?

Essa experiência é característica de um caso ímpar que ocorreu entre duas pessoas com suas subjetividades ímpares. Por isso, nem sempre os fenômenos imprevisíveis da criatividade humana podem ser condicionados a outras repetições e explicações fechadas. A criatividade, como um processo complexo que revela a ação da criatividade do amor criante de Deus para a cura do ser humano, desde uma vivência na criação da arte, é algo que demanda humildade científica para se reconhecer os próprios limites do conhecimento do ser humano. Será que esta experiência pode tornar-se, no campo da ciência, comum a todo pesquisador que quiser entender a cura como processo de revelação na arte? Teria sido essa vivência de cura uma revelação como milagre? Como êxtase?

Ao término destas considerações finais, não cabe aqui dar *rótulos* para o enquadramento da cura. O fato é que ela aconteceu como um processo real e que teve seu fundamento na criatividade do amor criante de Deus, que sustenta o ser humano para ser, criar e conviver no respeito e amor, buscando realizar-se como pessoa no mundo, desde a sua própria criação, como foi o caso de R. e de Maria Glória nas suas criatividades.

Essa compreensão desse Caso R. respondeu a questão da preocupação última da Maria Glória, quando ela entendeu o fundamento último do seu ser manifestando-se de muitas formas no seu corpo-criante e do R. também. O entendimento da criatividade do amor criante de Deus é fundamento para entender a criatividade humana na arte e continuar a viver com sentido no porquê viver, diante

das dores e das alegrias. Essa compressão traz sentido de vida para a pesquisadora também. A própria pesquisa foi uma vivência na criatividade do amor criante, chamando a consciência da pesquisadora para enfrentar a ambigüidade da finitude e da infinitude, diante das dificuldades que uma pesquisa traz.

Maturana diz que o sentido do viver está em continuar a viver. Isso implica fazer e conhecer sempre. Por isso esta pesquisa não termina aqui, mas, ela suscita um maior aprofundamento sobre os impactos da criatividade do amor criante, nas vivências arteterapêuticas com pessoas cancerosas, com crianças hiperativas, por exemplo. Outra questão que surge diz respeito à crise do ser humano do ponto de vista pessoal, sócio-ambiental. Ela remete para pensar uma nova concepção de educação, fundamentada em uma onto-antropologia que tenha como base a criatividade do amor criante no corpo-criante, aprendente e ensinante, no seu contexto de mundo.

Diante dessas constatações, um sentimento de impotência toma conta da pesquisadora, pois cada vez mais enxerga a complexidade do objeto desta tese. Como já se disse anteriormente, aqui não se tem a pretensão de fazer um tratado sobre este objeto, visando colocar conceitos fechados. Não se trata disso. O que se quer apenas é mostrar uma reflexão ancorada numa visão interdisciplinar, tendo como eixo de discussão a criatvidade do amor criante, como expressão do fundamento último do ser humano na sua criatividade, que se revela em seu corpo-criante através da arte, e esse pode ser um processo de cura espiritual. No Caso R. isso ficou evidenciado.

A metodologia adotada corroborou para desenvolver o desvelamento do objeto. Reconhece-se que pesquisadora e objeto estavam intrinsecamente ligados e não foi fácil conduzir o processo com coerência, pertinência e consistência teórico-metodológico. A fundamentação teórica, sem dúvida, foi significativa para perceber e compreender a prática – o Caso R.

Deixam-se, humildemente, a todas as pessoas interessadas por esse tema, as reflexões desenvolvidas nas várias partes deste trabalho. Elas são um sinal de gratidão à criatividade do amor criante de Deus, que sustenta a inteligência da vida em um corpo-criante, para colaborar no desenvolvimento do ser humano no campo

da arte, da filosofia, da teologia, da educação, da psicologia e de outros campos do saber humano, aos quais essas reflexões possam servir.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA Sagrada. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Ed. ecumênica. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica Publishers,1972.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução Alfredo Bosi. São Paulo: Editor Mestre Jou, 1962.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões.** Petrópolis: Vozes, 1969.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna.** Tradução de Denise Bottmann e Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ARISTÓTELES. **Obras**: Metafísica, Física, El cielo, Generacion y Corrupcion, Del alma. Madrid: Aguilar, 1967.

ARMBRUSTER, Carl J. S.J. **El pensamiento de Paul Tillich**. Santander (Espana): Editorial 'Sal Terrae, 1968. (Colección Teología y Mundo Actual)

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação:** rumo à sociedade aprendente Petrópolis: Vozes, 1998.

BARBOZA, Jair. **Infinitude subjetiva e estética.** Natureza e arte em Schelling e Schopenhauer. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

BARROS, Lilian Ried Miller. **A cor no processo criativo:** Um estudo sobre a Bauhaus e a teoria de Goethe. São Paulo: Editora Senac, 2007.

BELLO, Susan. **Pintando sua alma**: método de desenvolvimento da personalidade criativa. Brasília: Editora UNB, 1998.

BERGSON, Henry. **La energía espiritual**. Madrid: Espasa-Calpe, S.A, 1982.

BETTO, Frei. **A obra do artista:** uma visão holística do universo. São Paulo: Editora Ática,1995.

BOFF, Leonardo. **Ética da vida**. Brasília: Letra Viva, 2000.

------. **O Despertar da Águia**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

BOFF, Leonardo; BETTO, Frei. **Mística e espiritualidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BRAKEMEIER, Gottfried. **A ciência ou religião:** quem vai conduzir a história? São Leopoldo: Editora Sinodal, 2006.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

------. **As conexões ocultas:** ciência para uma vida sustentável. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Cultrix, 2002.

CASTRO, Afrânio Gonçalves. **A antropologia teológica de Paul Tillich:** o ser humano em face do tempo e da história. 2002. 143 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, UMESP, São Paulo, 2002.

------. **Viver a graça de Deus na perspectiva tillichiana.** Disponível em: <http://www.metodista.br/correlatio/num_09/castro1.php>. Acesso em: 02 jun. 2007.

CHARDIN, Teilhard de. **O fenômeno humano**. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

COLLINS, Francis. **A linguagem de Deus.** 1.ed. São Paulo: Editora Gente, 2007.

CREMA, Roberto. Amor, a terapia do Universo. In: LIMA, Lise Mary A, et al. (Orgs.). **O espírito na saúde.** Petrópolis: Vozes, 1997.

CUSA, Nicolau de. **A visão de Deus**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

DESAULNIERS, Julieta Beatriz Ramos. **Fenômeno:** uma teia complexa de relações. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

DITTRICH, Maria Glória. Arteterapia: da criatividade e espiritualidade ao sentido de viver. In: NOÉ, Vilmar Sidnei (Org.). **Espiritualidade e saúde:** da cura d'almas ao cuidado integral. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2004.

------. Criatividade: manifestação da vida em um corpo. **Revista da FEBE,** Brusque, n. 4, 1999.

------. **Natureza e criatividade**: o ensino da arte pictórica. Itajaí: Univali, 2001.

DITTRICH, Maria Glória. O corpo-criante: a chave para uma hermenêutica da obra de arte. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás, v. 14, n. 5, 2004.

------. O corpo-criante como centralidade de ética de cuidado à vida. In: TOMMASI, Sônia Maria Bufarah (Org.). **Revisitando a ética com múltiplos olhares.** São Paulo: Vetor Editora, 2005.

DITTRICH, Maria Glória, ESPÍNDOLA, Karla. A afetividade na formação educacional no ensino da arte pictórica. III JORNADA PEDAGÓGICA NACIONAL DO SINPRO. 2005. Itajaí. **Anais Educação: processos, construções e críticas.** Itajaí: Sinpro, 2005.

DITTRICH, Maria Glória et al. Amparar e educar para salvar vidas: uma proposta interdisciplinar de extensão. In: 5º FÓRUM DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA ACAFE, 2004. Blumenau. **Anais Múltiplas dimensões da extensão universitária.** Blumenau: FURB, 2004.

DREBES, Haidi. **Expressão da espiritualidade na obra pictórica de Frida Kahlo no horizonte da teologia da cultura de Paul Tillich.** 2005, 168 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Teologia, Instituto de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, 2005.

DREWERMANN, Eugen. **Religião para quê?:** Buscando sentido numa época de ganância e sede de poder. Em diálogo com Jürgen/Eugen Drewermann. Tradução de Walter Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

ECO, Umberto. **História da beleza**. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 2004.

ELIADE, Mircea. **O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase.** Tradução de Beatriz Perrone e Moisés e Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ERTHAL, Tereza Cristina Saldanha. A luz da sabedoria na psicoterapia. In: ANGERAMI, Valdemar Augusto (Org.). **Espiritualidade e prática clínica.** São Paulo: Pioneira Thomson, 2004.

FRAGATA, Julio et al. **Perspectivas da fenomenologia de Husserl.** Coimbra: Centro de Estudos Fenomenológicos, 1965.

FRANKL, Viktor. **Ante el vacío existencial:** hacia una humanización de la psicoterapia. Barcelona: Editorial Herder, 1986.

------. **A presença ignorada de Deus**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2001.

------. **A psicoterapia na prática.** Tradução de Cláudia M. Caon. Campinas, SP: Papirus, 1991.

------. **El hombre doliente**: fundamentos antropológicos de la psicoterapia. 5. ed. Barcelona: Herder, 2003.

------. **Psicoterapia e sentido da vida.** Tradução Alípio Maia de Castro, São Paulo: Editora Quadrante, [s.d].

------. **Sede de sentido**. Tradução de Henrique Elfes. São Paulo: Quadrante 1989.

FRANKL, Viktor et al. **Dar sentido à vida:** A logoterapia de Viktor Frankl. Tradução de Antônio Estevão Allgayer. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Editora Sinodal, 1990.

FRIESEN, Albert. **Cuidando do ser:** treinamento em aconselhamento pastoral. Curitiba: Esperança, 2000.

FRUTIGER, Adrian. **Sinais & símbolos. Desenho, projeto e significado.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GETSTALT-CENTRO do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.igestalt.psc.br/gestalt.htm>. Acesso em: 15 jun. 2008.

GOLDSMITH, Joel S. **A arte da cura espiritual.** Tradução de Cláudia Gerpe Duarte. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOTO, Tommy Akira. **A fenomenologia no pensamento filosófico e teológico de Paul Tillich.** 2002. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação da Universidade Metodista de São Paulo – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião. São Bernardo do Campo, 2002.

GOTO, Tommy Akira; GIANASTACIO, Vanderlei. **A transcendência divina na vivência do homem - perspectiva da psicologia humanista-existencial.** Disponível em: <http://www.metodista.br/correlatio/num_03/a_goto.htm**>.** Acesso em: 06 fev. 2007.

GROSS, Eduardo. Elementos do pensamento de Schelling na obra de Paul Tillich. **Numem, Revista de Estudos e Pesquisa da Religião**, Juiz de Fora: Editora UFMG, v. 7, n. 2, p. 79-99 ago. - dez., 2004.

HARTMANN, Nicolai. **A Filosofia do idealismo alemão.** Tradução de Walter de Gruyter & Co. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1960.

HEISENBERG, Werner. **Física e Filosofia**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

HIGUET, Etienne Alfred. **Saúde, cura e salvação no pensamento de Paul Tillich**. Disponível em: <http://www.angelfire.com/sc/paultillich/artigo3.html>. Acesso em: 21 mar. 2007.

JUNG, C. G. **O espírito na arte e na ciência.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

KANDINSKY, Wassily. **Do espiritual na arte.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LATOURELLE, René. **Teologia da revelação.** Tradução de Flávio Cavalca de Castro. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

LONDECHAMP, Guy. **Saúde holística:** medicina alternativa e ciências espirituais. Tradução de Babacar Ba et al. São Paulo: Madras Editora, [s.d.].

LUKAS, Elizabeth. **Prevenção psicológica:** a prevenção de crises e a proteção do mundo interior do ponto de vista da logoterapia. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal. 1992.

MAÇANEIRO, Marcial. Compaixão, misericórdia e ternura: a “poética” do evangelho**. Teologia em Questão,** Taubaté, ano V, p. 35, 2001.

MARINO, Raul Jr. **A religião do cérebro:** novas descobertas da neurociência a respeito da fé humana. São Paulo: Editora Gente, 2005.

MATURANA, Humberto R. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Organização e tradução Cristina Magro, Victor Paredes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

------. **Desde la biología a la psicología.** 1. ed. Buenos Aires: Lumen, 2003.

------. **Emociones y lenguaje en educación y política.** Santiago: JC Sáez Editor, 1997.

------. **La objetividad,** un argumento para obligar. Santiago: JC Sáez, 2005.

------. **Ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

------. **Transformación en la convivencia.** Santiago de Chile: Dolmen Ediciones, 2002a.

MATURANA, Humberto R.; BLOCH, Susan. **Biología del emocionar y alba emoting:** respiración y emoción, bailando juntos. Santiago: Dolmen Ediciones/Granica, 1998.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento,** Campinas: Psy II, 1995.

------. **De máquinas a seres vivos.** Autopiese – a organização do vivo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MATURANA, Humberto R.; VERDEN-ZÖLLER, Gerda **Amar e brincar:** fundamentos esquecidos do humano. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

------. **Amor y juego,** fundamentos olvidados de lo humano, desde el patriarcado a la democracia. Chile: JC Sáez Editor, 2003.

MAY, Rollo. **Minha busca da beleza.** Tradução de Francisco Pimentel Pinto. Petrópolis: Vozes, 1992.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signos.** São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 202.

MORIN, Edgar. **O método I**: a natureza da natureza. Tradução de Maria Gabriela de Bragança. 2. ed. Mira-Sintra, Portugal: Publicações Europa América, 1977.

------. **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

MUELLER, Enio; BEIMS, Robert (Orgs.). **Fronteiras e interfaces:** o pensamento de Paul Tillich em perspectiva interdisciplinar. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

OESSELMANN, Dirk Jürgen. Espiritualidade e mudança social. **NUMEN: revista de estudos e pesquisa em religião.** Juiz de Fora: Editora UFJF, v. 5, ano 2002, n. 1, p. 61-75, jan. - jun., 2002.

OTTO, Rudolf. **O sagrado.** Lisboa: Edições 70, 1992.

PARRELA, Frederick J. **Paul Tiilich e o corpo** Disponível em: <http://www.metodista.br/correlatio/num_06/paul_3.php> Acesso em 02 jun. 2007.

PEARSELL, Paul. **Memória das células:** estabelecendo contato com a sabedoria e o poder da energia do coração. Tradução Luiz Gomes. São Paulo: Mercuryo, 1999.

PETER, Ricardo. **Viktor Frankl: a antropologia como terapia**. São Paulo: Paulus, 1999.

PESSINI, Léo. Espiritualidade e a arte de cuidar da saúde. In: ANGERAMI, Augusto (Org.). **Espiritualidade e prática clínica.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

PIERE, Paolo Francesco. **Dicionário jungueano.** Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2002.

PIKASA, Xabier et al. **Dicionário Teológico**: o Deus Cristão. Tradução IFL Ferreira et al. São Paulo: Paulus, 1988.

PRIGOGINE, Ilya. **El fin de las certidumbres**. Tradución de Pierre Jacomet. Madrid: Taurus, 1997.

QUEIRUGA, Andrés Torres. **A revelação de Deus na realização humana.** São Paulo: Paulus, 1995.

------. **Do terror de Isaac ao abbá de Jesus:** por uma nova imagem de Deus. São Paulo: Paulinas, 2001.

RACINE L. **El evangelio segun Paul Tillich**. Traducción del francés por D. Eloy Requena Madrid-13: Studium Ediciones, 1971.

RAFAEL, Auro José da Silva. **O primeiro motor no livro XII da Metafísica de Aristóteles**. Existência e arte – Revista de Estudos do Grupo PET, Ciências Humanas, Estética e Arte, Universidade São João Del Rei, ano I, janeiro a dezembro de 2005. Disponível em: <htpp://www.ufrj.edu.br/página/existenciaearte/arquivos>. Acesso em 19 jul. 2007.

RAMM, Bernard. **La revelacion especial y la palabra de Dios**. Buenos Aires: Editorial La Aurora, 1967.

REYES, Pedro Alonso Puentes. **O corpo como parâmetro antropológico na bioética**. Escola Superior de Teologia. 2005. 189 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia - IEPG, 2005.

ROCHETTA, Carlo. **Teologia da Ternura:** um evangelho a descobrir. 2. ed. Tradução de Walter Lisboa. São Paulo: Paulus, 2006.

ROESE, Anete. **Bibliodrama:** a arte de interpretar textos sagrados. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2007.

SCHELLING, F. W. J. **A essência da liberdade humana:** investigações filosóficas sobre a essência da liberdade humana e das questões conexas. Tradução Márcia C. de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1991.

SHELLING, Friedrich Von. **Obras escolhidas**. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores).

SCHRÖDINGER, Ervin. **O que é a vida?** O aspecto físico da célula viva seguido de mente e matéria e fragmentos autobiográficos. Tradução Jesus de Paula Assis e outros. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

SCHUBACK. Márcia Sá Cavalcanti. **O começo de Deus:** A filosofia do devir no pensamento tardio de F. W. J. Shelling. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

SERVAN-SCHREIBER, David. **Curar – stress,** a ansiedade e a depressão sem medicamentos e psicanálise. São Paulo: Sá Editora, 2004.

SILVA, Sílvio da. **O re-conhecimento da história pessoal como caminho da cura interior.** Monografia (Graduação). 2003. Programa de Graduação em Psicopedagogia Clínica Institucional, Brasilian Open University, Instituto Brasileiro de Ensino à Distância, Vitória, 2003.

SILVEIRA, Nise. **Arqueologia da psique.** Disponível em: <http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br/pdfs/Arqueologia00.pdf>. Acesso em: 5 de maio 2008.

------. **Jung: vida e obra.** Rio, GB: José Álvaro, Editor, 1968.

------. **Os inúmeros estados do ser.** Disponível em: <http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br/pdfs/EstadosSer00.pdf>. Acesso em: 3 maio 2008.

STORNIOLO, Ivo. **Como ler o livro dos provérbios, sabedoria do povo**. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

TALES, de Mileto. **PRÉ-SOCRÁTICOS**. Vida e obra. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores).

TESCHE, Adayir. **Interpretação, rupturas e continuidades.** São Leopoldo: Unisinos, 2000.

TILLICH, Paul. **Amor, poder y justicia.** Análisis ontologicos y aplicaciones éticas. Barcelona: Ediciones Ariel, S.A, 1970.

------. **A coragem de ser**. Tradução de Eglê Malheiros, 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1972.

------. **A era protestante.** São Bernardo do Campo: Ciências da Religião, 1992.

------. **Dinâmica da fé**. 7. ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2002.

------. **El nuevo ser.** [s.l.]: Livros de Nopal, Ediciones Ariel, S.A., [s.d.].

------. **Moralidad y algo más.** Fundamentos para una teoria de la moral. Tradução de Marcelo Pérez Rivas. Bueno Aires: Editorial La Aurora, 1974.

------. **Pensamiento cristiano y cultura en occidente:** segunda parte: de la ilustración a nuestros días. Tradução de María Teresa la Vale. Buenos Aires: Asociación Editorial La Aurora, 1977.

------. **Teologia Sistemática**. Tradução de Getúlio Bertelli. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal,1987.

------. ------. 5. ed. Tradução Getúlio Bertelli e Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

TORRE, Saturnino de la. **Dialogando com a criatividade.** Tradução Cristina Mendes Rodríguez. São Paulo: Madras, 2005.

RACINE L. **El evangelio segun Paul Tillich**. Traducción del francés por D. Eloy

Requena Madrid-13: Studium Ediciones, 1971.

RAD, Gerhard von. **Teologia do antigo testamento**. São Paulo: Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, 1974.

VARELA, J. Francisco; THOMSON, Evan; ROSCH; Eleonor. **Mente corpórea,** ciência cognitiva e experiência humana. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

WESTPHAL, Euler Renato. **Bioética.** São Leopoldo: Sinodal, 2006. (Série Para Entender).

WILLIAMS, E. B. **Do latim ao português**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

XAUSA, Izar Aparecida de Moraes. **A psicologia do sentido da vida**. Petrópolis: Vozes, 1986.

ZENDE, Joffre M. **Linguagem médica.** Disponível em: <http:/www.usuarios.cultura.com.br/jmrezende/cura.htm>. Acesso em: 03 ago. 2007.

ZUBIRI, Xavier. **El hombre y Dios.** Madrid: Alianza Editorial, 1988.

------. **El problema filosófico de la historia de las religiones.** Madrid: Alianza Editorial, 1993.

------. **El problema teologal del hombre: cristianismo.** Madrid: Alianza Editorial, 1997.

Erro! Não é possível representar o número no formato especificado.

ANEXO I – Declaração APAE

Erro! Não é possível representar o número no formato especificado.

ANEXO II – Parecer APAE

ANEXO III – Reportagens jornalísticas:

a) **Auto-superação através da arte**. Publicada em agosto de 1992 no *Informativo especial da APAE*, Instituto de Educação Santa Inês, Brusque/SC.

b) **A arte colabora para a recuperação de jovens com carência neuromotora.** Publicada em 12 de maio de 2000, no *Jornal O Município*.

c) **Ricardo: um caso de sucesso em Curitiba.** Publicada em 26 de maio de 2000, no *Jornal O Município*.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo